

ANA RAQUEL MOTTA DE SOUZA

Heterogeneidade e aforização: uma análise do discurso dos Racionais MCs

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da
Linguagem, da Universidade Estadual de
Campinas, para obtenção do Título de Doutor
em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Sírrio Possenti

CAMPINAS

2009

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

M858u

Motta, Ana Raquel.

Heterogeneidade e Aforização : uma análise do discurso dos Racionais MCs / Ana Raquel Motta de Souza. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Sirio Possenti.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Análise do discurso. 2. Enunciação Aforizante. 3. Racionais MCs (Grupo musical). 4. Rap (Música). I. Possenti, Sirio. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

tjj/iel

Título em inglês: Heterogeneity and aphorization: a discourse analysis of Racionais MCs.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Discourse analysis; Aphorizing enunciation; Rap (Music); Racionais MCs.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Doutor em Linguística.

Banca examinadora: Prof. Dr. Sírio Possenti (orientador), Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre, Profa. Dra. Mônica Graciela Zoppi-Fontana, Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas, Profa. Dra. Edvania Gomes da Silva, Profa. Dra. Anna Flora Brunelli (suplente), Profa. Dra. Norma Discini de Campos (suplente), Profa. Dra. Tania Maria Alkmim (suplente).

Data da defesa: 30/10/2009.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

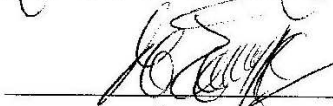
Sírio Possenti



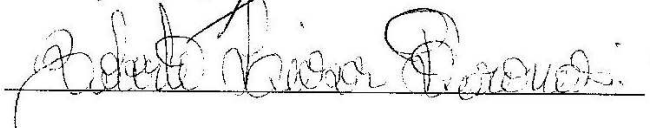
Maria Bernadete Marques Abaurre



Mônica Graciela Zoppi-Fontana



Roberto Leiser Baronas



Edvânia Gomes da Silva



Anna Flora Brunelli

Norma Discini de Campos

Tânia Maria Alkmim

IEL/UNICAMP
2009

Ao Caio e às nossas canções, Emanuel e Davi.

*Quem ama quer casa
Quem quer casa quer criança
Quem quer criança quer jardim
Quem quer jardim quer flor
E como já dizia Galileu, isso é que é amor!*
(Jorge Ben, “Caramba!... Galileu da Galileia”)

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Sérgio Martins de Souza, pelo espírito investigativo e interesse pela linguagem. Pelo auxílio nas pesquisas, por ser meu leitor.

À minha mãe, Júlia Maria Casulari Motta, pelo amor à vida e à humanidade. Pelo senso de responsabilidade, pela auto-exigência, pela organização, por quase tudo o que (acho que) tem de bom em mim.

Ao Caio, minha sorte grande, por me impedir de ser uma workaholic.

Ao Emanuel, ao Davi e à Clara, por brincarem comigo todos os dias.

Aos colegas do QTAAD (Questões de Teoria e Análise em Análise do Discurso) e do FEsTA (Fórmulas e Estereótipos – Teoria e Análise), é uma honra trabalhar com vocês.

À Luciana Salgado, pelas palavras sempre iluminadoras, pela parceria na organização do *Ethos Discursivo*.

À Fabiana Miqueletti e à Marcela Franco Fossey, por tudo o que compartilhamos nesses anos de doutorado.

Ao Gustavo Conde, pela benigna tatite aguda que pegamos no segundo semestre de 2006.

Às sempre queridas amigas-irmãs, Júlia Paula Motta de Souza, Nadia Vilela, Maria Rita Sigaud Soares Palmeira, Maria Rita Avanzi, Marta Mourão Kanashiro, Eliana Kefalás Oliveira, Beatriz Casulari da Motta Ribeiro pelo apoio emocional.

À Jauranice Rodrigues Cavalcanti, aos professores e alunos da primeira turma de Letras da Metrocamp, pela confiança no meu trabalho.

Aos professores da banca, Maria Bernadete Marques Abaurre, Mônica Graciela Zoppi-Fontana, Roberto Leiser Baronas, Edvania Gomes da Silva, Anna Flora Brunelli, Norma Discini, Tania Maria Alkmim, pela leitura do meu trabalho. Especialmente às professoras Anna Flora Brunelli e Norma Discini pelas orientações encaminhadoras na Qualificação.

Ao professor Luiz Tatit, pela orientação na Qualificação Geral.

Ao professor Sírio Possenti, por sempre exigir que eu fizesse o meu melhor.

À Fapesp, pelo financiamento da pesquisa. Por me ajudar a cumprir prazos.

RESUMO

Este trabalho parte da hipótese inicial de que a heterogeneidade enunciativa é uma marca importante no funcionamento das práticas discursivas do grupo de rap Racionais MCs, que constituem o corpus da pesquisa. Após análise preliminar, a hipótese inicial é deslocada para a análise das frases e expressões cristalizadas em língua (provérbios, máximas, citações bíblicas, expressões fixas, entre outros), considerada a característica predominante desse discurso. Para verificar esta nova hipótese, o primeiro capítulo propõe uma delimitação teórica do conceito de provérbio, partindo de teses clássicas do campo paremiológico, para reestabelecê-las em termos discursivos. O segundo capítulo organiza e analisa as ocorrências de provérbios e outras formas fixas no material gráfico e sonoro dos discos, CDs e DVD já lançados pelos Racionais MCs. O terceiro capítulo seleciona e interpreta as ocorrências de desautorizações das formas fixas no mesmo corpus. Por fim, o quarto capítulo postula que a enunciação aforizante, estruturante das e estruturada pelas formas já fixas em língua é a principal marca do funcionamento discursivo do corpus estudado. Essa enunciação engloba elementos prosódicos e o tom sentencioso das formas fixas em sua própria prosódia e tom sentencioso, produzindo novos efeitos de sentido e nova estruturação formal para os elementos fixos através de sua inserção integradora no contexto enunciativo. Esse funcionamento enunciativo produz um efeito de enunciação coletivizada e de fortalecimento da comunidade discursiva, que incorpora e reproduz os enunciados do grupo. Nos anexos, estão transcritas as letras dos raps dos seis trabalhos já lançados pelos Racionais MCs, organizadas cronologicamente.

Palavras-chave: Análise do Discurso; enunciação aforizante; rap (música), Racionais MCs.

ABSTRACT

This research has an initial hypothesis about enunciative heterogeneity being an important mark in the functioning of the discursive practices of the Racionais MCs rap group, which constitute the corpus of the research. After a preliminary analysis, the initial hypothesis is dislocated toward the analysis of the phrases and expressions crystallized into language (proverbs, sayings, biblical citations, fixed expressions, among others), which are the predominant characteristic of this discourse. To verify this new hypothesis, the first chapter proposes a theoretical delimitation of the concept of proverb, stemming from classical theses of the paremiological field, to reestablish them in discursive terms. The second chapter organizes and analyzes the occurrences of proverbs and other fixed forms in the graphic and sonorous material of the records, CDs and DVD that so far came from the Racionais MCs. The third chapter selects and interprets the occurrences when disauthorization of the fixed forms happens in the same corpus. The fourth chapter, finally, postulates that the aphorizing enunciation, structuring the forms that are already fixed in the language and structured by them, is the principal mark of the discursive functioning of the corpus that was studied. Such enunciation encompasses prosodical elements and the judicious tone of the fixed forms in their own prosody and judicious tone, producing new effects in meaning and a new formal structuration for the fixed elements through their integrative insertion in the enunciative co-text. Such enunciative functioning produces an effect of collectivized enunciation and of strengthening of the discursive community, which incorporates and reproduces the group's enunciations. In the annexes are found the lyrics of the raps from the six works already issued by the group, organized chronologically.

Keywords: Discourse Analysis; aphorizing enunciation; rap (music), Racionais MCs.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
O CORPUS.....	1
HISTÓRICO DE PESQUISA	2
PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS	5
CAPÍTULO 1.....	11
POR UMA PAREMIOLOGIA DISCURSIVA.....	11
1.1. ALGUNS PROBLEMAS INICIAIS NO CAMPO PAREMIOLÓGICO	15
1.2. REESCREVENDO A VULGATA: UMA DEFINIÇÃO POSITIVA DE PROVÉRBO	21
1.2.1. O PROVÉRBO ENQUANTO FRASE GENÉRICA.....	21
1.2.2. O PROVÉRBO ENQUANTO FRASE SENTENCIOSA E ENQUANTO DENOMINAÇÃO	28
1.2.3. O PROVÉRBO ENQUANTO FRASE “ON-SENTENCIOSA”	30
1.2.4. SOBRE O SENTIDO DO PROVÉRBO.....	33
1.3. A ENUNCIÇÃO PROVERBIAL	37
1.4. A RELAÇÃO DOS PROVÉRBIOS COM OUTROS TEXTOS	38
1.4.1. INTERTEXTUALIDADE E O “GÊNERO PROVERBIAL”	41
CAPÍTULO 2.....	43
PROVÉRBIOS E OUTRAS FORMAS FIXAS NOS RACIONAIS MCS.....	43
2.1. ORGANIZANDO O CORPUS.....	43
2.2. UMA MANEIRA MUITO ESPECIAL DE INSERIR AS FORMAS FIXAS	65
2.3. DOS SUBGRUPOS DE CLASSIFICAÇÃO	70
2.3.1. OS PROVÉRBIOS	70
2.3.2. AS FRASES TAUTOLÓGICAS	71
2.3.3. AS FRASES FIXAS DE SABEDORIA	73
2.3.4. AS CITAÇÕES BÍBLICAS	74
2.3.5. AS OUTRAS FORMAS FIXAS	77
2.4. O MUNDO ÉTICO	79
CAPÍTULO 3.....	81
DESAUTORIZAÇÃO DE FORMAS FIXAS NOS RACIONAIS MCS	81
3.1. NEGANDO O MUNDO ÉTICO DO OUTRO	81
3.2. “CAPTAÇÃO” E “SUBVERSÃO” DE PROVÉRBIOS	81
3.3. NEGAÇÃO RESTRITA DE UM PROVÉRBO: A EXCEÇÃO QUE CONFIRMA A REGRA	85
3.4. NEGAÇÃO ABRANGENTE DE UM ELEMENTO CRISTALIZADO: SUBSTITUINDO A DOXA	86
3.4.1. “SOBREVIVENDO NO INFERNO”	88

3.4.2. “PRECISAMOS DE NÓS MESMOS”	101
3.4.3. “SE QUER GUERRA TERÁ, SE QUER PAZ, QUERO EM DOBRO”	113
CAPÍTULO 4.....	119
RACIONAIS MCS: UMA ENUNCIAÇÃO AFORIZANTE	119
4.1. PARA ALÉM (OU AQUÉM) DA PAREMIOLOGIA	119
4.2. CITAÇÃO, DESTACABILIDADE E ENUNCIAÇÃO AFORIZANTE.....	120
4.2.1 AFORIZAÇÃO NO MATERIAL GRÁFICO DE <i>SOBREVIVENDO NO INFERNO</i>	126
4.3. “SUA MORAL NÃO SE GANHA, SE FAZ”	134
4.4. O RAP, UMA RÍTMICA	136
CONCLUSÃO.....	149
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	153
ANEXOS - TRANSCRIÇÕES DAS LETRAS DOS RAPS DOS RACIONAIS MCS	159
ANEXO 1: HOLOCAUSTO URBANO, 1990.....	161
ANEXO 2: ESCOLHA SEU CAMINHO, 1992	179
ANEXO 3: RAIOS DO BRASIL, 1993	193
ANEXO 4: <i>SOBREVIVENDO NO INFERNO</i> , 1997.....	215
ANEXO 5A : NADA COMO UM DIA APÓS O OUTRO DIA – CHORA AGORA, 2002	253
ANEXO 5B: NADA COMO UM DIA APÓS O OUTRO DIA – RI DEPOIS, 2002.....	283
ANEXO 6: <i>1000 TRUTAS, 1000 TRETAS</i> , 2006.....	315

Introdução

O corpus

Esta tese é uma análise do discurso do grupo de rap Racionais MCs, proveniente da periferia de São Paulo, capital. Este grupo é considerado, por grande parte do público e da mídia especializada, o mais importante grupo de rap do país. O corpus é composto pelo material gráfico e sonoro de todos os álbuns já lançados, cujas letras estão transcritas nos anexos: *Holocausto Urbano*, vinil de 1990 (anexo 1), *Escolha seu caminho*, vinil de 1992 (anexo 2), *Raio X do Brasil*, vinil de 1993 (anexo 3), *Sobrevivendo no Inferno*, CD de 1997 (anexo 4), *Nada como um dia após o outro dia*, CD duplo de 2002, composto pelos CDs *Chora Agora* (anexo 5a) e *Ri Depois* (anexo 5b), *1000 Trutas, 1000 Tretas*, CD e DVD de 2006 (anexo 6). O trabalho mais recente, *1000 Trutas, 1000 Tretas*, foi gravado ao vivo em show realizado no Sesc Itaquera em 26 de abril de 2004, com participação de Jorge Ben Jor, Vanessa Jackson, Orquestra do Projeto Guri, entre outros. O DVD inclui ainda um documentário sobre a história da música black em São Paulo e sobre a região do Capão Redondo.

Seu som é ouvido por milhões de pessoas nas periferias do Brasil inteiro e também tem alcance fora dos guetos. No entanto, justificados por sua postura ideológica contrária ao sistema da grande indústria da música, praticamente não dão entrevistas e não comparecem a programas em rádios e emissoras de televisão de grande porte, privilegiando os veículos comunitários e educativos.

Em suas letras, os quatro rappers – Mano Brown, Edi Rock¹, KL Jay e Ice Blue - assumem o papel de cronistas da periferia, criando *cenografias* (cf. Maingueneau, 2006c; 1995), em narrativas longas e detalhadas, com o drama de favelas, bailes, assaltos, cadeias e o cotidiano em geral da população que vive em extrema pobreza nas grandes cidades.

¹ A grafia do nome desse rapper já foi “Edy” (de 1988 a 1997), “Edi” (em 2002) e “Ed” (em 2006).

Também assumem o papel de representantes dessa população quando, ao cantar, reivindicam melhorias para a periferia e divulgam ações e soluções contra a miséria.

O rap faz parte do movimento Hip Hop, que também abarca as expressões artísticas do grafite e do break. Num momento posterior na história do movimento, o DJ foi desmembrado do rap, sendo considerado um quarto elemento. E, no Brasil, mais recentemente, fala-se da “consciência” como um quinto elemento, numa tentativa de demarcar que só algumas das manifestações artísticas com os traços formais característicos do Hip Hop seriam o verdadeiro Hip Hop: aquelas que expressassem compromisso político com determinada ideologia, ligada às lutas dos movimentos negros e de periferia.

Embora esses sejam os cinco elementos que tradicionalmente são associados ao Hip Hop, podemos ver que hoje, no Brasil, há uma série de outras manifestações artísticas, esportivas e culturais que têm ligação bastante forte com este movimento, como a autodenominada “literatura marginal” e a prática de basquete de rua. Por outro lado, manifestações mais “tradicionais” desse movimento, como as artes plásticas associadas ao grafite, nem sempre mantiveram essa ligação inicial, e nem sempre estão relacionadas às temáticas e questões do movimento Hip Hop, compartilhando com o grafite dos primórdios apenas o spray utilizado como matéria-prima. No caso específico do grafite, alguns artistas e suas obras estão muito mais ligados ao universo das artes plásticas, ao mercado de arte, às galerias, aos conceitos desse campo que ao universo Hip Hop. Trata-se, portanto, de um “movimento”, na dupla acepção do termo; considerado em suas mutações, hoje incorpora elementos diversos dos presentes em seus primeiros tempos.

Histórico de pesquisa

O projeto inicial para esta tese era uma ampliação de minha dissertação de mestrado (MOTTA, 2004), intitulada “*A Favela de Influência*”: uma análise das práticas discursivas dos Racionais MCs. No Mestrado, sob a orientação do Prof. Dr. Jonas de Araújo Romualdo, desenvolvi uma análise baseada nas sete hipóteses do livro *Gênese dos Discursos*, de Dominique Maingueneau (2005 [1984]), que tomei como ponto de partida e principal fundamentação teórica. Esse foi o cerne de minha pesquisa, ocupando seus dois

capítulos centrais. Ainda havia um capítulo inicial, abordando aspectos das condições de produção da obra dos Racionais MCs, o que incluiu um pequeno histórico do movimento Hip Hop nos EUA e no Brasil, além de um estudo sobre a trajetória do grupo. No último capítulo da dissertação, desenvolvi mais longamente o tema do ethos, que fora apenas sugerido em *Gênese dos Discursos* e, portanto, não ocupara espaço relevante nos meus capítulos 2 e 3. O ethos continuou a me interessar no doutorado, sendo tema de um livro de que fui co-organizadora e para o qual escrevi um artigo (respectivamente MOTTA & SALGADO, 2008; MOTTA, 2008a).

Ao caracterizar o sistema global de restrições semânticas do discurso dos Racionais MCs, propus que este se organiza através de dois operadores semânticos básicos: a *radicalização* e a *autovalorização*. Apresentá-los-ei bastante esquematicamente abaixo, uma vez que, embora não sejam o tema aqui, serão utilizados em análises ao longo desta tese.

A operação de *radicalização*, aplicada ao eixo semântico “espaço urbano”, exacerbando as características de cada ambiente social, resulta em que esse discurso veja a sociedade como separada em guetos, por vezes inimigos. Já a operação de *autovalorização*, aplicada ao mesmo eixo semântico, produz a exaltação da periferia. Como reverso dessa moeda, a não-periferia - todas as outras paisagens urbanas – é rejeitada e desvalorizada.

A operação de *radicalização*, aplicada ao eixo semântico “grupos humanos”, através da exacerbação das características de cada grupo social, resulta em que esse discurso veja a sociedade como dividida entre raça negra e raça branca, e entre pobres e ricos. Já a operação de *autovalorização*, aplicada ao mesmo eixo, produz um destaque extremamente positivo à raça negra e aos pobres. Tal operação tem seu reverso na raça branca e nos ricos, que serão rejeitados e desvalorizados.

Deste modo, os dois semas fundamentais para os Racionais MCs, “periferia” e “raça negra”, se constituem e se fortalecem, tornando-se as bandeiras de luta e os temas privilegiados de suas práticas discursivas.

Ao ingressar no doutorado, em 2006, a proposta era aprofundar alguns aspectos que não haviam sido incluídos na dissertação, tendo como pivô a questão da heterogeneidade enunciativa, com a fundamentação teórica principal de Jacqueline Authier-

Revuz (2004; 1998). O projeto se chamava “Heterogeneidade enunciativa nos Racionais MCs” e tinha como objetivo geral descrever e analisar a heterogeneidade enunciativa nas práticas discursivas dos Racionais.

Durante meu doutoramento, em decorrência das disciplinas, congressos, grupos de estudo, leituras feitas e da orientação do Prof. Sírío Possenti, uma nova proposta de tese foi se delineando. A proposta inicial parecia um desenvolvimento correto, mas não levaria a uma tese, no sentido de alguma contribuição original. Tratava-se de fazer, desta vez com o artigo “Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso” (AUTHIER-REVUZ (2004 [1982]) algo parecido com o que fora feito utilizando *Gênese dos Discursos* no mestrado.

No primeiro ano de doutorado (2006), a retomada do projeto e seu desenvolvimento para apresentação no XII SETA (Seminário de Teses em Andamento – IEL / Unicamp; MOTTA, 2007), juntamente com a realização da disciplina “As formas do discurso: análise das marcas e propriedades”, ministrada pela Profa. Dra. Mônica Graciela Zoppi-Fontana, me levaram a propor uma reorganização para o plano inicial, uma segunda hipótese principal para a tese, portanto. Pareceu-me muito relevante investigar mais a fundo as cenografias discursivas ao mesmo tempo pressupostas e instauradas pelo rap, observando mais de perto a relação entre a palavra do rapper e a do narrador do rap e seus personagens, no caso de narrativas. Dessa hipótese de pesquisa originaram-se os artigos “Ethos, cenografia e incorporação: o estatuto do eu no rap nacional” (MOTTA, 2008b), “As vozes nas vozes do rádio” (MOTTA, 2009a) e “A cena do crime nos Racionais MCs” (MOTTA, 2009b).

Esta segunda hipótese, assim como a primeira, foi deslocada. Analisando a heterogeneidade enunciativa e o imbricamento de vozes que compõem, de algum modo, esse “eu” dos Racionais MCs, foi ficando mais claro que a citação, os enunciados destacáveis, a aforização, a parêmia tinham um espaço e um funcionamento central nessas práticas discursivas. Através desses elementos, parecia que eu realmente chegaria a uma compreensão e explicitação do discurso que me propus a analisar.

Voltei ao corpus procurando selecionar provérbios e tudo o que me parecesse uma enunciação destacável, aforizante. Nesse processo, tive uma surpresa ambígua: tudo

parecia destacável! Ambígua porque, pelo lado negativo, tornava minha proposta de pesquisa confusa e inexequível. Pelo lado positivo, indicava que eu havia chegado a um ponto importante enquanto analista desse material.

Procurei sair desse impasse através do estudo da paremiologia e da destacabilidade. Deparei-me com um campo relativamente novo para a Análise do Discurso, e que pode ser uma abordagem interessante, considerando que os enunciados destacáveis e já destacados, bem como os provérbios e as frases fixas em geral podem esclarecer aspectos importantes das discursividades. O capítulo 1 examina, a partir do ponto de vista da Análise do Discurso, algumas teses importantes do campo paremiológico.

No capítulo 2, são destacadas, organizadas e analisadas as ocorrências de formas fixas no corpus. No capítulo 3, o mesmo é feito para as ocorrências de desautorizações dessas formas fixas. Por fim, no capítulo 4, a partir da análise de todo o percurso precedente, proponho que a *enunciação aforizante* seja a marca discursiva mais importante para este funcionamento.

Esta tese pretende mostrar que a busca da valorização da coletividade e da identidade (do negro, do periférico, do rapper) e o fortalecimento do grupo de que fazem parte só podem ser ditos – para que as práticas discursivas dos Racionais MCs sejam o que são – numa *interlíngua* (cf. Maingueneau, 2006a) da gíria, do dialeto periférico e do que é comum, conhecido (o provérbio, o ditado, os idiomatismos). Trata-se de desvalorizar o individual(ismo) em prol do coletivo, e a língua com que se faz isso é a língua coletiva: dos recortes, samples, citações, provérbios. O que não vem desse já-dito pretende passar a constituí-lo, e já é enunciado na forma sentenciosa e destacável, para poder fazer parte dessa enunciação coletivizada.

Princípios e Procedimentos

Um aspecto importante com o qual todo analista do discurso precisa se confrontar, por estar mesmo na raiz teórica e metodológica da Análise do Discurso, é o da relação entre marcas formais e propriedades discursivas. É consenso que a Análise do

Discurso inclui uma prática de leitura, e que, à maneira das ciências interpretativas, busca os rastros, no fio do texto e/ou de outro material analisado, de posicionamentos ideológicos historicamente constituídos. No entanto, a concepção que se tem sobre a relação entre as marcas e as propriedades muitas vezes cai em uma dicotomia empobrecedora que separa “forma” e “conteúdo” ou “superfície” e “profundidade”.

Definindo em que consiste uma análise do discurso, Eni Orlandi (em um livro do qual tomo emprestado o título deste item) afirma que “a Análise de Discurso não procura o sentido ‘verdadeiro’, mas o real do sentido em sua materialidade lingüística e histórica” (ORLANDI, 1999: 59).

Compreendo que assumir que a Análise do Discurso é lugar de interpretação da materialidade implica “admitir que um discurso não tem nenhuma ‘profundeza’, que sua especificidade não se localiza em alguma ‘base’ que seria seu fundamento, mas que se desdobra sobre todas as suas dimensões” (MAINGUENEAU, 2005[1984]: 19).

Esse modo de conceber a discursividade visa manter o que Maingueneau identifica em Foucault como a “irredutibilidade da ordem do discurso” (MAINGUENEAU, 2006d: 30), embora n’A *Arqueologia do Saber* Foucault tenha se absterido de analisar “os textos (ou as falas) tais como se apresentam com seu vocabulário, sintaxe ou sua organização retórica.” (FOUCAULT, 2002[1969]: 83).

Na busca da irredutibilidade da ordem do discurso, nos defrontamos com um conceito bastante central na Análise do Discurso, que vem sendo utilizado na tentativa de explicitar a relação entre marcas lingüísticas e propriedades discursivas: o enunciado. N’A *Arqueologia do Saber*, Foucault (2002 [1969]) dedicou-se a esse problema, procurando desvincular o conceito de enunciado de uma correspondência com algum objeto propriamente lingüístico. Nesse sentido, o enunciado não coincide com a frase, a proposição nem com um ato de fala. No entanto, sua conceituação permaneceu sempre difícil, o que levou a grande maioria das análises empreendidas desde o fim da década de 1960 a associar o enunciado com uma frase de sentido generalizante. Isto é, apesar de a teoria postular como princípio que o enunciado não deveria coincidir com uma unidade lingüística, nas práticas de análise, ele acabava quase sempre sendo caracterizado como uma frase.

Jean-Jacques Courtine, em *Metamorfoses do Discurso Político* (2006), faz uma crítica a esse problema frequente em pesquisas em Análise do Discurso. O livro é uma seleção e tradução para o português de artigos publicados pelo autor nos anos 1980 e 90, com exceção da terceira parte que traz dois artigos inéditos (embora já apresentados oralmente em congressos). A seleção e organização dos artigos, conforme nos informa a “Apresentação”, foi feita em conjunto com o autor.

Na parte II, intitulada “Línguas de Madeira”, Courtine propõe uma renovação teórica da Análise do Discurso, baseada na constatação de que os objetos de análise mudaram. O autor caracteriza como fenômeno relativamente recente a centralidade da noção de discurso nos estudos linguísticos. Dois marcos dessa mudança são o trabalho de Harris sobre enunciação, que buscava “superar a limitação na frase da linguística descritiva” (p. 60) e o de Benveniste, procurando a “conversão individual da linguagem para o discurso” (p. 60). Na França, os desdobramentos dessa dupla ruptura levaram o discurso político a figurar como principal – ou único – objeto de estudos da Análise do Discurso francesa. A aparição da AD na França ocorre concomitantemente aos movimentos de maio de 68, quando estar na academia, principalmente nas humanidades, e ter participação política eram fatores extremamente ligados. Da linguística, esperava-se uma “política para a leitura de textos” (p. 61) que diferenciase os grupos políticos e sociais.

Perfeitamente congruente com esse amálgama entre teoria e corpus, que o era também entre militância política e escolhas acadêmicas, as críticas e certo desencanto de Courtine com a AD são também – e em alguns momentos indissociavelmente – dirigidos ao Partido Comunista Francês (PCF). Do mesmo modo que o PCF não percebeu as mutações sociais e culturais dos trabalhadores, para quem os longos discursos monológicos em tom didático já não dizem nada (são as tais “línguas de madeira”), a AD também se fixou no material escrito institucional (e, na grande maioria dos estudos, pela exclusão da polêmica no corpus, em descrições das formações discursivas como homogêneas). Essas decisões trazem desdobramentos constituintes para a disciplina. Para avaliarmos o largo alcance dessa crítica de Courtine, fiquemos em três dos principais desdobramentos: ter um objeto único de análise levou a AD ao erro de fazer “do discurso doutrinal o modelo de uma teoria geral da discursividade” (p.108); e também o fato desse objeto único ser monológico, escrito

e com “excesso de memória” (p. 106) a levou a eleger o enunciado – e sua organização sintática escrita – como unidade principal de análise; por fim “compreendemos por que o discurso político pôde servir de exemplo privilegiado a um conjunto de análises da discursividade que o pensavam como um ‘processo sem sujeito’” (p. 92).

Relacionadas ao tema que pretendo discutir – a limitação que a noção de enunciado, do modo como vem sendo utilizada, traz à Análise do Discurso –, destacam-se as seguintes passagens do texto de Courtine, que examinam a Análise do Discurso feita na França nas décadas de 1970 e 1980:

Dessa maneira, [em todo o mundo] **textos de diferentes tipos foram analisados por meio do uso de vários métodos**, enquanto **na França os lingüistas buscavam aplicar os mesmos tipos de métodos** (a análise de Harris e a **análise do processo do enunciado** no interior do discurso) **para um tipo de texto** – o discurso político. (COURTINE, 2006: 61; grifos meus)

Na análise do discurso essa operação [caracterizar gramaticalmente uma estrutura discursiva] **leva à caracterização do enunciado**. E se for verdadeiro que toda análise do discurso está baseada em procedimentos lingüísticos, **como pode o enunciado ser definido além do alcance de categorias lingüísticas (frase, proposição), por meio das quais se tende a representá-lo espontaneamente?** (COURTINE, 2006: 64; grifos meus)

O enunciado realmente não tem um *status* teórico na análise do discurso. Ele geralmente **somente desenha um simples objeto empírico, uma proposição, uma frase ou seqüência de frases**. (COURTINE, 2006: 71; grifos meus)

Com essas críticas (que, para Courtine, são também uma autocrítica), o autor questiona a quase unanimidade da busca do enunciado nos procedimentos de análise da Análise do Discurso. Nessa linha, questiona o próprio *status* – ou, mais propriamente, a falta de definição desse *status* – do enunciado, que, proposto inicialmente como um lugar privilegiado da ordem do discurso, acabou por ater-se, na prática, a uma quase equivalência com a frase.

Além dos problemas já levantados, a adoção do enunciado de definição verbal como meta ou objeto privilegiado de análise traz uma complicação complementar na

contemporaneidade. Os discursos mudaram muito desde a década de 1960 e hoje pode trazer lacunas complicadas para uma pesquisa abster-se de analisar as diversas práticas intersemióticas que os compõem.

Courtine, no mesmo trabalho, também ressalta esse aspecto com relação ao discurso político que, creio, pode se estender aos outros campos discursivos:

A mensagem política **não é mais unicamente lingüística, mas uma colagem de imagens e uma performatividade do discurso, que deixou de ser prioritariamente verbal**. Essa é a razão pela qual para compreendermos e analisarmos essas mensagens complexas – e também para sermos capazes de lê-las e saber como resistir a elas – **de agora em diante é insuficiente se referir somente a métodos de análise lingüística**. A mutação dos modos de comunicação política exige a renovação de uma semiologia da mensagem política **que permitirá sua apreensão global**. (COURTINE, 2006: 85; grifos meus)

Apesar de críticas tão fortes, Courtine diz continuar acreditando na pertinência da AD, mas sublinha a necessidade de haver um deslocamento do estudo da produção dos discursos para a recepção destes, deixando um pouco de lado os grandes blocos homogêneos produzidos dentro das instituições sociais e buscando, na fala cotidiana, a circulação real e dinâmica das discursividades. Assim, não podemos restringir o estudo à “história dos discursos e dos aparelhos”, é preciso fazer “uma história das mentalidades e das práticas” (p. 102, nota 11).

Tais reflexões de Courtine se aproximam fortemente de algumas das sete hipóteses presentes em *Gênese dos Discursos* (MAINGUENEAU, 2005[1984]), notadamente a terceira hipótese – que propõe um *sistema de restrições semânticas globais* – e a sexta – que postula que “a prática discursiva não define somente a unidade de um conjunto de enunciados; ela pode também ser considerada como uma *prática intersemiótica* que integra produções que pertencem a outros domínios semióticos” (p. 23).

As reflexões de Courtine e de Maingueneau apresentadas acima são importantes para meu procedimento de pesquisa, que embasa esta tese. O discurso que venho me propondo analisar é complexo, heterogêneo, intersemiótico e multifacetado. Vê-lo como *práticas discursivas* sempre foi fundamental para um tratamento analítico compatível com

esse corpus. Ater-me à análise do processo dos enunciados verbais não seria suficiente para entender esse material.

A partir dos princípios de que o discurso não tem uma “profundeza” (MAINGUENEAU, 2005(1984)) e de que a Análise do Discurso busca “o real do sentido em sua materialidade lingüística e histórica” (ORLANDI, 1999), esta tese tem como procedimentos a explicitação e interpretação de um funcionamento discursivo, para o qual proponho que a principal marca seja a *enunciação aforizante* (MAINGUENEAU, 2007). Espero que estes princípios e procedimentos tenham garantido uma análise que siga os passos já trilhados por Courtine (1981: 11):

(1) O discurso como objeto deve ser pensado em sua especificidade. A adoção de um ponto de vista *especificamente discursivo* deve evitar (...) reduzir o discurso à análise da língua ou dissolvê-lo no trabalho histórico sobre as ideologias. Mas deve levar em conta a materialidade discursiva como objeto próprio, isto é, produzir a seu respeito proposições teóricas.

(2) Essas proposições teóricas devem conduzir ao estabelecimento de *procedimentos*, que venham realizar sua montagem instrumental em um campo metodológico. (...) É a condição para que a expressão “o objeto real da análise do discurso”, ou ainda, “o discurso como objeto” possa ser empregada. [(ALTHUSSER, 1968: 49-69)]

(3) A démarche seguida deve, em seu conjunto, ser *explícita*, o que é uma condição de sua reprodutibilidade e, principalmente, talvez, para que possa ser *criticada*.

Passemos, então, à tese.

Capítulo 1

Por uma paremiologia discursiva

Em uma tarde de quinta-feira de 2003, na sala do telão do IEL, houve uma palestra organizada pelos professores Márcio Selligman-Silva e Francisco Foot Hardman, com André du Rap e Bruno Zeni. Os dois, numa parceria pouco comum na literatura brasileira, haviam publicado em 2002 o livro *Sobrevivente André du Rap (do massacre do Carandiru)* em que, a partir de entrevistas com André du Rap sobre sua experiência como detento no momento da chacina na Casa de Detenção, ocorrida no governo de Luiz Antônio Fleury (PMDB, à época), o jornalista Bruno Zeni ajudou a escrever o primeiro relato da tragédia contado por uma de suas vítimas.

Tudo interessa nesse livro. Para começar, sua noção de autoria, que não cabe nos limites estabelecidos, o que se torna claro quando vemos como ficou sua catalogação “oficial”: a autoria é creditada a “José André de Araújo”, sinal de que aos pobres pouco ilustres, mesmo escritores, não é dado o direito de assumir suas alcunhas como nomes artísticos em todas as manifestações. Talvez no disco de rap ele possa ser André du Rap, no sério livro, tem de ser José André de Araújo.

Nesse aspecto, lembra o que ocorreu no primeiro disco dos Racionais MCs, *Holocausto Urbano*, lançado em 1990. O LP tem seis faixas, três de cada lado, quatro inéditas e as duas já lançadas na coletânea de grupos Consciência Black. Quanto aos créditos, não há autoria explicitada na contracapa (também não há encarte). No entanto, no selo central do LP, em cada lado está indicado o nome das músicas, seus compositores e intérpretes. Por exemplo, a primeira do lado A, “Pânico na Zona Sul”, aparece como composição de Pedro Soares Pereira e interpretação de Brown. A última do lado B, “Tempos Difíceis”, tem indicados como compositores Adivaldo Pereira e Kleber Leles, e como intérprete Edyrock.

É interessante explicitar que Pedro Soares Pereira é o nome de Mano Brown, Adivaldo Pereira é o nome de Edi Rock e Kleber Leles é o nome de KL Jay. Na hora de assinar suas composições, os rappers buscavam a respeitabilidade dos nomes próprios

completos, o que, aliás, está de acordo com o tom de sapiência utilizado nos primeiros trabalhos dos Racionais. No entanto, ao se nomearem intérpretes, os rappers assumiam mais sua persona artística, ousando usar seus codinomes.

A partir do segundo disco, “Escolha seu caminho”, 1992, somem os nomes de registro civil e aparecem com mais força o nome do grupo – o que indica sua coesão interna – e os nomes artísticos. Tal mudança vem junto de uma outra, que se concretizaria no LP seguinte, *Raio X do Brasil* (1993), com o qual os Racionais ganharam mais notoriedade: o grupo abandona as tentativas de “falar difícil”, o tom de sapiência acadêmica, e assume que sua sabedoria é a da experiência, a das ruas². Veremos que qualquer relação com a parêmia não será mera coincidência...

Pois André du Rap, além de assinar José André de Araújo, também dividia a autoria com Bruno Zeni, que, na catalogação do livro, vira “coordenador editorial”. Reflexos de uma noção romântica da autoria³, em que os textos brotam de uma mente solitária e iluminada, o regime de escrita de parceria de André du Rap e Bruno Zeni não encontrou o caminho aberto e, em sua nomeação oficial, teve de inventar suas categorias.

Além de inovar em seu regime de autoria, o que certamente interessaria a pesquisas como a de Luciana Salgado (2007), sobre autoria e práticas de textualização, o livro interessa também pelo modo pungente como se constrói, assumindo, com ousadia, uma estrutura narrativa e linguística bastante original, genuína e bem tecida. A fim de não fugir do tema deste capítulo, não tratarei aqui desse livro. Remeto os interessados à leitura da própria obra, obviamente, e também à tese de Palmeira (2009), que trata da literatura produzida em presídios brasileiros.

Mas falava daquela tarde de quinta-feira, que André du Rap e Bruno Zeni tornaram memorável ao IEL. Falou o Professor Márcio Selligman-Silva, conectando *Sobrevivente André du Rap* à literatura de testemunho, dos sobreviventes de outras guerras, outros massacres, outros genocídios. Falou o Professor Francisco Foot Hardman, caracterizando a exclusão e o extermínio de pessoas e memórias como o fio condutor de

² Na nota 55 do capítulo 2 desta tese há um depoimento de Mano Brown a esse respeito e em minha dissertação de Mestrado (MOTTA, 2004) abordo, entre outros temas, a trajetória do grupo.

³ A não-compatibilidade entre a concepção romântica de autoria e os regimes de autoria efetiva é discutida em Maingueneau (2006a).

cinco séculos de história brasileira. Falou Bruno Zeni, jornalista e mestrando (na época) em literatura brasileira na USP, dizendo que sua intenção era a de fazer com que uma experiência de sobrevivência fosse comunitária. Falou André du Rap.

Em sua fala, depoimento de vida permeado de lições, ensinamentos, citação de trechos de raps, começa tocando no aparelho de som o rap “Diário de um detento”, de autoria de Mano Brown e Jocenir (In Racionais MCs, 1997)⁴. Ou seja, sua fala começa com uma longa (7’ 31’’) epígrafe/citação que será retomada em diversos momentos nos minutos seguintes. Essa citação é de um rap, o que também não é gratuito e segue as regras de autocitação que verificaremos estarem ligadas às práticas discursivas do rap nacional.

O encadeamento da exposição de André du Rap em poucos segundos se diferencia do de seus predecessores de mesa. Começa dizendo que o uso do rap dos Racionais era para mostrar que o universo da cadeia é “sem metáforas, sem sonhos, é o mundo real”. É “sobrevivendo no inferno”⁵. Sem dúvida, cabe estudar por que um recurso discursivo eminentemente figurativo, como são as expressões idiomáticas, frases feitas, os provérbios e a parêmia em geral, é visto como a realidade “nua e crua” - o que, aliás, também é uma metáfora...

Continua sua palestra, em tom de relato – ou depoimento – descrevendo a cadeia como “aqui é onde o filho chora e a mãe não vê”, mas pondera: “já imaginou se a vida fosse um mar de rosas? O que seria do espinho?” e que a “pior tortura que tem é a psicológica. Preso em liberdade”.

Para se descrever, falar de si, diz “eu sou chato, mas sou necessário”, acrescentando “eu recebi seu kit/ de esgoto a céu aberto e parede madeirite”⁶, argumenta que “não pode subir no palco e falar contra as drogas e descer e usar as drogas”⁷. Conta ainda que, na cadeia, tem que ter paciência porque “o bagulho é louco e o processo é

⁴ A história da construção desse rap, sem dúvida um dos maiores sucessos de todos os tempos do rap nacional, é bastante curiosa. Remeto os interessados à obra *Diário de um detento – o livro*, para conhecer a versão de Jocenir, e à entrevista dos Racionais MCs no programa Ensaio (13/01/2003) para conhecer a versão de Mano Brown. Análises se encontram em Motta (2004) e Palmeira (2009).

⁵ Título do álbum de 1997 dos Racionais MCs, que contém “Diário de um detento”.

⁶ Racionais MCs (2002): “Negro Drama”.

⁷ No início do clipe “Revolta”, do grupo “Facção Anti Sistema” (FAS), um rapper diz em uma entrevista: “Aí, se você é um rapper, então você tem que ser aquilo que você canta. Se você é uma coisa dentro do estúdio e é outra na rua, vai pegar o bonde, vai se dar mal. Nas minhas letra eu não uso droga, eu não uso droga na realidade, eu não uso droga nas minhas letra. É assim que é. É assim que tem que ser.”

lento”⁸. Sobre sua transformação, diz: “eu comecei a me reciclar”, agora “tráfico informação”⁹ e “minha arma é a palavra”¹⁰. Por fim, percebeu que “se tu lutas, tu conquistas”.

Ao fim da palestra de André du Rap, a professora Raquel Salek Fiad, com sua argúcia habitual, virou-se para mim e comentou: “alguém tem que estudar o uso de frases feitas nesse discurso”.

É o que estou me dispondo a fazer, com uma decalagem de alguns anos...

Já no Doutorado, e voltando ao estudo do rap nacional e dos Racionais MCs, meu projeto inicial de pesquisa, como disse, era estudar a heterogeneidade enunciativa, vendo como as diferentes vozes sociais (os diferentes discursos) se entrecruzam nesse material. Um caminho que parecia ser profícuo para a análise era a inserção de frases feitas, idiomatismos, provérbios, citações em geral que se repetem. Esses núcleos de linguagem cristalizados pareciam muito abundantes e relevantes para a organização desse discurso.

A fim de verificar a hipótese de que os enunciados parênicos seriam uma marca importante no funcionamento discursivo da obra dos Racionais MCs, e do rap nacional em geral, efetuei uma análise preliminar do corpus, a fim de destacar esses enunciados.

O que achei que fosse ser um procedimento fácil - afinal, todos sabemos reconhecer um provérbio quando encontramos um -, revelou-se um percurso por uma teia intrincada, em que tudo parecia ser destacável. Por vezes selecionei, na letra de um rap, quase todas as palavras. Destacando tudo, vi que não destacava nada...

Mas essa sensação de que tudo era provérbio, ou poderia vir a ser, confirmou a hipótese da pesquisa. Afinal, os enunciados parênicos realmente são importantes nesse

⁸ Racionais MCs (2002), “Jesus Chorou” (“Se o barato é louco e o processo é lento,/ No momento, deixa eu caminhar contra o vento”). Além disso, em 2005, o grupo de rap De menos crime lançaria, no CD “Revertério”, a faixa “O barato é louco” cujo refrão diz: “O barato é louco, o processo é lento”.

⁹ Há os seguintes versos em “Na fé irmão” (Racionais MCs, 2002), que também usam a metáfora da droga para se referir ao rap, o rap substituindo a droga: “Pros mano e pras mina: a cura, a vacina/ Protótipo, antídoto, uma nova adrenalina/ Puxa, prende, solta fumaça/ Viaja no meu som, que essa erva é de graça/ Levante a taça e tome um trago/ Não é cigarro, nem vinho tinto amargo/ Não é skank, mesclado ou haxixe/ É bem pior que tomar ácido ou heroína shhhh”.

¹⁰ Trata-se de uma imagem muito comum para essa comunidade discursiva, conforme indicam os seguintes exemplos extraídos dos Racionais MCs: “Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição” (“Capítulo4, Versículo 3”, 1997); “Meu rap é a linha de frente dessa guerrilha” (“De volta a cena”, 2002); “Meu delito: um rap que atira consciência/ É crime hediondo, a favela de influência” (“Na fé irmão”, 2002).

funcionamento discursivo. E mais do que isso: ultrapassam o limite do uso como citação, que caracterizaria tradicionalmente os provérbios¹¹. Propus-me a investigar o que constitui esse uso, certa de que essa seria a chave para a compreensão desse discurso.

1.1. Alguns problemas iniciais no campo paremiológico

Todos os estudos que, direta ou indiretamente, se debruçam sobre provérbios ou formas fixas em geral, enfrentam uma dificuldade inicial: a definição de provérbio e a validade ou não de sua separação das demais formas cristalizadas. Com este trabalho não será diferente. Partirei de considerações sobre a definição de provérbio, sua validade e operacionalidade.

O interesse dos linguistas pela paremiologia têm aumentado¹², juntamente com a maior importância que tem sido dada para os estereótipos como peças fundamentais para entendimento da organização sintática de uma língua, em particular quando ela envolve frases genéricas, em que as noções de sujeito, tempo e espaço não são ligadas a realidades eventuais, e sim a uma generalidade atemporal, não identificada no espaço e com sujeito genérico. Daí a ligação dos provérbios, que são um tipo de frase genérica, com os estereótipos da doxa social.

Outro campo da Linguística que tem voltado sua atenção para a paremiologia são os estudos com interface informatizada, como os dicionários bilíngues automáticos, a tradução automatizada e o processamento informatizado de fala. Problema já há muito conhecido dos professores de língua estrangeira e tradutores, a tradução de idiomatismos, expressões e frases fixas se apresenta como um dos pontos mais desafiadores no processamento automático de uma língua. O que pode significar que seja um dos pontos mais fecundos e formadores dessa língua.

¹¹ Marie-Louise Ollier (1976: 331) diz que “A propriedade mais fundamentalmente distintiva do provérbio é a de não ter outra existência no discurso que a citação. Fora da citação, ele tem o mesmo estatuto da palavra no dicionário» [«La propriété la plus fondamentalement distinctive du proverbe est de n'avoir d'autre existence dans le discours que cité. Hors citation, il a le même statut que le mot dans le dictionnaire”].

¹² James Obelkevich (1996 [1987]) também registra um aumento do interesse dos historiadores sobre o tema, Mas ainda considera que “os historiadores têm estado mais ocupados com significados, e não com significantes” (p. 44).

Esse interesse da Linguística pelas formas proverbiais é bem exemplificado pelo número 139 da tradicional revista francesa *Langages*, organizado por Jean-Claude Anscombre e inteiramente dedicado a *La Parole Proverbiale*.

Na Apresentação da revista, Anscombre argumenta que os provérbios fazem parte da língua enquanto sistema, e não somente enquanto manifestações de algum tipo de folclore marginal. Ao contrário disso, constituem um sub-sistema do sistema geral da língua. Tal ideia se mostra especialmente forte para o material que estou analisando, uma vez que as estruturas linguísticas fixas são uma marca importante no funcionamento discursivo do rap nacional.

Esse número da *Langages* pretende provar que as estruturas fixas em língua – das quais os provérbios são uma sub-classe – são dignas de interesse e que constituem um campo vasto e pouco explorado. Pretende-se um precursor de um estudo nascente, a abordagem linguística do campo paremiológico. Essas pesquisas podem lançar luz sobre o estudo de outros tipos de texto, como os slogans, que, em muitos casos, têm a mesma estrutura rímica e rítmica encontrada nos provérbios. Os slogans, quer façam parte de campanhas publicitárias de um produto (por exemplo, “No Timóteo Barreiro é barato o ano inteiro”¹³), quer façam parte de campanhas oficiais – governamentais, de ONGs, etc. – (por exemplo, “Se beber, não dirija. Se dirigir, não beba.”), se apresentam como produto da sabedoria popular e buscam adquirir a força inerente a todo argumento de autoridade, o que fazem através de sua forma destacável, mnemônica, repetível.

Anscombre (2000) defende a existência da estrutura proverbial e postula que os falantes têm a competência necessária para reconhecê-la. Ao acreditar que o provérbio pode ser descrito, coloca-se ao lado dos pesquisadores que Georges Kleiber chama de “otimistas”, contrapondo-os aos chamados de “pessimistas”, para quem a definição do provérbio e sua separação das demais formas parêmicas seria tarefa impossível (cf. Kleiber, 2000: 39). Ele analisa as estruturas métricas da palavra proverbial, postulando que os provérbios são estruturas rítmicas acrescidas de componentes retóricos, e que apresentam estruturas métricas comparáveis às utilizadas em poesia e também às que servem de

¹³ Timóteo Barreiro é o nome de uma forniture de Campinas.

inspiração para os slogans publicitários. Essas formas métricas estão a serviço do ritmo e reenviam ao canto e à dança, por serem parte integrante de formas invocatórias. “Chegamos assim ao que é provavelmente a origem do poder exorbitante da palavra proverbial: é uma palavra aparentada à palavra mítica”¹⁴ (Anscombe, 2000: 5).

O autor considera que os estudos paremiológicos têm atraído alguma atenção dos linguistas, mas com o problema de partir de categorias da gramática tradicional, que é, em sua essência, herança de estudos da antiguidade clássica. E as gramáticas gregas consideravam que as frases monoproposicionais completas eram constituídas por nome e verbo e o que não seguisse essa estrutura era considerado como frase incompleta. O provérbio tem a “inoportuna” característica de apresentar muitas frases nominais, o que é analisado de acordo com as categorias da gramática tradicional como estruturas incompletas (e não é rara a associação a pensamentos incompletos, sem lógica). O uso abundante da parataxe também tem sido motivo para que o provérbio seja considerado vulgar e comum, associado à linguagem oral, popular, carente das conjunções típicas da linguagem escrita, complexa e sábia, expressão dos pensamentos mais elevados. Talvez não se possa fazer a crítica de Anscombe aos linguistas (ou à maioria deles), mas certamente circulam discursos, nos meios considerados cultos das sociedades contemporâneas, que desvalorizam os provérbios. Obelkevich (1996 [1987]), por exemplo, ressalta a aversão e o desprezo com que as classes escolarizadas consideram os provérbios: “segundo elas, são antiquados, contraditórios, impossíveis de ser levados a sério” (p. 44).

Essas características sempre associaram o provérbio a um traço popular e falado, afetivo, portanto, marginal ao esquema tradicional da frase vista como estrutura lógica, reprodução do pensamento formal e do raciocínio. Daí a associação dos provérbios às demais categorias marginais, sem lugar na estrutura principal da língua, como as onomatopéias, as frases exclamativas, etc. Alguns dos diferentes nomes para as unidades parêmicas evocam esse caráter de estar apartado do fluxo comum da língua, como aforisma, anexim, exemplo ou refrão.

¹⁴ “On voit alors apparaître ce qui est peut-être l’origine du pouvoir exorbitant de la parole proverbiale: il s’agit d’une parole apparentée à la parole mythique” (p.5).

No entanto, essas frases, que são marcadas como exteriores ao fluxo de fala, até pelo tom com que são proferidas, conforme atestou Greimas (1975[1970]: 288), podem fazer parte do sistema da língua. Sua frequência e constância nas diferentes línguas parecem mostrar que não se trata de exceções; que, ao contrário disso, fazem também parte da organização da linguagem humana – aliás, como as frases exclamativas e onomatopéias, que merecem das gramáticas tradicionais um parágrafo, quando muito, apenas ressaltando sua incompletude perante as frases “completas”. O alerta que faz Anscombe a respeito da gramática tradicional, quando esta considera que a estrutura sujeito-predicado é a única estrutura frástica completa, e modelo para as outras que seriam seus arremedos “defeituosos”, também já se fizera ouvir em Benveniste (1976 [1966]).

Em seu artigo denominado “A frase nominal”, Benveniste conclui que não há nada na frase nominal que possa conduzir a que seja tomada como carente de verbo. “É tão completa quanto qualquer outro enunciado verbal” (p. 172), pois tem as duas funções verbais (coesiva e assertiva) recaindo em um elemento de classe nominal. Tal particularidade não é um “defeito” ou incompletude deste tipo de frase, e lhe confere a característica de ser necessariamente não marcada em termos de tempo, modo, aspecto, etc. “A asserção terá esse caráter próprio de ser intemporal, impessoal, não modal, em suma, de ter seu objeto resumido apenas ao seu conteúdo semântico” (p. 173), isto é, será uma frase genérica.

Do mesmo modo, e também citando um provérbio dentre os exemplos, Ilari & Geraldi (1991) questionam que a relação sujeito-predicado dê conta de todas as situações em que se defina oração como “expressão de um pensamento completo”. Dizem que frases como “É o fim da picada!”, “Escreveu, não leu, o pau comeu”; “Assim não dá!” também exprimem um pensamento completo, embora não possam ser analisadas na estrutura clássica sujeito-predicado. Não sem razão, os três exemplos de que se servem Ilari & Geraldi são estruturas fixas (a primeira e a última são frases fixas exclamativas e a segunda é um provérbio). Os autores dizem que esses contra-exemplos não são suficientes para abandonarmos a estrutura sujeito-predicado como estruturante na língua, mas que devemos vê-la “como um *estereótipo*, um molde” e não “uma *definição* de oração” (p. 9). E seguem o capítulo que tem como guia exatamente a relação sujeito-predicado, uma vez que o

intuito desse livro introdutório é justamente apresentar como diferentes problemas foram levantados e abordados pela Semântica ao longo da história. Tal exemplo confirma a percepção de Anscombe, de que o que escapa à estrutura sujeito-predicado é considerado exceção, incompleto ou imperfeito - para ficarmos na nomenclatura gramatical.

Um estudo sobre o quanto essas frases aparentemente apartadas do fluxo da língua - aparentemente pertencentes a outra dimensão fora do sistema – compõem o comum da língua, pode levar à conclusão de que as falas são menos inéditas do que se poderia pensar, e isso é marcado também pelos enunciados parênicos, pontos de cristalização linguística, enunciativamente heterogêneos por excelência. Isso não seria nenhuma novidade para a Análise do Discurso, são conhecidas e aceitas as teses da heterogeneidade constitutiva (Authier-Revuz, 2004 [1982]) ou a do primado do interdiscurso (Maingueneau, 2005a [1984]). No entanto, há interesse em verificar como as estruturas fixas em língua atuam nesse processo, e que lugar ocupam em um discurso determinado. Para a Análise do Discurso, não haveria resistência em ver uma marca como as onomatopéias ou as frases fixas exclamativas ou a abundância de parataxe como a materialidade de um funcionamento discursivo.

Em seu artigo, Anscombe (2000) expõe como a vulgata a respeito dos provérbios, desenvolvida a partir de categorias da gramática tradicional, contribui para que ele seja visto como uma estrutura apartada da língua: um resquício, um folclore. O autor passa a examinar elementos dessa vulgata, eventualmente contestando-a. A vulgata considera o provérbio uma entidade frástica autônoma, dotada de um conteúdo prescritivo, expressão de uma verdade fundada na experiência, breve, popular, metafórica, bipartida, com elementos mnemônicos, plena de estruturas arcaizantes.

Na definição do que é um provérbio, é bem difícil ignorar toda a tradição das coletâneas fundadas por e fundadoras dessa vulgata, que, por um lado, são vagas com relação à terminologia e sua aplicação, embora sejam prolixas na quantidade de termos que utilizam para classificar as formas cristalizadas. Como exemplo dessa dificuldade, podemos tomar os estudos de Obelkevich (1996 [1987]) e Greimas (1975[1970]). Ambos os autores, malgrado tenham escrito textos de valor para o estudo paremiológico, caem, por vezes, na armadilha da vulgata. Obelkevich, por exemplo, referindo-se ao fato do ex-líder da União

Soviética, Nikita Krushev, dizer provérbios, afirma que “os ditos grosseiros de Krushev eram os de um camponês” (p. 47). Greimas, por sua vez, distingue provérbio de ditado por ser o primeiro conotado e o segundo não, critério que, como veremos mais adiante, não resiste à análise. Ainda em Greimas, encontramos a afirmação de que a ausência de artigos em muitos provérbios se deve “ao caráter arcaico de sua construção gramatical” (p.291). Sem dúvida a ausência de artigos está muito mais relacionada a um mecanismo de generalização.

Ainda falando sobre a vulgata, Anscombe exemplifica a afirmação da abundância da terminologia parêmica com os dados do Espanhol, língua em que já foram atestados 49 nomes para as formas sentenciosas. Por outro lado, há a crença de que essa vasta terminologia recobre o conceito, o que não é verdade. O autor adverte que, em busca de uma definição confiável de provérbio, muitas vezes o que é chamado de provérbio não se encaixará na definição, e o oposto também pode acontecer, isto é, uma frase que não seria considerada provérbio pelos falantes da língua atender aos requisitos que a categoria gramatical terá. Como em outros casos em língua, estamos aqui no terreno da gramática, da descrição, que nem sempre coincide com a imagem dos falantes – ou dos organizadores das coletâneas - sobre os termos e conceitos. “A origem do problema é relativamente clara [...] as palavras da língua não são conceitos científicos”. (p. 9)¹⁵

A esse respeito, Laurent Perrin (2000) também assinala a dificuldade de operar com o conceito de provérbio, principalmente porque a noção de provérbio recobre uma série de noções aparentadas, associadas a uma proliferação de termos como ditos, máximas, adágios, preceitos, sentenças, divisas, aforismas, etc. Por outro lado, as propriedades definitórias a que os pesquisadores recorrem para dar conta dessa noção são heterogêneas. Diz-se, por exemplo, que os provérbios têm valor de lexema, são metafóricos e expressam verdades de alcance universal, relativas à conduta humana. Como conciliar propriedades de dimensões tão diferentes em uma definição consistente?

Em primeiro lugar, Anscombe (2000) diz que é preciso saber que a consideração de algo como um provérbio é dependente de um sistema historicamente

¹⁵ “L’origine du problème est relativement claire [...] les mots de la langue ne sont pas des concepts scientifiques” (p. 9).

estabelecido, sendo assim, em relação a esse campo, o autor discorda do provérbio “Once a king, always a king”¹⁶. Desse modo, é difícil para nós saber o que era considerado provérbio na Idade Média ou em uma outra cultura.

Em busca de uma classificação coerente das formas sentenciosas, o caminho não é tentar distinguir os grupos de provérbios, adágios, sentenças, máximas e assim por diante. Anscombe perseguirá outro caminho: observando as regularidades linguísticas, proporá o conceito de *provérbio*, delimitando seus elementos definitórios. Ulteriormente, poderão ser definidas sub-classes, o que só será possível com a definição consistente da classe principal.

1.2. Reescrevendo a vulgata: uma definição positiva de provérbio

Anscombe (2000) postula que os provérbios podem ser caracterizados por pertencerem simultaneamente a duas classes: as frases genéricas e as frases sentenciosas. Já Kleiber (2000) considera que os provérbios se caracterizam por serem, simultaneamente, frase genérica e denominação. Quanto ao sentido, os dois autores concordam que a relação semântica que um provérbio contém é a de implicação e Kleiber acrescenta que deve haver o traço [+H]: relativo aos homens. Esses aspectos serão esmiuçados a seguir.

1.2.1. O provérbio enquanto frase genérica

As frases genéricas tratam de uma situação ou categoria em termos gerais, não especificando os elementos dêiticos e nem a quem se referem. Não haverá, em uma frase genérica, nomes próprios, termos denominativos de lugares ou tempos específicos em que a frase seria válida. Essas frases representam uma realidade virtual, de natureza gnômica, isto é, preditiva e normativa, ao invés de incidental e contingente. Elas geram unidades textuais

¹⁶ Anscombe cita em inglês. Um provérbio equivalente em Português é “Quem é rei nunca perde a majestade”.

localmente autônomas, que só podem ser relacionadas indiretamente a uma situação de enunciação ou a um texto mais vasto.

Como frases genéricas, os provérbios autorizam inferências sobre situações encontradas que se “encaixem” no quadro genérico enunciado por cada provérbio. Para Georges Kleiber (1989) as frases genéricas se dividem em três subgrupos: genéricas analíticas, genéricas tipificadoras a priori e genéricas tipificadoras locais.

As frases genéricas analíticas remetem a um grupo de indivíduos de uma classe e não toleram nenhum contra-exemplo. O exemplo de Kleiber para uma frase genérica analítica é “as baleias são mamíferos”.

Já as frases genéricas tipificadoras a priori se diferenciam das tipificadoras locais pelo critério da aceitabilidade da “verdade” que a frase contém. As tipificadoras a priori são aquelas que são aceitas como verdadeiras pela comunidade linguística¹⁷, fazem parte dos estereótipos estabelecidos pela doxa vigente, como “os carros têm quatro rodas” ou “os gatos caçam ratos”. Já as tipificadoras locais expressariam verdades pessoais, individuais, como “os castores são afetuosos” ou “as HQs são uma forma de cultura”. Ambas as frases tipificadoras suportam exceções, portanto não são passíveis de deduções lógicas. Perrin (2000) diz que com elas estamos no campo da argumentação pura, pois não há como operar com a demonstração.

Para Perrin, é incontestável que os provérbios são frases tipificadoras e não analíticas, pois um contra-exemplo não invalida o provérbio. A descoberta de uma rosa sem espinhos não invalida o provérbio “toda rosa tem espinho”. Saber se são tipificadoras a priori ou locais é uma questão delicada, objeto de controvérsia entre Anscombre e Kleiber, conforme expõe Perrin em seu artigo. Enquanto Anscombre acredita que são tipificadoras a priori, porque associadas a uma verdade geral, a um “ON-enunciador”¹⁸, Kleiber acredita que são tipificadoras locais.

Sendo unanimemente percebidos como uma crença consensual, compartilhada por toda uma comunidade linguística, os provérbios parecem, à primeira vista, fazer parte

¹⁷ Por “comunidade linguística”, estes autores entendem as pessoas que falam a mesma língua.

¹⁸ Trata-se do “on” francês. Na teoria desses semanticistas, o sentido de “ON-enunciador” seria o de um sujeito indeterminado, um “SE-enunciador”. A partir da Análise do Discurso, proponho que o O ON-enunciador seja reinterpretado como um enunciador coletivo.

das frases tipificadoras a priori. Para mostrar isso, Anscombe faz com eles o teste de transformá-los em negação. A negação de uma frase tipificadora local resulta em uma frase tipificadora local, uma negação descritiva: “Os castores não são afetuosos”. A negação de uma frase tipificadora a priori resulta em uma negação polêmica, que visa refutar uma evidência: “Os castores não constroem barragens”. Assim como os provérbios, as frases tipificadoras a priori não suportam uma negação descritiva (ela é vista como polêmica). Então a negação de um provérbio, como “devagar se vai ao longe” seria “devagar não se vai ao longe”, o que não é percebido como uma frase tipificadora local, uma negação descritiva, e sim como uma afronta, uma negação de uma evidência, uma negação polêmica.

Mas os provérbios, diz Perrin seguindo Kleiber, em sua grande maioria, parecem querer afrontar uma crença consensual anterior, o que os aproximaria das frases tipificadoras locais, opiniões pessoais, não consensuais, não expressando a doxa. Ao dizer que “de boas intenções o inferno está cheio”, o enunciador do provérbio está negando um enunciador anterior, que associaria, através da lógica, as boas intenções às coisas boas, ao céu¹⁹. Associar as boas intenções ao inferno e, assim, desqualificá-las, vai de encontro ao que seria natural e lógico. De modo análogo, “uma andorinha só não faz verão” tem uma estrutura que se contrapõe a uma conclusão que, segundo Perrin, seria lógica e corrente, de que, se a andorinha apareceu, já é verão. Já “toda rosa tem espinhos” se contraporía à idéia de que a beleza é perfeita e se algo é belo não haverá defeitos. Perrin analisa outros provérbios, dentre eles “Rien ne sert de courir, il faut partir à temps”²⁰, que desmentiria uma enunciação anterior que diria que se a pessoa correr ela conseguirá cumprir seus horários.

¹⁹ A interpretação da enunciação pressuposta por esse provérbio que apresento aqui é diferente da apresentada por Perrin (2000: 72), que acredita que esse provérbio vai contra a idéia de que o inferno só teria coisas ruins. Embora não seja uma questão que influa na argumentação central, acho relevante assinalar minha diferença de análise: para mim, esse provérbio não desmente algo que seria natural pensar a respeito do inferno, e sim a respeito das boas intenções. Elas é que estão sendo desqualificadas, no sentido de que “não bastam boas intenções”, e não o inferno está sendo qualificado. No caso dos outros provérbios analisados no parágrafo, reproduzo aproximadamente as análises de Perrin.

²⁰ A tradução seria aproximadamente “Não adianta correr, é preciso sair a tempo”, não conheço provérbio equivalente em português.

Vistos por esse lado, os provérbios seriam tipificadores locais, conforme afirma Kleiber e com o que concorda Perrin. Sua força de “verdade universal” viria não por ser uma frase tipificadora a priori, e sim pelo seu caráter de denominação. Para Kleiber (2000), os provérbios estão na confluência de duas categorias: as frases genéricas e as denominações. Portanto, a força de “verdade universal” do provérbio viria de suas inúmeras repetições anteriores, por isso ele parece ser parte dos estereótipos consensuais. A esse respeito, Perrin repete a explicação de Kleiber, que “os castores constroem barragens” é uma frase tipificadora a priori. Sua verdade é baseada na observação dos fatos. Já “de boas intenções o inferno está cheio” é uma frase tipificadora local, sua verdade vem de sua repetição. Nas palavras de Kleiber, “a adesão à verdade de ‘os castores constroem barragens’ vem do conhecimento estereotípico de que os castores geralmente constroem barragens, enquanto que a adesão à verdade de um provérbio vem da aceitação de seu estatuto de denominação” (Kleiber, 1989: 245, apud Perrin, 2000: 73)²¹.

Como prova de que os provérbios não são frases tipificadoras a priori, Perrin apresenta casos em que dois provérbios apresentam verdades que vão em direção contrária: “L’habit ne fait pas le moine” e “Il n’y a pas de fumée sans feu”. Enquanto o primeiro indicaria que devemos desconfiar das aparências, como o provérbio equivalente em português “O hábito não faz o monge”, o segundo iria na direção de não duvidar das evidências, como o nosso “onde há fumaça, há fogo”.

Ora, tudo nessa análise de Anscombre, Kleiber e Perrin a respeito das frases tipificadoras é estranho para o analista do discurso. Partindo de um olhar sobre a linguagem que vê os sentidos como produzidos historicamente, frutos de dissensos, disputas e polêmicas, não haveria como aceitar que o provérbio exprime “a” verdade, ou “o” consenso de uma “comunidade linguística”, se entendermos “comunidade linguística”, seguindo estes autores, como totalidade dos falantes de uma língua. Nada mais esperado para um analista do discurso que os choques entre os provérbios, como no caso analisado por Perrin, entre “o hábito não faz o monge” e “onde há fumaça, há fogo”. Dois discursos contrários em jogo, um que ressalta o valor das aparências, do ser e parecer que é, e outro que ressalta o

²¹ “L’adhésion à la vérité de ‘Les castors construisent des barrages’ provient de la connaissance stéréotypique que les castors construisent généralement des barrages, alors que l’adhésion à la vérité d’un proverbe provient de l’acceptation de son statut de dénomination”.

valor da essência, do que parece mas não é, ou não parece e é. Em nenhum dos dois está “a verdade”, verificável em alguma instância extra-linguística. Os dois têm sentido e se justificam em discursos, historicamente analisáveis. E podem também ocorrer na fala de uma mesma pessoa, até em uma mesma situação, afinal as pessoas são atravessadas pelos diferentes discursos.

Portanto, é inconcebível para um analista do discurso pensar que o provérbio não tem estatuto de tipificador a priori porque não expressa um consenso. Tal consenso entre todos os falantes não existe. O que existe são formas de apresentar enunciados como consensos, como verdades, como natureza, como lógica... Esses recursos estão, por exemplo, nas nominalizações – ao dizer “O sucesso do governo Lula” estou dando como fato que esse sucesso existe e é “palpável” –, nos pré-construídos – ao dizer “Finalmente um presidente do Brasil não se curva aos interesses dos bancos internacionais” estou dando como fato que os presidentes anteriores se curvavam e que isso foi ruim para o país –, através de argumentos, etc. Uma das formas de apresentar um enunciado como consenso é colocá-lo na forma de provérbio, o que os publicitários criadores de slogans já perceberam há algum tempo.

Por outro lado, não ser consenso não quer absolutamente dizer que é opinião individual do locutor, como são consideradas as frases tipificadoras locais. Pode ser a expressão de um discurso minoritário, ou que é sentido como tal. De todo modo, ao proferir uma frase genérica (sem marcação de sujeito, tempo ou espaço específico), o enunciador põe em jogo uma associação estereotípica. Dizer “os castores são amáveis” e não “um castor que conheci no zoológico parecia amável” é postular algo em tom de verdade a respeito dos castores. Indo para terrenos mais ideologicamente marcados, dizer que “as HQs são uma forma de cultura” coloca o enunciador como adepto de um discurso não elitista quanto ao que é cultura válida, provavelmente alguém aberto com relação ao conceito de arte. Mas de modo algum se pode dizer que esse enunciador “criou” essa posição e está sozinho nela! Seria não perceber as forças que movem a linguagem e que, dialeticamente, ela move. Seria, como Pêcheux alertou, não “compreender como aquilo que hoje é *tendencialmente* ‘a mesma língua’, no sentido linguístico desse termo, autoriza

funcionamentos de ‘vocabulário-sintaxe’ e de ‘raciocínios’ antagonistas” (PÊCHEUX, 1997 [1975]: 26).

A constatação de Kleiber e Perrin de que a maioria dos provérbios se apresenta como contraponto a um consenso ou a uma conclusão que poderia parecer óbvia ou lógica é bastante interessante. Mas, ao contrário do que concluem os autores, de que por isso fica provado que o provérbio não exprime uma verdade consensual e sim é uma frase tipificadora local, que tira sua força de verdade de seu caráter de denominação, enquanto analista do discurso, minha hipótese é outra. Apresentando-se como a voz da experiência e com caráter didático, educativo e disciplinador, o provérbio opera como se corrigisse uma crença errônea, mais fácil, mais imediata da população. Quem diz um provérbio frequentemente se coloca na posição de corrigir ou orientar, e quem corrige ou orienta opera contra um discurso anterior. Esse discurso anterior que será negado pelo provérbio é apresentado como o “caminho dos preguiçosos”, daqueles que se deixam levar pelas conclusões fáceis. Seguindo essa via de interpretação, “de boas intenções o inferno está cheio” alertaria aquele que acha que as intenções bastam, que tem a postura ingênua de valorizar o que só é pensado e não é feito. Cabe ressaltar que esse provérbio se choca com um outro, “o que vale é a intenção”, que, por sua vez se contrapõe a um discurso anterior que só veria valor nas ações, nos resultados. São, portanto, sentidos opostos, discursos contrários, que polemizam em nossa sociedade.

Já um provérbio como “O hábito não faz o monge” se contrapõe ao discurso de que as aparências bastam, dizendo que elas não bastam. Esse provérbio poderia ter um valor argumentativo se aparecesse junto a enunciados, por exemplo, denunciando um tipo de político que foi ligado à ditadura e hoje se diz paladino da democracia, mas não tem práticas democráticas. Ou poderia aparecer em um discurso ligado ao rap nacional, denunciando os chamados “falsos manos”, que acham que basta colocar roupas largas e andar gingando para ser um rapper. Aliás, Mano Brown canta, em “Eu sou 157”: “Eu só confio em mim, mais ninguém, cê me entende?/ Falar gíria bem até papagaio aprende”. “Falar gíria bem até papagaio aprende”, um enunciado de sentido equivalente a “o hábito não faz o monge”, contrapõe-se a um discurso anterior, o de que quem “fala gíria” é um “mano” ou veste um “hábito” é um “monge”. No entanto, de modo algum essa

contraposição caracteriza uma “frase tipificadora local”, como a entendem Kleiber e Perrin, portadora de uma verdade individual. Esse enunciado faz parte, isso sim, de um outro discurso, o de que é preciso “ser”, não basta “parecer”. Talvez até esse seja o discurso hegemônico.

Então, o que interessa para o analista do discurso não é se a frase expressa ou não um consenso, mesmo porque isso seria inverificável e a disputa é historicamente constitutiva da linguagem. É preciso ver se ela se apresenta como consenso, ou como verdade acima das comuns, e que efeitos de sentido isso pode provocar, ou se se apresenta como dissenso, o que também pode produzir outros efeitos de sentido, talvez condizentes com um discurso que se diz dos excluídos, dos marginalizados, dos que protestam. Um discurso como o dos rappers brasileiros, por exemplo, que se dizem “efeito colateral que o seu sistema fez”²².

Quando os pesquisadores do campo paremiológico estabelecem a diferença entre as frases tipificadoras a priori e as frases tipificadoras locais, estão, de algum modo, dividindo o “mundo real” e o “mundo da linguagem”. Dizer que “os castores constroem barragens” é uma verdade que se apóia no que todo mundo vê, o que faz dela um tipificador a priori, por ser consenso, e que “os castores são amáveis” é uma opinião individual que se apóia numa percepção ou experiência do locutor, é simplificar bastante a relação entre mente, mundo e palavra.

Mesmo que não voltem a Frege em sua verificação da referência na existência no “mundo real”, os autores parecem substituir essa verificação no mundo real por um consenso da “comunidade linguística”²³, que também não explicam como se verificaria. Ao dizer que provérbios como “toda rosa tem espinhos” contrariam o estereótipo de que a beleza é perfeita, é preciso ver que o discurso que fortalecem também constitui um estereótipo, que circula também em outros provérbios como “errar é humano” ou “ninguém é perfeito”. É impossível para um analista do discurso separar o “mundo real” e o “mundo da linguagem”.

²² “Capítulo 4, versículo 3”. Racionais MCs (1997).

²³ Lembremos: para estes autores, esse conceito inclui todos os falantes da língua.

Mas é interessante ver que a maioria dos provérbios se apresenta como se contrapondo a um consenso, remando contra a maré. Combina com o estereótipo da função dos provérbios na sociedade, a de aconselhar ou repreender. A educação que iluminaria o caminho dos aprendizes – todos os que os enunciadores de provérbio julgam necessitar ouvir um provérbio –, tirando-os das conclusões fáceis e apressadas.

1.2.2. O provérbio enquanto frase sentenciosa e enquanto denominação

Quanto ao caráter sentencioso dos provérbios, a análise de Anscombe (2000) deixa bastante a desejar. Na verdade, se restringe basicamente à exposição e comparação de dois exemplos. Ele diz que ninguém consideraria sentenciosa uma frase como “os castores constroem barragens”, que é o exemplo clássico dado para frases genéricas tipificadoras a priori. E que todos considerariam sentenciosa uma máxima de La Rochefoucault como “não censuramos o vício e não louvamos a virtude senão por interesse” (p. 11)²⁴.

Uma primeira ressalva se faz necessária com respeito à argumentação de Anscombe. Se vemos uma frase sentenciosa no provérbio “filho de gatos caça ratos”, porque a interpretamos metaforicamente e dela fazemos uma glosa como “é esperado que Fulano aja assim ou assado, sendo filho de quem é” (que também age/agi assim ou assado), o que nos impediria de interpretar “os castores constroem barragens” como uma frase sentenciosa, da qual poderíamos derivar uma glosa como “é claro que fulano agiu assim, afinal é da natureza dele”, algo como “já viu macaco recusar banana?” ou até “filho de gato caça ratos”, é 'natural' que se aja assim? Lembremos que tal ressalva se diluiria se estivéssemos em uma perspectiva discursiva: “filho de gatos caça ratos” é historicamente um provérbio; “castores constroem barragens” não é. No entanto, tal ressalva é necessária quando raciocinamos nos moldes que Anscombe propõe: neste momento, ele está analisando as frases “logicamente”, e não em seu uso.

Aqui tocamos em um problema que pode ser bastante comprometedor para a teoria de Kleiber (1989; 2000) e Anscombe (2000), que foi assinalado por Perrin (2000) e

²⁴ “On ne blâme le vice et on ne loue la vertu que par intérêt”.

também por Irène Tamba (2000): a análise do provérbio como frase genérica é feita a partir de seu sentido composicional, mas a análise do provérbio como sentencioso é feita a partir de seu sentido denominativo. Estes autores entendem por denominação a relação em língua que permite chamar as coisas por seus nomes. O sentido denominativo aproxima a aprendizagem de provérbios da aprendizagem de palavras em língua. Enquanto denominação, o provérbio se comporta como um item lexical, com forma convencionada ao conteúdo, embora o que ele denota não seja um conceito, e sim uma situação. Kleiber ressalta que, como as outras denominações, os provérbios mantêm sua dupla inscrição: são denominações, isto é, têm referente fixado, qual seja, uma situação genérica, mas continuam sendo frases, assim como os substantivos, verbos e advérbios continuam a sê-lo, mesmo sendo denominações. Aí residiria a originalidade semiótica dos provérbios: são denominações sem deixar de ser frases. Mas são frases em que uma forma mais ou menos fixa remete a uma referência indecomponível, mais que a uma significação composicional, embora essa significação composicional fique latente. As estruturas denominativas fixas em língua com dimensão de frases – os provérbios, por exemplo – sofrem um processo, ao longo do tempo, de codificação (ou lexicalização) de uma generalização. Segundo Perrin (2000), fica faltando, para esta teoria, explicar a relação entre o sentido composicional que o provérbio continua a ter e o sentido denominativo, do caráter de denominação do provérbio. Mesmo que faça parte do proverbializar-se opacificar a significação composicional, ela é recuperável, caso contrário não seriam possíveis textos humorísticos – bastante frequentes - como o abaixo, da personagem Hagar²⁵:



²⁵ Folha de S.Paulo, Ilustrada/Quadrinhos, 23/09/2008.

em que Hamlet, o filho de Hagar, não compreende o provérbio “Roma não se fez num dia” – aliás, o que está de acordo com o discurso da vulgata quando diz que os provérbios estão desaparecendo, o jovem não compreende o que seu pai diz através de provérbios. Hamlet entende que Hagar está falando sobre construção civil, mas ao mesmo tempo sabe que o assunto seria sua ansiedade a respeito do futuro. E esclarece ao pai que não quer ser engenheiro (o que ele inferiu estar relacionado a construir (fazer) uma cidade (Roma) em um dia), pretende ser dentista.

Ou também nas situações em que completamos a enunciação de um provérbio com “literalmente”. Esse é um tipo de desproverbialização, conforme analisa Schapira (2000), acrescentando que a desproverbialização, ao contrário do que se poderia pensar, fortalece o provérbio, assim como acontece com outro tipo de desproverbialização, os provérbios alterados humoristicamente (cf. Gatti, 2007; 2008). Fortalece porque o uso tradicional do provérbio fica latente, subjacente no uso desproverbializado; sem aquele, esse não faz sentido nem tem graça. Aliás, a desproverbialização só acontece com provérbios amplamente conhecidos, porque sem seu conhecimento prévio não é possível compartilhar sua alteração com o co-enunciador, que, pretende-se, achará graça do jogo humorístico. Imaginemos, por exemplo, um leitor da tira de Hagar que não conheça o provérbio “Roma não se fez em um dia”. Ele não acharia nenhuma graça da tira, não a entenderia.

1.2.3. O provérbio enquanto frase “ON-sentenciosa”

Uma diferenciação importante para a teoria de Anscombe (2000) é se a frase sentenciosa é apresentada como tendo provindo de um autor específico, que é chamado de “enunciador-primeiro”. Quem a cita será o “enunciador-segundo”. Isso se dá também no caso dos provérbios, em que o “enunciador-primeiro” é um “ON-locutor”, isto é, um enunciador coletivizado. Nesse caso, ao invés de ser remetida a um enunciador específico, como se dá nas máximas, sentenças ou apótemas, a frase é remetida a um enunciador coletivo, a sabedoria popular, através de expressões do tipo “como dizem”, “como bem

dizem”, “como diz a sabedoria popular”, “como se diz”, “como diz o provérbio”, “como diz o ditado”, “diz o dito popular”, etc. Portanto, no caso das enunciações em que o enunciador-primeiro é um ON-locutor, não há uma autoria individual atribuída.

Para Anscombe, é muito relevante, para a definição de provérbio, que ele seja “ON-sentencioso”, isto é, proveniente de um enunciador coletivizado. Tal condição, a meu ver, precisa ser bastante bem delimitada, para que não caia em contradição com o que foi estabelecido anteriormente pelo autor. Se ele inicia o artigo dizendo que proporá o conceito de provérbio baseado em critérios coerentes e consistentes, e que isso pode levar a, a exemplo de outras categorias gramaticais, desmentir o que os falantes consideram provérbio, como ele baseará um dos critérios mais importantes de sua definição, o de ser sentencioso, na percepção dos falantes que acompanham ou não uma frase de “como dizem” ou “como diz a sabedoria popular”? Não fica claro nessa teoria se a gramaticalidade será ou não considerada, pois ora o autor diz que os conceitos podem contradizer a gramaticalidade, ora baseia um de seus critérios na gramaticalidade.

Considero que, partindo de uma abordagem discursiva, a categorização de provérbio precisaria levar em conta o uso efetivo que é feito dessas frases. Um dos aspectos que interessaria e seria relevante para estabelecer o que é uma frase sentenciosa seria o lugar que ela ocupa em determinado discurso. Se o enunciador cita um provérbio como sendo de autoria de “Rui Barbosa” ou, como acontece atualmente na Internet brasileira, de “Luís Fernando Veríssimo” ou “Arnaldo Jabor”, isso é relevante para verificarmos o estatuto que aquela enunciação sentenciosa tem nos discursos mobilizados por aquela enunciação. Da mesma forma, se o enunciador remete a si mesmo como enunciador anterior de provérbio, isso também é discursivamente relevante - “É como eu sempre digo, mas ninguém me ouve, ‘a pessoa só dá valor às coisas quando perde’”. O efeito é de que esse enunciador se coloca como uma das vozes enunciantes daquele provérbio, o que, aliás, ele é. Mas é importante analisar por que, discursivamente falando, o enunciador não introduz o provérbio com “como dizem” e sim com “é como eu digo”. Isso pode – ou não – ser discursivamente relevante, o que não é possível determinar fora de um corpus específico.

Por outro lado, é um dado importante se uma frase com autor conhecido é identificada em uma enunciação como ON-sentenciosa. Isso poderia atestar uma proverbialização, como em “como dizem ‘tudo vale a pena, se a alma não é pequena’”, verso de Fernando Pessoa que vem se proverbializando, ao menos no Brasil. No entanto, nem sempre é esse o caso. Associar uma fala com autor identificado a uma voz coletiva pode ter outras implicações discursivas, como a de formar uma imagem de grupo ou fortalecer uma coletividade, como é minha hipótese a respeito do rap, conforme defenderei nesta tese.

Segundo Anscombe, é preciso distinguir quando um enunciado vem de uma fábula ou é um verso de poema. A passagem de um verso, moral de história, máxima, versículo da Bíblia para uma frase sentenciosa sem autoria identificada muda seu estatuto para provérbio. Embora assinala que as frases L-sentenciosas (com locutor definido) e ON-sentenciosas (com locutor coletivizado) não são categorias estanques, elementos passam frequentemente de um grupo a outro, fica faltando acrescentar que essa passagem não é feita uniformemente e sem regras para tal. A meu ver, tais regras existem, e são discursivas, por isso devem ser analisadas em corpora específicos.

Portanto, parece-me bastante complicado que poder acompanhar-se de “como dizem” seja um critério para proverbialização, se isso for tomado fora de uma análise discursiva, valendo para a língua como um todo. Pois para Anscombe, as frases sentenciosas se dividem em frases L-sentenciosas e frases ON-sentenciosas, sendo que as L-sentenciosas são frases genéricas tipificadoras locais (atribuídas a um autor específico, não expressam estereótipos e sim opinião pessoal) e as ON-sentenciosas (nas quais se incluem os provérbios) são frases genéricas tipificadoras a priori (expressando um consenso dos falantes).

Mas como lidar com situações como aquelas em que há citação de frases sentenciosas, a comunidade discursiva sabe ser de um autor definido, mas não há créditos? Tais situações, tão comuns no rap nacional, desafiam a separação das frases sentenciosas em L-sentenciosas e ON-sentenciosas. Nesses casos, reconhecer de onde as frases vêm faz

parte da competência discursiva esperada de enunciadores e co-enunciadores²⁶. Tais ocorrências sem dúvida tornam a questão da autoria ou não dos provérbios muito mais complexa.

1.2.4. Sobre o sentido do provérbio

A relação semântica de implicação que o provérbio encerraria também é tema do artigo de Kleiber (2000). Para esse autor, o provérbio, enquanto frase genérica, exprime um estado de coisas geral e habitual, a respeito de assuntos humanos. Essa necessidade de ser referente a assuntos humanos leva à postulação, pela vulgata, do caráter metafórico do provérbio. A metáfora realmente é recurso para o sentido denominativo do provérbio, desde que o sentido composicional não utilize palavras e situações humanas. Ou seja, “filho de peixe, peixinho é” não fala de peixes, e sim de um comportamento humano. “Vaso ruim não quebra” não fala de vasos, e sim do caráter das pessoas. Kleiber destaca que a forma do ditado é semelhante à do provérbio, com a diferença apenas no traço [+/- H], isto é, o provérbio é [+H], refere-se à situação humana e o ditado é [- H].

Tal distinção traçada por esse autor leva Lysardo-Dias (2001) a dizer que a diferença entre o provérbio e o ditado é que o primeiro é metafórico e o segundo composicional²⁷. A meu ver, não se trata disso. O provérbio metafórico ocorre quando o sentido composicional seria [-H]. No entanto, quando o sentido composicional já é [+H], não há propriamente metáfora. Por exemplo, no provérbio “A justiça tarda, mas não falha” não há metáfora, talvez haja sinédoque²⁸ – o que, aliás, se relaciona à genericidade.

²⁶ Gresillon e Maingueneau (1984) expõe uma situação hipotética semelhante: “Suponhamos que em uma discussão entre cristãos, alguém enuncia, com uma entoação específica, uma frase de Cristo, sem indicar a fonte, mas apostando que ela será reconhecida (nos dois sentidos da palavra) por seus alocutários.” [“Supposons qu’au cours d’une discussion entre chrétiens quelqu’un énonce avec une intonation spécifique une phrase du Christ, sans indiquer la source mais en pensant bien qu’elle sera reconue (aux deux sens du mot) par ses allocutaires.”] (p. 114).

²⁷ Greimas (1975 [1970]) também havia postulado esse traço como a diferença entre provérbios e ditados. Gatti (2008) se baseia nessa distinção de Greimas. Já Obelkevich (1996[1985]), em uma análise com a qual concordo, não considera a metaforicidade como característica necessária ou distintiva do provérbio, e dá como exemplo o provérbio “Absences makes the heart grow fonder” (p. 45).

²⁸ Kleiber (2000: 57) assinala esse aspecto e remete aos estudos de Meyer, 1995 e Delhay, 1997.

Outra ressalva que, a meu ver, poderia ser feita a respeito da distinção [+/- H] é que os ditados, por exemplo os meteorológicos, não dizem respeito ao clima em si, mas à relação que o homem terá com esse clima. Por isso, os ditados meteorológicos são muitas vezes considerados agrícolas, e estão em desuso nos centros urbanos. Então, considero que seria mais exato dizer que o traço [+/- H] diz respeito a uma conduta humana e não a uma situação humana.

Para Kleiber, o conteúdo semântico do provérbio é implicativo, isto é, o provérbio diz respeito a uma ação ou comportamento humanos que levam a uma consequência ou a uma reação. A questão seria relacionar como o triplo estatuto do provérbio (seu caráter polilexical (frástico), denominativo e sua genericidade) se ligam com o sentido implicativo. Os provérbios têm um sentido próprio? Apesar da heterogeneidade da categoria, que poderia dar margem às abordagens ditas “pessimistas”, Kleiber acredita que sim. Afinal, há uma competência semântica (e também formal, como mostra Anscombe) para identificar o que é e o que não é provérbio, e isso é possível ser feito à parte de qualquer contexto.

Alguns autores, como Christine Michaux (1998; 1999) consideram uma análise puramente linguística muito limitada para a descrição do provérbio, pois uma descrição semântica não alcança sua dimensão discursiva. No entanto, julgo que uma descrição formal do provérbio não é incompatível com uma análise discursiva, pelo contrário, ela é até necessária. Certamente considero relevante verificar o funcionamento proverbial em discursos específicos, como farei nesta tese com o rap nacional, mas penso ser possível caracterizar, ao menos parcialmente, o provérbio independentemente de seu funcionamento em discursos específicos, como se faz com a nominalização ou como Jacqueline Authier-Revuz fez a respeito da heterogeneidade mostrada, estudo que, tenho quase certeza, não terá sua validade negada por nenhum analista do discurso.

O caráter semântico implicativo do provérbio, conforme caracterizado por Kleiber, postula que os provérbios podem ser glosados assim: se um homem é envolvido em determinada situação, estado ou processo, então ele estará, por consequência, nesta outra determinada situação. Vejamos como o caráter implicativo do provérbio se dá em alguns exemplos do português, utilizando os princípios de Kleiber para analisar três

provérbios conhecidos: “Quem tem telhado de vidro não joga pedra no vizinho” diz que se a pessoa tem algum defeito ou fragilidade (“telhado de vidro”) por consequência não deve apontar os defeitos e fragilidades (“joga pedra”) dos outros (“no vizinho”); “Jamais vencerá a luta quem se puser dos dois lados” diz que, se uma pessoa não define em qual lado está em uma disputa, consequentemente não tem chance de vencer essa disputa; “Macaco velho não mete a mão em cumbuca” diz que, se a pessoa é experiente (“macaco velho”), consequentemente não cairá em armadilhas (esse provérbio evoca uma fábula segundo a qual um macaco meteu a mão em uma cumbuca para pegar a comida que estava dentro dela e depois ficou com a mão presa, pois não queria soltar a comida, mas a mão fechada não passava pela boca da cumbuca). Nas palavras de Kleiber:

A referência virtual (Milner, 1978) dos provérbios, isto é, as situações às quais ele pode convir, são uma constante referencial que responde à estruturação semântica proposta para definir o sentido próprio à categoria parêmica: qualquer que seja o provérbio, quando elencamos uma situação particular destinada a ilustrar seu sentido ou mostrar em que caso ele é pertinente ou pode ser empregado, essa situação se deixa sempre decompor em uma parte que coloca em relevo um ou os homens em tal ou tal circunstância e uma segunda parte que é apresentada como sendo ou podendo ser a consequência da primeira.²⁹ (p. 53)

Portanto, com base no conceito de implicação de Kleiber, concluo que o caráter implicativo do provérbio leva a que ele seja uma espécie de preleção, aviso, quando enunciado antes da implicação ocorrer, e uma espécie de explicação e esclarecimento, quando enunciado depois da implicação ocorrer.

Retomando a questão da metaforicidade do provérbio, notemos que, dos três provérbios analisados acima, apenas o primeiro e o último têm o sentido denominativo metafórico, pois seus sentidos composicionais falam de telhados e macacos. O segundo, que fala de um comportamento humano (posicionar-se em uma luta), não tem

²⁹ “La référence virtuelle (Milner, 1978) des proverbes, c’est-à-dire les situations auxquelles ils peuvent convenir, font apparaître une constante référentielle qui répond à la structuration sémantique proposée pour définir le sens propre à la catégorie parémique: quel que soit le proverbe, lorsqu’on avance une situation particulière destinée à illustrer son sens ou montrer dans quel cas il est pertinent ou peut s’employer, cette situation se laisse toujours décomposer en une partie qui met en avant un ou des hommes dans telle ou telle circonstance et une autre partie qui est présentée comme étant ou pouvant être la conséquence de la première. (p. 53)

necessariamente o sentido metafórico, a menos que postulamos que a “luta” em questão não é uma guerra ou batalha, e sim as pelejas do dia-a-dia. Mas o sentido de luta não é restrito a guerras, e as lutas do dia-a-dia, situações em que esse provérbio normalmente é empregado, também são lutas.

O exemplo analisado por Kleiber, “Qui ame bien, châtie bien” é parafraseado, ressaltando seu caráter implicativo, como: “a propósito dos homens, se eles amam bem, eles castigam bem”³⁰ (p. 49). Também aqui não há metáforas. Através desse exemplo e dessa paráfrase, o autor deixa claro que o sentido implicativo do provérbio não funciona como um predicado atribuído aos homens, e sim como uma situação geral e generalizante. Portanto, “os provérbios são frases genéricas em que o conteúdo semântico corresponde sempre a uma implicação”³¹ (p. 49). Para o autor, o sentido implicativo, que é inferido, é o molde semântico do provérbio. Para uma frase genérica poder se proverbializar, é preciso que haja possibilidade de ser [H+] e de ser implicativa.

Finalizando seu artigo, Kleiber lança a hipótese de que o sentido implicativo do provérbio pode ser um hiperônimo de seu sentido composicional, que Kleiber chama de literal. Caberia discutir qual o “sentido literal” de um provérbio. Baseando-me nas análises de Possenti (2002b), o sentido literal de um provérbio poderia ser o denominativo (que é o mais frequente). O sentido composicional, para um provérbio, é aquele que tem que ser recuperado, o que implica uma desproverbialização, através de uma desopacificação do sentido composicional latente. Portanto, embora os enunciadores digam “literalmente”, quando vão desproverbializar um provérbio com intenções humorísticas (cf. item 1.2.2), tecnicamente esse poderia não ser o sentido literal.

Desviando-nos dessa discussão sobre sentido literal, mas assinalando que é tema de menos debates do que mereceria, examinemos a proposta de que o sentido implicativo denominativo do provérbio é um hiperônimo para seu sentido implicativo composicional. O esquema funcionaria melhor para os provérbios não-metafóricos, ou seja,

³⁰ “À propos des hommes, s'ils aiment bien, ils châtient bien” (p.49).

³¹ “les proverbes sont des phrases génériques dont le contenu sémantique correspond toujours à une implication”(p. 49).

em que o sentido composicional já é [+H], como “Casa de ferreiro, espeto de pau”³², cujo sentido composicional seria hipônimo do seguinte hiperônimo: os saberes profissionais ou habilidades de uma pessoa normalmente não são empregados em sua própria casa ou entorno. Nos provérbios metafóricos – cujo sentido composicional é [-H] –, há um passo a mais nesse processo. Por exemplo, “É de pequenino que se torce o pepino”, passa por uma interpretação metafórica para chegar a seu sentido denominativo. É preciso que a interpretação seja [+H] e, portanto, não estamos falando de pepinos e sim de crianças. O sentido implicativo do hiperônimo seria algo como: é preciso educar (formar, moldar) o caráter da criança desde cedo.

Kleiber sugere que, através da hipótese da hipo/hiperonímia, dois caminhos se abrem no campo paremiológico e restam sugeridos: investigar por que as situações hiperonímicas, apesar de conhecidas, justificam que haja sua denominação através do sentido implicativo composicional do provérbio; e verificar como as situações hiponímicas tem um papel de fiadoras da verdade, na medida em que correspondem a uma “verdade universal” – nas palavras de Kleiber – enquanto as situações hiperonímicas sugeridas têm apenas um estatuto de “geralmente verdadeiro”. O segundo caminho a seguir pode ser uma boa resposta para a dúvida levantada pelo primeiro.

1.3. A enunciação proverbial

Apesar de ser interessante e, a meu ver, necessário debruçar-se sobre a palavra proverbial, a fim de examinar suas regularidades formais, esse percurso não é suficiente. Os pesquisadores que se dispuseram a fazer uma análise enunciativa ou discursiva dos provérbios destacam esse aspecto, por exemplo, nas seguintes passagens:

³² Um pedreiro que conheci, contando sobre uma laje mal-feita que construíra em sua própria casa, argumentou: “Você sabe, né, ‘casa de pedreiro, espeto de pau’”. Acho um dado interessante sobre apropriação e uso dos provérbios. Duas hipóteses de análise se abrem: o pedreiro estaria “intencionalmente” desproverbializando a fórmula proverbial, visando o humor e/ou ele considera suficiente somente “evocar” uma parte do provérbio – “casa de (...), espeto de pau” para já sugerir sua interpretação hiperonímica, e insere um dado “composicional” – sua própria profissão e assunto que estava sendo abordado na conversa (a má qualidade de uma obra de construção que fizera). É interessante que a troca de profissões não influencia a rítmica e a rímica do provérbio (“pedreiro” por “ferreiro”), talvez isso seja uma das condições para que a mudança seja possível.

Definir o provérbio a partir de suas características formais, que com certeza lhe são peculiares, não é suficiente para explicar o que faz de um enunciado um provérbio. Ou seja, há enunciados com as mesmas características estruturais do provérbio mas que não são provérbios, como os slogans publicitários (“Quem experimenta compra”³³), os títulos de reportagem (“Pequenos grampos, grandes negócios”³⁴), e outros. (Lysardo-Dias, 2001: 19)

Parece-me que, enquanto linguagem e cultura “popular”, os provérbios serão compreendidos no âmbito de uma teoria da linguagem poética como enunciação, em uma linguística da enunciação e do discurso. (Meschonic, 1976: 419)³⁵

(...) importa ressaltar que o estudo dos provérbios fora do âmbito da enunciação, a despeito de necessário, é insuficiente (...). (Rocha, 1995: 13)

Refletimos sobre a possibilidade de se observar o funcionamento enunciativo proverbial dentro de sua materialidade lingüística e discursiva, ao invés de abordar a forma proverbial isoladamente com fins meramente ilustrativos nesta ou naquela teoria. (Santos, 2004: 13)

Concordando com esses posicionamentos, passarei a refletir sobre o que caracteriza a enunciação proverbial para, a partir do capítulo 2, analisar o funcionamento de um corpus específico, constituído pelas práticas discursivas dos Racionais MCs, que tem a enunciação proverbial como uma de suas marcas centrais.

1.4. A relação dos provérbios com outros textos

Uma característica especial dos provérbios é que eles sempre ocorrem inseridos em textos maiores, mas mantêm uma relativa autonomia com relação a esses textos que os “recebem”. Essa autonomia é sintática, por se constituírem como frases genéricas – isto é, sem dêiticos que as liguem à situação imediata ou sujeitos identificados – e também de

³³ “Slogan da publicidade da KIA MOTORS, publicada na Revista Veja, em 15/10/1997.” (Lysardo-Dias, 2001: 19).

³⁴ “Título de matéria publicada na revista Veja, em 23/12/1998, p. 110.” (Lysardo-Dias, 2001: 19).

³⁵ “Il me semble que, langage et culture ‘populaires’, les proverbes seraient à prendre dans une théorie du langage poétique comme énonciation, dans une linguistique de l’énonciation, et du discours”. (Meschonnic, 1976: 419)

sentido. Entendemos um provérbio enunciado isoladamente, mas quando de sua enunciação real, seu sentido se projeta porque a situação genérica que ele evoca, enquanto denominação, é “aplicada”, ou talvez seja melhor dizer “alimentada” (retro-alimentada) por aquela situação específica.

Portanto, é interessante examinar até que ponto vai essa autonomia dos provérbios e, mais do que isso, discursivamente, quais os efeitos de sentido de um enunciado apresentado como autônomo. Além de autônomo, anônimo.

Anscombe (2000), para analisar a relação dos provérbios com outros textos, recorre ao conceito de *intertexto* que ele diz ter “tomado emprestado da análise literária”³⁶ (2000: 20), propondo “que há intertextualidade em um texto T na medida em que T não puder ser compreendido sem fazer intervir um outro texto T’.” E diz que falará de “intertextualidade **forte** se T’ está explícito ou ao menos explicitável, e de intertextualidade **fraca** se T apenas sugere a existência de T’” (2000: 20).³⁷

Embora pudesse ser interessante analisar a intertextualidade **forte** e **fraca** com os parâmetros que Anscombe sugere, sua análise desse ponto não deixa de ser um pouco decepcionante. Dá, como exemplo de intertextualidade forte, para o texto T: “Bugs Bunny é um coelho, mas não come cenouras”, o texto T’: “Os coelhos comem cenouras”.³⁸ (p. 20).

Não me parece acrescentar muito a essa análise chamá-la de intertextualidade **forte**. A velha análise semântica do pressuposto dá conta perfeitamente de casos como esse. Claro que, caminhando para a ideologização, quando os coelhos e as cenouras serão outros, é fundamental ver esse fenômeno como pré-construídos. O enunciado “Bugs Bunny é um coelho, mas ele não come cenoura” apresenta como uma verdade o já-dito (pré-construído) – nesse caso, até um lugar comum - “coelhos comem cenouras”³⁹. Compreender e concordar com o que foi dito a respeito de “Bugs Bunny” passa por uma etapa de aceitar seu pré-construído.

³⁶ “empruntées à l’analyse littéraire” (Anscombe, 2000: 20). Ele cita Bakhtin (1965), Genette (1982) e Riffaterre (1980).

³⁷ “qu’il y a une intertextualité dans un texte T lorsque T ne peut se comprendre q’en faisant intervenir un autre texte T’.” “intertextualité **forte** si T’ est explicite ou à tout le moins explicitable, et d’intertextualité **faible** si T ne fait intervenir que l’existence de T’”(p.20).

³⁸ T: “Bugs Bunny est un lapin, mais il ne mange pas de carottes.”; T’: “Les lapin mangent des carottes.”.

³⁹ Certamente a noção de pré-construído não coincide com proposições. Portanto, o uso dessa proposição “os coelhos comem cenouras” representa esse lugar comum a respeito dos coelhos.

O intuito de Anscombe nesse ponto é explicar alguns provérbios que “resistem” à análise conforme o modelo rítmico que ele esboça nesse artigo (para o qual evoca a necessidade de posterior desenvolvimento). Então explica que, atualmente, podemos enunciar “metades” de provérbios, como “para bom entendedor...” ou “em terra de cegos...” que a intertextualidade **forte** será responsável por evocar seus complementos adequados no entendimento do ouvinte/leitor: “meia palavra basta” ou “quem tem um olho é rei”. A tendência de recitar apenas meio provérbio leva a que provérbios “pela metade” se tornem o novo texto mínimo. Então, hoje, em francês, “À chacun son métier” é considerado, na França, um provérbio, embora sua forma não se encaixe na bipartição e nem na estrutura rímica ou aliterada proposta por Anscombe. Isso porque seu complemento, que fazia dele um provérbio “dentro dos moldes”, se perdeu: “...et les vaches seront bien gardées”⁴⁰.

Então, do mesmo modo como vemos um provérbio se resumir, pode ter acontecido que algo que era um texto mínimo (um pequeno conto ou fábula) tenha se resumido em um provérbio, que, por sua vez, vá se resumir em um “meio-provérbio”.

Todos os que estudam provérbios em corpus se deparam com essa citação de partes de um provérbio (normalmente de uma de suas metades, no caso dos provérbios bipartidos). Lysardo-Dias (2001) verifica muitas dessas enunciações de “meios-provérbios” em seu corpus, e para o corpus de Gatti (2007; 2008) essa é quase uma premissa, uma vez que o autor analisa provérbios alterados, e a modificação de metade de um provérbio é um procedimento importante de “subversão” de provérbios, conforme postulam Gresillon e Maingueneau (1984). A enunciação de “meios-provérbios” também ocorrerá nos Racionais MCs, conforme veremos no capítulo seguinte.

É importante considerar esses provérbios “resumidos”, pois esse é um dos procedimentos da proverbialização. No entanto, há outras abordagens para o fenômeno da intertextualidade nos provérbios, que podem ser mais interessantes.

⁴⁰ Uma tradução possível desse provérbio poderia ser “Cada um faz sua parte e as vacas serão bem cuidadas”. Não conheço provérbio equivalente em português.

1.4.1. Intertextualidade e o “gênero proverbial”

Dylia Lysardo-Dias (2001), em sua tese sobre o uso de provérbios em notícias de jornal, propõe a categoria de gênero proverbial, que teria a particularidade de sempre estar inserido dentro de outros gêneros, isto é, de sempre promover uma intertextualidade entre gêneros onde quer que apareça. Nesse sentido, a autora complementa que o gênero proverbial, como contraponto a sua relativa autonomia de enunciado generalizante, projeta seu sentido quando inserido em um outro texto.

Marie-Louise Ollier (1976) assinala algo parecido quando menciona “a importância desse duplo aspecto do provérbio: de constituir um enunciado autônomo, e de somente funcionar em ruptura com esta autonomia, em sua ligação necessária a um discurso que o integre”⁴¹(p. 331).

Para Anscombe (2000), um provérbio é uma enunciação auto-suficiente uma vez que não requer enunciações anteriores ou posteriores para ser um discurso completo. É um texto mínimo, irreduzível. O uso do termo “discurso”, por Anscombe, visa não ater a enunciação proverbial ao limite da frase, pois há provérbios e, principalmente, ditados que são maiores que uma frase. O autor também afirma que, para algumas épocas, é difícil distinguir provérbios do texto em que aparecem e até lança a hipótese de que fábulas inteiras pudessem ser um texto mínimo em outras épocas, ao invés de apenas seu resumo em forma de moral da história que pode lhe ter sido atribuído depois. Também menciona que, em algumas culturas africanas, o conto ocupa um lugar semelhante ao do provérbio em nossa sociedade. Mas essas remissões a outras épocas e culturas são feitas apenas rapidamente, como exemplos auxiliares. Portanto, a brevidade não é um traço fundamental do provérbio, mesmo o sendo em nossa época e em nossa cultura.

A autonomia do provérbio frente ao lugar que ocupa no texto em que aparece também é evocada por Anscombe, que diz que o provérbio pode ser inserido em praticamente todos os lugares sintáticos de uma frase, desde que não viole algumas regras fundamentais.

⁴¹ “L’importance de ce double trait du proverbe: de constituer un énoncé autonome, et de ne fonctionner qu’en rupture de cette autonomie, dans son lien nécessaire à un discours qui l’intègre”.

É interessante a postulação de Lysardo-Dias (2001) de que o sentido proverbial só se completará no uso efetivo, ponto em que ela questiona a suposta autonomia proverbial. Tal questionamento já se ouvira em Meschonic (1976), quando afirma que “entre o provérbio empregado em discurso e o provérbio como parte de um dicionário ou de uma lista de provérbios, a relação é a mesma que entre um segmento de discurso e uma palavra em uma lista alfabética em um dicionário de palavras”⁴² (p. 426)

Mas quanto à pertinência de um “gênero proverbial”, mais interessante é a ideia de Maingueneau de que os enunciados destacados, dos quais os provérbios fariam parte, almejem uma posição “que excede qualquer gênero” (2006b: 90). Nesse sentido, ao postular a categoria de “gênero proverbial” na explicação do funcionamento dos provérbios, poderíamos não observar que se caracterizam por, entre outras coisas, pretenderem estar acima dos gêneros, se quiserem autônomos, sempre verdadeiros, absolutos.

Maingueneau (2007) destaca que o essencial é não perder essa tensão entre o enunciado destacado, que se pretende fora dos textos e dos gêneros – no termo de Anscombe (2000) “autônomo” – e os textos que citam esses enunciados, que são localizados no tempo e no espaço.

Portanto, a visão discursiva que proponho da relação entre a parêmia e os textos que a acolhem passa por considerá-la um recurso que produz um efeito de sentido de “verdade absoluta”, “fala imemorial”, “enunciado de autoridade” para seus enunciados. Nesse sentido, estudá-la em um discurso seria semelhante a estudar a nominalização, por exemplo. Esse recurso é utilizado pelos textos dentro de determinados discursos, sendo que alguns os utilizam mais outros menos, por características próprias das diferentes discursividades. Nos próximos dois capítulos, analisarei o funcionamento discursivo da parêmia no corpus.

⁴² “Entre le proverbe employé dans le discours et le proverbe figurant dans un dictionnaire ou une liste de proverbes, le rapport est le même qu’entre un segment de discours et un mot à sa place alphabétique dans un dictionnaire de mots.”

Capítulo 2

Provérbios e outras formas fixas nos Racionais MCs

2.1. Organizando o corpus

Neste capítulo, analisarei a ocorrência de provérbios nas letras e no material gráfico dos discos, CDs e DVD dos Racionais MCs. Para isso, apresentarei uma tabela que organiza essas ocorrências e, em seguida, me deterei sobre as principais conclusões a partir de seu exame. Serão incluídos nessa tabela apenas os elementos linguísticos cristalizados que não estão tendo seu sentido questionado pelo rap. As ocorrências de desautorizações serão examinadas no capítulo 3.

Na organização da tabela, levei em consideração não somente os provérbios que ocorreram no corpus, mas também outras formas breves, por considerar que têm um funcionamento parecido. Apesar de ter selecionado também outras formas breves, elas serão distinguidas das ocorrências proverbiais através de uma classificação entre parênteses na quinta coluna da tabela.

Serão identificados, dentre as formas breves: os provérbios, as frases tautológicas, as frases fixas de sabedoria, as frases fixas exclamativas, as citações bíblicas, as parlendas, os slogans, os bordões, as fórmulas fixas e as expressões fixas (também chamadas de expressões proverbiais). Todas essas formas breves – umas mais, outras menos - são passíveis de serem confundidas, nas coletâneas de provérbios, com os provérbios.

A tabela se organiza da seguinte forma: na primeira coluna, está o número da ocorrência, para que possa ser retomada nas análises posteriores. Na segunda coluna, está a identificação do disco, CD ou DVD em que ocorre. Cabe ressaltar que as ocorrências foram organizadas na ordem cronológica em que aparecem nos trabalhos dos Racionais. Então, temos primeiro o primeiro disco e, dentro desse subgrupo, as ocorrências aparecem na ordem em que as faixas estão no disco. A terceira coluna indica justamente em que faixa se

dá a ocorrência, e no caso de mais de uma ocorrência por faixa, também segui a ordem cronológica. O objetivo da organização cronológica e da existência das colunas dois e três é poder analisar se há ou não alguma regularidade na ocorrência de formas breves comparando-se os diferentes trabalhos e fases dos Racionais. Na quarta coluna, está o verso (ou os versos) em que ocorre a forma breve. Optei por colocar também o verso com o qual aquele que contém a forma breve faz rima, uma vez que, conforme será analisado, isso influenciará, entre outros aspectos, o léxico e a ordem das palavras na ocorrência. No caso de a forma breve não estar em partes versificadas do rap – pois, eventualmente, há trechos em prosa nas letras -, transcrevi a frase inteira em que ocorre, ou até um co-texto maior, caso eu tenha considerado significativo. Ainda na quarta coluna, identifiquei o MC ou DJ que profere o trecho no rap em questão, também a fim de verificar possíveis regularidades. Na quinta coluna, está a formulação convencional da forma breve em questão. Por vezes, foi necessário inserir mais de uma formulação convencional (as variações), uma vez que a ocorrência no rap pode ter fundido duas variações. Por último, a quinta coluna contém, entre parênteses, a classificação da forma breve.

n.	Disco, CD ou DVD	faixa	Formulação no corpus	Formulação(ões) convencional(ais) da forma breve
1	Holocausto Urbano, 1990	Pânico na zona sul	Blue- É...a nossa vida continua, e aí quem se importa? Brown- A sociedade sempre fecha as portas mesmo, cara...	A vida continua. (frase fixa de sabedoria)
2	Holocausto Urbano, 1990	Pânico na zona sul	Brown- Honestidade nunca será demais Sua moral não se ganha, se faz	Tudo o que é bom nunca é demais. (provérbio)
3	Holocausto Urbano, 1990	Beco sem saída	Beco sem saída (título e refrão)	Estar em um beco sem saída. (expressão fixa)
4	Holocausto Urbano, 1990	Hey boy	Brown- Se eu não fico esperto, trancam minha vaga O que você fizer, aqui mesmo você paga	Aqui se faz, aqui se paga. (provérbio)
5	Holocausto Urbano, 1990	Tempos difíceis	Tempos difíceis (título e refrão)	Tempos difíceis! (frase fixa exclamativa)
6	Holocausto Urbano, 1990	Tempos difíceis	Rock- Agora em quatro segundos irei dizer um ditado Tudo que se faz de errado aqui mesmo será pago	Aqui se faz, aqui se paga. (provérbio)
7	Escolha seu caminho, 1992	Título do disco	Escolha seu caminho	Escolha seu caminho. (frase fixa de sabedoria)
8	Escolha seu caminho, 1992	Capa do disco	Diga não a violência e as drogas	Diga não à violência! (slogan)
9	Escolha seu caminho, 1992	Capa do disco	Diga não a violência e as drogas	Diga não às drogas! (slogan)
10	Escolha seu caminho, 1992	Voz Ativa	Brown- A sabedoria de rua vale muito e não se aprende nas escolas e tal.	Samba não se aprende na escola. (frase fixa de sabedoria)

11	Escolha seu caminho, 1992	Negro Limitado	“Limitado” - Hei, DJ, pode crer, tem tudo a ver, não é não! Aí, Racionais, fio da navalha, pode contar comigo. É isso aí, valeu. Rock - Falou, pela ordem!	Fio da navalha. (expressão fixa)
12	Raio X do Brasil, 1993	Parte II	Rock - Come e cospe no mesmo prato que usa Ela tem duas, três caras, chega até uma dúzia e suga	Não cuspa no prato em que comeu. (provérbio)
13	Raio X do Brasil, 1993	Parte II	Rock - Mulher de aliado meu eu considero homem	Mulher de amigo meu é homem. (provérbio)
14	Raio X do Brasil, 1993	Parte II	Rock - Mulher de mano meu é mesma coisa que homem	Mulher de amigo meu é homem. (provérbio)
15	Raio X do Brasil, 1993	Parte II	Rock - Quer tudo na palma da sua mão A faca, o queijo, o pão e muito mais então	Estar com a faca e o queijo na mão. (expressão fixa)
16	Raio X do Brasil, 1993	Parte II	Rock - Ajoelhou Blue - Agora tem que rezar!	Ajoelhou, tem que rezar. (provérbio)
17	Raio X do Brasil, 1993	Parte II	Rock - Não se esqueça, se você ajoelhar Blue - Você vai ter que rezar!	Ajoelhou, tem que rezar. (provérbio)
18	Raio X do Brasil, 1993	Parte II	Rock - Inocente ou culpado Blue - Você vai ter que rezar!	Ajoelhou, tem que rezar. (provérbio)
19	Raio X do Brasil, 1993	Parte II	Rock - Em poucos amigos se pode confiar Mulher, então, menos se pode contar	Não confie em casa velha nem em amigo novo. (provérbio) Não confie em mulher. (frase fixa de sabedoria)
20	Raio X do Brasil, 1993	Parte II	Rock - Fique de olho na sua mulher, fique atento Mesmo sendo de mil anos, confie apenas 50 por cento	Não confie em mulher. (frase fixa de sabedoria)
21	Raio X do Brasil, 1993	Mano na porta do bar	Brown - Pra mim não tem problema nenhum Por mim, cada um, cada um	Cada um, cada um. (provérbio)
22	Raio X do Brasil, 1993	Mano na porta do	Amigo - Qual que é? Não estou te entendendo, explica isso aí direito...	Tempo é dinheiro. (provérbio)

		bar	“Aquele Mano” - Movimento é dinheiro, meu irmão...Você nunca me deu nada!!!	
23	Raio X do Brasil, 1993	Mano na porta do bar	“Aquele Mano” - Negócio é negócio, dever pra mim é a mesma coisa que dever pro capeta.	Negócio é negócio, amigos à parte. (provérbio)
24	Raio X do Brasil, 1993	Mano na porta do bar	Brown - A lei da selva é traiçoeira: surpresa Hoje você é o predador, amanhã é a presa	Um dia é da caça, outro do caçador. (provérbio)
25	Raio X do Brasil, 1993	Júri Racional	Rock - Existe um velho ditado do cativo que diz Que o negro sem orgulho é fraco e infeliz Como uma grande árvore que não tem raiz	Um povo sem memória é como uma árvore sem raiz. (provérbio) Um povo sem passado é como a árvore sem raiz. (provérbio)
26	Raio X do Brasil, 1993	Fio da Navalha	Fio da Navalha (título)	Fio da navalha. (expressão fixa)
27	Sobrevivendo no Inferno, 1997	capa	“Refrigere minha alma e guia-me pelo caminho da justiça” Salmo 23 cap. 3	Refrigera minha alma, guia-me no caminho da justiça. (citação bíblica – Salmo 23, 3)
28	Sobrevivendo no Inferno, 1997	contra-capas	“E mesmo que eu ande no vale da sombra e da morte não temerei mal algum porque tu estás comigo” Salmo 23 cap. 4	Ainda que eu ande pelo vale da sombra e da morte, não temerei mal nenhum porque tu estás comigo. (citação bíblica – Salmo 23, 4)
29	Sobrevivendo no Inferno, 1997	Capítulo 4, versículo 3	Brown - Uni, duni, tê. Eu tenho pra você: Um rap venenoso ou uma rajada de PT?	Uni, duni, tê Salamê mingüê O sorvete colorê O escolhido foi você (parlenda – fórmula de escolha)
30	Sobrevivendo no Inferno, 1997	Capítulo 4, versículo 3	Brown - Veja bem, ninguém é mais que ninguém Veja bem, veja bem, eles são nossos irmãos também	Ninguém é mais que ninguém. (provérbio)
31	Sobrevivendo no Inferno,	Rapaz comum	Rock - Meu Deus! Eu não sei mais o que é pior Mentir a vida toda pra si mesmo	Errar é humano, insistir no mesmo erro é burrice. (provérbio)

	1997		Ou continuar e insistir no mesmo erro Me lembro de um fulano: Homem- Mata esse mano! Rock- Será que errar dessa forma é humano? Errar a vida inteira é muito fácil Pra sobreviver aqui tem que ser mágico	
32	Sobrevivendo no Inferno, 1997	Diário de um detento	Brown- Cada detento uma mãe, uma crença Cada crime uma sentença	Cada cabeça uma sentença. (provérbio)
33	Sobrevivendo no Inferno, 1997	Diário de um detento	Brown- Acendo um cigarro vejo o dia passar Mato o tempo pra ele não me matar	Mate o tempo pra ele não te matar. (provérbio)
34	Sobrevivendo no Inferno, 1997	Diário de um detento	Brown- Homem é homem, mulher é mulher Estuprador é diferente, né?	Homem é homem, mulher é mulher. (frase tautológica)
35	Sobrevivendo no Inferno, 1997	Diário de um detento	Brown- O Senhor é meu pastor, perdoe o que seu filho fez Morreu de bruços no Salmo 23	O senhor é meu pastor e nada me faltará. (citação bíblica - Salmo 23)
36	Sobrevivendo no Inferno, 1997	Periferia é periferia (em qualquer lugar)	Periferia é periferia (título e refrão)	Periferia é periferia. (frase tautológica)
37	Sobrevivendo no Inferno, 1997	Periferia é periferia (em qualquer lugar)	Sample- Aqui, meu irmão, é cada um por si	Cada um por si e Deus por todos. (frase fixa de sabedoria)
38	Sobrevivendo no Inferno, 1997	Qual mentira vou	Blue- Ela era princesa, eu era o plebeu Quem é mais foda que eu, espelho, espelho meu?	Espelho, espelho meu Existe alguém mais bela do que eu? (fórmula fixa - dúvida)

		acreditar		
39	Sobrevivendo no Inferno, 1997	Qual mentira vou acreditar	Rock- Eu não confio nem em minha própria sombra quando eu saio	Não confiar nem na própria sombra. (expressão fixa)
40	Sobrevivendo no Inferno, 1997	Mágico de Oz	Rock- E fama, grana suja como vem, vai, não me engana	Dinheiro, assim como vem, vai. (provérbio)
41	Sobrevivendo no Inferno, 1997	Fórmula mágica da paz	Brown- Lembro de quando era pequeno, eu e os cara Blue- Faz tempo Brown- E o tempo não pára	O tempo não pára. (frase fixa de sabedoria)
42	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Título do álbum duplo	Nada como um dia após o outro dia	Nada como um dia após o outro. (provérbio)
43	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Título de cada um dos CDs	Chora agora Ri depois	Chora agora, ri depois. (provérbio)
44	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Sou + você	Brown- Vamos acordar, porque o Sol não espera.	O Sol da manhã não dura pra sempre. (provérbio)
45	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora	Sou + você	Brown- A preguiça é inimiga da vitória.	A preguiça é inimiga do homem. (provérbio)

	agora			
46	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Sou + você	Brown- O fraco não tem espaço	Os fracos não têm vez. (frase fixa de sabedoria)
47	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Sou + você	Brown- O covarde morre sem tentar.	O covarde morreu sem tentar. (frase fixa de sabedoria)
48	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Sou + você	Brown- Não vou te enganar, o bagulho tá doido, ninguém confia em ninguém, nem você.	Não confie em ninguém. (frase fixa de sabedoria)
49	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Sou + você	Brown- Os inimigo vem de graça.	Inimigo é de graça. (provérbio)
50	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Sou + você	Brown- Você é do tamanho do seu sonho	O homem é do tamanho do seu sonho. (frase fixa de sabedoria)
51	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Sou + você	Brown- Mas lembre-se: aconteça o que aconteça, nada como um dia após o outro dia.	Nada como um dia após o outro. (provérbio)

52	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Vivão e vivendo	Brown- Se eu me perco na noite, eu não me acho de dia. Ei, tentação, dá mais, tia.	Quem se perde na noite, não se acha de dia. (provérbio)
53	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Vivão e vivendo	Brown- Minha mente é um labirinto e meu coração chora. Chora agora, ri depois.	Chora agora, ri depois. (provérbio)
54	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Vida Loka – parte I	Brown- Mano, não devo, não temo, e... dá meu copo que já era.	Quem não deve, não teme. (provérbio)
55	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Vida Loka – parte I	Brown- Fé em Deus, que ele é justo, ei, irmão, nunca se esqueça: Na guarda, guerreiro, levanta a cabeça	Fé em Deus! (frase fixa exclamativa)
56	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Vida Loka – parte I	Brown- Mas verme é verme, é o que é Rastejando no chão, sempre embaixo do pé	Verme é verme. O que é, é. (frase tautológica)
57	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Vida Loka – parte I	Brown- Eu sou guerreiro no rap, e sempre em alta voltagem Um por um, Deus por nós, tô aqui de passagem	Cada um por si, Deus por todos. (frase fixa de sabedoria)
58	Nada como	Vida Loka	Brown- Meu melhor Marvin Gaye, sabadão na	O que será, será. (provérbio)

	um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	– parte I	Marginal O que será, será, é nós, vamos até o final	
59	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Negro Drama	Rock - São poucos que entram em campo pra vencer A alma guarda o que a mente tenta esquecer	A alma guarda o que o coração tenta esquecer. (provérbio)
60	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Negro Drama	Rock - O drama da cadeia e favela Túmulos, sangue, sirene, choros e velas	Não ter choro nem vela. (expressão fixa)
61	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Negro Drama	Rock - Ora, nessa história, vejo o dólar e vários quilates Falo pro mano que não morra e também não mate	Não beba, não corra, não mate, não morra. (slogan)
62	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Na fé firmão	Rock - Pense, vá, raciocine já A profecia diz que o mundo tá pra acabar	O mundo vai acabar! (frase fixa exclamativa)
63	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Na fé firmão	Rock - Mãos ao alto, é um assalto: E-D-I-R-O-C-K	Mãos ao alto, é um assalto! (fórmula fixa - assalto)
64	Nada como um dia após o	Na fé firmão	Rock -Não sou o crime, e nem o creme Mas o meu time não hesita a quem não treme	Ser o crime ou o creme. (expressão fixa)

	outro dia, 2002 – Chora agora			
65	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Na fé firmão	Rock- Pra mim, o rap é o caminho de uma vida A vida é o jogo onde vencer é a única saída	A vida é um jogo. (frase fixa de sabedoria)
66	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Eu sou 157	Brown- Eu só confio em mim, mais ninguém, cê me entende? Falar gíria bem até papagaio aprende	Não confie em ninguém. (frase fixa de sabedoria)
67	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Eu sou 157	Brown- Eu só confio em mim, mais ninguém, cê me entende? Falar gíria bem até papagaio aprende	Falar, até papagaio fala. (provérbio)
68	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Eu sou 157	Brown- Presente de Grego, né?, cavalo de Troia Nem tudo que brilha é relíquia nem joia	Dar um presente de grego. (expressão fixa)
69	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Eu sou 157	Brown- Presente de Grego, né?, cavalo de Troia Nem tudo que brilha é relíquia nem joia	Nem tudo que brilha é ouro. (provérbio)
70	Nada como um dia após o outro dia,	Eu sou 157	Brown- Irmão, quando ele falou um quilo É o deixo, é o milho, a micha caiu	Cair a ficha. (expressão fixa)

	2002 – Chora agora			
71	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Eu sou 157	Brown- Traidor, Cobra-Cega, pensou se a moda pega?	Já pensou se a moda pega? (bordão)
72	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Eu sou 157	Brown- Por incrível que pareça, pode ser, ó meu, Do dia de amanhã quem sabe é Deus	Do amanhã, quem sabe é Deus. (frase fixa de sabedoria)
73	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Eu sou 157	Brown- Eu não sei, não vi, não sou, morro cadeado Firmão, deixa eu ir, quem não é visto não é lembrado	Quem não é visto não é lembrado. (provérbio)
74	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Eu sou 157	Brown- Família em primeiro lugar é o que há Juro pra senhora, mãe, que eu vou parar	Família em primeiro lugar. (frase fixa de sabedoria)
75	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	Eu sou 157	Brown- Aí, loko, muita fé naquele que está lá em cima, que ele olha pra todos e todos têm o mesmo valor.	Todos temos o mesmo valor diante de Deus. (frase fixa de sabedoria)
76	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora	Eu sou 157	Brown- Vem fácil, vai fácil; essa é a lei da natureza	Vem fácil, vai fácil. (provérbio)

	agora			
77	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	A vida é desafio	Afro X- Acredito que o sonho de todo pobre é ser rico	Rico tem pesadelo de ficar pobre, pobre tem sonho de ficar rico. (frase fixa de sabedoria)
78	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	A vida é desafio	Afro X- Mas é um dinheiro amaldiçoado, quanto mais eu ganhava, mais eu gastava.	Quanto mais se ganha, mais se gasta. (provérbio)
79	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	A vida é desafio	Rock- Desavença, treta e falsa união A ambição é como um véu que cega os irmão	A ambição cega o coração. (provérbio) A ambição cega a razão. (provérbio)
80	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	A vida é desafio	Rock- Que o caminho da cura pode ser a doença Que o caminho do perdão às vezes é a sentença	A doença é o caminho para a cura. (frase fixa de sabedoria)
81	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	A vida é desafio	Afro X- O aprendizado foi duro, e, mesmo diante desse revés, não parei de sonhar, fui persistente, porque o fraco não alcança a meta.	Os fracos não têm vez. (frase fixa de sabedoria)
82	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	A vida é desafio	Afro X- Por isso que eu, Afro X, nunca deixo de sonhar.	Nunca deixe de sonhar. (frase fixa de sabedoria)

83	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	A vida é desafio	Rock- Qual é a fita, a treta, a cena? A gente reza, foge e continua sempre os mesmos problema	Quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece. (provérbio)
84	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	A vida é desafio	Rock- O certo é certo na guerra ou na paz Se for um sonho, não me acorde nunca mais	O que é certo é certo. (frase tautológica)
85	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	1 por amor, 2 por dinheiro	Blue- Quem tem cu tem medo e treme Mostra a cara, Mister M	Quem tem cu tem medo. (provérbio)
86	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	1 por amor, 2 por dinheiro	Blue- Que estão na guerra sem medo de errar Rosana Bronx - Quem quiser falar, só Deus pode julgar	Só Deus pode julgar. (frase fixa de sabedoria)
87	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	1 por amor, 2 por dinheiro	DJ Nell- Esse som é funk e a frase do dia é: as palavras nunca voltam vazias.	As palavras nunca voltam vazias. (provérbio)
88	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Chora agora	1 por amor, 2 por dinheiro	Rosana Bronx- Vida alheia, ora bola Minha cota eu quero em dólar	Minha parte eu quero em dinheiro. (bordão)
89	Nada como	Otus 500	Rock- Onde cabe um, dois, cabe três	Onde cabe um cabem dois.

	um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois		A dificuldade entra em cena outra vez	Onde cabem dois cabem três. (provérbio)
90	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Otus 500	Rock- É, doutor, seu titanic afundou Quem ontem era caça hoje, pá, é o predador	Um dia é da caça, o outro do caçador. (provérbio)
91	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Crime vai e vem	Rock- Conta com o que ficou e não o que perdeu Quem vive do passado é memória, museu	Quem vive do passado é museu. (provérbio)
92	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Crime vai e vem	Rock- Quem se habilita a debater? Quem cai na rede é peixe, não tem pra onde correr	Caiu na rede é peixe. (provérbio)
93	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Crime vai e vem	Rock- O pobre, o preto, no gueto, é sempre assim O tempo não pára, a guerra não tem fim	O tempo não pára. (frase fixa de sabedoria)
94	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Crime vai e vem	Rock- Muita cautela ainda é pouco Mano armado, traíra, andando que nem louco	Todo cuidado é pouco. (provérbio)
95	Nada como um dia após o	Jesus Chorou	Brown- O que é e o que é? Clara e salgada Cabe em um olho e pesa uma tonelada	O que é? O que é? (fórmula fixa - adivinha)

	outro dia, 2002 – Ri depois			
96	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Jesus Chorou	Brown- Se o barato é louco e o processo é lento No momento, deixa eu caminhar contra o vento	O barato é louco e o processo é lento. (frase fixa de sabedoria)
97	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Jesus Chorou	Brown- Lave o rosto nas águas sagradas da pia Nada como um dia após o outro dia	Nada como um dia após o outro. (provérbio)
98	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Jesus Chorou	Brown- Quem tem boca fala o que quer pra ter nome Pra ganhar a atenção das mulher e de outros homem	Quem tem boca fala o que quer. (provérbio)
99	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Jesus Chorou	Mãe- Olha o tanto que eu sofri, o que eu sou, o que eu fui A inveja mata um, tem muita gente ruim	Inveja mata. (provérbio) A inveja matou Caim. (provérbio)
100	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Jesus Chorou	Brown- Ei, você, seja lá quem for Pra semente eu não vim, então, sem terror	Eu não nasci pra semente. (bordão) Eu não vim pra semente. (bordão)
101	Nada como um dia após o outro dia,	Jesus Chorou	Brown- Trinta moedas um irmão corrompeu Atire a primeira pedra quem tem rastro meu	Quem não tiver pecado que atire a primeira pedra. (citação bíblica - João 8,7)

	2002 – Ri depois			
102	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Jesus Chorou	Brown- Lembrei de um truta meu falar assim: “Não joga pérola aos porco, irmão, joga lavagem Eles prefere assim, cê tem de usar piolhagem”	Não jogues pérolas aos porcos (citação bíblica - Mateus 7,6)
103	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Jesus Chorou	Brown- Se só de pensar em matar, já matou Prefiro ouvir o pastor: Pastor- Filho meu, não inveje o homem violento e nem siga nenhum dos seus caminhos.	Não invejes o homem violento, nem sigas nenhum dos seus caminhos (citação bíblica - Provérbios 3,31)
104	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Jesus Chorou	Brown- Lágrimas molha a medalha de um vencedor Chora agora, ri depois, aí: Jesus chorou	Chora agora, ri depois. (provérbio)
105	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Estilo Cachorro	Amante- Você prometeu que ia ser hoje, lembra? Paulo- Não, vai ser hoje, eu tardo, mas não falho. Amante- Tô daquele jeito pra você.	A justiça tarda, mas não falha. (provérbio)
106	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Estilo Cachorro	Blue- Isso até rima coincidência na pista Vai montar na minha garupa e hasta la vista	Hasta la vista, baby. (bordão (citação de filme))
107	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri	Estilo Cachorro	Brown- Fale o que quiser, o que é, é Verme ou sangue bom, tanto faz pra mulher	O que é, é. (frase tautológica)

	depois			
108	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Estilo Cachorro	Brown- Cai no canto da sereia Vê que ele é firmão igual um prego na areia	Cair no canto da sereia. (expressão fixa)
109	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Estilo Cachorro	Brown- Cai no canto da sereia Vê que ele é firmão igual um prego na areia	Firme igual prego na areia. (expressão fixa)
110	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Vida Loka – parte II	Rock- Vamos brindar o dia de hoje, que o amanhã só pertence a Deus e a vida é loka.	O amanhã pertence a Deus. (frase fixa de sabedoria)
111	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Vida Loka – parte II	Brown- O que tiver que ser será meu Está escrito nas estrela, vai reclamar com Deus	O que tiver que ser, será. (provérbio)
112	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Vida Loka – parte II	Brown- O que tiver que ser será meu Está escrito nas estrela, vai reclamar com Deus	Estar escrito nas estrelas. (expressão fixa)
113	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Vida Loka – parte II	Brown- Quente, é mil grau o que o guerreiro diz O promotor é só um homem, Deus é o juiz	Deus é o juiz. (citação bíblica - Salmo 75,8).

114	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Vida Loka – parte II	Brown- Não importa: dinheiro é puta e abre as porta	O dinheiro abre portas. (provérbio)
115	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Expresso da meia-noite	Rock- Tá no limite, à flor da pele Quem é ferido, com o mesmo ferro sempre fere	Quem com ferro fere, com ferro será ferido. (provérbio)
116	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Expresso da meia-noite	Rock- Ninguém confia em ninguém, é melhor assim Eu nem na minha sombra e nem ela em mim	Não confiar nem na própria sombra. (expressão fixa)
117	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Expresso da meia-noite	Rock- É sempre bom andar ligeiro na calada A vida não é um conto de fada	A vida não é um conto de fada. (frase fixa de sabedoria)
118	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Trutas e quebradas	Blue- Só os fortes sobrevivem.	Só os fortes sobrevivem. (frase fixa de sabedoria)
119	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Trutas e quebradas	Rock- Não sei de nada. No salve, eu amo quem me ama, desprezo o zé-povinho e amo a minha quebrada.	Ama a quem te ama, responde a quem te chama. (provérbio)
120	Nada como	Da ponte	Blue- Nós aqui, vocês lá, cada um no seu lugar,	Cada um no seu lugar. (provérbio)

	um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	pra cá	entendeu? Se a vida é assim, tem culpa eu?	Cada qual no seu lugar. (provérbio)
121	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Da ponte pra cá	Blue- Nós aqui, vocês lá, cada um no seu lugar, entendeu? Se a vida é assim, tem culpa eu?	Tem culpa eu? (bordão)
122	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Da ponte pra cá	Blue- Se é o crime ou o creme, se não deves não teme As perversa se ouriça e os inimigo treme	Ser o crime ou o creme. (expressão fixa)
123	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Da ponte pra cá	Blue- Se é o crime ou o creme, se não deves não teme As perversa se ouriça e os inimigo treme	Quem não deve, não teme. (provérbio) Se não deves, não teme. (provérbio)
124	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Da ponte pra cá	Brown- E a neblina cobre a estrada de Itapecerica [som de sirene] Sai, Deus é mais, vai morrer pra lá, zica	Sai, Deus é mais! (frase fixa exclamativa – ligada a tema tabu, no caso o som da sirene)
125	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Da ponte pra cá	Brown- E a neblina cobre a estrada de Itapecerica [som de sirene] Sai, Deus é mais, vai morrer pra lá, zica	Vai morrer para lá, zica! (frase fixa exclamativa ligada a tema tabu, no caso o som da sirene)
126	Nada como um dia após o	Da ponte pra cá	Brown- Sofrer pra que mais, se o mundo jaz no Maligno	Sabemos que somos de Deus e que o mundo inteiro jaz no Maligno. (citação)

	outro dia, 2002 – Ri depois		Morrer como homem e ter um velório digno	bíblica - I Epístola de João 5,19)
127	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Da ponte pra cá	Brown- Minha meta é dez, nove e meio nem rola Meio ponto às vezes, hum, e morre um Meio certo não existe, tru, o ditado é comum	Meia verdade é mentira inteira. (provérbio)
128	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Da ponte pra cá	Brown- Ser humano perfeito não tem mesmo não Procurada viva ou morta a perfeição	Ninguém é perfeito. (provérbio)
129	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Da ponte pra cá	Brown- “Errare humanum est” grego ou troiano? Latim, tanto faz pra mim, “fi” de baiano	Errare humanum est. (provérbio)
130	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Da ponte pra cá	Brown- “Errare humanum est” grego ou troiano? Latim, tanto faz pra mim, “fi” de baiano	Agradar a gregos e troianos. (expressão fixa)
131	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Da ponte pra cá	Brown- Mas perde a linha fácil, veste a carapuça Esquece esses defeito no seu jaco de camurça	Vestir a carapuça. (expressão fixa)
132	Nada como um dia após o outro dia,	Da ponte pra cá	Brown- Mas não leva a mal, tru, cê não me entendeu Cada um na sua função: crime é crime, eu sou eu	Cada um no seu lugar. (provérbio)

	2002 – Ri depois			
133	Nada como um dia após o outro dia, 2002 – Ri depois	Da ponte pra cá	Brown- Mas não leva a mal, tru, cê não me entendeu Cada um na sua função: crime é crime, eu sou eu	Crime é crime, eu sou eu. (frase tautológica)

2.2. Uma maneira muito especial de inserir as formas fixas

Lysardo-Dias (2001) analisa, em sua pesquisa sobre o uso de provérbios nos textos jornalísticos, aquilo que ela chama de “o provérbio reescrito pelo ‘fio enunciativo’” (pp. 170-174), isto é, quando a forma proverbial é reformulada a fim de ser incorporada ao fio enunciativo do texto jornalístico, sem rupturas. Essa reformulação pode incluir supressão de partes do provérbio original, mudança no tempo verbal, entre outros (um dos exemplos da autora é “Quem riu por último foi Bertelli”).

Fenômeno semelhante ocorre na maioria das ocorrências das formas breves nos raps dos Racionais Mcs, e, posso dizer, de maneira bem mais radicalizada. As formas breves têm estrutura rítmica fixa, muitas vezes aliterações e/ou estruturas rítmicas. O rap – lembremos, uma sigla para ritmo e poesia - também.

A estrutura rítmica do rap é AABBC..., com os versos rimando de dois em dois (há esparsas exceções para essa regra geral). Portanto, trata-se de uma estrutura bipartida, assim como uma grande parte dos provérbios. Também pode haver o que é chamado pela comunidade discursiva do rap de “rima dobrada”, em que aproximadamente no meio do verso há uma palavra que rima com o final do verso, o que duplica a estrutura bipartida.

Quanto à rítmica, também há grande fixidez no rap, embora com grande plasticidade. Explico: todas as bases musicais utilizadas nos raps – ao menos nos brasileiros - são músicas em compasso quaternário. Na grande maioria dos casos, o verso coincide com o compasso, fazendo com que haja um limite rítmico claro, embora ele não seja condicionado à contagem de sílabas, e sim à contagem musical subjacente. Portanto, em tese, não há métrica fixa – se tomarmos o sentido tradicional de métrica da poética, a contagem de sílabas – mas há uma métrica muito fixa, que é dada pelos quatro tempos do compasso⁴³. Portanto, o rap é uma poesia liberta não só do papel, mas também da contagem de sílabas, o que confere uma importância bastante grande ao ritmo vivenciado pelo corpo.

⁴³ Intuitivamente, no início da carreira, Edi Rock associou os quatro tempos do compasso a segundos, conforme podemos verificar na ocorrência 6 da tabela: “Agora em quatro segundos irei dizer um ditado/ Tudo o que se faz de errado aqui, aqui mesmo será pago”.

Quando acontece a inserção das formas breves, caracterizadas por sua estrutura rítmica e rímica subjacente, essa estrutura será englobada pela rímica e rítmica do texto maior, isto é, do rap em que a forma breve ocorre. Essa intertextualidade muito especial está presente na grande maioria das ocorrências organizadas na tabela, estando ausente (ou enfraquecida) apenas quando não são ocorrências cantadas, e sim impressas no material gráfico (caso dos números 7, 8, 9, 26, 27, 28, 42, 43) ou quando fazem parte de trechos falados em prosa nos raps, embora, mesmo nesses casos de fala em prosa, haja por vezes rima e ritmo fixos.

Na grande maioria das ocorrências, portanto, o que há é uma inserção da forma breve no fio enunciativo de uma maneira muito orgânica, o que produz um duplo efeito: do ponto de vista do **tom prosódico**, há uma incorporação das formas breves que enfraquece seu estatuto de termo apartado do co-texto. As fronteiras de métrica e de rima são as do rap, e não as da forma breve, ela passa a compor essas fronteiras maiores. Do ponto de vista do **tom moral**, o caráter de doutrinação, de verdade acima das contingências que caracteriza as formas breves, por, entre outros fatores, sua sentenciosidade e generalidade, alarga suas fronteiras para o rap todo.

Essa inserção muito especial das formas breves produz, por exemplo, a mudança de palavras fixas convencionais, para que a forma a ser inserida no rap contemple a rima do trecho, como nos exemplos analisados a seguir:

(ocorrência 12)

Come e cospe no mesmo prato que usa

Ela tem duas, três caras chega até a uma dúzia e suga

em que o provérbio “não cuspa no prato em que comeu” é inserido no fio enunciativo, no sentido de que falou Lysardo-Dias, pois é a “mulher vulgar”⁴⁴ que, não tendo caráter, descumpra a ordem do provérbio e “come e cospe no mesmo prato que usa”. Isso explica a pessoa, o tempo e o modo dos verbos que foram utilizados (terceira do singular (ela - oculto), presente do indicativo), ao invés da pessoa, tempo e modo do provérbio original (terceira do singular (você – oculto), imperativo negativo, pretérito perfeito do indicativo).

⁴⁴ “Mulheres Vulgares”. *Holocausto Urbano*, 1990 (Anexo 1).

Mas não explica a mudança de ordem das palavras do provérbio nem a inserção do verbo “usar”, originalmente ausente.

Essa mudança só se explica pela inserção rítmica e rímica no fio enunciativo, para que o rapper possa cantar o verso nos quatro tempos do compasso e rimá-lo com “suga” (uma rima toante).

(ocorrência 15)

Quer tudo na palma da sua mão

A faca , o queijo, o pão e muito mais então

A ocorrência 15 não contém um provérbio e sim uma expressão fixa “estar com a faca e o queijo na mão”. A ordem das palavras é trocada e é acrescentado o segmento “o pão e muito mais então”, para favorecer a rítmica do compasso e a rima com “mão”.

(ocorrência 24)

A lei da selva é traiçoeira, surpresa

Hoje você é o predador, amanhã é a presa

A forma convencional do provérbio evocado na ocorrência 24 é “um dia é da caça, outro do caçador”. No entanto, para garantir a rima, o léxico é trocado por um léxico equivalente (ao invés de “caça / caçador”, há “presa / predador”), o que por si só não resolveria a questão rímica, uma vez que “predador” rima com o substituído “caçador”, mas não rima com “surpresa”. Por isso, uma segunda mudança é necessária na forma original do provérbio, e essa se dá na ordem das palavras, colocando “presa” como última palavra do verso, sem prejuízo para o sentido geral do provérbio (algo como quem vence em um dia pode perder no outro). Cabe dizer que a mudança da ordem das palavras tornou o provérbio mais adequado para a situação descrita no rap, a de um traficante poderoso (“hoje (...) predador”) que é morto por seus inimigos (“amanhã (...) presa”).

(ocorrência 68)

Presente de grego, né?, cavalo de tróia

Nem tudo o que brilha é relíquia nem jóia

A ocorrência 68 reúne duas formas fixas, a expressão fixa “presente de grego” e uma alusão ao provérbio “nem tudo que brilha é ouro”. A maneira como estão inseridas no rap atesta, mais uma vez, que essa inserção é subordinada ao esquema rímico e rítmico deste. Complementando a expressão fixa “presente de grego”, há a retomada “cavalo de tróia”, completando a rítmica do verso. E o provérbio “nem tudo que brilha é ouro” ocorre com a forma “nem tudo o que brilha é relíquia nem joia”, rimando “troia” com “joia”. Cabe ainda ressaltar, na ocorrência 28, um tipo de rima dobrada que acontece entre “né” e “é”, ambas situadas no meio dos compassos (ao fim do segundo tempo dos compassos). O uso do marcador conversacional “né?” também contribui para diluir as fronteiras entre os elementos fixos e os não fixos no trecho em questão, produzindo um tom de coloquialidade, de conversa entre o enunciador do rap e o ouvinte.

Há muitos outros exemplos na tabela que podem comprovar essa maneira muito especial de inserir as formas fixas, fazendo-as participar da rímica e da rítmica subjacente aos raps. Além da subordinação rímica e rítmica, por vezes há mudanças lexicais e até sintáticas que tornam a forma fixa integrada ao rap em que está inserida. Tais ocorrências vão decididamente contra a vulgata que diz que os provérbios teriam forma arcaizante. Apenas na ocorrência 123 há um arcaísmo, com o uso do verbo conjugado na segunda pessoa do singular (“se não deves, não teme”). Mas tal arcaísmo é completamente amenizado pela inserção do provérbio no co-texto, pela presença da expressão fixa “ser o crime ou o creme”, bastante popular e de uso quase exclusivo por essa comunidade discursiva e pelo verso seguinte, em que aparece a gíria “perversa” para se referir às mulheres e a concordância segue o padrão popular, com o plural recaindo apenas no primeiro elemento das sequências: “as perversa se ouriça”, “os inimigo treme”. A grande maioria dos dados de meu corpus, pelo contrário, afirma a vitalidade das formas fixas e sua adequação formal ao texto em que aparecem inseridas. Vejamos como isso se dá nas ocorrências abaixo:

(ocorrência 129)

“Errare humanum est” grego ou troiano?

Latim? Tanto faz pra mim, “fi” de baiano

O suposto arcaísmo da citação proverbial em latim é totalmente desmoralizado pela sequência do trecho. O enunciador pergunta se a citação está em “grego”, “troiano” ou “latim”, o que faz com que evoque também a expressão fixa “agradar a gregos e troianos”. O tom é de desdém: a menção à língua grega se liga, em livre associação, à expressão fixa “agradar a gregos e troianos”, não levando em conta que “troiano” não é uma língua. O tom de desdém é reforçado por “tanto faz pra mim, ‘fi’ de baiano”, em que o enunciador se posiciona longe de qualquer arcaísmo ou citação de cultura: não lhe importa em qual língua culta está o provérbio, ele é “fi” de baiano, e aqui o uso da variante nordestina e popular “fi”, no lugar de “filho” reforça o posicionamento próximo ao que é comum, popular, simples (distante do que é pomposo, acadêmico, sofisticado, que fora sugerido através do simulacro de quem cita em latim).

(ocorrência 22)

Amigo - Qual que é? Num tô te entendendo, explica isso aí direito...

“Aquele Mano” – Movimento é dinheiro, meu irmão... Você nunca me deu nada!!

Na ocorrência 22 temos o provérbio “tempo é dinheiro” sendo enunciado por um traficante, servindo para que este justifique seu afastamento perante seus antigos amigos. “Movimento” é um nome para o tráfico de drogas, então o traficante substitui o “tempo”, do provérbio original, por “movimento”.

(ocorrência 32)

Cada detento uma mãe, uma crença

Cada crime uma sentença

É bastante interessante o que acontece na ocorrência 32. O provérbio original evocado é “cada cabeça, uma sentença”, que pode ser glosado como “cada pessoa segue sua própria consciência; o que uma pessoa acredita ser certo, a outra pode acreditar ser errado”. O sentido do provérbio original é pulverizado pelo trecho, pois a noção de que cada detento tem “uma mãe” – “mãe” aqui representa, ao mesmo tempo, uma origem, valores familiares, e também alguém que valoriza aquele detento, alguém para quem aquele detento é um filho – e “uma crença” retoma aproximadamente o sentido de “sentença” do provérbio original.

Mas há um deslocamento importante no sentido de “sentença” nessa ocorrência no rap: esse rap se passa na cadeia, sua cenografia é a de um diário de um sobrevivente do massacre do Carandiru (daí seu título “Diário de um detento”), e sentença aqui é relacionada a crime: trata-se da sentença judicial, e não do uso arcaico de sentença do provérbio original. Então podemos dizer que o sentido do provérbio original, de alguma forma, está presente no trecho, mas há um outro sentido derivado que é relacionado ao crime cometido e sua respectiva pena (“sentença”)⁴⁵.

2.3. Dos subgrupos de classificação

Explicarei a seguir os subgrupos de classificação que utilizei na coluna cinco da tabela. Seguindo a metodologia proposta por Anscombe (2000), primeiramente discutirei os provérbios e depois os outros subgrupos, especificando suas diferenças e semelhanças com relação aos provérbios.

2.3.1. Os provérbios

Primeiramente, tratarei apenas das ocorrências que classifiquei como “provérbios”, que são aquelas que reúnem todas as características elencadas por Anscombe (2000) e Kleiber (2000) para serem classificadas como tal. Portanto, todas as ocorrências que classifiquei como provérbio são frases:

- a) genéricas: sem tempo, espaço ou enunciadores restritos ao aqui e agora da enunciação;
- b) ON-sentenciosas: creditadas a uma sabedoria coletiva, popular, podem ser acompanhadas de “como dizem”, “como diz o ditado”, “como diz o velho provérbio”. Inclusive nas ocorrências 6, 25 e 127 há essa glosa metaenunciativa;

⁴⁵ Na ocorrência 80 também há a palavra “sentença” com o sentido de “pena”.

- c) com estatuto de denominação: que fazem parte do inventário da língua portuguesa, que existem na língua de forma fixa, denominando um referente de sentido não composicional;
- d) com sentido implicativo [+H]: que são relativos à conduta humana e apresentam uma situação que tem outra por consequência.

Exemplificando esses quatro critérios no corpus selecionado, há, em 16, 17 e 18 o provérbio “Ajoelhou, tem que rezar” que é genérico porque não está ligado a nenhum tempo, espaço ou locutor em particular (está em terceira pessoa, com sujeito oculto – na verdade seria mais exato classificar esse tipo de sujeito como indeterminado); é creditado à sabedoria coletiva e é uma denominação (já foi muitas vezes repetido e é reconhecido com esta forma pelos falantes da língua); tem sentido implicativo [+H]: em seu sentido composicional, diz que se alguém ajoelhar, por consequência tem que rezar, o que, segundo Kleiber, seria um sentido hipônimo para “se alguém iniciar uma ação, tem que ir até o fim dela”.

Além desses quatro critérios necessários para ser provérbio, outros critérios formais também frequentes nos provérbios estão presentes nas ocorrências classificadas como provérbios no corpus: a hipérbole (por exemplo “tudo o que é bom nunca é demais”; “todo cuidado é pouco”); metáfora (por exemplo “um dia é da caça, outro do caçador”); repetição de palavras (por exemplo “cada um, cada um”; “aqui se faz, aqui se paga”); uso de palavras com sentido oposto (por exemplo “chora agora, ri depois”; “quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece”); rima (por exemplo “a ambição cega o coração”; “ama a quem te ama, responde a quem te chama”); bipartição (quase todos os exemplos anteriores, entre outros).

2.3.2. As frases tautológicas

Este subgrupo é bastante semelhante aos provérbios, sendo incluído na maioria das coletâneas na categoria de provérbios. Anscombre (2000: 14) alerta que, apesar dessas duas categorias serem facilmente confundíveis, há diferenças notáveis entre elas.

São frases genéricas, ON-sentenciosas, com estatuto de denominação, o que está ligado a sua forma extremamente concisa, necessariamente bipartida e com repetição de termos, que é justamente o que caracteriza as frases tautológicas enquanto formas sentenciosas. No entanto, há já nesse ponto uma diferença: as frases tautológicas funcionam, diferentemente dos provérbios, como um molde: “x é x”, não importando muito qual palavra ou expressão estará no lugar de “x”. Assim, analisamos as ocorrências 34, 36, 56, 84, 107 e 133 como a ocorrência de um mesmo molde, preenchido por elementos diferentes, mas sempre sofrendo a operação semântica de *radicalização*. Esse aspecto será retomado no item 2.4 deste capítulo.

Além da diferença em seu estatuto de denominação apontada anteriormente, as frases tautológicas também não têm o sentido implicativo, como é requerido nos provérbios. Ao dizer “homem é homem” ou “o que é, é”, não estamos envolvendo os homens em determinada situação, estado ou processo que levará conseqüentemente a outra situação, estado ou processo. As frases tautológicas têm o sentido constatativo e preditivo, elas “arrumam” o mundo, colocando cada coisa no seu lugar⁴⁶.

No corpus, as frases tautológicas têm o mesmo funcionamento dos provérbios: são formas breves já rimadas e ritmadas que se inserem no par de versos subordinadamente à rima e ritmo do co-texto. Algumas ocorrências são:

(ocorrência 34)
Homem é homem, mulher é mulher
Estuprador é diferente, né?

Na ocorrência 34, que está inserida no rap “Diário de um detento”, há o funcionamento das frases tautológicas para caracterizar a lei da cadeia, e a punição ao estuprador. A rima do primeiro verso, que é composto de duas frases tautológicas complementares, se estabelece com o auxílio de um marcador conversacional no segundo

⁴⁶ Ocorrências como a 21, “cada um, cada um”, foram classificadas como provérbios e não como frase tautológica. Acredito que nesses casos a implicação está presente, sendo o sentido implicativo semelhante ao do provérbio “cada cabeça uma sentença”. Aliás, por “sentença” ser uma palavra bastante usada por essa comunidade discursiva, com sentido de “pena”, acredito que o provérbio “cada um, cada um” é a forma variante mais utilizada. Ocorrências como a 58, “o que será, será”, também foram classificadas como provérbio, e não frase tautológica. Nesses casos, pelo uso do futuro, o sentido se aproxima do sentido implicativo de “o que tiver que ser, será” e se afasta da pura constatação de “o que é, é”.

verso (“né?”), recurso utilizado também em outras passagens dos raps. Portanto, a frase tautológica encontra, com sua inserção no rap como um todo, uma estrutura bipartida e rimada, que multiplica sua própria bipartição e rima. Podemos analisar a bipartição como marca forte da ocorrência 34, uma vez que apresenta duas frases tautológicas (portanto, bipartidas), de sentido complementar, que se complementarão com um verso posterior rimando com o primeiro (formando uma bipartição englobante).

(ocorrência 84)

O certo é certo, na guerra ou na paz

Se for um sonho, não me acorde nunca mais

O caráter genérico de toda frase tautológica é aqui reforçado pela sequência “na guerra ou na paz”, que ressalta o valor do que é certo em qualquer circunstância ou adversidade. A frase tautológica aqui também está inserida em um esquema rímico e rítmico maior, bipartido, que engloba os dois versos e rima “paz” com “mais”. O sentido do trecho é radical, forte: o enunciador diz que caso a moral expressa pela frase tautológica não valha (“se for um sonho”), ele abdica de viver a realidade (“não me acorde nunca mais”), tamanha é sua confiança na retidão de suas palavras.

2.3.3. As frases fixas de sabedoria

O que classifiquei como “frase fixa de sabedoria” tem em comum com os provérbios as características de serem genéricas e ON-sentenciosas. Quanto ao seu estatuto de denominação, pode-se afirmar que não é tão forte e fixo formalmente quanto o dos provérbios. Mas a maior diferença está mesmo no sentido implicativo, ausente nas frases de sabedoria. Como critério auxiliar, e ligado a sua fragilidade enquanto denominação, está a ausência de traços formais bastante frequentes nos provérbios, como o uso de figuras de linguagem, a bipartição, a rima, a repetição, entre outros.

Nesse grupo, há frases como “a vida continua” (ocorrência 1), “samba não se aprende na escola” (ocorrência 10), “não confie em mulher” (ocorrências 19 e 20), “o tempo não pára” (ocorrências 41 e 93), entre outras. Nos raps, muitas vezes essas frases ocorrem fora de trechos em verso, o que está de acordo com sua caracterização formal,

mais próxima da prosa e distante da poesia. Então, nos trechos moralizantes que algumas vezes há no início, entre estrofes ou no final dos raps, é comum que essas frases ocorram, também extrapolando sua forma concisa, direta, aforizante para o trecho em que acontecem. Esses trechos são altamente sentenciosos, assim como as frases fixas de sabedoria, que condensam em uma forma fixa alguns ensinamentos e princípios caros a essa comunidade discursiva.

Embora menos frequente do que ocorre com os provérbios, também há frases fixas de sabedoria nos versos, situações em que são inseridas no esquema rítmico e rímico maior do rap, como, por exemplo, na ocorrência 65.

(ocorrência 65)

Pra mim, o rap é o caminho de uma vida
A vida é o jogo onde vencer é a única saída

A frase fixa de sabedoria “a vida é um jogo” é inserida no verso e complementada por “onde vencer é a única saída”, que preenche a rítmica do verso e completa a rima com “vida”. Cabe notar que a ausência de repetição de palavras da frase fixa de sabedoria original é anulada no trecho, pois o verso anterior termina em “vida”, formando a sequência “uma vida a vida”. Portanto, o caráter sentencioso da frase fixa de sabedoria extrapola seus limites de “citação” localizada. Ao mesmo tempo, através do esquema rímico e rítmico do rap, a frase fixa ganha um co-texto bipartido, com repetição de palavras e rimado.

2.3.4. As citações bíblicas

Não é sem razão que as citações bíblicas facilmente se confundem com os provérbios⁴⁷. Sinal disso é a existência de dois livros bíblicos chamados “Provérbios” e “Sabedoria”. A estrutura é em alguns aspectos parecida: são frases autônomas (e feitas para se citar, o que é atestado por sua divisão em capítulos e versículos já separados e

⁴⁷ Schapira (2000), entre outros, identifica a Bíblia como a principal fonte de provérbios.

identificados), sentenciosas e com estatuto de denominação (afinal acumulam séculos e séculos de ocorrências como citações). Nem sempre têm sentido implicativo, por isso, às vezes se assemelham às frases fixas de sabedoria, às vezes aos provérbios. Cabe ainda ressaltar que algumas citações bíblicas se proverbializaram em língua, tornando sua identificação de origem trabalho impossível para os que não se dedicam especialmente a isso (tal tarefa consistiria em um estudo filológico dos Racionais MCs, o que não é meu intuito).

Há dois tipos de ocorrências de citações bíblicas no corpus. Uma delas é quando um capítulo ou versículo bíblico é citado na forma convencional, entre aspas, e com identificação de fonte. É o caso das ocorrências 27 e 28, que vêm escritas na capa e contracapa do CD. Essas ocorrências são casos, de certa forma, isolados no material recolhido, uma vez que são escritas, impressas, e fora de um co-texto verbal englobante, embora tenham um co-texto intersemiótico que é a própria capa e contra-capas, que por sua vez formam um todo com o encarte e as faixas do CD, de acordo com a visão do discurso como práticas⁴⁸, que é minha perspectiva teórica. Além dessa relação ampla com as outras práticas, há também uma relação mais específica: as ocorrências 27 e 28 citam o Salmo 23, que será retomado no rap “Diário de um detento” (ocorrência 35).

O segundo tipo de ocorrência de citação bíblica no corpus tem funcionamento bastante semelhante ao dos provérbios, frases tautológicas e frases fixas de sabedoria. Há a inserção em um trecho em prosa, como em:

(ocorrência 103)

Brown- Se só de pensar em matar, já matou

Prefiro ouvir o pastor:

Pastor- Filho meu, não inveje o homem violento e nem siga nenhum dos seus caminhos.

em que a fala do “pastor” é inserida em sample, em prosa, e cita um versículo do livro bíblico dos Provérbios. O tom do “pastor” é solene, de pregação. Essa citação bíblica de exortação à paz, citada na autoridade da voz do pastor, vem, no co-texto, negar o

⁴⁸ Cf. Maingueneau (2005 [1984]), capítulo 5.

posicionamento agressivo do “truta” do enunciador em:

(ocorrência 102)

Brown- Lembrei de um truta meu falar assim:

“Não joga pérola aos porco, irmão, joga lavagem

Eles prefere assim, cê tem de usar piolhagem”

em que também há uma citação bíblica, do Evangelho de Mateus, mas completamente integrada ao esquema rímico, rítmico, lexical e sintático do co-texto, o que podemos atestar pelo uso da forma popular de imperativo (“não joga”, “joga”), ao contrário do que ocorre em 103 (“não inveje”, “nem siga”); a concordância popular, recaindo apenas no primeiro elemento dos sintagmas (“aos porco”, “eles prefere”), ao contrário do que ocorre em 103 (“dos seus caminhos”); o uso da palavra “lavagem” e sua rima “piolhagem”, uma gíria (que aliás, são pronunciadas de forma popular: “lavage” e “pioiage”). Complementando a integração da ocorrência 102 ao seu co-texto no rap, a citação é intercalada com o restante do verso pelo vocativo “irmão”, muito comum para esta comunidade discursiva (similar a “mano”) e que aqui não tem necessariamente sentido religioso (mais uma vez, diferente do vocativo religioso e hierarquizante “filho meu”, da ocorrência 103).

Uma ocorrência de citação bíblica que também merece destaque é a seguinte:

(ocorrência 113)

Brown- Quente, é mil grau o que o guerreiro diz

O promotor é só um homem, Deus é o juiz

A citação bíblica “Deus é o juiz” é aqui inserida em uma citação maior, remetida à fala do “guerreiro” (“o que o guerreiro diz”), em um procedimento de metaenunciação da citação, acompanhada de sua valorização positiva (“quente, é mil grau”). Tal procedimento parecia indicar que o verso “o promotor é só um homem, Deus é o juiz” seria uma citação de algum outro rap, mas não encontrei a origem desse verso em raps de outros grupos⁴⁹. O que é importante dizer é que a frase bipartida “o promotor é só um homem, Deus é o juiz” acrescenta valores discursivos à citação bíblica isolada “Deus é

⁴⁹ MVBill lançou, em 2006 (após este CD dos Racionais, portanto), o rap “Só Deus pode me julgar”, que apresenta um posicionamento discursivo bastante semelhante ao dos Racionais. No entanto, o verso destacado não faz parte deste rap.

o juiz”. Aqui o posicionamento que se constitui é o de desvalorização da “justiça dos homens” (conforme veremos no capítulo 3 desta tese, essa justiça é considerada injusta), e valorização de uma justiça maior, divina. Portanto, inserindo a citação bíblica “Deus é o juiz” na rítmica do verso maior, forma-se uma nova unidade: “O promotor é só um homem, Deus é o juiz”, assemelhada, em forma e sentido, a frases fixas de sabedoria como “Deus cura, o médico manda a conta”. E essa nova unidade é mais uma vez assimilada ao esquema rítmico e rímico (“diz” / “juiz”) do co-texto maior bipartido.

2.3.5. As outras formas fixas

As frases fixas exclamativas, as expressões fixas, os bordões, as parlendas, os slogans e as fórmulas apresentam, por vezes, características formais ou de sentido semelhantes aos provérbios. Uma característica comum a todas essas formas fixas é sua generalidade, isto é, sua não ancoragem no aqui-agora da enunciação. Também possuem caráter denominativo, comportando-se, como afirma Kleiber (2000), em certo sentido como um item lexical, que se aprende de uma vez por todas, apesar de ser polilexical⁵⁰. Nesse sentido, as formas fixas analisadas, assim como todos os idiomatismos, são remetidos a um “ON-enunciador”, assim como os provérbios.

Quanto à sentenciosidade, algumas ocorrências do corpus são sentenciosas, outras não. Uma ocorrência de expressão fixa como “não confiar nem na própria sombra” é sentenciosa e poderia, facilmente, se transformar em provérbio, desde que se conjugue seu verbo no imperativo. Expressões como essa são o que Mirella Conenna (2000) considera formar um continuum com os provérbios com verbo no imperativo. A autora ressalta que a classe dos provérbios iniciados por “Il faut” (em francês) constitui “um continuum com as frases fixas. O limite é difícil de traçar, uma vez que uma sub-classe desses provérbios engloba uma expressão fixa.”⁵¹. Seria o caso de “não se deve passar o carro na frente dos bois”, um provérbio, que engloba a expressão fixa “passar o carro na frente dos bois”, que

⁵⁰ Tamba (2000) afirma que “o processo de memorização do provérbio incide conjuntamente em sua forma e seu sentido, codificados juntos uma vez por todas”.(p.117) [“...le processus de mémorisation du proverbe porte conjointement sur sa forme et son sens, codés ensemble une fois pour toutes.”].

⁵¹ “un continuum avec les phrases figées. La limite est difficile à tracer, puisqu’une sous-classe de ces proverbes englobe une expression figée.” (2000: 36)

tem seu verbo conjugado de acordo com a frase em que ocorre, assim como “não confiar nem na sua própria sombra”. Outras expressões fixas encontradas no corpus são menos (ou não são) sentenciosas, como “estar com a faca e o queijo na mão” (ocorrência 15) ou “estar em um beco sem saída” (ocorrência 3).

Além das expressões fixas, os slogans encontrados são sentenciosos, como é o caso de “Diga não à violência” (ocorrência 8) e “não beba, não corra, não mate, não morra” (ocorrência 61), ambos slogans de campanhas governamentais e/ou de ONGs. Há também bordões sentenciosos como “eu não nasci pra semente” (ocorrência 100), ligado à *autovalorização*. Mas mesmo nas formas não originalmente sentenciosas, como é o caso da fórmula de escolha encontrada, pode haver uma incorporação sentenciosa através da integração no co-texto. É o que ocorre em:

(ocorrência 29)
Uni-duni-tê, eu tenho pra você
Um rap venenoso ou uma rajada de PT?

em que há, no par bimebrado de versos (portanto, uma unidade bipartida com ritmo e rima fixa) um forte tom moralizante na escolha proposta: as opções dadas pelo outrora “inocente uni-duni-tê” são “um rap venenoso”, que veio “pra abalar seu raciocínio”⁵² ou “uma rajada de PT”⁵³. Portanto, a parlenda não sentenciosa passa a ser, e a exigir uma tomada de posição ideológica do ouvinte.

As frases exclamativas e as fórmulas fixas também podem ser originalmente mais ou menos sentenciosas, como é o caso da fórmula “Espelho, espelho meu” (ocorrência 38), originalmente pouco sentenciosa ou da frase fixa exclamativa “Fé em Deus!” (ocorrência 55), que pode ser encarada como uma exortação sentenciosa.

Nas ocorrências que foram classificadas como expressões fixas, bordões, parlendas, slogans e fórmulas, não há, a priori, sentido implicativo, o que nos leva a concordar com a hipótese de Kleiber (2000) de que o sentido implicativo é, de fato, um traço fundamental e distintivo para os provérbios.

⁵² “Capítulo 4, versículo 3”. *Sobrevivendo no Inferno*, 1997 (anexo 4).

⁵³ Para os menos familiarizados com o “campo”, explico que não se trata do partido político, e sim de um modelo de pistola automática.

Quanto à forma, assim como nas outras subclasses de forma fixa analisada, pode haver nesses subgrupos linguagem conotada (por exemplo, na expressão fixa “firme igual prego na areia” – ocorrência 109); ludicidade (por exemplo, no bordão “tem culpa eu?” que pode ser lido como “tem cu pa eu?” – ocorrência 121); rima (por exemplo na fórmula fixa de assalto “mãos ao alto, é um assalto!” – ocorrência 63); repetição de palavras ou sintagmas (por exemplo na fórmula fixa de adivinhas “o que é? o que é?” – ocorrência 95) e bipartição (por exemplo em “ser o crime ou o creme” – ocorrência 64, 122 – dentre muitas outras ocorrências bipartidas).

A abundância dessas formas fixas no corpus produz um efeito de fala coletiva para o rap, fortalecendo a construção desse enunciadador como um “rapaz comum”⁵⁴, que “rim[a] gíria, rim[a] palavrão”⁵⁵. Além disso, ressalto que essas formas fixas são elementos de forte apelo mnemônico e que fazem parte do inventário de formas dos ouvintes. Tal aspecto tem forte ligação com uma enunciação aforizante, que será analisada no capítulo 4.

2.4. O mundo ético

É lugar-comum sobre os provérbios afirmar que são “o espírito de uma nação”. Para ficarmos em apenas um exemplo, Rocha (1995) diz concordar “plenamente com a afirmação de Francis Bacon: ‘The genius, wit and spirit of a nation are discovered in its proverbs’ (citado por Ray B. Browne, 1977)” (p. 13). Não entrando no mérito de discutir se uma nação tem um “gênio”, “sagacidade” e “espírito” caracterizáveis, remeto a Schapira (2000) quando afirma que “ao tornar-se provérbio, uma frase se transforma em estereótipo”⁵⁶ (p. 85). Portanto, creio ser possível, a partir da tabela apresentada e examinada nesse capítulo, depreender os principais traços do “mundo ético” dessa

⁵⁴ Título de rap de “Sobrevivendo no Inferno”, 1997. Esse aspecto foi analisado anteriormente em Motta (2004; 2008a).

⁵⁵ Citação extraída de entrevista de Mano Brown à revista “Caros Amigos” (fevereiro/1998). Uma análise se encontra em Motta, 2004. O trecho completo é o seguinte: “Tem música que eu nem canto, porque tenho raiva da letra. ‘Voz Ativa’ mesmo, eu tenho raiva da música, não gosto das palavras do jeito que são ditas. Parece um texto de jornalista e eu não sou isso aí! Eu sou um rapper. Sou um cara que rima a realidade, então rimo gíria. Rimo palavrão. Não posso rimar só palavras bonitas. Eu tinha medo, os caras falavam que o sotaque paulista era feio. Pra tomar cuidado com o ‘r’ e o caralho. Hoje em dia eu quero que se foda tudo. Não estou nem aí, é pra saber que eu sou de São Paulo mesmo. Sou da Zona Sul, isso aqui não é Rio de Janeiro, é São Paulo, mano!”

⁵⁶ “En devenant proverbe, une phrase se transforme en stéréotype”.

comunidade discursiva. O “mundo ético”, de acordo com Maingueneau (2008), “subsume um certo número de situações estereotípicas associadas a comportamentos” (p. 18).

Analisando a tabela de formas fixas obtida pela análise do corpus, podemos destacar três aspectos principais para esse mundo ético: a *radicalização* do mundo; a desconfiança perante o outro; a *autovalorização* de determinadas regras de conduta e moral bastante rígidas, frente às dificuldades e adversidades⁵⁷.

A *radicalização* está presente, por exemplo, nas frases tautológicas que caracterizam o mundo como um lugar sem “meio certo”, sem “nove e meio”, onde “a meta é dez” e “o que é, é”. A desconfiança também é tema comum, para caracterizar um mundo ético em que o perigo é constante e “só os fortes sobrevivem”. A *autovalorização* e a rigidez de princípios - como a lealdade, a honestidade, a confiabilidade e o autocontrole - são necessários para “sobrevive[r] no inferno”⁵⁸, com “intensidade o tempo inteiro”⁵⁹, em que o “guerreiro de fé”⁶⁰ é “aquele louco que não pode errar”⁶¹.

⁵⁷ As operações semânticas de *radicalização* e *autovalorização* foram caracterizadas em Motta (2004) e retomadas na Introdução desta tese.

⁵⁸ “Sobrevivendo no Inferno” é título do CD de 1997.

⁵⁹ “Crime vai e vem”. *Nada como um dia após o outro dia – Chora Agora*, 2002 (anexo 5a).

⁶⁰ “Vida Loka – parte II”. *Nada como um dia após o outro dia – Ri depois*, 2002 (anexo 5b), entre outros.

⁶¹ “Negro Drama”. *Nada como um dia após o outro dia – Chora Agora*, 2002 (anexo 5a).

Capítulo 3

Desautorização de formas fixas nos Racionais MCs

3.1. Negando o mundo ético do outro

Neste capítulo analisarei a ocorrência de negações e/ou desautorizações de formas fixas no corpus constituído pelas práticas discursivas dos Racionais MCs. Serão consideradas formas fixas todas as subclasses analisadas no capítulo 2.

Excluirei deste capítulo a enunciação dos provérbios com forma alterada, não cristalizada, uma vez que essa maneira especial de utilizar os provérbios já foi analisada no capítulo anterior e suas ocorrências constam da tabela elaborada e já analisada. Talvez, em outro funcionamento discursivo, esse tipo de citação proverbial pudesse ser considerado uma desproverbialização – ou uma desautorização de provérbio -, mas não é o caso aqui⁶².

Há mais de uma maneira, nesse posicionamento discursivo, de desautorizar as formas fixas e, por vezes, essas maneiras são marcas de funcionamentos discursivos diferentes. Nos itens a seguir, proponho uma divisão dos enunciados encontrados em grupos, dentro dos quais eles serão analisados.

Desautorizar provérbios não é, de modo algum, uma novidade ou exclusividade do rap nacional. Podemos encontrar exemplos de provérbios alterados (cf. Gatti 2007; 2008) em textos atuais e de outras épocas. Observando os jornais, revistas, blogs e material publicitário atuais, é possível concluir que há uma forte tendência de uso de provérbios alterados⁶³.

3.2. “Captação” e “subversão” de provérbios

⁶² Um exemplo seria “mais vale um na mão do que dois no sutiã”, da canção “Vira-vira” dos Mamonas Assassinas, analisado por Gatti (2007, pp. 118-121).

⁶³ Schapira (2000) identifica uma tendência lúdica contemporânea de desproverbialização.

Grésillon e Maingueneau (1984) falando sobre “o desvio de provérbios”⁶⁴, diferenciam as categorias “captação” e “subversão”. Há dois tipos de captação: a captação do gênero proverbial e a captação de um provérbio atestado. Por captação do gênero entendem aqueles enunciados que aspiram à autoridade do provérbio e, por isso, tentam imitar seus traços formais⁶⁵. Um exemplo desse esforço de captação vem dos slogans publicitários que, segundo os autores, aspirariam se tornar provérbios. Desse modo, ao invés de estarem ligados a um “JE – Enunciador” (uma empresa, um produto, um partido) passariam a estar ligados a um “ON – Enunciador” (uma verdade coletiva, imemorial, etc.)⁶⁶.

Não discutirei amplamente aqui a afirmação dos autores de que “ser provérbio (...) é o ideal do *slogan*” (p. 117)⁶⁷. Apenas considero que tal análise não vale para alguns slogans em que não há o nome do produto explicitado, pois, se esses se “desgrudarem” de seu “JE-enunciador”, a língua ganha mais um provérbio, mas a publicidade perde seu sentido. No Brasil, foi o que aconteceu com um slogan do produto Gelol, veiculado pela mídia na década de 1980. A campanha publicitária que originou tal slogan apresentava uma cenografia que comoveu a população na época⁶⁸. Um pai, dormindo sozinho em uma cama (lembramos, o Brasil convivia com sua primeira geração de “pais separados” – nossa lei do divórcio é de 1977), era acordado insistentemente por seu filho. Na cena seguinte, víamos o menino como jogador de um time de futebol, enquanto o pai se espremia em uma arquibancada com outra filha menor, debaixo de chuva e com outros pais e mães torcedores. Em um dado momento, o menino se machuca e é atendido pelo pai, que entra

⁶⁴ A expressão em francês é “Le détournement de proverbes” (p. 114). Apesar de eu estar traduzindo como “desvio”, isso não significa que haja, na teoria desses autores, uma visão pejorativa sobre essas formas não cristalizadas de enunciação proverbial. São formas “desviantes” por não serem as formas canônicas, no sentido de que desviamos um rio para fazer um lago, por exemplo. Tanto não há nada de pejorativo que esses desvios, produtivos, podem ser “captações” ou “subversões”.

⁶⁵ Nesse texto com Grésillon, Maingueneau fala em “captação do gênero proverbial”. Conforme expus no capítulo 1, Lysardo-Dias (2001) também postula a existência desse gênero, que só se realizaria dentro de outros. Considero que seja mais produtivo analisar esse material como o que busca exceder e estar fora (acima) de todos os gêneros, como um enunciado aforizado, conforme elaborado posteriormente por Maingueneau (2006b; 2007), e retomado no capítulo 4 desta tese.

⁶⁶ O uso de “JE” e “ON” vem dos pronomes franceses para “eu” e “a gente”, conforme já explicado no capítulo 1 desta tese.

⁶⁷ “Être proverbe (...) c’est bien l’idéal du *slogan*” (p. 117)

⁶⁸ É possível assisti-la em <http://blogcitario.blog.br/2009/08/sessao-nostalgia-dia-dos-pais-da-gelol/>.

correndo em campo e aplica gelol na contusão. O menino se levanta e faz o gol da vitória. A peça termina com uma voz em off: “Não basta ser pai, tem que participar. Não basta ser remédio, tem que ser gelol.”. Tal slogan ganhou o status de provérbio no Brasil, pelo menos no que diz respeito a ser considerado uma enunciação coletiva e não vinculada a um “JE-enunciador”, mas apenas sua primeira parte – que, aliás, já é uma estrutura completa, inclusive bipartida. Hoje em dia é comum ouvirmos tanto “Não basta ser pai, tem que participar” quanto “não basta ser mãe, tem que participar”. Já a referência ao gelol sumiu. Poder-se-ia ponderar que o slogan foi “mutilado” e que ele aspirava a provérbio uma vez completo. Sem dúvida. Talvez tenha faltado por parte dos publicitários perceber o quanto a primeira parte era aforizante e autônoma! De todo modo, trata-se de um caso a ser analisado.

Outro tipo de slogan que problematiza a afirmação de Gresillon e Maingueneau é bem exemplificado pelo “bem estar bem”, da Natura. Esse tipo de slogan não tem nada a ganhar desvinculando-se de sua origem, a empresa Natura, que constrói uma imagem de responsabilidade social e ambiental, procurando agregar um valor moralmente “superior” àqueles que usam seus produtos (alguns enunciados subjacentes ao discurso da empresa, veiculado por esse slogan, poderiam ser, estereotipadamente: “eu me cuido com Natura porque faz ‘bem estar bem’. Faz bem para o planeta, porque a Natura é uma empresa bio-sustentável; faz bem para a sociedade, porque a Natura patrocina projetos sociais e busca a qualidade de vida de seus ‘colaboradores’; faz bem para quem convive comigo, porque ‘só estando bem posso ser um bem para os outros’”). A menos que acreditemos que o slogan “bem estar bem” tem por objetivo único ou principal “construir um mundo melhor”, esse slogan não aspira a ser provérbio, uma vez que “desgrudar-se” de seu “JE-enunciador” acabaria com sua importância para a empresa.

A captação de um provérbio atestado se dá quando um provérbio é tomado como base para uma enunciação posterior que o modifica formalmente (os autores dizem que quanto menos o modificar, mais bem sucedido será o desvio), mas sem que essa modificação pretenda uma outra orientação semântica ou discursiva, polemizando com a original. Pode ser que essa mudança apenas relegue para segundo plano o sentido do provérbio original, caso para o qual os autores dão como exemplo “qui dore a bonne mine”,

que poderia estar em um cartaz com corpos bronzeados em uma praia. Essa captação de um provérbio atestado se vale de uma semelhança formal com o provérbio “qui dort dîne”. No nível semântico, o sentido do provérbio original (algo que poderia ser traduzido como “quem dorme janta”, que pode ser glosado como “dormir mata a fome”) fica em segundo plano, mas não é negado pelo sentido da captação (algo que poderia ser traduzido como “quem se bronzeia tem boa fisionomia”).

Também pode ser que essa mudança de significante efetuada na captação de um provérbio atestado sugira uma semelhança de sentido entre o provérbio original e a captação. Para esses casos, os autores dão o exemplo “Le chiens aboient, les Lee Cooper passent”, em que o sentido original do provérbio “os cães ladram e a caravana passa” é também requerido por sua captação: os cães podem ladrar à vontade, que quem estiver usando as roupas *Lee Cooper* vai passar, assim como a “caravana”.

O mecanismo de subversão dos provérbios também é dividido por Gresillon e Maingueneau em dois tipos: a subversão das condições genéricas e a subversão dos provérbios atestados. Segundo os autores, haveria duas maneiras de subverter provérbios: a lúdica e a militante. Essa divisão se torna problemática ao longo do desenvolvimento do texto dos próprios autores, pois, ao analisar o livro surrealista de Paul Éluard e Benjamin Péret (1925), dizem primeiramente que a subversão dos provérbios ali é lúdica, uma vez que tende ao absurdo. No entanto, depois consideram, apoiando-se em Greimas (1975[1970]), que se trata de uma recusa da autoridade e da lógica dos provérbios, constituindo-se, portanto, numa militância do surrealismo contra a enunciação de verdades absolutas. Portanto, como já demonstram os próprios autores que a propuseram, a divisão da subversão de provérbios em lúdica e militante não faz sentido, uma vez que não há texto fora do discurso e não há discurso fora das ideologias (se tomarmos como verdadeira a tese do próprio autor (Maingueneau, (2005 [1984]) sobre o “primado do interdiscurso”).

Sendo assim, cabe falar em provérbios subvertidos, mas não em subversões lúdicas ou militantes. A subversão das condições genéricas de um provérbio é descrita pelos autores como produzindo o absurdo, tomando um provérbio atestado e o desmontando enquanto gênero (modificando seus elementos formais característicos e também sua sentenciosidade).

Já a subversão de um provérbio atestado se dá por um mecanismo semelhante ao da captação, mas nesse caso a direção semântico-discursiva original do provérbio é contestada. O que Gatti (2007; 2008) chamou de “provérbios alterados” frequentemente se encaixa nessa categoria de Gresillon e Maingueneau. Não por acaso, no corpus analisado por Gatti, por vezes esse tipo de enunciação aparece com o nome de “provérbios corrigidos”. São casos como “gato escaldado morre”; “quem dá aos pobres, empresta, adeus” ou “quem dá aos pobres paga o motel”.

3.3. Negação restrita de um provérbio: a exceção que confirma a regra

Kleiber (1989; 2000), Anscombe (2000) e Perrin (2000) concordam que os provérbios sejam frases genéricas tipificadoras⁶⁹. Portanto, admitem contra-exemplos, que não as infirmam, apenas se caracterizam como a exceção que confirma a regra.

Corroborando a análise, Iréne Tamba (2000) diz que negar um provérbio equivale a dizer que a situação específica é uma exceção. Não seria propriamente negar um provérbio, mas afirmar que determinado provérbio, que continua a valer para a maioria dos casos, não vale para aquela situação específica. No rap “Parte II”⁷⁰, há versos que podem ser analisados dessa forma. O rap é uma crítica às mulheres, chama-se “Parte II” porque, de alguma forma, é uma continuação de “Mulheres Vulgares”⁷¹, a polêmica faixa gravada em 1990. Nesse rap, as mulheres são identificadas como interesseiras, infiéis, vulgares, desleais, promíscuas. Há a seguinte menção e comentário, que envolve o provérbio “Deus não dá asa a cobra”:

Deus não costuma dar asa pra cobra criada
Mas foi dada a essa cascavel

⁶⁹ Kleiber e Anscombe discordam quanto aos provérbios serem tipificadores a priori ou locais, conforme foi exposto no capítulo 1 desta tese.

⁷⁰ *Raio X do Brasil*, 1993 (anexo 3).

⁷¹ *Holocausto Urbano*, 1990 (anexo 1).

É exatamente a situação descrita por Tamba: diz-se que um provérbio não se aplica a determinada situação, mas essa não-aplicação não invalida a autoridade do provérbio na maioria dos outros casos. Então é dito que “Deus não costuma dar...”, em que o verbo “costumar” tem o efeito de sentido de algo que na maioria das vezes acontece, é verdadeiro. “Deus não costuma dar asa pra cobra criada”, retoma o provérbio “Deus não dá asa a cobra”, para em seguida, explicar a modalização “costuma”: “mas foi dada a essa cascavel” – a “cascavel” é a mulher.

No rap “Expresso da meia-noite”⁷², há uma ocorrência parecida, que também poderia ser analisada nos moldes de “exceção que confirma a regra”.

Dinheiro vai e vem, mas ainda é muito pouco
Se tem coragem, até uns doido corre atrás
Se dois é bom, trutão, três nunca é demais

em que o provérbio “um é pouco, dois é bom, três é demais” é negado pela enunciação “se dois é bom, trutão, três nunca é demais”. Mas a negação aqui é com relação a que esse provérbio, válido para relações pessoais (mais especificamente para as amorosas), valha para o tema “dinheiro”. Então “três” continua sendo demais para um casal que quer estar sozinho – esse sentido fica em segundo plano -, mas com relação a dinheiro, “quanto mais melhor”.

No entanto, essa negação pontual do provérbio, que estabelece uma exceção, não é comum nas letras dos raps dos Racionais. Na verdade, os dois casos expostos acima são os únicos em que pude perceber esse fenômeno. A desautorização de provérbios e de outras frases e expressões fixas no corpus que merece mais destaque é de outra natureza.

3.4. Negação abrangente de um elemento cristalizado: substituindo a doxa

A negação de provérbios que é mais frequente e discursivamente mais relevante, no corpus composto pelos raps dos Racionais MCs, não é a de tipo restrito, que

⁷² *Nada como um dia após o outro dia* – Chora Agora, 2002 (anexo 5a).

foi descrita por alguns autores, conforme exposto no item acima. Trata-se, pelo contrário, de um fenômeno que tem por efeito de sentido destituir a força e a autoridade de alguns elementos linguísticos cristalizados, quando os nega. Tal fenômeno, que chamarei de “negação abrangente”, será aqui analisado discursivamente, uma vez que é a marca linguística de um funcionamento histórico ideológico.

Conforme já vimos, os provérbios e as frases e expressões fixas têm ligação estreita com os mundos éticos e com a doxa de determinado posicionamento discursivo. Questionar esse capital parêmico pode ser, portanto, desafiar essa doxa e destituir esses mundos éticos. Desta forma, a negação de um provérbio não tem apenas um escopo local, pontual. É a negação de um discurso e a enunciação de um discurso contrário. A frequência desse fenômeno no corpus é grande, e revelou-se um indício importante para esse funcionamento discursivo. Tal desautorização ocorre como no item seguinte, de “Jesus Chorou”⁷³:

Diz que homem não chora
Tá bom, falou
Não vai pra grupo, irmão
Aí: Jesus chorou

O provérbio “homem não chora” é enunciado, acompanhado da metaenunciação “diz que”, que reforça seu caráter “ON-sentencioso”. Em seguida ele é negado ironicamente através de “tá bom, falou” e diretamente através de “não vai pra grupo, irmão/ Aí, Jesus chorou” em que “ir pra grupo” significa ser enganado, ser engripado⁷⁴. O provérbio é considerado um “grupo”, uma enganação, pois até Jesus, que é o homem mais valoroso do mundo, chorou⁷⁵.

A seguir analisarei, em sub-itens que abarcam três grupos, as ocorrências encontradas: as desautorizações de formas fixas que questionam o mundo como um lugar bom, verdadeiro e justo estão reunidas no sub-item “Sobrevivendo no Inferno”. As

⁷³ *Nada como um dia após o outro dia – Chora Agora*, 2002 (anexo 5a).

⁷⁴ Encontro esse uso de “grupo” como “enganação, truque” também em Djavan (1976), “Na boca do beco”: “A turma me ganhou quando sacou o grupo/ E hoje a crioula está de luto”.

⁷⁵ Esse rap compara seu enunciatador com Jesus, pois narra a decepção do rapper com sua quebrada e seu consequente choro. Há, por exemplo, os seguintes versos “Verme, sai da reta, a lágrima de um homem vai cair”; “Lágrimas molha a medalha de um vencedor”; “Cadê meu sorriso, onde tá, quem roubou?/ A humanidade é má e até Jesus chorou”.

desautorizações dos discursos de desvalorização da comunidade discursiva que os rappers desejam constituir e fortalecer estão reunidas no sub-grupo “Precisamos de nós mesmos”. Por fim, as desautorizações das formas fixas que constituem leis ou provérbios creditados à favela ou à periferia estão reunidas no sub-item “Se quer guerra terá, se quer paz quero em dobro”.

3.4.1. “Sobrevivendo no Inferno”⁷⁶

Primeiramente tratarei das negações de formas fixas que veiculam o discurso de que o mundo é um lugar justo, de que o Brasil é um país sem preconceitos, de que a polícia é uma instituição idônea, de que as leis são aplicadas de forma imparcial, de que os bandidos nascem bandidos e devem estar na cadeia. Contrapondo-se a isso, vê-se delinear, neste discurso, uma representação do mundo como um lugar injusto, do Brasil como um país racista, da polícia e das leis como instituições cuja função seria manter o status quo e punir a população pobre, dos prisioneiros como pessoas que foram levadas ao crime pela miséria. Enfim, trata-se de “sobreviver no inferno”.

Os trechos selecionados a seguir formam um grupo em que há essa contraposição discursiva, através da desproverbialização ou desmentido de estereótipo. Eles serão elencados em grupo, para que se possa ter uma visão do conjunto, e, posteriormente, serão analisados um a um.

(1)
Pode crer: a verdade se omite⁷⁷

(2)
A esperança é a primeira que morre⁷⁸

(3)
E seus pais acham que a cadeia é
Nosso lugar⁷⁹

⁷⁶ “Sobrevivendo no Inferno” é título do CD lançado pelos Racionais MCs em 1997.

⁷⁷ “Pânico na Zona Sul”. *Holocausto Urbano*, 1990 (anexo 1).

⁷⁸ “Beco sem saída”. *Holocausto Urbano*, 1990 (anexo 1).

⁷⁹ “Hey, Boy”. *Holocausto Urbano*, 1990 (anexo 1).

(4)

Pois a lei é surda, cega e mal interpretada⁸⁰

(5)

Os sociólogos preferem ser imparciais
E dizem ser financeiro o nosso dilema
Mas se analisarmos bem mais você descobre
Que negro e branco pobre se parecem, mas não são iguais⁸¹

(6)

“O Brasil é um país de clima tropical onde as raças se misturam naturalmente e não há preconceito racial.”

Sample- Ah, ah, ah, ah⁸²⁸³

(7)

Quem é preto como eu já tá ligado qual é,
Nota Fiscal, RG, polícia no pé
Policial- Escuta aqui: o primo do cunhado do meu genro é mestiço
Racismo não existe, comigo não tem disso
É pra sua segurança
Rock- Falou, falou, deixa pra lá
Vou escolher em qual mentira vou acreditar⁸⁴

(8)

Tem um corpo no escadão a tiazinha desce o morro
Polícia: a morte; polícia: socorro⁸⁵

(9)

Em São Paulo, terra de arranha-céu
A garoa rasga a carne, é a Torre de Babel⁸⁶

(10)

Brown- Porra vagabundo, olha, vou te falar
Tô chapando, êta mundo bom de acabar
O que fazer quando a fortaleza tremeu
E quase tudo ao seu redor melhor se corrompeu?⁸⁷

⁸⁰ “Racistas Otários”. *Holocausto Urbano*, 1990 (anexo 1).

⁸¹ “Racistas Otários”. *Holocausto Urbano*, 1990 (anexo 1).

⁸² Sample com a risada da música Thriller de Michael Jackson.

⁸³ “Racistas Otários”. *Holocausto Urbano*, 1990 (anexo 1).

⁸⁴ “Qual mentira vou acreditar?”. *Sobreviverndo no Inferno*, 1997 (anexo 4).

⁸⁵ “Fim de Semana no Parque”. *Raio X do Brasil*, 1993 (anexo 3).

⁸⁶ “Negro Drama”. *Nada como um dia após o outro dia – Chora Agora*, 2002 (anexo 5a).

⁸⁷ “Jesus Chorou”. *Nada como um dia após o outro dia – Chora Agora*, 2002 (anexo 5a).

O rap “Pânico na Zona Sul” foi a faixa número um do primeiro disco dos Racionais MCs, *Holocausto Urbano* (1990). Já havia sido gravado dois anos antes e inserido em uma coletânea com outros grupos de rap – Consciência Black. É, portanto, um momento de apresentação dos Racionais para o público. A primeira estrofe desse rap é a seguinte:

(1)

Brown- Então quando o dia escurece
Só quem é de lá sabe o que acontece
Ao que me parece, prevalece a ignorância e nós
Estamos sós, ninguém quer ouvir a nossa voz
Cheios de razões, calibres em punho
Difícilmente um testemunho vai aparecer
E pode crer: a verdade se omite
Blue- Pois quem garante meu dia seguinte?
Brown- Justiceiros são chamados por eles mesmos
Matam, humilham e dão tiros a esmo
E a polícia não demonstra sequer vontade
De resolver ou apurar a verdade
Pois simplesmente é conveniente
E por que ajudariam se nos julgam delinquentes?
E as ocorrências prosseguem sem problema nenhum
Continua-se o pânico na Zona Sul

Nessa estrofe, é representada uma realidade cruel, em que a população pobre (“só quem é de lá”) é humilhada e morta por grupos de extermínio (“justiceiros”) com a conivência da polícia. Há a apresentação de uma sociedade cindida em dois grupos: “nós” e “eles”. O posicionamento discursivo “deles”, do “outro”, o que não é de lá, é apresentado como dominante e predominante. “Eles” têm ao seu lado os “justiceiros” e a “polícia”. “Cheios de razões”, conseguem fazer prevalecer sua ignorância (“prevalece a ignorância”) e julgar delinquentes os pobres que são mortos (“nós”). E essas ocorrências – mortes da população pobre – “prosseguem sem problema nenhum”.

Já o grupo em que se posiciona o enunciador, o “nós”, sofre na pele as ações “deles” (“só quem é de lá sabe o que acontece”). Embora estejam com a razão e sejam injustiçados, ninguém os ouve, estão sós. Em tal mundo que está sendo apresentado, como

afirmar o provérbio “a verdade sempre aparece”? Impossível. Em seu lugar, o rap afirma: “E pode crer: a verdade se omite / pois quem garante o meu dia seguinte?”

O discurso em que é possível afirmar que “a verdade sempre aparece” é um discurso de conformação, baseada numa confiança no poder da verdade e da justiça contra a mentira e a injustiça. Esse mundo em que “a verdade sempre aparece” não é o vivenciado pelo “nós” desse rap. Pelo contrário, no mundo que o enunciador apresenta aqui a verdade não aparece, o que prevalece é a ignorância, a injustiça e o preconceito que justificam perante a sociedade não-pobre as execuções dos pobres (“por que ajudariam se nos julgam delinquentes?”).

De forma a ressaltar a destacabilidade do enunciado, ele é precedido de uma frase metaenunciativa, “e pode crer”, que traz um efeito de verdade para o que vai ser dito em seguida: o que será dito em seguida é algo em que se pode crer. Além desse destaque a mais, há o destaque dado pela rima (omite – seguinte), pela mudança de locutor (Brown e Blue), além dos versos encerrarem o segundo grupo de quatro compassos, estando, portanto, no final de um trecho musicalmente separado do seguinte.

No mesmo álbum, na faixa “Beco Sem Saída”⁸⁸ também há uma ocorrência de negação de provérbio com o mesmo efeito do que foi analisado anteriormente, em “Pânico na Zona Sul”. Em “Beco Sem Saída”, conforme o título indica, é representada a realidade da população pobre urbana. O tom é de crítica e indignação. O trecho do rap em que está o enunciado destacado para análise é o seguinte:

(2)

Rock- Vivem como ratos jogados: homens, mulheres, crianças

Vítimas de uma ingrata herança

A esperança é a primeira que morre

E sobrevive a cada dia a certeza da eterna miséria

O que se espera de um país decadente

Onde o sistema é duro, cruel, intransigente?

Refrão- Beco sem saída!

Ao contrário do que afirma o conhecido provérbio, “A esperança é a última que morre”, esse rap afirma o contrário: “A esperança é a primeira que morre”. Tal enunciado,

⁸⁸ *Holocausto Urbano*, 1990 (anexo 1).

negando e subvertendo o provérbio tradicional, contribui para elidir o discurso esperançoso, de conformismo, de otimismo enunciado pelo provérbio original. Mas num mundo em que “homens, mulheres, crianças” “vivem como ratos jogados”, a esperança morre e o que sobrevive renovadamente – “a cada dia” – é “a certeza da eterna miséria”. O que é levado ao extremo nesse posicionamento discursivo não é a esperança, que, no provérbio original, é a “última” que morre, e sim a miséria, que é qualificada como “eterna”. O que sobrevive a tudo não é mais a esperança, e sim a “miséria”. Por isso, como título do rap e seu refrão (dois lugares de destaque), o mundo é qualificado como um “beco sem saída”. Não adianta ter esperança, não há saída.

A faixa “Hey, boy” tem a cenografia de um encontro entre um “boy” (jovem de classe média-alta ou alta) e dois jovens da periferia. O “boy” está no bairro de periferia e o diálogo (na verdade um monólogo que um dos jovens de periferia – na voz de Mano Brown - despeja sobre o “boy”) vai na direção de expor as mazelas por que passam os jovens periféricos e argumentar que o sistema sócio-econômico injusto é culpa daqueles que se beneficiam dele (dentre estes, o “boy” e seus pais). A argumentação tem o sentido de desmascarar as causas da miséria e da marginalidade. De acordo com este posicionamento discursivo, o “sistema” é responsável pela manutenção da desigualdade social e também pela opção de alguns pobres pela criminalidade. Trata-se de um posicionamento “de esquerda”, no sentido de defender que há uma causa estrutural para os comportamentos e opções, enquanto o posicionamento “de direita”, que responsabiliza cada um individualmente – pela opção criminosa, por exemplo – está sendo combatido⁸⁹. O enunciado fixo que será negado neste trecho de “Hey Boy” não é propriamente um provérbio, mas uma fórmula destacada e já fixa: “Lugar de bandido é na cadeia”. Vejamos como será negado:

(3)

Brown- A marginalidade cresce sem precedência
Conforme o tempo passa, aumentar é a tendência
E muitas vezes não tem jeito: a solução é roubar
E seus pais acham que a cadeia é
Blue- Nosso lugar

⁸⁹ A respeito da diferenciação discursiva entre direita e esquerda, ver Motta & Possenti, 2008.

O sistema é a causa e nós somos a consequência

Brown- Maior

Blue- Da chamada violência

Brown- Por que, na real,

Blue- Com nossa vida ninguém se importa

E ainda querem que sejamos patriotas

Os pais do “boy”, isto é, a parcela social e economicamente bem sucedida da sociedade, são apresentados aqui como os que acreditam e propagam que “lugar de bandido é na cadeia”. Esse enunciado é evocado, embora não exatamente, pois, ao invés de “bandido”, aparece o “nosso”. “Seus pais” – “eles” – consideram que a cadeia é “nosso lugar”, enunciado em que os enunciadores do rap se identificam com os que são chamados de “bandidos” pelo discurso contrário. Enunciam o enunciado do outro, em discurso indireto – “seus pais acham” – e o desmentem: “o sistema é a causa e nós somos a consequência”. Irmanam-se aos chamados “bandidos” como uma maneira de desmentir o que consideram um simulacro elaborado pelo discurso contrário, o de que os jovens de periferia são bandidos.

É também do álbum Holocausto Urbano, de 1990, que vem o quarto enunciado que será analisado aqui. O rap em que está inserido é “Racistas Otários”, que aborda o preconceito social e racial pelo qual a população pobre passa. O trecho em que está o enunciado que será analisado é o seguinte:

(4)

Brown- Justiça: em nome disso eles são pagos

Mas a noção que se tem é limitada e eu sei

Que a lei é implacável com os oprimidos

Tornam bandidos os que eram pessoas de bem

Pois já é tão claro que é mais fácil dizer

Que eles são os certos e o culpado é você

Se existe ou não a culpa

Blue- Ninguém se preocupa

Brown- Pois em todo caso haverá sempre uma desculpa

O abuso é demais, pra eles tanto faz

Não passará de simples foto nos jornais

Pois gente negra e carente, não muito influente

E pouco frequente nas colunas sociais

Blue- Então eu digo: meu rapaz,

Brown- Esteja constante

Ou abrirão o seu bolso e jogarão um flagrante
Num presídio qualquer, será um irmão a mais
Racistas otários, nos deixem em paz

Refrão- Racistas otários, nos deixem em paz
Racistas otários, nos deixem em paz
Racistas otários, nos deixem em paz

Sample- Pois a lei é surda, cega e mal interpretada

A frase fixa “a justiça é cega”, com sua variação “a lei é cega” é aqui interpretada criticamente. Ao invés de querer dizer que a justiça é aplicada igualmente a todos, sem distinção, “cega” passa a significar que a lei não vê o que se passa, é aplicada cegamente, injustamente. Além de “cega”, “surda”, pois não escuta os depoimentos e apelos dos injustiçados, e “mal interpretada”, pois é interpretada a serviço dos que têm dinheiro e poder, usando-se “dois pesos e duas medidas”. Tal enunciado, portanto, nega o discurso veiculado pela frase original, “a lei é cega”, em que é apresentado um mundo onde a justiça se faz presente, não há favorecimento, todos são iguais perante a lei. Tal mundo é uma farsa de acordo com o posicionamento discursivo destes rappers, e essa farsa será desmascarada em seus enunciados base, dos quais as frases sentenciosas fazem parte.

Quanto a esse enunciado, cabe ainda destacar que é inserido sampleado de outro rap, de Thaíde. Tal passagem é mais uma marca da destacabilidade, da aforização, do eu-coletivizado, tão importante para este funcionamento discursivo, conforme tem sido ressaltado nesta tese. Então, o que foi enunciado pelo rapper Thaíde em outro rap pode ser tomado como seu pelos Racionais.

Os dois enunciados seguintes serão analisados conjuntamente, pois estão bastante ligados. Nos dois, há um desmentido não de um provérbio ou de uma frase fixa, exatamente, mas de uma ideia que, embora ainda sem uma forma cristalizada (rimada, ritmada), representa um estereótipo constitutivo para o Brasil e o brasileiro: o de que no Brasil não há racismo, as diversas etnias sempre conviveram harmoniosamente e os preconceitos seriam puramente econômicos, mas não “raciais”. Costuma-se associar essa ideia a Gilberto Freyre, especialmente ao seu livro *Casa Grande e Senzala* (1933), do qual se diz que transformou a desvantagem – como a miscigenação era vista pelas ideologias dominantes na época – em vantagem – a exaltação dos aspectos positivos da miscigenação.

Araújo (1994) faz uma boa análise a esse respeito, mostrando como Gilberto Freyre e sua teoria da vantagem da miscigenação representavam um avanço para a época, frente às outras duas teorias raciais dominantes (a de que o Brasil seria um país culturalmente “estéril”, por causa da miscigenação e a de que o Brasil só seria um país viável quando se desse o “embranquecimento da raça”)⁹⁰.

Encontramos esse debate principalmente nos dois primeiros trabalhos dos Racionais MCs (1990; 1992). Por exemplo, no rap “Voz Ativa”⁹¹ há o verso “Chega de festejar a desvantagem”, que se contrapõe ao discurso de que a história dos encontros entre povos no Brasil deva ser festejada. Trata-se aqui, pelo contrário, de denunciar os absurdos desumanos e desdobramentos terríveis dessa história de exploração e preconceito, que não terminou.

Os dois enunciados de “Racistas Otários” que serão analisados a seguir questionam uma tese corrente: a de que o Brasil é um país em que os diferentes grupos vivem em harmonia, e em que a miscigenação racial dissolveu o racismo. Tal tese, até pouco tempo amplamente aceita no mundo todo, tem um correlato linguístico cristalizado: a fórmula “democracia racial”. Embora essa fórmula não tenha sido empregada por Gilberto Freyre, que empregou, apenas em seus escritos a partir da década de 1940, a expressão “democracia étnica”, o discurso que ela mobiliza é tradicionalmente associado à

⁹⁰ Considero – concordando com Gustavo Henrique Tuna (2003) – que é um simulacro a respeito de Gilberto Freyre dizer que sua obra conta a história do Brasil como uma história de “miscigenação harmoniosa”, ou totalmente “pacífica”. Claro que em *Casa Grande & Senzala* há trechos revoltantes para quem quer que os descabros da escravidão sejam contados e conhecidos, como quando Freyre diz que “quanto à miscibilidade, nenhum povo europeu colonizador, dos modernos, excedeu ou sequer igualou nesse ponto aos portugueses. Foi misturando-se gostosamente com mulheres de cor logo ao primeiro contato e multiplicando-se em filhos mestiços que uns milhares apenas de machos atrevidos conseguiram firmar-se na posse de terras vastíssimas e competir com povos grandes e numerosos na extensão de domínio colonial e na eficácia da ação colonizadora” (Freyre, 1933: 9). Trechos como esses são certamente repugnantes, e fazem Freyre merecer a crítica de que na verdade não passava de um “senhor de engenho” contando a história pelo seu viés. No entanto, há também passagens em que Freyre denunciou as péssimas condições de vida dos escravos, o sadismo dos senhores de engenho, a crueldade das senhoras, a sífilização, etc. São exemplos desse posicionamento: “A escravidão desenraizou o negro do seu meio social e de família, soltando-o entre gente estranha e muitas vezes hostil” (Freyre, 1933: 398); “É igualmente de supor que muita mãe negra, ama-de-leite, tenha sido contaminada pelo menino de peito, alastrando-se também por esse meio, da casa-grande à senzala, a mancha da sífilis.” (Freyre, 1933: 397). “Daí fazer-se da negra ou mulata a responsável pela antecipação de vida erótica e pelo desbragamento sexual do rapaz brasileiro. Com a mesma lógica poderiam responsabilizar-se os animais domésticos; a bananeira; a melancia; a fruta do mandacaru com o seu visgo e a sua adstringência quase de carne. Que todos foram objetos em que se exerceu — e ainda se exerce — a precocidade sexual do menino brasileiro.” (Freyre, 1933: 389).

⁹¹ *Escolha seu caminho*, 1992 (anexo 2).

obra desse sociólogo. Guimarães (2006) traça o percurso desta fórmula chegando ao seu uso pelo movimento negro brasileiro a partir da década de 1970 – com mais força a partir de 1980 – em que passou a ser questionada e a aparecer nos enunciados juntamente com o termo “mito”. E é dessa forma que normalmente ocorre atualmente, o “mito da democracia racial”. Nos dois trechos que analisaremos a seguir podemos verificar ecos desse debate⁹²:

(5)

Brown- Os sociólogos preferem ser imparciais
E dizem ser financeiro o nosso dilema
Mas se analisarmos bem mais você descobre
Que negro e branco pobre se parecem, mas não são iguais

(6)

Sociólogo- O Brasil é um país de clima tropical onde as raças se misturam naturalmente e não há preconceito racial.
Sample- Ah, ah, ah, ah⁹³

Os dois trechos são do rap “Racistas Otários”, de 1990. O primeiro trecho destacado representa o pensamento atribuído aos “sociólogos”, que são considerados “imparciais”, o que poderia ser uma interpretação para a suposta “objetividade” do cientista – por extensão, dos sociólogos – que em seu trabalho prefeririam ser “imparciais”, ao invés de tomar o partido dos oprimidos. O enunciado atribuído aos sociólogos, no primeiro trecho, em discurso indireto, é: “dizem ser financeiro o nosso dilema”. É justamente a interpretação do outro – um simulacro – de que no Brasil, como não haveria racismo, “o dilema” dos negros pobres seria apenas financeiro, seria por serem pobres. Combater esse lugar comum a respeito do Brasil e dos brasileiros é um dos pilares do rap nacional e do movimento negro em geral. No primeiro trecho que está sendo analisado aqui, o lugar comum é combatido através de um “convite” para uma análise mais apurada: “mas se analisarmos bem mais você descobre / que negro e branco pobre se parecem, mas não são iguais”. Temos então o desmentido de um lugar comum, cuja origem é atribuída aos “sociólogos”.

⁹² A cena genérica do rap nacional incluiu, em sua formação, grupos de debates, leituras e estudos de textos propostos pela agenda do movimento negro brasileiro.

⁹³ Sample com a risada da música Thriller de Michael Jackson

Conforme afirmado anteriormente, não se trata especificamente de um provérbio sendo negado, mas de uma tese corrente a respeito do Brasil. O desmentido tem tom didático, típico desta fase dos raps dos Racionais, o que podemos verificar através do convite à análise e da consideração pelo que pode ser a opinião do outro. Observemos o uso do conectivo “mas”, que ocorre duas vezes. “Os sociólogos preferem ser imparciais / E dizem ser financeiro o nosso dilema / Mas se analisarmos bem mais você descobre / Que negro e branco pobre se parecem, mas não são iguais”.

O primeiro “mas” introduz o argumento “se analisarmos bem mais você descobre que negro e branco pobre se parecem, mas não são iguais”. O que é introduzido pelo primeiro “mas” tem a função de enfraquecer o discurso atribuído aos sociólogos, que “preferem ser imparciais” e “dizem ser financeiro o nosso dilema”. Apesar de estar indo contra o que é atribuído aos sociólogos, essa contraposição se dá através de uma ponderação, em que parte do que é atribuído aos sociólogos é válido, pois “negro e branco pobre se parecem”. Portanto, o discurso dos sociólogos, nesse trecho da letra, terá seu raciocínio considerado, pois a pobreza – o tal fator “financeiro” – é um aspecto que aproxima o “negro” e o “branco”. Porém, eles “se parecem”, isto é, sofrem problemas parecidos, “mas não são iguais”. O segundo “mas” que ocorre neste trecho introduz o posicionamento discursivo em que estão os Racionais: a discriminação racial coloca os negros um patamar abaixo na sociedade. Nesse sentido, seria mais fácil – ou menos difícil – ser um branco pobre no Brasil do que ser um negro pobre.

Já no segundo trecho de “Racistas Otários” em que há a negação da fórmula da “democracia racial”, outro recurso argumentativo é utilizado. Há o discurso direto com a voz de um suposto sociólogo⁹⁴. Na sequência da fala desse “sociólogo”, é inserida, em sample, a gargalhada final de “Thriller”, de Michael Jackson. Portanto, nesse segundo trecho, a “democracia racial” descrita pelo “sociólogo” em discurso direto é desautorizada através do escracho, o argumento é considerado ridículo, risível.

Procedimento semelhante ocorre no excerto seguinte, extraído do rap “Qual mentira vou acreditar?”⁹⁵:

⁹⁴ Não é dito no rap que seja um sociólogo. Isso é deduzido pelo ethos do enunciado.

⁹⁵ *Sobrevivendo no Inferno*, 1997 (anexo 4).

(7)

Rock- Quem é preto como eu já tá ligado qual é,

Nota Fiscal, RG, polícia no pé

Policial- Escuta aqui: o primo do cunhado do meu genro é mestiço

Racismo não existe, comigo não tem disso

É pra sua segurança

Rock- Falou, falou, deixa pra lá

Vou escolher em qual mentira vou acreditar

No trecho 7 também há a desautorização da fórmula “democracia racial”, que aparece através da fala extremamente estereotipada de um policial: “o primo do cunhado do meu genro é mestiço / Racismo não existe, comigo não tem disso”. O argumento de que há um parente “mestiço” na família é citado com frequência por militantes anti-racismo, que procuram desmascarar a fragilidade de tal raciocínio. Neste trecho, a fragilidade é levada ao extremo, pois o parente é “primo do cunhado do genro” do policial. O uso de “primo do cunhado do genro” - ou expressões semelhantes, como “o filho do vizinho do meu amigo”, “o amigo do amigo do meu vizinho” - é um recurso comum em enunciações humorísticas, em que se deseja satirizar a pouca ligação entre duas pessoas.

A fala do policial será, então, desautorizada, considerada uma “mentira”, que o “preto” não pode questionar no momento da batida policial, o que aparece na resposta daquele que está passando pela batida policial: “falou, falou, deixa pra lá”. No entanto, a cena pode ser apresentada no rap e a explicação do policial pode ser considerada como mentirosa. Considerar a explicação do policial mentirosa equivale, aqui, a desautorizar a fórmula da “democracia racial”.

O tom dos trechos 6 e 7 são semelhantes: não há explicações e ponderações acerca dos elementos linguísticos cristalizados que estão sendo desautorizados. A desautorização se dá através do humor, em 6 com a gargalhada e em 7 com o jogo linguístico “vou escolher em qual mentira vou acreditar” que denuncia a mentira através de uma escolha humorística sobre qual mentira – dentre as ouvidas em uma típica noitada paulistana - seria a mais absurda.

No próximo excerto que será analisado há a desautorização de uma fórmula fixa de apelo. Vejamos:

(8)

Brown- Tem um corpo no escadão a tiazinha desce o morro

Polícia: a morte, polícia: socorro

A fórmula fixa de apelo que está sendo negada é “Socorro, Polícia!” que é usada em situações de perigo, especialmente nos perigos em que a polícia é, idealmente, a instituição apropriada para atuar: um assalto ou uma ameaça física, por exemplo. Ao inverter a ordem das palavras em sua retextualização, os Racionais conseguem, de forma lapidar e concisa, inverter todo o sentido dessa frase cristalizada. Como nos bons trocadilhos ou piadas, uma mudança pequena⁹⁶ – afinal, mantêm-se as mesmas palavras e a pausa entre elas – traz consigo o abismo entre o que a polícia deveria ser e o que ela, segundo este posicionamento discursivo, é. A pequena cena apresentada no trecho tem uma personagem: a “tiazinha” (típica senhora da periferia, para esta comunidade discursiva) que está descendo o morro. O espaço é o morro, mais especificamente, o escadão: acesso muitas das vezes precário que a população do morro utiliza no trajeto casa-asfalto. Compondo o cenário, há um corpo morto no escadão. Essa pequena cena introduz uma explicação, que pode também ser interpretada como discurso indireto livre entre o narrador e a “tiazinha” que, neste caso, estaria metonimicamente representando a população do morro. Na sequência da enunciação, quatro sintagmas nominais são cantados com pausa entre eles. Na transcrição do trecho, optei por representar estas pausas tão significativas com “dois pontos”, “vírgula” e novamente “dois pontos”:

Polícia: a morte, polícia: socorro

“Polícia: a morte” associa o corpo morto do escadão com uma ação exterminadora da polícia, reforçando o estereótipo tão presente neste posicionamento

⁹⁶ Gresillon e Maingueneau (1984), conforme já expus neste capítulo, afirmam que os desvios de provérbio que alcançam maior efeito são aqueles em que a diferença formal entre o texto de que se parte e o resultado final é pequena (p. 115).

discursivo do policial cruel, sádico, que espanca, prende e mata os pobres. Perante tal figura, cabe à população do morro pedir socorro: “[quando vir a] polícia, [peça] socorro”.

O próximo trecho é, como os excertos 5, 6 e 7, a desautorização de um estereótipo ligado a uma fórmula linguística. Trata-se de um estereótipo não de um tipo humano e sim de uma cidade, que é cenário para todos os raps dos Racionais: São Paulo.

(9)

Brown- Em São Paulo, terra de arranha-céu
A garoa rasga a carne, é a Torre de Babel

O epíteto carinhoso dado a São Paulo, a “terra da garoa”, é associado aqui à violência da cidade. Na origem da fórmula “terra da garoa”, está uma outra São Paulo, do início do século XX, de menos concreto e mais umidade. Já nos Racionais MCs, a garoa, que seria originalmente uma chuva suave, “rasga a carne”. São Paulo recebe um novo epíteto: “é a Torre de Babel”, local em que as pessoas não se entendem e brigam entre si. É local, seguindo a origem bíblica da Torre de Babel, em que Deus impingiu aos homens o castigo da incompreensão e da discórdia.

No mesmo sentido, há o último excerto que será analisado neste item. Trata-se de um trecho de “Jesus Chorou”, de 2002. Esse rap é cantado em primeira pessoa por Mano Brown, que conta de sua tristeza e decepção com algumas palavras e atitudes da própria periferia. O trecho em questão não desautoriza um provérbio, e sim uma frase fixa exclamativa:

(10)

Brown- Porra vagabundo, olha, vou te falar
Tô chapando, eta mundo bom de acabar
O que fazer quando a fortaleza tremeu
E quase tudo ao seu redor melhor se corrompeu?

A frase fixa exclamativa desautorizada é “Eta, mundo bom!”, que tem as variações “Eta, mundo bão!” e “Eta, mundão!”. Normalmente é uma frase fixa exclamativa associada ao estereótipo do caipira, por isso é pronunciada no dialeto caipira (“eta”, “bão”) e tem subjacente o discurso de que o mundo é um lugar grande, positivo, encantador. O

ethos que normalmente é associado a essa enunciação é o do homem humilde, simples, satisfeito, feliz, encantado com as maravilhas do “mundão”. No rap, a expressão original “eta mundo bom” é acrescida da oração “de acabar”, que inverte o sentido da frase original. Ao invés de ser um “mundo bom”, o mundo será caracterizado como ruim, insuportável, que precisa acabar, “bom de acabar”.

3.4.2. “Precisamos de nós mesmos”⁹⁷

Conforme postulado desde a introdução desta tese, um dos principais aspectos do funcionamento discursivo do rap nacional, em geral, e dos Racionais MCs, especificamente, é o esforço de constituição de uma coletividade. Esse esforço explica, de acordo com a hipótese principal desta tese, a enunciação coletivizada e aforizante, a principal marca linguística encontrada no corpus.

Neste item, serão abordadas desautorizações de elementos linguísticos cristalizados que ferem a *autovalorização* dessa comunidade discursiva. Portanto, serão desautorizadas formas fixas que fazem parte de um discurso contrário a alguns valores morais (a fidelidade, por exemplo) e contrário ao negro. Analisarei como essas desautorizações contribuem para a formação de um ethos positivo para o enunciador desse discurso, que em trabalho anterior chamei de “o ethos do preto tipo A”⁹⁸.

Para dar uma visão de conjunto, primeiramente enumerarei todos os excertos que serão posteriormente analisados neste item:

(1)
Esqueça o grande ditado:
Cada um por si!⁹⁹

(2)
Nem sempre é bom ser esperto¹⁰⁰

⁹⁷ “Voz Ativa”. *Escolha Seu Caminho*, 1992 (anexo 2).

⁹⁸ Tal postulação está no capítulo 4 de minha dissertação de mestrado (Motta, 2004).

⁹⁹ “Beco sem saída”. *Holocausto Urbano*, 1990 (anexo 1).

¹⁰⁰ “Fim de Semana no Parque”. *Raio X do Brasil*, 1993 (anexo 3).

(3)

Ele disse que a amizade é pouco
Disse mais, que seu amigo é dinheiro no bolso¹⁰¹

(4)

Mulher- Mas ninguém precisa saber, é só entre eu e você.

Rock- Como ninguém precisa saber, meu? Só basta eu saber da parada, entendeu?¹⁰²

(5)

Todos eles com medo generalizam demais
Dizem que os negros são todos iguais
Você concorda?¹⁰³

(6)

O carnaval era a festa do povo
Era...mas alguns negros se venderam de novo¹⁰⁴

(7)

Que seus artifícios são vícios pouco originais
Anormais, artificiais, embranquiçados demais
Ovelha branca da raça, traidor!
Vendeu a alma ao inimigo, renegou sua cor¹⁰⁵

(8)

Não foi sempre dito que preto não tem vez? Então
Olha o castelo e não foi você quem fez, cuzão¹⁰⁶

(9)

Preto e dinheiro são palavras rivais?
É? Então mostra pra esses cu como é que faz¹⁰⁷

(10)

Preto, função, sou sim e sou feliz¹⁰⁸

¹⁰¹ “Mano na porta do bar”. *Raio X do Brasil*, 1993 (anexo 3).

¹⁰² “Parte II”. *Raio X do Brasil*, 1993 (anexo 3).

¹⁰³ “Voz Ativa”. *Escolha seu Caminho*, 1992 (anexo 2).

¹⁰⁴ “Voz Ativa”. *Escolha seu Caminho*, 1992 (anexo 2).

¹⁰⁵ “Júri Racional”. *Raio X do Brasil*, 1993 (anexo 3).

¹⁰⁶ “Negro Drama”. *Nada como um dia após o outro dia – Chora Agora*, 2002 (anexo 5a).

¹⁰⁷ “Vida Loka – parte II”. *Nada como um dia após o outro dia – Ri Depois*, 2002 (anexo 5b).

¹⁰⁸ “Eu sou função”. *1000 Trutas 1000 Tretas*, 2006 (anexo 6).

O primeiro trecho que será analisado está no rap “Beco sem saída”, de 1990. O trecho é apresentado como uma exortação para que o ouvinte adira ao posicionamento discursivo do grupo, o que inclui:

(1)

Rock- Esqueça o grande ditado:
Cada um por si!

Trata-se de um trecho bastante explícito e didático, típico dos dois primeiros trabalhos dos Racionais (1990; 1992). A individualista frase fixa de sabedoria “cada um por si” é metaenunciada como “o grande ditado” que deve ser esquecido, em busca de uma luta coletiva.

O segundo trecho está no rap “Fim de Semana no Parque”, de 1993. Nesse rap é comparada a infância e juventude da periferia e das classes altas. Também é denunciada a ausência do poder público na periferia. O excerto que será analisado desautoriza uma frase fixa de sabedoria:

(2)

Brown- Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
Pra molecada frequentar, nenhum incentivo
O investimento no lazer é muito escasso
O centro comunitário é um fracasso
Mas aí, se quiser se destruir, está no lugar certo:
Tem bebida e cocaína sempre por perto
A cada esquina, cem, duzentos metro
Nem sempre é bom ser esperto
Smith, Taurus Rossi, Dreyer ou Campari
Pronúncia agradável, estrago inevitável
Nomes estrangeiros que estão no nosso meio pra matar
M - E - R - D - A.

A frase fixa de sabedoria que é desautorizada no trecho é “O mundo é dos espertos”, que é retextualizada como “nem sempre é bom ser esperto”. Estereotipicamente, na sociedade, a esperteza é associada à malandragem, ao individualismo, à frouxidão moral. Aqui o rap, aproveitando-se desse estereótipo, apresenta o futuro para as crianças e adolescentes que se julgam “espertos” na periferia, o estrago inevitável. O considerado

“esperto” seria o “descolado”, que usa “bebida e cocaína”. De acordo com o posicionamento discursivo dos Racionais, as drogas contribuem para a desagregação da periferia, além de transformar os jovens em “inofensivos” ao sistema, porque com isso não se organizam em busca de seus direitos e ideais.

O terceiro excerto que será analisado está no rap “Mano na porta do bar”. Esse rap, um dos maiores sucessos da carreira dos Racionais, conta a história de um homem que era um “preto tipo A” e passa a querer mais dinheiro e poder a qualquer custo. Com isso, abandona seus amigos e sua namorada e passa a trabalhar como traficante de cocaína. Uma passagem do rap diz: “Você viu aquele mano na porta do bar?/ Ele mudou demais de uns tempos para cá/ Cercado de uma pá de tipo estranho/ Que promete pra ele o mundo dos sonhos/ Ele está diferente, não é mais como antes/ Agora anda armado a todo instante/ Não precisa mais dos aliado/ Negociantes influentes estão a seu lado/ Sua mina apaixonada, amiga e solidária/ Perdeu a posição: agora ele tem várias”. A enunciação do provérbio que será desautorizado no excerto seguinte é atribuída ao “mano na porta do bar”:

(3)

Brown- Ele disse que a amizade é pouco
Disse mais, que seu amigo é dinheiro no bolso

O provérbio “amigo é dinheiro no bolso” não será desautorizado verbalmente de maneira explícita, mas o será pela “moral da história” que subjaz a esse rap. O “mano na porta do bar” morrerá baleado no final da história, assassinado por um dos inimigos que fez como traficante. Então podemos interpretar que o provérbio “amigo é dinheiro no bolso”, que desvaloriza a amizade em prol do dinheiro, é desautorizado pelo destino de seu “adepto”: o “mano na porta do bar”.

O trecho 4 é do rap “Parte II”, de 1993. A cenografia desse rap - que é a “Parte II” de “Mulheres Vulgares” de 1990 - é a de uma conversa entre Edi Rock e uma mulher. A mulher, apesar de ser namorada de um amigo de Edi Rock, está propondo um encontro amoroso com ele. Em um determinado momento acontece o seguinte diálogo:

(4)

Mulher- Mas ninguém precisa saber, é só entre eu e você.

Rock- Como ninguém precisa saber, meu? Só basta eu saber da parada, entendeu?

A mulher propõe que o encontro se dê às escondidas, e utiliza para isso uma fórmula fixa: “ninguém precisa saber”. Essa expressão é utilizada em sociedade quando alguém está fazendo algo contra as leis ou contra a moral, que deva permanecer escondido. Edi Rock desautoriza a expressão, dizendo rispidamente “só basta eu saber da parada”, contrapondo aos valores reprováveis da mulher sua conduta correta.

A partir do trecho 5, os sete excertos seguintes desautorizam elementos linguísticos cristalizados que rebaixam os negros. Portanto, de 1 a 4 trata-se de um discurso pelo fortalecimento dos valores coletivos, e de 5 a 10 será *autovalorizada* uma característica considerada central para esse grupo: a raça negra.

Em 5, há versos do rap “Voz Ativa”, do compacto *Escolha seu Caminho*, de 1992. Este rap foi citado por Mano Brown em entrevista à revista Caros Amigos¹⁰⁹ como exemplo de um tom professoral que ele abandonara, a partir de *Raio X do Brasil*, de 1993:

(5)

Brown- Eu tenho algo a dizer e explicar pra você
Mas não garanto, porém, que engraçado eu serei dessa vez
Para os manos daqui, para os manos de lá
Se você se considera um negro pra negro será
MANO!!! Sei que problemas você tem demais
E nem na rua não te deixam na sua
Entre madames metidas e os racistas fardados
De cérebro atrofiado não te deixam em paz
Todos eles com medo generalizam demais
Dizem que os negros são todos iguais
Você concorda?
Se acomoda então, não se incomoda em ver
Mesmo sabendo que é foda, prefere não se envolver
Finge não ser você e eu pergunto por que
Você prefere que o outro vá se ofender?
Não quero ser o Mandela, apenas dar um exemplo
Não sei se você me entende, mas eu lamento
Que irmãos convivam com isso naturalmente
Não proponho ódio, porém acho incrível
Que o nosso conformismo já esteja nesse nível
Mas Racionais, resistentes nunca iguais

¹⁰⁹ Cf. nota 55 do capítulo 2 desta tese.

Afrodinamicamente manter nossa honra viva

Sabedoria de rua, o rap, mais expressiva:

Rock- E aí?

Brown- A juventude negra agora tem a voz ativa

No trecho acima, que é o início desse rap, há uma exortação para a ação, a mobilização em busca de direitos, a luta anti-racismo. O rap é enunciado em primeira pessoa e com interlocutor definido, “você”. Ao longo da faixa percebemos que o interlocutor pretendido por esse rap é o “nós” dos rappers: é o jovem negro de periferia. Primeiramente há o aviso de que haverá uma “mensagem”, “algo a dizer” e “explicar”, que não será “engraçado”. Em seguida há o apelo para que os ouvintes assumam estar no grupo dos “negros”, ser um membro desse grupo: “se você se considera um negro, pra negro será MANO!!!”.

A argumentação continua com a identificação dos problemas pelos quais os negros pobres passam – “sei que problemas você tem demais”, “nem na rua não te deixam na sua”. O tom é de alguém que quer se habilitar como um representante, que sabe o que o grupo passa e está pronto para ser sua “voz ativa”. Esse papel de representação por vezes é posto como lugar de indivíduos – como quando Brown se apresenta como o “descendente negro atual” – e por vezes como lugar do movimento rapper: a “voz ativa” da juventude negra são os Racionais MCs, mais amplamente ainda, é o rap nacional¹¹⁰. Então é exposta discriminação que vem dos “racistas fardados” e das “madames metidas”, ambos de “cérebro atrofiado”. Um enunciado é atribuído a esses racistas, a generalização de que “os negros são todos iguais”¹¹¹. Todos conhecemos esse molde de frase fixa de sabedoria:

¹¹⁰ Nesse sentido, há as seguintes passagens em “Voz Ativa”: “**Blue-** 1992. A juventude negra agora tem voz ativa. Viemos mostrar que a sabedoria de rua vale muito e não se aprende nas escolas e tal. Das ruas de São Paulo pro mundo: Racionais”; “**Brown:** Mas Racionais, resistentes nunca iguais / Afrodinamicamente manter nossa honra viva / Sabedoria de rua, o rap, mais expressiva: / E aí? / A juventude negra agora tem a voz ativa”; “**Brown:** Chega de festejar a desvantagem / E permitir que desgastem a nossa imagem / Descendente negro atual: meu nome é Brown / Não sou complexado e tal, apenas racional / É a verdade mais pura, postura definitiva: / A juventude negra agora tem voz ativa”; “**Brown:** Tenho orgulho de mim, um rapper em ação / Nós somos negros sim de sangue e coração / Mano Ice Blue me diz / Blue- Justiça é que nos motiva: / A minha e a sua, a nossa voz ativa”; “**Brown-** É isso aí. 1992, a juventude negra agora tem voz ativa através do nosso rap nacional, o maior veículo de comunicação entre os nossos irmãos e tal.”.

¹¹¹ A forma com que a frase é inserida não é sua forma cristalizada “negro é tudo igual” e sim “os negros são todos iguais”, menos generalizante, pelo uso do plural e do artigo, mas mais inserida no rap: sintaticamente condizente com o discurso indireto que está sendo proposto – “dizem que”, e rimicamente, “demais” rimando

“homem é tudo igual”; “mulher é tudo igual”; “negro é tudo igual”; “mãe é tudo igual, só muda o endereço”; “filho é tudo igual, só muda o endereço”, utilizado normalmente em situações de crítica. Pensando em estereótipos, poderíamos prever o uso dessas frases, por exemplo, quando um homem trai sua esposa; uma mulher demora para se arrumar para ir a algum lugar; um negro faz um serviço mal feito (o que evoca a expressão fixa “serviço de preto” ou “serviço de negro”) ou então um negro está envolvido em crime; uma mãe se comporta de forma superprotetora; um filho faz algo irresponsável. O que está sendo questionado, então, é a frase “negro é tudo igual”, cuja enunciação é atribuída às “madames metidas e racistas fardados de cérebro atrofiado”, que são retomados com “todos eles”.

O posicionamento discursivo dos rappers é contrário ao estereótipo evocado por essa frase, o de que negros são todos iguais (ao fazer algo mal feito ou estar envolvido com a criminalidade). Isso será diretamente questionado conativamente: “você concorda?”. Segue-se uma exortação à ação, um libelo anti-conformismo, pela união da juventude negra em torno da defesa dos direitos e por um ideal comum. Há, nesse esforço, um tom de modéstia – “não quero ser o Mandela” – ponderado pela *autovalorização* – “apenas dar o exemplo” e antecipação da crítica de que seriam “racistas às avessas” – “não proponho o ódio, porém acho incrível/ que o nosso conformismo já esteja nesse nível”.

Portanto, embora estejam, nesse excerto, “convocando” a juventude negra para se sentir parte de um grupo e lutar por ele – estão, de algum modo, desejando que “os negros sejam todos iguais”...- a frase fixa é negada, pois seu sentido comum não é o de que os negros enfrentam os mesmos problemas e precisam se unir, e sim o de que os negros são todos criminosos ou incompetentes. Em análises como essa vemos a vitalidade de afirmações clássicas da Análise do Discurso acerca do sentido das palavras e expressões. Pode-se ver o quão radicalmente o sentido do enunciado “negros são todos iguais” depende de sua origem discursiva.

Os versos contidos em 6 são também do rap “Voz Ativa”, e fazem parte de uma análise sobre o Carnaval e a situação dos negros desde o início da escravidão no Brasil:

com “iguais”. Tal maneira de inserção de provérbios e expressões cristalizadas no fio enunciativo já foi analisada no capítulo anterior.

(6)

Brown- Nossos irmãos estão desnorteados
Entre o prazer e o dinheiro desorientados
Mulheres assumem a sua exploração
Usando o termo mulata como profissão
É mal...

Carnavalesca- Chegou o carnaval! Chegou o carnaval!

Brown- Modelos brancas no destaque, as negras onde estão?

Desfilam no chão em segundo plano

Pouco original, mais comercial a cada ano

O carnaval era a festa do povo

Era...mas alguns negros se venderam de novo

Branco em cima negro embaixo

Ainda é normal, natural, 400 anos depois

Mil novecentos e noventa e dois, tudo igual

Bem-vindos ao Brasil colonial e tal

Precisamos de nós mesmos, essa é a questão

DMN, meus irmãos, descrevem com perfeição então

Gostarmos de nós brigarmos por nós

Acreditarmos mais em nós, independente de que os outros façam

O que será negado em 6 é uma fórmula ligada ao Carnaval brasileiro: sua caracterização como “a festa do povo”. Segundo o posicionamento discursivo dos Racionais, o Carnaval não pode mais ser considerado “a festa do povo”, porque “alguns negros se venderam” e venderam o Carnaval. Hoje em dia as modelos brancas estão no destaque e as negras “em segundo plano”. É também interessante analisar no trecho a crítica ao uso do termo “mulata” como profissão, prática cuja origem é vinculada a Sargentelli¹¹². A exploração sexual das “mulatas” é vista como a continuidade do “Brasil colonial”. No final do trecho, um enunciado do grupo DMN¹¹³, que era bastante próximo aos Racionais na época e cujos integrantes são chamados de “meus irmãos” por Brown, é destacado e visto como solução para o fim do “Brasil colonial”: “precisamos de nós mesmos”. Esse enunciado é título de rap do DMN, em parceria com o rapper Xis. Podemos dizer, então, que a citação de “precisamos de nós mesmos” é um uso desse enunciado, que autovaloriza o coletivo e também uma menção ao título do rap do DMN, que Brown diz descrever “com perfeição” as necessidades da juventude negra. A menção ao DMN faz

¹¹² No verbete “Oswaldo Sargentelli”, da Wikipedia, há a informação de que ele se definia como “mulatólogo” (http://pt.wikipedia.org/wiki/Oswaldo_Sargentelli).

¹¹³ Uma sigla para “Defensores do Movimento Negro”.

parte da enunciação coletivizada e, de alguma forma, fornece uma espécie de identificação autoral para o sample “consequência: má informação que se tem”, que é inserido em “Voz Ativa”, retirado de “Isso não se faz” (DMN, 1992).

Os versos destacados em 7 estão contidos no rap “Júri Racional”, de 1993. Neles há duas ocorrências de desautorização de elementos linguísticos cristalizados, que serão analisadas em conjunto, pois trata-se basicamente do mesmo caso. A cenografia desse rap é a de um julgamento. Há o “promotor”, na voz de Edi Rock, que está acusando um homem negro que não assumiu sua negritude, não lutou contra o racismo e não se *autovalorizou*. Os versos são os seguintes:

(7)

Rock- Autovalorização: esse é o título
Da nossa revolução, capítulo um
O verdadeiro negro tem que ser capaz
De remar contra a maré, contra qualquer sacrifício
Mas no seu caso é difícil: você só pensa no seu benefício
Desde o início, me mostram indícios
Que seus artifícios são vícios pouco originais
Anormais, artificiais, embranquiçados demais
Ovelha branca da raça, traidor!
Vendeu a alma ao inimigo, renegou sua cor
Refrão- Mas nosso júri é racional, não falha!
Por quê? Não somos fã de canalha!

Há aqui duas retextualizações de elementos cristalizados. Os “artifícios” do homem que está sendo julgado são considerados “vícios pouco originais, anormais, artificiais, embranquiçados demais”. Ao invés de utilizar o radical de “negro” para formar palavras com sentido negativo – como período negro da história, denegrir a moral – Edi Rock, para criticar os artifícios desse homem diz que eles são “embranquiçados”. O adjetivo formado com o radical de “branco” é que linguisticamente passa a significar algo negativo. Na mesma direção, o homem que está sendo criticado é a “ovelha branca da raça”, o que subverte a expressão fixa “ovelha negra” (da família, da raça, do grupo). A expressão “ovelha negra” significa, em seu uso corrente, um membro de um grupo pior que os outros, que de algum modo destoa e estraga o grupo. Nesse caso, o membro negativo do grupo é chamado de “ovelha branca”.

O trecho que será analisado a seguir faz parte do rap “Negro Drama”, de 2002. Nesse rap, Edi Rock e Mano Brown falam sobre o drama de ser negro no Brasil, mais especificamente em São Paulo. Falam também de seus dramas como membros do grupo Racionais MCs, pelo lugar paratópico em que estão: “entre o sucesso e a lama”, “o dinheiro tira um homem da miséria/ mas não pode arrancar de dentro dele a favela”, “você sai do gueto, mas o gueto não sai de você”. É importante destacar que o interlocutor explícito desse rap é o homem de classe alta, como podemos verificar nos trechos: “Periferias, vielas, cortiços/ Você deve estar pensando o que você tem a ver com isso” e “Hey, senhor de engenho, eu sei bem quem você é”, entre muitos outros.

No excerto seguinte há a desautorização de um elemento linguístico cristalizado:

(8)

Rock- Histórias, registros e escritos
Não é conto, nem fábula, lenda ou mito
Não foi sempre dito que preto não tem vez? Então
Olha o castelo e não foi você quem fez, cuzão
Eu sou irmão dos meus truta de batalha
Eu era a carne, agora sou a própria navalha

Através da metaenunciação – “foi sempre dito que” - , é enunciado o provérbio “Preto não tem vez” Esse provérbio será desmentido por “olha o castelo e não foi você quem fez, cuzão”, que vocifera contra a desvalorização do negro apesar de ele ter sido imprescindível para a existência de riquezas no Brasil. O final do trecho destacado também toma uma expressão linguística cristalizada, “navalha na carne”, para construir uma metáfora que representa a mudança da posição de Edi Rock – e metonimicamente, do negro em geral – na sociedade: de oprimido e fraco (“eu era a carne”), para protagonista e forte (“agora sou a própria navalha”).

O excerto seguinte faz parte do rap “Vida Loka – parte II”, de 2002. Está no segundo CD deste álbum duplo, intitulado *Ri depois*. Trata-se de uma continuação de “Vida Loka – intro” e “Vida Loka – parte I”, do primeiro CD do álbum duplo, intitulado *Chora*

Agora. O tom desse rap é positivo, ressaltando a união da periferia e a autovalorização. O trecho que será analisado é o seguinte:

(9)

Brown- Feliz de poder comprar o azul, o vermelho
O balcão, o esquerdo, o estoque, a modelo
Não importa: dinheiro é puta e abre as porta
Dos castelo de areia que quiser
Preto e dinheiro são palavras rivais?
É? Então mostra pra esses cu como é que faz

Em 9, Brown narra a história de um “parceiro”, que fora humilhado na infância e, na idade adulta, tendo dinheiro, pode voltar à loja e comprar o tênis “azul, o vermelho, o balcão, o esquerdo, o estoque, a modelo”. No clipe desse rap, no DVD *1000 Trutas, 1000 Tretas*, há a história de um menino negro que sofreu discriminação e depois conseguiu se *autovalorizar*. A frase fixa de sabedoria que é desautorizada aqui é “Preto e dinheiro são palavras rivais”, que tem as variantes conhecidas “Preto e dinheiro são inimigos” e “Pobre e dinheiro são inimigos”. A desautorização, assim como ocorrera em 8, vem numa vociferação ameaçadora: “É? Então mostra pra esses cu como é que faz”, sendo “esses cu” os que oprimem e humilham os negros. A resposta de Brown à frase fixa de sabedoria busca incitar que os negros não se conformem em ser pobres e conquistem seu lugar na sociedade de consumo, mostrando que preto e dinheiro não são palavras rivais.

O último excerto que será analisado neste item vem do rap “Eu sou função”, que está no CD *Exilado sim, preso não* de Dexter (2006). Esse rap é cantado por Lelê Função, Dexter e Mano Brown, e é a trilha sonora do menu de “extras” e “configurações” do DVD *1000 Trutas, 1000 Tretas*, de 2006. Ser “da função” ou ser “função”, do título do rap, significa fazer parte da turma, da galera. Semelhante ao que ocorre com os termos “corre” e “correria” pode ter ou não o sentido ligado à criminalidade. De todo modo, a “função” é identificada com uma aglomeração de jovens da periferia, mal vista por muitos. Está na parte cantada por Dexter o seguinte verso:

(10)

Dexter- Preto, função, sou sim e sou feliz

O que está sendo desautorizado aqui não é um provérbio e sim uma parlenda, uma resposta rimada e ritmada que uma criança dá para outra ao ser xingada. A situação comum de uso dessa parlenda é a seguinte: uma criança xinga a outra de “feia”, por exemplo. A outra responde:

Sou feia, mas sou feliz
Mais feia é quem me diz

Portanto, o contexto habitual de uso dessa parlenda é admitir uma característica negativa, no exemplo dado, a feiúra, dizer que apesar de ter essa característica negativa é feliz e, por fim, que quem a xingou tem mais ainda essa característica. Na parlenda original, o termo usado para xingamento não perde seu valor negativo, o que podemos perceber pelo uso do “mas”, que contrapõe “ser feliz” a ter aquela característica, em um raciocínio concessivo, como “apesar de ser feia, sou feliz”¹¹⁴. Também podemos perceber que o xingamento não perde seu valor negativo porque ele é “devolvido” àquela criança que xingou primeiro: “mais feia é quem me diz”. No verso de Dexter, há algumas mudanças importantes, que permitem que se fale em desautorização da forma original da parlenda. Os termos que são assumidos para si – na parlenda original, seriam os xingamentos, ou termos negativos – são “preto” e “função”. Dexter assume: “Preto, função, sou sim”. No entanto, ao invés de utilizar a conjunção “mas”, da brincadeira original, ele usa a conjunção “e”, o que coloca ser “preto”, “função” e “feliz” na mesma direção argumentativa: são consideradas três características positivas. Condizente com isso, as características não são “devolvidas” ao interlocutor, como na brincadeira original. Elas são assumidas e *autovalorizadas* por Dexter: “Preto, função, sou sim e sou feliz”.

¹¹⁴ A funkeira Tati Quebra Barraco enunciou algo parecido, frase que alcançou grande destaque: “Sou feia, mas tô na moda”.

3.4.3. “Se quer guerra terá, se quer paz, quero em dobro”¹¹⁵

Neste último sub-item do capítulo, abordarei as desautorizações de elementos linguísticos cristalizados que questionam alguns discursos atribuídos à periferia ou à favela. Tais discursos, enunciados na forma de provérbios, de leis, de expressões fixas, fazem parte, de alguma forma, da manutenção da miséria e da opressão da periferia pelo que eles chamam de “sistema”. Esse “sistema” inclui a injustiça, a desigualdade social, o racismo e a ignorância.

Seguindo o que foi feito nos dois sub-itens precedentes, primeiramente listarei todos os fragmentos, para dar a visão do conjunto. Cada fragmento será analisado posteriormente.

(1)

Sou assim e tô legal, até me leve a mal
Malicioso e realista sou eu: Mano Brown
Me dê quatro bons motivos pra não ser
Olha meu povo nas favelas e vai perceber¹¹⁶

(2)

Brown- Cada lugar uma lei, eu tô ligado
Mas no extremo Sul da Zona Sul tá tudo errado
Aqui vale muito pouco a sua vida
Nossa lei é falha, violenta e suicida
Se diz que me diz que não se revela
Parágrafo primeiro na lei da favela
Legal, assustador é quando se descobre
Que tudo deu em nada e que só morre o pobre
A gente vive se matando irmão, por quê?
Não me olhe assim, eu sou igual a você
Descanse o seu gatilho, descanse o seu gatilho
Entre no trem da malandragem, meu rap é o trilho

Brown- Vou dizer. Procure a sua paz. Pra todas as famílias aí que perderam pessoas importantes, morou, mano, procure a sua paz. Não se acostumem com esse cotidiano violento, que essa não é a sua vida, essa não é a minha vida, morou?¹¹⁷

(3)

¹¹⁵ “Negro Drama”. *Nada como um dia após o outro dia – Chora Agora* (anexo 5a).

¹¹⁶ “Fim de semana no parque”. *Raio X do Brasil*, 1993 (anexo 3).

¹¹⁷ “Fórmula mágica da paz”. *Sobrevivendo no Inferno*, 1997 (anexo 4).

Blue- Cada um cada um, tudo e nada nosso
Por baixo dos provérbio é só destroço¹¹⁸

O primeiro fragmento que será analisado está no rap “Fim de Semana no Parque”, de 1993. Nesse rap, conforme já foi exposto neste capítulo, Mano Brown elabora uma comparação entre a infância e juventude da periferia e das classes sociais mais abastadas. Após uma série de denúncias e críticas à situação da periferia, há os seguintes versos:

(1)
Brown- Sou assim e tô legal, até me leve a mal
Malicioso e realista sou eu: Mano Brown
Me dê quatro bons motivos pra não ser
Olha meu povo nas favelas e vai perceber

O elemento linguístico cristalizado que está sendo desautorizado aqui é a expressão fixa conciliatória “não me leve a mal”, que é normalmente empregada em situações de embate discursivo, a fim de amenizar uma possível discordância. Pois no fragmento acima, Brown diz que será “malicioso e realista”, pois exporá todas as mazelas das favelas sem poupar críticas. E, num tom de quem não faz concessões, enuncia “até me leve a mal”, se contrapondo ao tom conciliatório da expressão original “não me leve a mal”.

O fragmento seguinte está no rap “Fórmula Mágica da Paz”, de 1997. Nesse rap, Mano Brown expõe algumas situações típicas da periferia, alternando momentos de crítica com momentos de *autovalorização* de sua “área”.

(2)
Brown- Essa porra é um campo minado
Quantas vezes eu pensei em me jogar daqui
Mas aí, minha área é tudo que eu tenho
A minha vida é aqui e eu não consigo sair
É muito fácil fugir, mas eu não vou
Não vou trair quem eu fui quem eu sou

¹¹⁸ “O inimigo é de graça”. *1000 Trutas, 1000 Tretas*, 2006 (anexo 6).

Gosto de onde eu tô e de onde eu vim
 Ensino da favela foi muito bom pra mim
Cada lugar um lugar, cada lugar uma lei
Cada lei uma razão e eu sempre respeitei
 Qualquer jurisdição, qualquer área
 Jardim Santo Eduardo, Grajaú, Missionária
 Funchal, Pedreira e tal, Joaniza
 Eu tento adivinhar o que você mais precisa
 Levantar sua goma ou comprar uns panos
 Um advogado pra tirar seu mano
 (...)
Brown- Cada lugar uma lei, eu tô ligado
Mas no extremo Sul da Zona Sul tá tudo errado
 Aqui vale muito pouco a sua vida
Nossa lei é falha, violenta e suicida
Se diz que me diz que não se revela
Parágrafo primeiro na lei da favela
Legal, assustador é quando se descobre
Que tudo deu em nada e que só morre o pobre
 A gente vive se matando irmão, por quê?
 Não me olhe assim, eu sou igual a você
 Descanse o seu gatilho, descanse o seu gatilho
 Entre no trem da malandragem, meu rap é o trilho

Brown- Vou dizer. Procure a sua paz. Pra todas as famílias aí que perderam pessoas importantes, morou, mano, procure a sua paz. Não se acostumem com esse cotidiano violento, que essa não é a sua vida, essa não é a minha vida, morou?

O rap inicia com uma crítica ao lugar físico a partir do qual Brown enuncia, que será retomado, nos versos selecionados, através de “essa porra”, “campo minado”, “aqui”, “minha área”, “aqui”, “onde eu tô”, “de onde eu vim”, “favela”, “jurisdição”, “área”, nomes de bairros da Zona Sul, “extremo Sul da Zona Sul”, “aqui”, “favela”. No primeiro grupo de versos selecionados (antes das reticências), Brown, apesar de apontar defeitos no lugar onde vive e dizer que já pensara em sair (“se jogar”) de lá, acaba mudando o tom e dizendo que “gost[a] de onde est[á]” e “de onde (...) v[eio]”. E conclui que o “ensinamento da favela foi muito bom” para ele. Esse ensinamento será retomado através dos seguintes provérbios, comuns em locais em que o poder público não se faz muito presente: “cada lugar um lugar”, “cada lugar uma lei”, “cada lei uma razão”. Reforçando a ausência de lei pública, os bairros da Zona Sul – “Jardim Santo Eduardo”, “Grajaú”, “Missionária”,

“Funchal”, “Pedreira” e “Joaniza” são consideradas “jurisdições” próprias, independentes do poder público.

No entanto, no segundo grupo de versos selecionados (após as reticências), o enunciado “cada lugar uma lei” é retomado com a metaenunciação, “eu tô ligado”, remetendo ao que fora enunciado no início do rap sobre as leis próprias de cada área da periferia. Mas os versos continuam com uma desautorização do respeito que se deve ter a essas leis da favela: “mas no extremo sul da Zona Sul tá tudo errado / Aqui vale muito pouco a sua vida / Nossa lei é falha, violenta e suicida”. Rompendo com o respeito ao código de ética da favela – que comumente inclui o “olho por olho, dente por dente” – Brown denuncia que a lei da periferia está levando a que vivam em um lugar em que “tá tudo errado”, em que a vida “vale muito pouco” e em que os próprios habitantes da periferia vivem em meio a falhas, violência e assassinatos. Cabe aqui destacar o uso de “suicida” para qualificar a “lei” da favela: o código de ética da favela é suicida porque quem o segue muitas vezes alcança a morte – através de envolvimento com drogas e criminalidade, acaba por dar fim à sua própria vida – e também porque há o esforço de considerar a periferia como um corpo só (faz parte desse esforço a enunciação coletivizada), o que leva a que os assassinatos cometidos pelos que são da periferia contra os que são da periferia possam ser considerados suicídios. Tal interpretação é reforçada por “a gente vive se matando irmão, por quê?/ Não me olhe assim, eu sou igual a você”. Pode-se dizer, portanto que o pronome “se”, do “se matando”, aqui tem um funcionamento polissêmico: “se matando” (uns aos outros) e “se matando” (se suicidando).

No trecho é também explicado o “parágrafo primeiro na lei da favela”¹¹⁹, que é o “‘diz que me diz’ que não se revela”. A primeira lei da favela, portanto, é a “lei do silêncio”¹²⁰, da ausência de denúncia, da convivência silenciosa com a violência. Essa expressão fixa, considerada lei, será desautorizada em “Legal, assustador é quando se descobre/ Que tudo deu em nada e que só morre o pobre”. Através de “Legal”, o

¹¹⁹ É interessante o uso de “parágrafo primeiro” ao invés de “primeiro parágrafo”, como seria mais usual em uma enunciação comum. A inversão dos termos dá ao trecho um tom de enumeração de leis. Tal recurso tem o efeito de reforçar a seriedade das leis da favela e, mais uma vez, a ausência do poder público: as leis da favela são as leis válidas ali.

¹²⁰ Isto já fora enunciado em “Homem na Estrada”, de 1993: “Na madrugada da favela não existem leis/ Talvez a lei do silêncio, a lei do cão talvez”.

enunciador demonstra conhecer a lei da favela. No entanto, ele vai mais uma vez questioná-la e alertar para o fato de que ela está “dando em nada”, e “que só morre o pobre”. Finalizando o trecho em versos, há o apelo para que o interlocutor “descanse o seu gatilho”, isto é, saia da lógica da violência, e “entre no trem da malandragem”¹²¹, seguindo “o trilho” do rap¹²².

Concluindo este item, em 3 temos versos de “Inimigo é de graça”, rap do grupo U Time, gravado no CD *Trutas e Quebradas* (2007), com participação de Ice Blue. Este rap é a trilha sonora do menu de “Músicas” do DVD *1000 Trutas, 1000 Tretas*, de 2006.

(3)

Blue- Cada um cada um, tudo e nada nosso
Por baixo dos provérbio é só destroço

Nesse excerto são enunciados um provérbio e uma frase fixa exclamativa bastante comuns nessa comunidade discursiva, inclusive presentes em letras dos Racionais MCs. Primeiramente há “cada um, cada um”, provérbio que enuncia um discurso de individualidade, que pode dizer respeito às diferenças de opiniões ou ao individualismo. Algo semelhante a “cada cabeça, uma sentença”, conforme foi analisado no capítulo 3 desta tese. Já a frase fixa exclamativa citada é “É tudo nosso!”, que tem a variação “Tudo nosso!”, e é frequentemente usada como uma espécie de grito de guerra em shows de rap. Aqui essas duas ocorrências de frases cristalizadas serão desautorizadas. Iniciando a desautorização, são inseridas as palavras “e nada”, no meio da frase fixa exclamativa: “tudo e nada nosso”. Tal desautorização é explicada pelo verso seguinte: “Por baixo dos provérbio é só destroço”. Essa desautorização mira em cheio o discurso da própria comunidade rapper, que, malgrado afirmar “é tudo nosso!”, se olhar em volta verá que

¹²¹ Em verso anterior do mesmo rap, foi enunciado que “malandragem de verdade é viver”. Na versão de “Fórmula Mágica da Paz” de 2006, a palavra “malandragem” é substituída por “humildade”.

¹²² A semelhança entre “trilho” e “trilha” (aliás, de mesma origem etimológica) merece ser destacada. Em “Fórmula Mágica da Paz”, Brown diz que seu “rap é o trilho” do trem em que os ouvintes devem entrar. Em “Na fé irmão”, Edi Rock diz: “Meu rap é a linha de frente dessa guerrilha/ Faça o que puder, vier, siga a minha estreita trilha”. Em “Vida Loka – parte II”, Brown diz que “o caminho da felicidade ainda existe/ É uma trilha estreita em meio à selva triste”. No encerramento do CD “Sobrevivendo no Inferno”, na faixa “Salve”, Brown agradece a “todos os DJs, todos os MCs que fazem do rap a trilha sonora do gueto”. Há um outro grupo bastante próximo aos Racionais que se chama “Trilha Sonora do Gueto”.

ainda há muito o que fazer pela periferia e quase “nada” ainda é deles (“nosso”). Estendendo a desautorização para o provérbio que fora enunciado antes, em enumeração com “tudo e nada nosso”, é aqui desautorizada a ideologia do “cada um por si”, representada por “cada um cada um”, o que reforça que ainda há muito que se fazer, a bandeira do “precisamos de nós mesmos” ainda é válida.

A crítica desses versos de Ice Blue pode ser expandida a toda enunciação dos rappers, que, como vem sendo apresentado nesta tese, se baseia de maneira importante em elementos linguísticos já cristalizados pela língua e na enunciação aforizante (conforme será analisado no capítulo seguinte), que tem a pretensão de destacar e, por que não, cristalizar novos elementos. Então esses versos de Blue são um importante apelo para que ninguém se esqueça dos destroços que permanecem por baixo dos provérbios, para que a enunciação proverbial desta comunidade não caia no vazio.

Capítulo 4

Racionais MCs: uma enunciação aforizante

4.1. Para além (ou aquém) da paremiologia

As análises empreendidas nos capítulos 2 e 3, embasadas teoricamente pelo capítulo 1, sem dúvida indicam a importância da ocorrência de formas cristalizadas no corpus. No entanto, essas análises também apontam que há, nos Racionais MCs, um funcionamento semelhante ao das formas cristalizadas que ultrapassa a fronteira da inserção de provérbios, frases fixas de sabedoria, citações bíblicas, dentre outras formas fixas. Mais que uma citação ou um uso, as análises apontam para um funcionamento, uma regra mais geral que produz o efeito de sentido de grande incorporação das formas cristalizadas, atenuando a mudança de tom que sempre é ressaltada como característica desse tipo de inserção em outros corpora¹²³.

Analisando o corpus, mantém-se a impressão de que aquelas que não são formas breves já cristalizadas em língua poderiam ser, seguindo critérios linguísticos e também discursivos. Portanto, o material pede que se vá além (ou aquém) do campo paremiológico, a fim de verificar um funcionamento não restrito à citação, que dilui a fronteira entre as falas atribuídas a um enunciador coletivo e as falas relativamente “novas”. Por um certo viés de interpretação, essa abordagem iria além do campo paremiológico, uma vez que não se restringe a ele. Trata-se de um princípio mais geral. Olhando por outro viés, essa abordagem procura um aquém desse campo, pois vai buscar um funcionamento discursivo anterior, que não necessariamente terá como forma material “final” um provérbio, frase ou expressão fixa. O que permitiria afirmar que minha abordagem está aquém do campo paremiológico, pois os enunciados resultantes dessa maneira de enunciar

¹²³ Proposto primeiramente por Greimas (1975 [1970]), este postulado parece ter sido corroborado por todos os estudos paremiológicos que vieram depois.

nem sempre chegam a provérbio, frase ou expressão fixa, embora compartilhem um mesmo efeito.

Para entender em que pode consistir esse funcionamento mais geral, dois textos recentes de Maingueneau, que tratam de enunciados destacados de seu co(n)texto original, são um bom embasamento teórico. O primeiro é “Citação e destacabilidade”, publicado em *Cenas da Enunciação* (Maingueneau, 2006b). O segundo é a conferência que o autor apresentou no V Congresso Internacional da Abralín, “L'enonciation Aphorisante” (Maingueneau, 2007), e que foi publicada em seus Anais. Nesses textos, Maingueneau indica um princípio mais amplo de aforização, que envolveria inclusive a parêmia. A análise da aforização pode iluminar caminhos para a compreensão e explicitação do funcionamento discursivo dos Racionais MCs. Um dos pontos principais nessas práticas discursivas é ser citável, memorizável, destacável. Não sem razão, um dos principais recursos artísticos composicionais do rap é o *sample*.- recorte de fala, canção, elemento de trilha sonora ou, na maioria das vezes, verso(s) de outro rap. Acredito que a análise de um corpus específico pode conferir consistência e aumentar o suporte empírico para a teoria da enunciação aforizante, que é bastante nova e ainda pouco especificada. A destacabilidade é um conceito capaz de abarcar tanto fenômenos típicos da heterogeneidade enunciativa, como a citação, quanto a enunciação proverbial (em sua forma cristalizada ou em suas paródias). E também põe em relevo um funcionamento enunciativo: as diversas formas com que um texto destaca alguns enunciados, o que possibilita uma análise não restrita ao que já é historicamente destacado.

4.2. Citação, destacabilidade e enunciação aforizante

“Citação e destacabilidade” (Maingueneau, 2006b) analisa os enunciados curtos que circulam na sociedade com “significante e significado (...) considerados no interior de uma organização pregnante” (p. 72), o que, nos termos de Kleiber, equivaleria a dizer que circulam como denominação. Maingueneau afirma que não é suficiente verificar como os enunciados destacados funcionam em outros textos, que não os seus de origem. Mais que isso, é possível selecionar, em textos variados, enunciados que se apresentam como *destacáveis*, nas palavras do autor, “fadad[o]s ao destaque”(2006b: 73).

Dentre essas características, ser genérico, metafórico, com estrutura pregnante, são elementos que indicam que “a esse respeito, a prosa romanesca está em desvantagem em relação à poesia regular, que mantém naturalmente uma relação privilegiada com a destacabilidade” (2006b: 73). Maingueneau relaciona a genericidade à capacidade do enunciado de ser “reutilizável”. Para tanto, é preciso também que ele seja facilmente memorizável, para estar disponível em outras situações enunciativas. No entanto, como o foco do autor nesse texto é a destacabilidade, não analisará os provérbios, as frases já destacadas que são atribuídas a um Sujeito Universal.

Sua exposição se inicia pela menção às máximas heróicas, que se apresentam como inéditas, mas que, de algum modo, são percebidas como memoráveis – na formulação de Maingueneau, “um enunciado digno de ser consagrado, antigo de direito e novo de fato” (2006b: 74). Essas frases combinam duas propriedades aparentemente paradoxais:

- ”1. Elas devem ser percebidas como inéditas;
2. Elas devem ser percebidas como imemoriais” (2006b: 74).

Desse modo, “esse tipo de fórmula (...) ultrapassa a si mesma no exato momento em que se enuncia: primeira enunciação, ela retém, de alguma forma em si mesma sua repetição ulterior, ela se comemora ao se inaugurar” (2006b: 75). O autor associa essas máximas à figura do herói. Enunciadas com um ethos adequado, caracterizam, juntamente com essa figura, o estatuto de exemplar do herói.

Há algumas maneiras de um texto indicar as passagens destacáveis: fazendo delas um título; dando-lhes uma posição de destaque (por exemplo, início ou fim do texto); compondo-as com estrutura genérica; dotando-as de elementos pregnantes (memorizáveis); através do metadiscurso (por exemplo: “essa verdade essencial...”).

Ao tratar das máximas filosóficas, Maingueneau considera que elas atuam em dois planos diferentes: por um lado, são relativamente autônomas em relação a seu contexto, facilmente destacáveis. Por outro, são parte de um texto maior, que provavelmente condensam e para o qual constituem uma porta de entrada. Além de visarem à repetição, como a sentença do herói, elas visam ao comentário, daí seu uso como temas a serem glosados em dissertações e aulas.

Depois dos exemplos de *destacabilidade* fornecidos pela sentença do herói e pela máxima filosófica, o autor se dedica a mostrar que o fenômeno é mais amplo, através do conceito de *sobreasseveração*, que englobaria todas as situações em que uma sequência breve sobressai em um texto. Normalmente as sequências sobreasseridas já se encontram em posição de destaque no texto; são uma tomada de posição no campo discursivo e implicam uma amplificação da figura do enunciador.

Numerosos são os exemplos contemporâneos em mídias. Observando um jornal impresso, vemos o fenômeno aparecer nas manchetes, leads, chamadas, quadros de destaque, e, obviamente, em seções como “frases” ou “frases da semana”. Scadelai (2008) pesquisa o fenômeno na imprensa brasileira, através de trechos de entrevistas que são destacados (e comentados) pelos jornalistas nas notícias que escrevem. A autora mostra que os trechos escolhidos para destaque são discursivamente relevantes, fazendo parte de um posicionamento do jornalista e/ou do jornal. O corpus analisado por Scadelai ilustra bem a distinção de Maingueneau entre os enunciados *destacáveis* e os efetivamente *destacados*. E todos conhecemos casos em que o que fora destacado foi posteriormente questionado pelo autor da sentença. A alegação de que o que foi destacado estava “fora de contexto” e, por isso, teve seu sentido modificado é a mais comum.

Maingueneau conclui esse artigo com a diferenciação entre a lógica de *sobreasseveração*, que põe em relevo determinada sequência sobre um fundo textual, e a lógica da *aforização* (ou *destaque aforizante*), que atribui um novo estatuto à enunciação.

A lógica da *aforização* será retomada na conferência de 2007 (Maingueneau: 2007), como uma proposta do autor de descrever o funcionamento dos enunciados destacados, fenômeno que considera não ter sido explicado suficientemente com o conceito de *sobreasseveração*.

Nessa conferência, o autor pretende analisar o funcionamento dos enunciados destacados. Propõe uma primeira distinção, entre os enunciados que se encontram à parte de todo contexto original (o que é o caso de todas as formas sentenciosas, com ou sem autor identificado) e os destacamentos de um texto particular, quando há citações. No entanto, nem todas as citações são enunciações aforizantes. É preciso que sejam breves

(normalmente se restringindo ao limite de uma frase), recebendo “diversos nomes em seu uso: ‘fórmulas’, ‘pensamentos’, ‘máximas’...”¹²⁴ (Maingueneau, 2007: 156).

Retomando a diferença com que encerrara “Citação e destacabilidade”, o autor novamente sublinha as situações em que o que é destacado como enunciação aforizante não corresponde exatamente ao que havia sido enunciado no texto de origem. Deste modo, reafirma que é preciso separar a sobreasseveração, que, por mecanismos linguísticos, destaca um enunciado de seu fundo textual – o que faz de um enunciado *destacável* - da enunciação aforizante, que já se compõe de enunciados *destacados*.

Maingueneau caracteriza a aforização como um fenômeno “não totalmente estranho ao sistema linguístico”, no que parcialmente discordaria da postulação de Anscombe (2000), que vê nos enunciados parêmicos (que são um tipo de aforização, nos termos de Maingueneau) um sub-sistema do sistema da língua. Maingueneau cita o artigo “A frase nominal”, de Benveniste (1976 [1966]) – que também foi rapidamente evocado por Anscombe quando este falou do pouco valor dado ao provérbio pelos estudos linguísticos em geral, que seria decorrente, dentre outros fatores, do pouco valor dado à frase nominal¹²⁵. Benveniste, com este artigo, inaugura um novo paradigma para o estudo da frase nominal, não a considerando como uma versão incompleta da frase verbal com o verbo “ser”.

O estudo de Benveniste é citado e discutido por Maingueneau, que considera as frases nominais como marcas linguísticas ligadas à enunciação aforizante. Cabe ressaltar que Benveniste limita esta sua análise a um tipo de língua, o tipo indo-europeu, baseando sua argumentação no grego antigo. Para ele, o valor próprio da frase nominal consiste na “não-variabilidade da relação implicada entre o enunciado linguístico e a ordem das coisas. Se a frase nominal pode definir uma ‘verdade geral’, é porque exclui toda forma verbal que particularizaria a expressão.” (1976 [1966]: 181).

Por não indicar nem tempo, nem modo, nem pessoa, nem aspecto, a frase nominal cumpre uma função ligada às verdades permanentes, contrastando com as frases que contêm o verbo “esti”, ligadas a um valor circunstancial. Em sua análise, Benveniste

¹²⁴ “divers noms dans l’usage: ‘formules’, ‘pensées’, ‘maximes’...” (Maingueneau, 2007: 156).

¹²⁵ Esse tema foi abordado no capítulo 1 desta tese.

atestou uma presença forte da frase nominal na poesia sentenciosa, e, por contraste, uma presença forte da frase com “esti” na prosa narrativa (histórica). Analisando a questão em Homero, concluiu que, como obra compósita, nos trechos sentenciosos, discursivos, em que se exprimiam enunciados com estatuto de “verdades absolutas”, o uso da frase nominal era frequente. Já nos trechos narrativos, particularizantes, descritivos de uma maneira de ser ou de uma situação, abundavam as frases com “esti”.

O mesmo contraste aparece quando se trata de exprimir a posse: quando esta é permanente, “eterna”, absoluta, é expressa pela frase nominal. Quando ela é atual ou circunstancial, a estrutura linguística usada é a frase com “esti”.

Benveniste propõe uma importante relação da frase nominal com o campo paremiológico, que fica clara na seguinte passagem (aliás, citada também por Maingueneau em sua conferência):

A frase nominal, sendo adequada para asserções absolutas, tem valor de argumento, de prova, de referência. É introduzida no discurso para agir e convencer, não para informar. É, fora do tempo, das pessoas e da circunstância, uma verdade proferida como tal. É por isso que a frase nominal convém tão bem a essas enunciações, nas quais, aliás, tende a confinar-se – sentenças ou provérbios – depois de haver conhecido maior flexibilidade. (p. 179)

Desse estudo de Benveniste, outro aspecto importante apontado por Maingueneau é que, por ser não embreada, a responsabilidade da frase nominal não recai diretamente sobre seu enunciador, é um enunciado de autoridade, atribuído “a uma instância que não coincide com o produtor empírico do enunciado”¹²⁶ (Maingueneau, 2007: 160).

Talvez por seu corpus principal de análises não ser enunciado em uma língua que distinga “ser/estar”, Maingueneau (2007) não menciona a questão com que Benveniste encerra seu artigo, fundamental para a abordagem da frase nominal em textos em português. Benveniste afirma que, apesar da diferenciação “frase nominal/frase com esti”, do indo-europeu, não ser um traço comum nas línguas indo-européias modernas, pode

¹²⁶ “à une instance qui ne coïncide pas avec le producteur empirique de l'énoncé” (Maingueneau, 2007: 160).

haver “uma manifestação renovada de um traço que marcou profundamente a sintaxe indo-européia” (p. 182). Ele cita como exemplo dessa renovação da distinção “frase nominal/frase com *esti*”, a diferenciação do espanhol para “ser e estar”. E indica que “não é fortuito, sem dúvida, o fato de que a distinção entre *ser*, ser de essência, e *estar*, ser de existência ou circunstância, coincide em ampla medida com a que indicamos entre a frase nominal e a frase verbal para um estado linguístico muito mais antigo” (p. 182). Este aspecto será retomado em minhas análises posteriores.

Para analisar o fenômeno dos enunciados destacados, Maingueneau (2007) distingue dois regimes de enunciação: a *enunciação aforizante* e a *enunciação textualizante*, sendo que a segunda “inscreve cada enunciado no panorama global de um texto relevante de um gênero de discurso (...). Por outro lado, a primeira não faz parte da lógica do gênero do discurso”¹²⁷ (p. 160). E acrescenta que

o enunciado aforizado não se deixa fechar na geometria usual, que faz da frase um constituinte do texto, ele mesmo ligado a um gênero do discurso, única realidade para os locutores. A enunciação aforizante institui uma cena de fala em que não há interação entre dois protagonistas colocados sobre um mesmo plano: a instância responsável pela enunciação aforizante se encontra alhures¹²⁸ (p. 161).

O autor adverte que “não fazer parte da lógica de um gênero de discurso” não quer dizer que os enunciados aforizados estejam fora do discurso, pois não existe enunciação fora dos gêneros. Apenas é preciso observar quais as motivações discursivas para que seja empregado um enunciado aforizado, que tem a pretensão e provoca o efeito de sentido de ser uma “palavra absoluta”. Deste modo, é preciso analisar a tensão entre a enunciação aforizante pretender-se fora de todo texto e o enunciado estar efetivamente em um texto que o cita.

¹²⁷ “La seconde inscrit chaque énoncé dans l’horizon global d’un texte relevant d’un genre de discours (...). En revanche, la première n’entre pas dans la logique du genre de discours.”(p. 160).

¹²⁸ “L’énoncé aphorisé ne se laisse pas enfermer dans la géométrie usuelle, qui fait de la phrase un constituant du text, lui-même rapporté à un genre de discours, seule réalité pour les locuteurs. L’énonciation aphorisante institue une scène de parole ou il n’y a pas d’interaction entre deux protagonistes placés sur un même plan: l’instance responsable de l’énonciation aphorisante se tient dans um ailleurs” (p. 161).

Maingueneau ressalta o aspecto de citação e repetição das aforizações e se propõe a investigar se haveria as que são “primitivas”, isto é, não são repetições. Considera que somente casos bem delimitados, como a resposta enigmática de um adivinho ou guru, poderiam ser considerados como uma “autocitação original” (p. 162). Defendo que o que ocorre nos raps dos Racionais MCs é em parte semelhante a essa “autocitação original”, e que acredito que esse fenômeno não é tão raro e específico assim, podendo ser visto frequentemente na canção popular, especialmente no rap, quando este se pretende sentencioso.

Analizando o papel e estatuto do sujeito aforizante, Maingueneau o relaciona à responsabilidade jurídica e moral pelos valores e princípios da “verdade” aforizada, destacando que, num processo jurídico, por exemplo, o que é condenado ou absolvido não é um co-texto ou contexto, e sim um enunciado aforizado. Por isso, é muito comum que, nas práticas textuais de aforização, uma foto do rosto dos autores dessas enunciações acompanhe os pequenos trechos destacados. Assim como as aforizações representariam toda uma visão de mundo e, hermeneuticamente, demandariam interpretações, o rosto é tomado como “autenticação” desses enunciados, uma vez que estaria simbolicamente ligado à individualidade e à expressão da consciência do sujeito.

4.2.1 Aforização no material gráfico de *Sobrevivendo no Inferno*

O encarte do CD *Sobrevivendo no Inferno*, dos Racionais MCs, é um exemplo do que diz Maingueneau a respeito da relação entre enunciados aforizados e o rosto de seus enunciadoreis. Esse CD, quarto trabalho do grupo¹²⁹ e recordista de vendas, lançado em 1997, marca uma profissionalização na produção, que é perceptível não só no conteúdo sonoro, mas também no encarte. É o primeiro trabalho dos Racionais com encarte, que tem criação e direção de arte de Marcos Marques. Apesar de ser composto de 20 páginas, todas com fotos ou desenhos – fato que leva a descartar a hipótese de orçamento muito limitado -, não há as letras dos raps. Interpreto tal ausência como uma ligação com a oralidade, é

¹²⁹ Excluo nessa contagem o CD “Ao vivo”, por não ser um trabalho autoral do grupo e sim uma coletânea de raps de outros discos dos Racionais organizada pela gravadora.

preciso decorar os raps ouvindo, cantando, sentindo com o corpo todo. A ausência das letras nos encartes dos Racionais MCs é mais uma marca, portanto, de uma enunciação aforizante, que “se comemora ao se inaugurar”¹³⁰, prevendo, por isso, sua retomada e favorecendo, para isso, sua memorização.

Já na capa do encarte, há uma frase aforizada e um (ou mais) desenho ou foto compondo a cena. Dentro do encarte, cada um dos quatro rappers tem dedicadas a si duas páginas com sua foto de rosto, seus agradecimentos e uma frase destacada da letra do rap “Capítulo 4, versículo 3” que o CD contém. Na organização do CD, esse rap é a terceira faixa (“versículo 3”) do quarto trabalho do grupo (“capítulo 4”). A primeira faixa do CD é a única canção de outro autor que está em um trabalho dos Racionais, “Jorge da Capadócia” de Jorge Ben Jor. Sua letra é uma oração a São Jorge e funciona como abertura de um trabalho, no sentido de pedir a este Santo que proteja quem ora contra os inimigos (“Eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge/ Para que meus inimigos tenham pés, mas não me alcancem...”). É, portanto, um “caso a parte” dentre as outras faixas do CD. A segunda faixa, chamada “Gêneses”, remete à parte da Bíblia que conta a criação do mundo por Deus. Ela também não é um rap (outro “caso a parte!”), e sim um trecho falado por Mano Brown, que explica que Deus fez as coisas boas do mundo e o homem lhe deu as ruins. Termina com a afirmação: “Eu tenho uma Bíblia velha, uma pistola automática e um sentimento de revolta e estou tentando sobreviver no inferno”. O nome do CD é *Sobrevivendo no Inferno*, portanto essa remissão a “sobreviver no inferno” é importante para que se compreenda que a “Gênese” da faixa 2 explica as motivações do CD todo.

Portanto, a terceira faixa do CD, “Capítulo 4, Versículo 3”, é a primeira que não é um “caso a parte”. É um rap, e é de sua letra que serão destacadas as frases que servem de “síntese” para cada um dos quatro rappers no encarte. Analisarei a aforização em quatro dos casos.

¹³⁰ Nos termos de Maingueneau (2006b: 75).



Figura 1: páginas 4 e 5 do encarte de *Sobrevivendo no Inferno* (Racionais MCs, 1997). Fotos de Klaus Mitteldorf.

As páginas 4 e 5 do encarte são ocupadas por Mano Brown (figura 1). Há uma foto de seu rosto em close, com roupa e chapéu pretos e um crucifixo no pescoço. Conforme afirma Maingueneau (2007), é comum que fotos acompanhem um enunciado aforizado. O fato ocorre nesse caso: há uma foto do rosto do “autor” da frase. Para entender o funcionamento discursivo do rap nacional, que se caracteriza por uma valorização do que é coletivo, é importante ressaltar que a frase aforizada não é enunciada por Brown no CD: é enunciada por Primo Preto, que, como convidado dos Racionais, recita uma introdução à faixa 3 “Capítulo 4, versículo 3”. Nessa pequena introdução, após falar porcentagens (baixas) da participação do negro na vida social e educacional brasileira e porcentagens (altas) dos jovens negros que já sofreram violência policial, “assina” seu texto com “Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente”. O que Primo Preto enuncia remete ao título do CD – *Sobrevivendo no Inferno* – e também à faixa 2, “Gêneses”, em que, como vimos, Brown dizia estar tentando “sobreviver no inferno”. Essa é a frase escolhida como “representante” de Brown nesse encarte. O nome, que consta na formulação “original” - “Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente” - e que também aparece na finalização do rap “Fórmula Mágica da Paz”, no mesmo CD - “Aqui quem fala é Mano

Brown, mais um sobrevivente” - é, de certa forma, substituído pela foto de Brown na figura 1, recompondo a frase “original” intersemioticamente.

Cabe também considerar que a frase contém o verbo “ser” na terceira pessoa do singular do presente do Indicativo, “é”. Portanto, se encaixa no tipo de frase analisado por Benveniste como uma formulação que se aproxima da frase nominal, produzindo efeito de genericidade, permanência, relação absoluta, para além das contingências.

Há na figura outra foto menor de Mano Brown, sem camisa, levantando seu filho. Essas duas fotos contribuem para a formação de um ethos, que, em trabalho anterior (Motta, 2004) chamei de “o ethos do preto tipo A”: responsável com a família, sério em seus princípios, religioso (além de estar com um crucifixo no pescoço, tem um crucifixo tatuado no braço e ao fundo da foto há uma igreja), homem, negro, forte.

Além das fotos e enunciado aforizado, há, na figura 1, os agradecimentos nessa ordem: a “Deus todo poderoso, minha família” e amigos.

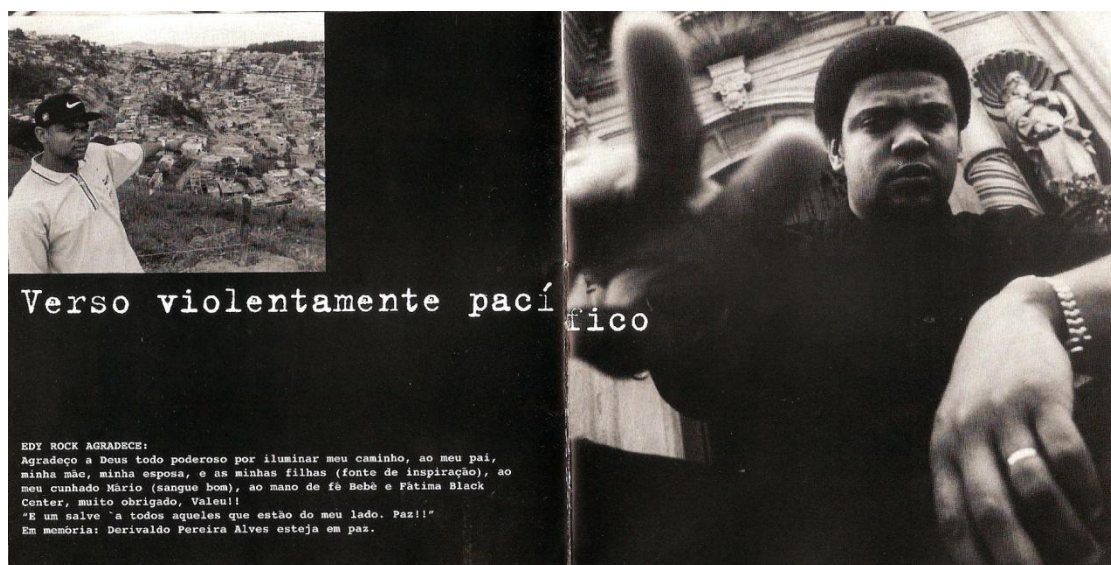


Figura 2: páginas 8 e 9 do encarte do CD *Sobrevivendo no Inferno* (Racionais MCs, 1997). Fotos de Klaus Mitteldorf.

As páginas 8 e 9 são ocupadas por Edi Rock (figura 2). Assim como ocorre na figura 1, a figura 2 também contém uma foto em close, mas não tão fechado, são as mãos que aparecem em destaque. Com os dedos da mão direita, Edi Rock forma as letras “V.L.”,

no gesto que representa uma sigla para “Vida Loka”, característico dessa comunidade discursiva. No anular da mão esquerda, se destaca uma aliança. Interpreto que novamente quem se apresenta é um “preto tipo A”: homem, negro, sério, que valoriza a família. Na foto menor, Edi Rock aponta uma favela com o dedo, lembrando outro aspecto do ethos do “preto tipo A”: “ser” periferia¹³¹. Em seus agradecimentos, primeiramente menciona “Deus todo poderoso por iluminar meu caminho”, depois a família, amigos e “um salve a todos aqueles que estão do meu lado. Paz!!”. Por fim, um amigo é lembrado “em memória”.

Na frase aforizada da figura 2, há um enunciado destacado também de “Capítulo 4, versículo 3”. Esse enunciado é retrabalhado na apresentação escrita, pois redivide os versos originais, cantados por Mano Brown: “Imprevisível, como um ataque cardíaco do verso/ Violentamente pacífico, verídico/ Vim pra sabotar seu raciocínio/ Vim pra abalar o seu sistema nervoso e sanguíneo”. A palavra “verso”, que completava o sentido do verso “Imprevisível, como um ataque cardíaco do verso”, é deslocada para o verso seguinte na aforização, formando: “verso violentamente pacífico”. Uma hipótese de análise é que destacar apenas “violentamente pacífico” como aforização “representante” de Edi Rock poderia produzir efeitos de sentido indesejáveis, associando este rapper à violência. Da forma como foi composto o enunciado aforizado, quem é “violentamente pacífico” é o “verso”.

Também na figura 2, assim como ocorrera na figura 1, há duas características importantes para este funcionamento discursivo: o “eu” é novamente coletivizado, pois originalmente o enunciado é atribuído a Mano Brown (é ele quem se diz “violentamente pacífico” em “Capítulo 4, Versículo 3”). Além disso, a frase aforizada na figura 2, “Verso violentamente pacífico”, é uma frase nominal.

¹³¹ Orlandi (2003) analisa o enunciado “eu sou periferia”. Retomei sua análise em Motta (2008a).

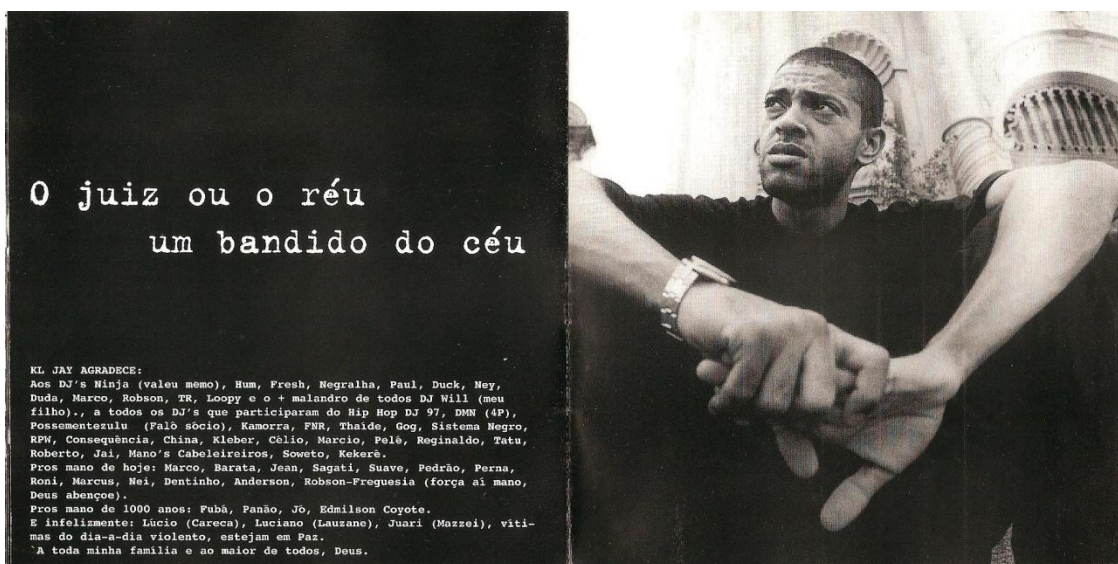


Figura 3: Páginas 12 e 13 do encarte do CD *Sobrevivendo no Inferno* (Racionais MCs, 1997). Foto de Klaus Mitteldorf.

As páginas 12 e 13 são ocupadas por KLJay, o DJ do grupo (figura 3). Há apenas uma foto sua, em close, com rosto sério e pensativo. Seus agradecimentos se dirigem a outros DJs, a amigos (“pros mano de 1000 anos”), alguns *em memória* (“vítimas do dia-a-dia violento”). Por último, agradece à família e “ao maior de todos, Deus”. O enunciado destacado é “O juiz ou o réu um bandido do céu”, que, como aconteceu nas frases que “representam” os outros três rappers, é verso de “Capítulo 4, versículo 3”, em trecho cantado por Brown. Novamente, portanto, através da aforização, temos um “eu” coletivizado, que transita de Brown para KLJay.

O enunciado aforizado da figura 3 aponta para uma característica importante no discurso do grupo, a heterogeneidade de vozes sociais que o atravessam. Temos o discurso da violência, da revolta, da luta (“réu”; “bandido”) e o da paz (“juiz”; “céu”) convivendo em um sujeito que se apresenta estilhaçado ou multiplicado. Tal heterogeneidade também está presente no trecho final de “Gêneses”, já analisado aqui: “Eu tenho uma Bíblia velha, uma pistola automática e um sentimento de revolta”, em que interpreto a “Bíblia velha” como representando a paz e a “pistola automática” e o “sentimento de revolta” representando a luta, o confronto. De modo semelhante, a frase nominal destacada na figura 2 apresenta o “verso” como “violentamente pacífico”.

O enunciado “O juiz ou o réu um bandido do céu” pode ser dividido em duas frases nominais, desde que se componha intersemioticamente a figura 3. Nessa interpretação que proponho, o “signo pictural” (a foto de KLJay) substitui o “signo verbal” (o nome KLJay)¹³²:

“KLJay: o juiz ou o réu”.

“KLJay: um bandido do céu”.

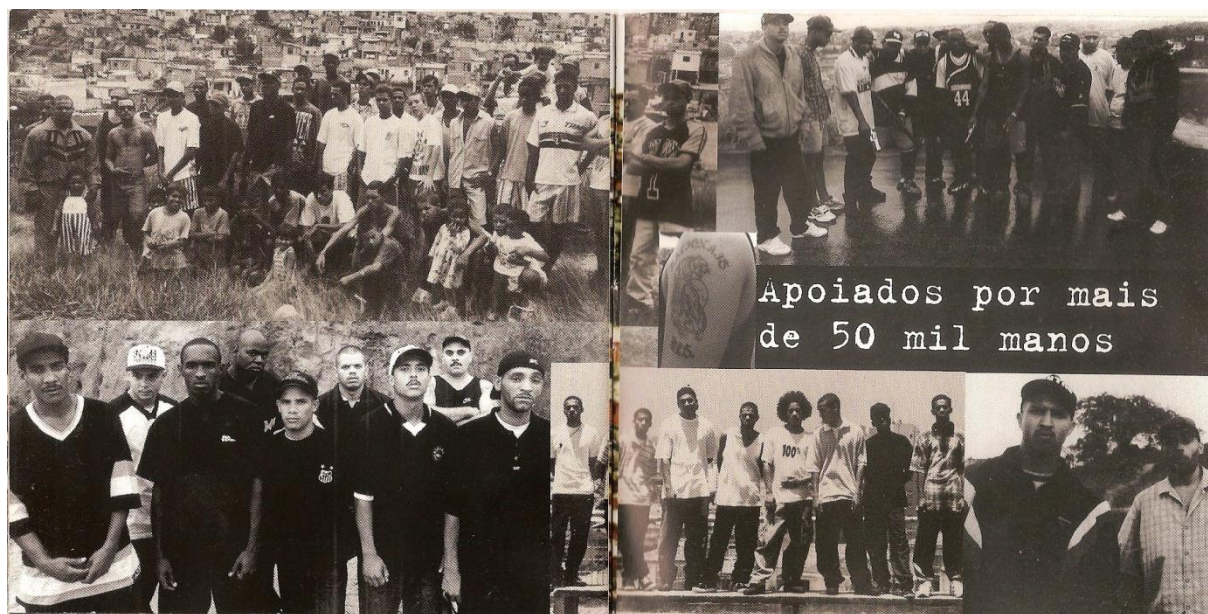


Figura 4: páginas 18 e 19 do encarte do CD *Sobrevivendo no Inferno* (Racionais MCs, 1997). Fotos de Klaus Mitteldorf.

Como fica claro através das análises das figuras 1, 2 e 3, é muito importante para este funcionamento discursivo que o “eu” seja coletivizado. Na figura 1, o que diz Primo Preto na introdução de “Capítulo 4, Versículo 3” pode ser enunciado por Brown, na finalização de “Fórmula Mágica da Paz” e novamente por Brown no encarte. Nas figuras 2

¹³² Os conceitos “signo verbal” e “signo pictural” são empregados por Jakobson (1969), para analisar o tipo de afasia que ele chamou de “o distúrbio da similaridade”. O autor observa que nesse tipo de afasia há a perda do eixo paradigmático da linguagem, portanto há a perda da dimensão metalinguística e da capacidade de utilizar sinônimos. Jakobson analisa que, nesse tipo de afasia, “se um dos signos sinonímicos estiver presente (...) então o outro signo (...) se tornará redundante. (...) Assim também o desenho de um objeto ocasionará a perda de seu nome: um signo verbal é substituído por um signo pictural” (p. 45). Acreditando, a partir de Jakobson (1969) e Coudry (1988), que o estudo da afasia pode revelar muito sobre a linguagem dita “normal”, proponho que a foto de KLJay possa ser interpretada, na figura 3, como substituta do signo verbal (o nome “KLJay”), portanto possa compor o que estou chamando de “frase nominal intersemiótica”.

e 3, o que é dito por Brown em “Capítulo 4, Versículo 3” é retomado por Edi Rock e KLLJay, respectivamente. O que ocorre na figura 4 pode ser visto como um passo além da autocitação no próprio CD, embora esteja, ainda, nos limites de *Sobrevivendo no Inferno*.

Assim, a almejada retomada e repetição dos versos pelo público, que caracteriza o lançamento de todo álbum de música popular, é iniciada pelos próprios rappers, no fluxo de citações – através de samples e re-enunciações - de uma faixa a outra do CD e também no encarte. Dessa forma, através da autocitação, se inicia a “incorporação” de um discurso que, segundo Maingueneau (2005 [1984]; 2008) passa pela atribuição de uma “corporalidade” ao fiador –através do ethos -, pela “incorporação” dos esquemas do mundo ético pelo co-enunciador e, finalmente, pela constituição de um “corpo” da comunidade discursiva.

É a materialização desse corpo o que ocorre na figura 4, através de fotos de grupos de homens, negros, pobres, com roupa larga e/ou boné, em cenários periféricos de São Paulo. E a frase nominal aforizada que compõe a figura, originalmente do final de “Capítulo 4, Versículo 3”, é modificada para o plural. Muito longe de constituir algo como uma desproverbalização ou desvio, a mudança tem como efeito materializar o “eu” coletivizado. Ampliando os versos originais - “Eu sou apenas um rapaz latinoamericano/ Apoiado por mais de 50 mil manos” – a frase aforizada da figura 4 - “Apoiados por mais de 50 mil manos” – diz, ao mesmo tempo, que os quatro rappers são apoiados por mais de 50 mil manos (representados nas fotos) e também diz que as pessoas que estão nas fotos – ou que têm os requisitos para estar – são também apoiadas “por mais de 50 mil manos”. Todas elas podem enunciar essa frase. E, efetivamente, a enunciarão nas milhões de retomadas por que este rap passará, após o lançamento de *Sobrevivendo no Inferno*.

Portanto, cabe para o funcionamento aforizante dos Racionais MCs a seguinte afirmação que Maingueneau faz a respeito das máximas heróicas:

Esse tipo de enunciado visa, portanto, produzir na realidade aquilo que não passa de uma pretensão enunciativa: apresentando-se como uma sentença já pertencente a um saber compartilhado, ele prescreve justamente por isso mesmo sua retomada ilimitada.

(Maingueneau, 2006b: 74-5)

E também o que diz sobre as fórmulas filosóficas, resguardando, é claro, as diferenças entre o campo filosófico e o campo da arte engajada:

...participa das três dimensões do “espaço [discursivo]”: *campo, arquivo e rede de práticas*. Participa do *campo* na medida em que marca um posicionamento, a singularidade de uma doutrina assinada: delimita um território, traça uma fronteira que, enquanto tal, separa um interior e um exterior da doutrina. Participa também do *arquivo*, visto que se inscreve na memória, no patrimônio (...). Enfim, ela é inseparável de *práticas* (...).
(Maingueneau, 2006b: 77)

4.3. “Sua moral não se ganha, se faz”¹³³

A análise do material gráfico dos encartes e capas dos trabalhos dos Racionais sem dúvida revela a pertinência da abordagem dos discursos como práticas intersemióticas. Mas, no caso do corpus desta tese, é importante não perder de vista que o principal material é o verbo-musical. Por isso, analisarei alguns princípios de destacabilidade e aforização operando nos próprios raps.

Em primeiro lugar, cabe ressaltar o uso do *sample*, recurso característico do rap e que permite a “citação” de um enunciado verbal, trecho de música ou som de trilha sonora em seu formato original. Esta citação, embora conserve a materialidade original do texto aforizado, o re-significa, pois o insere em outro co-texto e, algumas vezes, em outro discurso. O diálogo final de “Homem na Estrada”¹³⁴ é um bom representante dessa citação que re-significa o trecho destacado. Esse rap conta a história de um ex-presidiário que cumpriu sua pena e foi libertado. O drama desse homem e seu esforço para viver longe do crime, apesar do estigma social, são narrados por Mano Brown. Ao final do rap, o homem, embora fosse inocente, é morto pela polícia em sua casa, enquanto dormia. Há, então, o seguinte sample da voz de um repórter:

Repórter- Homem mulato aparentando entre vinte e cinco e trinta anos é encontrado morto na estrada do M’Boi Mirim sem número, tudo indica ter sido acerto de contas entre quadrilhas rivais. Segundo a polícia, a vítima tinha vasta ficha criminal...

¹³³ “Pânico na Zona Sul”. *Holocausto Urbano*, 1990 (anexo 1).

¹³⁴ *Raio X do Brasil*, 1993 (anexo 3).

Nesse caso, o trecho de reportagem de rádio é inserido para ser desmascarado: o homem, de quem acompanhamos a história, não foi “encontrado morto” pela polícia em uma estrada, e sim foi morto pela polícia enquanto dormia em sua casa. Não foi um “acerto de contas entre quadrilhas rivais”, e sim uma execução sumária. Reforçando a distância entre o posicionamento discursivo dos Racionais e o que fala o repórter, não há, nas letras de rap ou nas entrevistas que o grupo dá, o uso da palavra “mulato” para falar de afro-descendentes, os Racionais usam “preto”, “negro” ou “descendente negro”. Esse sample está, portanto, apartado do discurso do rap, é a fala do outro, que é inserida para ser desmoralizada.

Mas não é esse tipo de uso do sample o mais frequente, nem o mais relevante para caracterizar um funcionamento discursivo aforizante, marca dos Racionais. Cabe falar do uso do sample no fio enunciativo, e de que funcionamento esse uso participa.

No mesmo “Homem na Estrada” há um exemplo de sample integrado e integrador:

Brown- Um pedaço do inferno: aqui é onde eu estou
Até o IBGE passou aqui e “nunca mais voltou”

em que os versos são cantados por Mano Brown, mas a frase “e nunca mais voltou” vem na voz de Tim Maia, sampleada por KLJay da canção “Ela partiu”¹³⁵, destacada, portanto, de seu co-texto original. Nesse uso, apesar da frase ser re-significada – quem nunca mais voltou não é a amada, como em Tim Maia, mas o IBGE -, a frase está totalmente integrada rítmica e rimicamente, e também ideologicamente. Afinal Tim Maia é, junto com Jorge Ben, considerado por esta comunidade discursiva como o principal antecessor musical brasileiro para o rap nacional.

O que acontece com o sample de Tim Maia, acontece também com outros rappers nacionais, que fazem parte dessa comunidade discursiva, e também com autocitação. Muitas vezes os Racionais sampleiam a si próprios, inserindo em um rap um

¹³⁵ Esse sample foi também analisado por Garcia (2003).

trecho de outro, no novo fio enunciativo. É o que ocorre, por exemplo, em “Na fé firmão”¹³⁶:

Rock- É mais difícil do que ele pensou
Tem que ser malandro pra ficar de pé e fazer “gol”

em que Edi Rock canta o trecho, mas a palavra gol é inserida por KLJay em um sample na voz do próprio Edi Rock, retirada originalmente de “Capítulo 4, Versículo 3”¹³⁷:

Rock- Ou um da família real de negros como eu sou
Um príncipe guerreiro que defende o gol

Através da autocitação e da citação de trechos de raps, bases musicais, riffs e canções de outros artistas que, de algum modo, fazem parte dessa comunidade discursiva, os Racionais se posicionam como conhecedores do campo, ao mesmo tempo em que geram “a memória interna dos próprios textos e atividades passadas e reorient[am-nas] em função de um futuro. Quanto mais se enriquece a Opus, tanto mais importante se torna essa função de regulação” (Maingueneau, 2006a: 143).

4.4. O rap, uma rítmica¹³⁸

Articulando as análises elaboradas nos capítulos 2 e 3, a partir do uso de elementos linguisticamente cristalizados nas práticas discursivas dos Racionais MCs, com as análises elaboradas neste capítulo, a respeito da destacabilidade e aforização, posso concluir que, apesar de haver muitas ocorrências de elementos previamente fixos em língua e apesar de haver muitas ocorrências de trechos destacados e aforizações, o funcionamento do corpus analisado ainda não está suficientemente interpretado.

Nos raps dos Racionais, a inserção de elementos fixos ou destacados de outros textos é sempre subordinada a um esquema rímico e, principalmente, rítmico englobante,

¹³⁶ *Nada como um dia após o outro dia – Ri depois*, 2002 (anexo 5b).

¹³⁷ *Sobrevivendo no Inferno*, 1997 (anexo 4).

¹³⁸ Evoco, nesse subtítulo, o subtítulo 3.1. de Anscombre (2000: 18): “Les proverbes, une rythmique”.

que inclui e integra esses elementos aparentemente “de fora” em um mesmo tom. Essa integração é o que faz haver a sensação, quando se ouve Racionais MCs – e penso que essa conclusão pode se estender para o rap nacional –, de que tudo é citação, tudo é destacável.

Portanto, volto a Anscombe (2000), mas não para examinar os provérbios, ou a inserção destes nos raps, posto que a análise já me permitiu provar que o funcionamento discursivo do corpus não se caracteriza por seu ancoramento em elementos linguísticos cristalizados. Volto a Anscombe para verificar se o que ele postula para os provérbios enquanto uma espécie de poesia oral - estruturas rítmicas acrescidas de componentes retóricos - valeria também para o rap.

Em uma enquête organizada por Anscombe (2000), as pessoas mostraram reconhecer como sendo provérbios também provérbios que não conheciam. Esse reconhecimento dependia de conseguirem imaginar uma situação de aplicação para aquele provérbio, o que parece indicar que um provérbio não é apenas uma forma fixa, é preciso ter também um conteúdo proverbial. Para Kleiber (2000), esse conteúdo está relacionado às situações genéricas implicativas que os provérbios denominariam, o sentido de um provérbio estaria relacionado a todas as situações em que ele já foi e/ou poderia ser enunciado.

Se as pessoas conseguem perceber como provérbio uma frase que não têm memorizada como tal, é possível postular que existam mecanismos de proverbialização, de criação de provérbios, como propõe Charlotte Schapira (2000). A autora afirma que, enquanto alguns provérbios e quase todos os ditados rurais desapareceram, “outros provérbios (...) estão se criando em nossos dias, debaixo de nossos olhos” (p.83)¹³⁹.

Para analisar os mecanismos de proverbialização, o que pode ser importante para um trabalho como o meu, que quer verificar como os rappers constroem enunciados destacáveis e aforizantes, com pretensão de ser repetidos, memorizados, é necessário considerar o que seria preciso para que viessem a fixar-se.

Anscombe (2000) parte de uma tese clássica (Greimas, 1975 [1970]; Milner, 1969), e a comprova em uma enquête sobre a competência linguística dos falantes de

¹³⁹ “D’autres proverbes (...) sont en train de se créer de nos jours, sous nos yeux.” (2000: 83)

francês. Um provérbio tem estrutura bipartida e/ou tem rima e/ou isossilabismo¹⁴⁰. Mas há inúmeros provérbios que não são bipartidos e nem contêm propriamente rima, e sim apenas algum tipo de repetição formal (assonâncias ou aliterações). Claro que a bipartição e a rima são possibilidades fortes para os provérbios, mas não constituem características obrigatórias. Talvez, a exemplo do que propõem Ilari & Geraldi (1991) sobre o status da estrutura sujeito + predicado para a oração (cf. capítulo 1 desta tese), pudessem ser considerados *estereótipos* de provérbios.

No entanto, para Anscombre, é preciso deslocar o olhar de análise da rímica para a rítmica. Os provérbios têm regularidades rítmicas, mais do que rímicas; mais do que ter regularidades rítmicas, são ocorrências de certas configurações rítmicas. É possível aproximar a estrutura proverbial à da poesia, ou seja, os provérbios “representam uma espécie de poesia ‘natural’ própria à língua (...). É sem dúvida dessa poesia natural presente em língua que nasce a poesia em sentido estrito, após uma lenta maturação”(p. 19)¹⁴¹. No campo musical, é possível uma aproximação do conceito de “poesia ‘natural’ própria à língua” de Anscombre ao “grão da voz” proposto pela primeira vez por Barthes (1977). A postulação de Barthes, de que há um “grão da voz” que fala na voz que canta, foi assumida e levada ao extremo por Luiz Tatit (1994; 2004; entre outros), que propõe que a apropriação da entoação da fala cotidiana é um dos principais aspectos da canção popular brasileira. Articulando Anscombre (2000), Barthes (1977) e Tatit (1994; 2004; entre outros), proponho que os cancionistas brasileiros se apropriariam dessa espécie de poesia natural da língua.

Por que as manifestações do campo parêmico (dentre as quais podemos incluir os provérbios, ditados, máximas, mas também grande parte dos slogans) recorrem aos esquemas rítmicos? Para Anscombre (2000), a explicação através da função mnemônica não é suficiente, afinal decoramos locuções fixas, presentes em muito maior número em língua, sem recorrer a procedimentos rítmicos específicos.

¹⁴⁰ Nas palavras de Anscombre (2000: 17): “a língua parece evitar disparidades silábicas muito grandes entre os dois membros” [“la langue semble éviter les trop grandes disparités syllabiques entre les deux membres”].

¹⁴¹ “... représentent une sorte de poésie ‘naturelle’ propre à la langue (...). C’est sans doute de cette poésie naturelle présent en langue qu’est née la poésie tout court, après une lente maturation” (p. 19).

O autor lança a hipótese, segundo ele, aventurando-se na fronteira entre linguística e etnologia, de que a noção de ritmo envolve o canto e a dança, que, em épocas ancestrais da humanidade, eram considerados um fenômeno único, equivalente ao que hoje chamaríamos recitação. A métrica reenvia à poesia, mas também a um elemento musical, marcado pelo metrônomo. Anscombre relaciona os pés da música aos pés com que marcamos o ritmo, lembrando – o que é sempre necessário para a linguística – que a voz sai de um corpo¹⁴². A estrutura rítmica fixa evoca uma palavra sagrada, que não pode ser mudada, trocada por um sinônimo. Não é a palavra comum.

Nesse ponto, novamente o que propõe Anscombre (2000) se aproxima dos estudos sobre a canção de Luiz Tatit (1994; 2004; entre outros), para quem, na fala cotidiana, conserva-se o sentido intelectual e não os elementos prosódicos. Embora os elementos prosódicos sejam fundamentais para a constituição da linguagem, são, de certa maneira, “descartáveis” na fala cotidiana. Para parafrasear o que uma pessoa falou, ainda que se utilize a teatralidade do discurso direto, não é necessário repetir a prosódia da fala que está sendo parafraseada. De forma contrária, na canção, o mais importante é a prosódia. Podemos não saber exatamente uma letra (ou mesmo quando a canção é em uma língua que desconhecemos) e mesmo assim cantarolá-la, substituindo as palavras por sons que não caracterizam necessariamente palavras. Esse é inclusive o processo mais comum para composição de canções: cantarolar uma melodia até encontrar as palavras intelectivas que “se encaixem”¹⁴³.

Novamente articulando Anscombre (2000) e Tatit (1994; 2004; entre outros), proponho que a palavra proverbial associa uma fixidez prosódica – a forma fixa na rítmica, rítmica e entoação – a uma fixidez intelectual – o aspecto denominativo do provérbio. Unindo esses dois aspectos, o provérbio aproximaria a fixidez da forma da canção à importância intelectual da fala cotidiana: seria uma fala cotidiana com forma fixa.

¹⁴² Joana Plaza Pinto (2006) faz uma crítica bastante interessante sobre o (não) lugar do corpo na maioria dos trabalhos linguísticos. O corpo, quando aparece, é na patologia (nos estudos de afasia, por exemplo). Nos demais estudos, é como se a língua viesse de uma máquina sem forma. As pesquisas sobre ethos visam mudar essa concepção.

¹⁴³ O momento de criação de “Vai Passar”, de Francis Hime/ Chico Buarque (1984), que pode ser ouvido em <http://www.chicobuarque.com.br/texto/index.html>, exemplifica esse processo.

Há bastante semelhança entre essa conceituação que proponho para o provérbio e uma descrição que se poderia fazer do rap, ressalte-se, uma sigla para *ritmo e poesia*! E de modo mais marcado que no provérbio, o rap tem uma métrica não apenas subjacente em nossas marcações mentais¹⁴⁴, mas também uma base musical, em compasso quaternário, marcando a duração dos versos. É uma forma de desvinculação da poesia não só do papel, mas também da contagem de sílabas da métrica. Diferentemente da poesia modernista, que propôs uma métrica não necessariamente restrita aos cânones, no rap, a métrica não é a do verso livre, e sim marcada pela contenção do compasso, em que pode haver plasticidade do número de sílabas.

Não estou de modo algum postulando que os raps sejam encadeamentos de “candidatos a provérbios”, mesmo porque nem todos os versos de um rap são sentenciosos ou têm sentido implicativo, mas é bastante relevante comparar os resultados obtidos por Anscombe para os provérbios com os raps. Para esse autor, o ritmo é, no provérbio, mais importante que todas as outras marcas. Ora, o rap é cantado sobre uma base rítmica, com as palavras sendo encaixadas nessa base. Essa base é, de certo modo, invariável: sempre um compasso quaternário. É comum vermos depoimentos de rappers que contam que, no início da carreira, e nem sempre contando com equipamentos de som adequados, cantavam seu rap em cima de qualquer base, ou até marcando o compasso com batidas nas latas de lixo¹⁴⁵. Isso não indica que não haja melodia fixa nos raps, que a melodia seja a da fala

¹⁴⁴ Entendo que o padrão rítmico do provérbio, postulado por Anscombe (2000), não é resultado de um trabalho poético de algum “autor” (o termo autor aqui poderia corresponder empiricamente a um indivíduo ou a um grupo que compartilha princípios estéticos), o que seria impossível, até porque a autoria do provérbio não é identificável, o autor é um “ON-enunciador”. Entendo que é essa ausência de trabalho autoral na formatação de um provérbio que leva Anscombe a qualificá-lo como “poesia ‘natural’ própria à língua”. Se esse padrão rítmico não é fruto de um trabalho autoral, ele é, de algum modo, “natural” em língua (ser “natural”, conforme proponho, não se opõe de maneira alguma a ser “histórico”, o que é “natural” em língua é histórico). Faz, portanto, parte da gramática internalizada. Sobre gramáticas internalizadas, reproduzo a explicação de Possenti (1996: 69): “Dada a maneira constante – isto é, que se repete – através da qual as pessoas *identificam* frases como pertencendo à sua língua, *produzem* e *interpretam* sequências sonoras com determinadas características, é lícito supor que há em sua mente conhecimentos de um tipo específico, que garantem esta estabilidade”.

¹⁴⁵ Era assim que se marcava o ritmo na Estação São Bento do metrô e na Praça Roosevelt, na década de 1980, primórdios do rap nacional, quando não havia aparelho de som ou acabavam as pilhas (cf. Motta, 2004; Rocha et al, 2001). Brown contou, no programa Ensaio, que antes da formação dos Racionais, ele e Ice Blue formavam uma dupla de MCs (os BBBoys), mas, como não contavam com um DJ, cantavam em cima de qualquer base que estivesse disponível nas apresentações.

comum. Não é. Mas indica que a melodia é, muito mais que na canção, autônoma em relação à música.

Além do ritmo, há as três marcas formais estereotípicas para os provérbios: a estrutura bipartida e/ou a rima e/ou o isossilabismo. Quanto ao isossilabismo, temos que considerá-lo a partir da estrutura do compasso, o que produz não necessariamente um isossilabismo, mas uma equivalência na duração temporal marcada pelos tempos do compasso. Essas três marcas são exatamente as principais marcas formais do rap. Elas estão presentes em praticamente todos os versos dos Racionais, conforme podemos confirmar nos exemplos abaixo:

Eu tenho algo a dizer e explicar pra você
Mas não garanto porém que engraçado eu serei dessa vez
Para os parceiros daqui para os parceiros de lá
Se você se considera negro pra negro será
MANO!!¹⁴⁶

O primeiro verso é bipartido e rimado (“dizer / você”), sendo que sua primeira parte – “eu tenho algo a dizer” - é cantada sobre os dois primeiros tempos do compasso, e a segunda parte – “e explicar pra você” - é cantada sobre os dois últimos. A essa bipartição formal corresponde, nesse caso, uma bipartição na sintaxe: há dois termos associados pela conjunção “e”. No segundo verso não há rima, mas há também bipartição rítmica com uma primeira parte – “mas não garanto porém” – sendo cantada nos dois primeiros tempos do compasso e uma segunda parte – “que engraçado eu serei dessa vez” – sendo cantada nos dois últimos tempos do compasso. Novamente há correspondência da bipartição rítmica na sintaxe: dois termos separados pela conjunção “porém”. O terceiro verso é também bipartido, sendo a primeira parte – “para os parceiros daqui” – cantada nos dois primeiros tempos do compasso, e a segunda parte – “para os parceiros de lá” – cantada nos dois últimos tempos. Nesse verso, além de haver correspondência entre a bipartição rítmica e a bipartição sintática – com os dois termos formando uma enumeração, há correspondência semântica, sendo que a primeira parte tem por última palavra “daqui” e a segunda parte

¹⁴⁶ “Voz Ativa”. *Escolha seu caminho*, 1992 (anexo 2).

repete a primeira, com exceção das últimas palavras “de lá”. Portanto há, no interior desse verso, repetição de termos (o que vai além da aliteração silábica) e a separação das duas partes é reforçada pelo sentido espacial antagônico do par “daqui / de lá”. No quarto verso não há bipartição rítmica tão marcada, mas há uma duplicação dentro da segunda parte que a torna bipartida e espelhada – “negro pra negro”, e também uma repetição de palavra (indo novamente além da aliteração silábica). Além disso, o quarto verso rima com o terceiro (“de lá / será”), reduplicando as bipartições. Os exemplos são realmente muitos, sem dúvida alguma trata-se de uma regra geral, uma fórmula composicional.

Para que seja possível visualizar esta estrutura rítmica no compasso, a seguir apresento uma análise acústica dos quatro primeiros compassos da faixa “Voz Ativa (capela)”, digitalizada a partir do LP *Escolha seu Caminho*¹⁴⁷. O arquivo originalmente era estéreo, e foi lido como mono pelo software Praat. À música original foi adicionado um sinal sonoro de metrônomo¹⁴⁸. O metrônomo foi regulado de acordo com a base musical original do rap “Voz Ativa (versão rádio)”, em fórmula de compasso 4/4.

O sinal sonoro conseguido foi segmentado de três formas diferentes:

- na primeira linha, os tempos do compasso quaternário foram marcados manualmente, de acordo com o sinal sonoro, e especificados como 1,2,3,4, de acordo com o tempo correspondente do compasso;
- na segunda linha, cujas segmentações reproduzem as da primeira, o texto cantado foi transcrito e distribuído temporalmente, a fim de possibilitar um acompanhamento das palavras correspondentes à frequência fundamental (F0). Essa divisão não foi exata, e sim aproximada, uma vez que apenas tinha a função de guia;
- na terceira linha há a segmentação do trecho vogal a vogal (V-V), a fim de que se possa comparar o que ocorre acusticamente no início de cada tempo.

¹⁴⁷ Através de uma placa de som Sound Blaster Live 5.1.

¹⁴⁸ Com auxílio do programa Cakewalk Sonar 5.0.

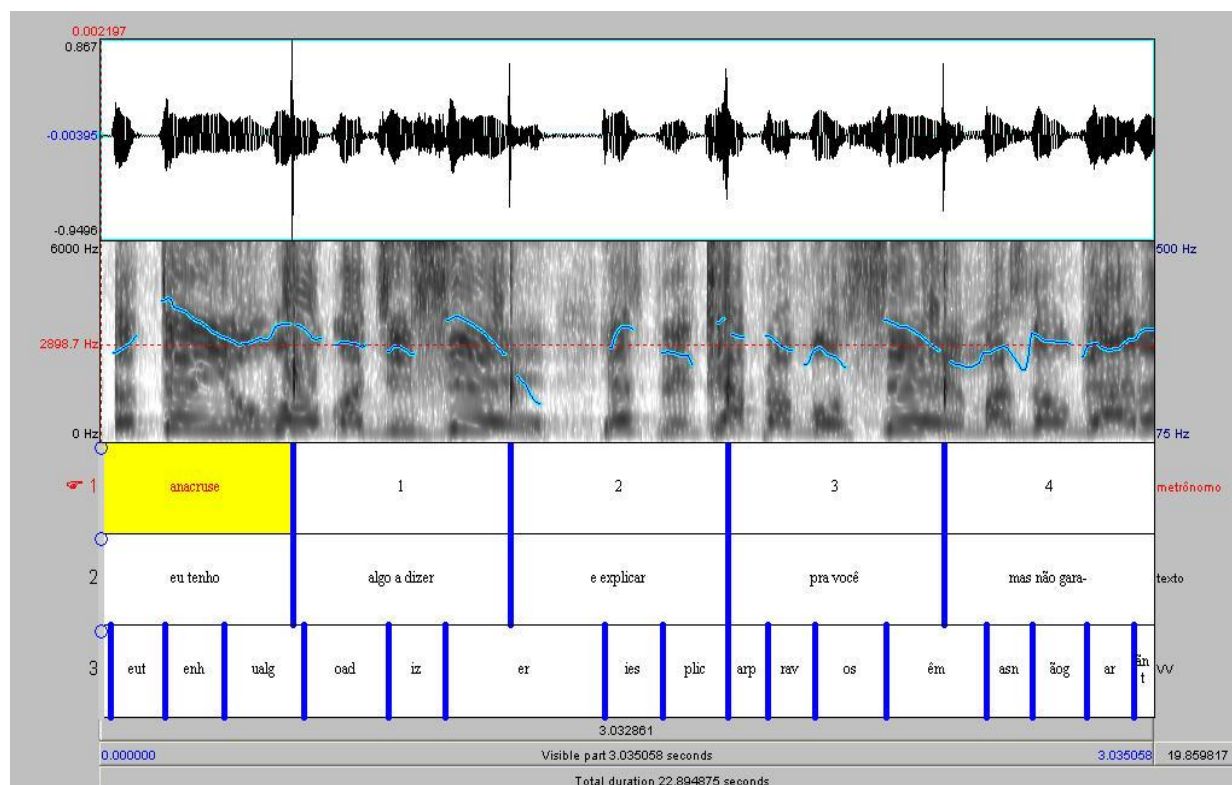


Figura 5: análise acústica do primeiro compasso de “Voz Ativa (capela)”.

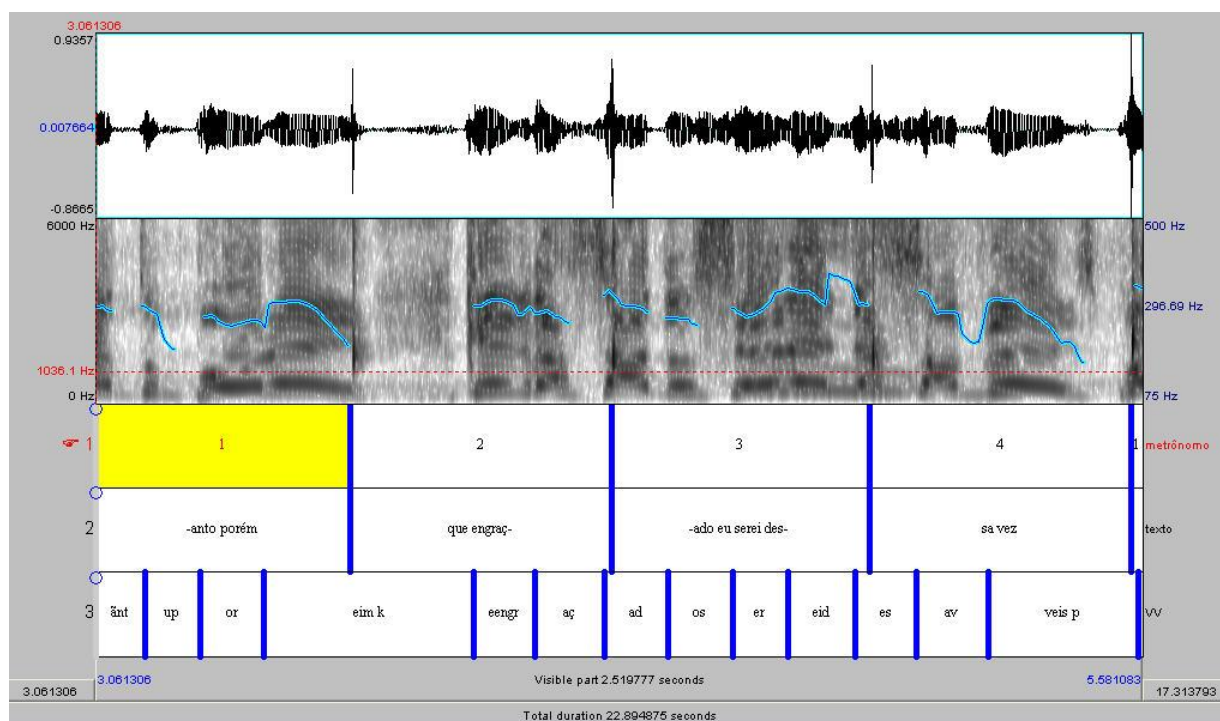


Figura 6: análise acústica do segundo compasso de “Voz Ativa (capela)”.

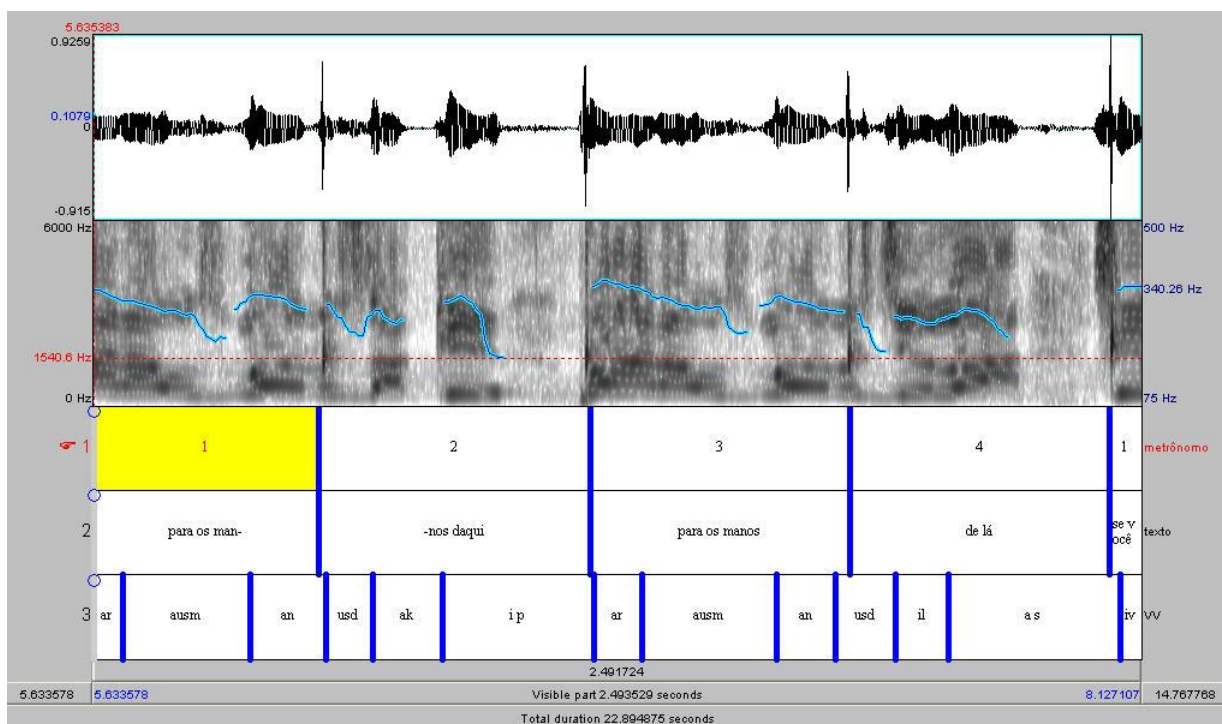
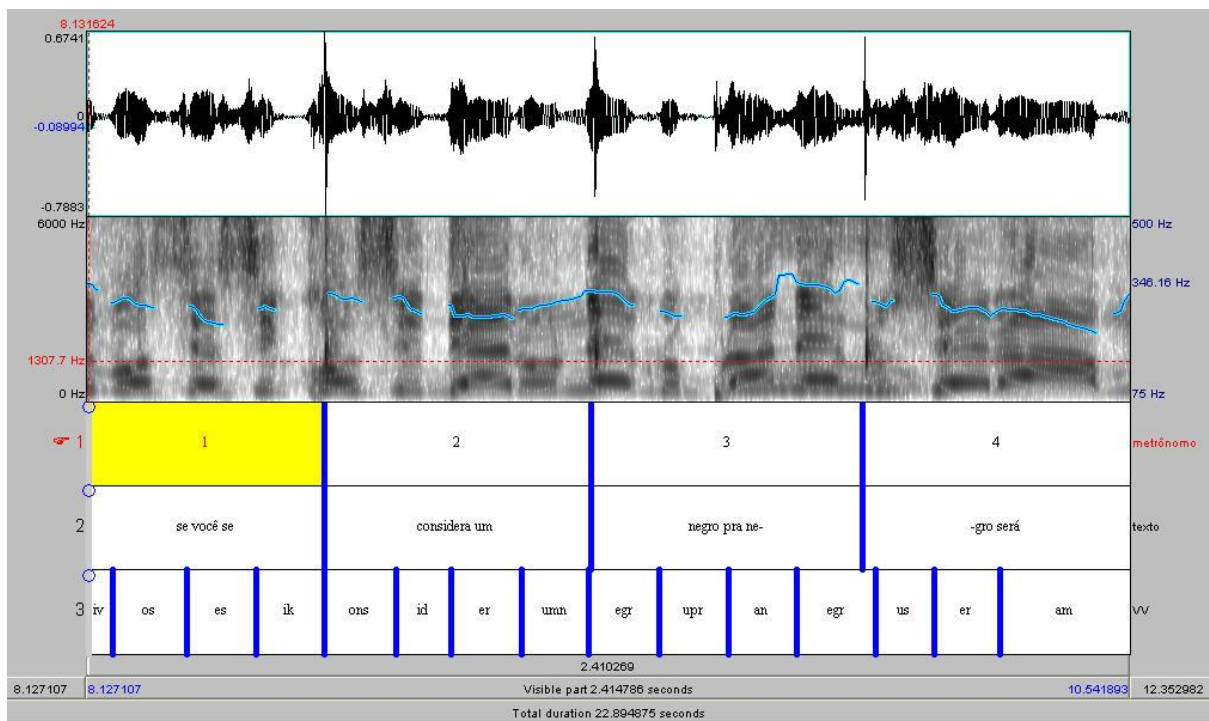


Figura 7: análise acústica do terceiro compasso de “Voz Ativa (capela)”.

Figura 8: análise acústica do quarto compasso de “Voz Ativa (capela)”.



Os espectogramas dos quatro primeiros compassos de “Voz Ativa” permitem verificar a bipartição na estrutura temporal dos compassos quaternários, o que proponho ser equivalente ao que Anscombe postula como a bipartição isossilábica nos provérbios. A análise do início de cada tempo do compasso mostra uma frequente ocorrência de onset de vogal, o que indica que os tempos do compasso são elementos organizadores das taxas de elocução nos raps.

Vejamos em mais um caso:

Se o seguro vai cobrir
Foda-se, e daí?¹⁴⁹

Esses dois versos, nesse rap, são cantados logo após um assassinato, em que um segurança de banco tenta impedir um assalto e é morto por um dos assaltantes. É importante dizer que o narrador desse rap é um dos assaltantes. Nesses dois versos ocorre um uso interessante do silêncio para compor a bipartição. Nos dois primeiros tempos de ambos os compassos há uma pausa no canto, ficando apenas a base musical (que também é modificada e parcialmente suspensa nesses tempos, mantendo-se só a marcação rítmica). Desse modo, temos dois versos bipartidos em que os dois primeiros tempos são de silêncio – se não silêncio completo, ao menos suspensão de palavras – e o texto verbal é concentrado nos últimos dois tempos, dando um efeito de solenidade e tensão, um efeito de morte. Multiplicando a bipartição, há as rimas. As últimas palavras dos dois versos rimam – “cobrir/ daí” – e, numa licença poética, podemos dizer que os silêncios das duas primeiras partes também rimam.

Um outro exemplo interessante:

Talarico nunca fui, é o seguinte
Ando certo pelo certo, como dez e dez é vinte¹⁵⁰

¹⁴⁹ “Eu tô ouvindo alguém me chamar”. *Sobrevivendo no Inferno*, 1997 (anexo 4).

¹⁵⁰ “Vida Loka – parte I”. *Nada como um dia após o outro dia – Chora Agora*, 2002 (anexo 5a).

Nesse caso, o primeiro verso não apresenta bipartição marcada nem rima interna nem isossilabismo, apenas rimando com o segundo verso – “seguinte / vinte”. Já o segundo verso é de uma riqueza formal impressionante. É dividido em duas partes rítmicas, com correspondência sintática, pois a segunda – “como dez e dez é vinte” – é uma retomada anafórica da locução adverbial da primeira – “certo pelo certo”. Portanto, nesse verso há uma grande bipartição. Dentro da primeira parte, também há outra bipartição, com estrutura espelhada “certo pelo certo”, que corresponde a uma bipartição semântica, uma espécie de tautologia. Na segunda parte, há mais duas bipartições: é enunciada uma estrutura matemática de igualdade (bipartida por natureza) e as duas parcelas somadas são iguais (“dez e dez”). Embora seja uma soma e não uma multiplicação, a prosódia dessa estrutura matemática é semelhante ao “cantar a tabuada”, outra forma bipartida de estrutura fixa prosódica, bastante popular¹⁵¹.

Essa estrutura rítmica e formal, tão forte para o rap, engloba a estrutura rítmica e formal dos elementos linguísticos cristalizados (provérbios, frases fixas de sabedoria, expressões fixas, bordões, parlendas, entre outros), conforme foi mostrado nos capítulos 2 e 3. Além de englobá-las, a estrutura rítmica e formal do rap se serve da estrutura rítmica e formal dos elementos fixos, ampliando-as.

O que ocorre na estrutura rítmica e formal do rap, de certa forma abolindo as fronteiras entre o que é já fixo em língua e o que é relativamente novo, ocorre também em seu sentido. O tom de verdade absoluta, ou verdade acima das comuns, dos provérbios e demais formas sentenciosas, também é englobado pelo tom geral do rap, que é também de sabedoria, potência e virilidade. Além de englobar o tom sentencioso das expressões e frases fixas, o rap se serve desse tom sentencioso para compor seu próprio tom.

Portanto, mesmo que nem todos os versos sejam um a um sentenciosos, todos eles compõem esse modo aforizante de enunciar: com estrutura bipartida e/ou rimada e/ou ritmada e/ou isossilábica, com enunciados que reivindicam direitos, denunciam, chamam

¹⁵¹ Há uma piada infantil bastante conhecida em que o famigerado “Juquinha” (mau aluno estereotípico das piadas) é chamado pela professora para cantar a tabuada do 7 na frente da turma. Então ele canta: “nã-nã-ni [pausa] nã/ nã-nã-ni [pausa] nã, ...” e a professora, indignada, pergunta: “O que é isso, Juquinha?”, ao que ele responde: “Decorei a música e esqueci a letra”.

para a mobilização, proferidos por um fiador que pode ser caracterizado como o “preto tipo A”.

Para Anscombre, em sua conclusão etno-linguística, a estrutura rítmica repetitiva ou fixa reenvia à palavra sagrada, que se opõe à palavra profana. A fala proverbial, não podendo contar com as garantias do discurso lógico, que forja suas próprias evidências, usa garantias de certa forma “naturais”, no sentido de que certas leis naturais são consideradas como expressões diretas da natureza das coisas. Podemos traçar mais uma relação aqui com o discurso do rap, que se pretende um “raio x”¹⁵² da realidade. Os provérbios, como crenças coletivas, fariam parte dessa categoria, por isso a forma fixa e, de certa maneira, mágica: com rimas, redobramentos, ritmo certo. Em língua, acontece o mesmo com as onomatopeias, que apresentam certas estruturas – redobramentos, assonâncias, aliteraões – análogas às presentes nos provérbios.

Para Anscombre “a rima se opõe à razão” (2000: 26). Então, se o provérbio não é lógico, ele é, de certo modo, mágico, sagrado, uma verdade superior. Também nesse aspecto, a palavra do rap se assemelha à palavra proverbial. Mano Brown afirmou que se fosse nomear o grupo hoje, ele deveria se chamar Emocionais MCs. Porque, para ele, de racionais, eles não têm nada¹⁵³.

Os textos religiosos, ao longo da história, têm a característica de se propagar através do canto, da dança e/ou da imitação. A enunciação proverbial também só se concretiza na repetição, na imitação. E, se considerarmos, com Anscombre, toda a particularidade de sua prosódia, podemos ver aí uma espécie de canto, ou ao menos de recitação. A respeito de provérbios, é mais exato dizer que “se recitam” do que “se dizem”. Com o rap, tais características são levadas ao extremo: ele é feito para cantar, dançar e imitar. Assim como a organização que conhecemos dos textos da Bíblia, ele apresenta uma estrutura já “dividida”, pronta para ser citada. Cabe lembrar que são vendidos LPs aos DJs só com as faixas “à capela”, para facilitar esse recorte e incidência em outros raps, através

¹⁵² *Raio X do Brasil* é título do disco dos Racionais de 1993. É muito comum a afirmação, pelos rappers, de que cantam o que vêm, o que vivem, o que presenciam. Um exemplo contundente é a fala final de Mano Brown, em prosa, no rap “Negro Drama”: “É desse jeito que você vive. É o negro drama. Eu não li, eu não assisti, eu vivo o negro drama, eu sou negro drama, eu sou fruto do negro drama.”

¹⁵³ Programa Ensaio com Racionais MCs, TV Cultura, 28/01/2003.

de samples. E, em consonância com sua característica de visar à memorização, nos encartes dos CDs, discos e DVDs, poucas vezes (no caso dos Racionais, nenhuma vez) há as letras dos raps, o que sinaliza para uma distância em relação à palavra escrita e uma proximidade com a palavra vivenciada no próprio corpo.

Anscombe também assinala certo parentesco entre os provérbios e os mitos: assim como os mitos, os provérbios são crenças coletivas e representam um modo de conhecimento subjetivo – sem distância entre sujeito e objeto – em oposição a um modo de conhecimento objetivo que coexiste paralelamente ao precedente. Greimas (1975 [1970]: 295), do mesmo modo, relacionou provérbio e mito – este autor acrescenta ainda o sonho e o folclore - como “simbolismos”.

Alguns textos religiosos, dogmáticos e autoritários importantes na história da humanidade apresentam elementos estruturais semelhantes aos dos provérbios. São verdades apresentadas como eternas e fundadas sobre práticas exemplares. Anscombe lista, em textos deste tipo, os provérbios, os slogans publicitários e o Eclesiastes, da Bíblia, aos quais credita um extraordinário poder de convencimento¹⁵⁴.

Os raps também podem ser inseridos nesse conjunto: é uma palavra ritmada, rimada, assonante, com poder argumentativo e dogmático, que versa sobre comportamentos humanos, chamados por essa comunidade discursiva de “proceder”. O “verdadeiro” rapper tem que ter proceder, para Edi Rock, “siga a minha estreita trilha”¹⁵⁵, para Mano Brown, “revolução não é pra qualquer um, só quem é camicase leal, o guerreiro de fé”¹⁵⁶.

¹⁵⁴ Erich Auerbach, no capítulo 1 de *Mímesis*, chega a conclusões semelhantes a respeito do texto bíblico.

¹⁵⁵ “De volta a cena”. *Nada como um dia após o outro dia – Ri Depois*, 2002 (anexo 5b).

¹⁵⁶ “1 por amor, 2 por dinheiro” *Nada como um dia após o outro dia – Chora Agora*, 2002 (anexo 5a).

Conclusão

Na Introdução desta tese, explicitarei que meu intuito era o de analisar o corpus composto pelas práticas discursivas dos Racionais MCs, tendo sempre presente o princípio de que o objeto para a Análise do Discurso é “integralmente linguístico e integralmente histórico” (MAINGUENEAU, 2005 [1984]: 16). Busquei, portanto, as marcas de um funcionamento discursivo.

Partindo da hipótese de que os provérbios, autocitações, citações bíblicas, frases e expressões fixas ocupam um lugar central nesse discurso, procurei delimitar e interpretar as ocorrências desse tipo de enunciado no corpus. À primeira vista, tal tarefa se mostrou bastante difícil: quase tudo parecia destacável, quase tudo parecia citação. A dificuldade dessa análise preliminar, ao mesmo tempo em que apontava para uma importância da parêmia nesse discurso, exigia que eu estudasse o campo paremiológico. O estudo, a partir do lugar da Análise do Discurso, de alguns dos conceitos principais desse campo compõe o capítulo 1. Este capítulo nem de longe tem a pretensão de esgotar o campo parêmico, ou de estabelecer bases sólidas para uma “paremiologia discursiva”. Ao invés disso, constitui-se em uma primeira aproximação a um campo pouco explorado pela Análise do Discurso, campo a que pretendo voltar em estudos futuros.

Algumas diferenças importantes em relação à abordagem semântica do campo paremiológico foram apenas apontadas, e certamente restam requerendo um estudo mais pormenorizado. Destaco especificamente o conceito de “on-enunciador”, que originalmente nos estudos da semântica é utilizado no sentido de um enunciador indeterminado e que, nesta tese, tomei como o de um enunciador coletivo. Esta diferença, que revela uma diferença importante de princípios teóricos, foi apenas apontada em nota. Avalio que restou por aprofundar a relação entre uma teoria (semântica) que conceitua “comunidade linguística” como a comunidade dos falantes de uma língua e a consideração do “on-enunciador” como um enunciador indeterminado. Opondo-se a esse posicionamento, a Análise do Discurso, para quem as comunidades são discursivas e historicamente estabelecidas, me leva a considerar o “on-enunciador” como um enunciador coletivo.

Ainda com relação ao primeiro capítulo, avalio que não foi discutido suficientemente o conceito de “enunciação proverbial”, já empregado anteriormente no Brasil por Rocha (1995), Lisardo-Dias (2001), Santos (2004), entre outros. É preciso esclarecer as diferenças entre os conceitos de “palavra proverbial” e “enunciação proverbial”, que também revelarão diferenças importantes entre as abordagens semântica e discursiva do campo paremiológico. Pretendo, em meu desenvolvimento futuro do que chamei nesta tese de “paremiologia discursiva”, aprofundar estes dois pontos levantados acima.

No capítulo 2, apresento e analiso uma tabela com as ocorrências de provérbios, frases fixas de sabedoria, expressões fixas, citações bíblicas, dentre outras formas breves. A quantidade e a centralidade dessas ocorrências são interpretadas como uma forma de aproximar o rap dos Racionais de uma fala cotidiana da comunidade discursiva que suas práticas querem constituir e fortalecer. Nesse sentido, caracterizam um efeito de fala coletivizada.

A análise do capítulo 2 não seria possível sem o fundamento teórico desenvolvido no capítulo 1. Sem esse fundamento, que forneceu bases claras de classificação e observação dos dados, minha pesquisa provavelmente se reduziria a observações pouco organizadas a respeito da importância do “gênero proverbial” no rap nacional, na hipótese otimista de eu conseguir atravessar o mar bravio de referências e já-ditos imiscuídos ao que é relativamente “novo” em um rap.

No capítulo 3, apresento, organizo e analiso as ocorrências de desautorizações das formas fixas presentes no corpus. Essas ocorrências caracterizam uma demarcação de posição no campo discursivo, na medida em que procuram questionar outros discursos presentes na sociedade e afirmar o posicionamento a que aderem os Racionais MCs. Assim, a análise empreendida neste capítulo aponta para conclusões parecidas com as do capítulo anterior: constituir e fortalecer uma comunidade discursiva, através do efeito de enunciação coletivizada, inclui desautorizar a doxa do outro, do discurso oponente.

Certamente, a análise empreendida pelos capítulos 2 e 3 demonstra que a inserção de formas cristalizadas é uma parte importante do funcionamento discursivo das

práticas dos Racionais MCs, mas também mostra que o funcionamento da enunciação de tipo proverbial ultrapassa os limites da citação.

Tal especificidade do objeto é abordada no capítulo 4, que, analisando a destacabilidade, a aforização e a enunciação aforizante, caracteriza o funcionamento discursivo dos Racionais MCs. Portanto, o uso das formas fixas no corpus se distingue do uso comumente atestado, com um tom diferenciado (segundo a tese clássica de Greimas (1975 [1970])) e como citação (segundo a tese clássica de Ollier (1976)). A análise rímica e rítmica leva à conclusão de que os raps dos Racionais compartilham algumas propriedades com os provérbios. A ocorrência das formas fixas é então reavaliada neste capítulo, como estruturante do rap, mas também estruturada por ele. A grande integração entre as formas fixas e o co-texto do rap caracteriza esta enunciação, em sua sentenciosidade e forma feita para ser retomada e repetida.

Certamente a análise prosódica do rap pode render muito mais conclusões que as que cheguei nesta tese. Restam por analisar, por exemplo, quais as consequências fonológicas da estrutura rítmica e rímica caracterizada no capítulo 4. Sendo assim, considero ter dado um passo inicial numa área importante e pouco estudada, que se situa no encontro da análise do discurso com a prosódia.

Através de sua enunciação, um discurso realiza aquilo que ideologicamente o constitui. Enunciar em provérbios e aforizações é fortalecer a coletividade. Usar samples, autocitar-se e citar outros rappers é iniciar a retomada ilimitada de um discurso que se apresenta como já-dito, nas palavras de Maingueneau, que “se comemora ao se inaugurar” (2006b: 75). Fortalecer o eu-coletivizado passa por enunciar de modo “ON-sentencioso”, representando seus enunciados como um “como dizem”.

Portanto, posso concluir que, para o funcionamento discursivo do corpus analisado nesta tese, vale o que Maingueneau diz sobre a *interlíngua*: “o uso da língua que a obra implica se apresenta como a maneira pela qual se tem de enunciar, por ser esta a única maneira compatível com o universo que ela instaura” (Maingueneau, 2006a: 182).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis; BALIBAR, Étienne. **Lire le Capitale**, tomes I e II. Paris: Maspero, 1968.

ANSCOMBRE, Jean-Claude (org) **La parole proverbiale**. Paris: Langages n. 139, setembro/2000.

_____. Présentation. In: **La parole proverbiale**. Paris: Langages n. 139, setembro/2000. p. 3-5

_____. Parole proverbiale et structures métriques. In: **La parole proverbiale**. Paris: Langages n. 139, setembro/2000. p. 6-26.

ARAÚJO, José André de. **Sobrevivente André du Rap** (do massacre do Carandiru). Coordenação Editorial Bruno Zeni. São Paulo: Labortexto, 2002.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Guerra e Paz**: Casa-Grande & Senzala e a Obra de Gilberto Freyre nos Anos 30. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

AUERBACH, Erich. **Mímesis** [1946]. São Paulo: Perspectiva, 1987.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade** – um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso [1982]. Tradução Alda Scher e Elsa Maria Nitsche Ortiz. In: **Entre a transparência e a opacidade** – um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. pp. 11-80.

_____. **Palavras Incertas** – as não-coincidências do dizer. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais [1965]. São Paulo/Brasília: HUCITEC/Editora Universidade de Brasília, 1999.

BARTHES, Roland. O grão da voz. In: **O óbvio e o obtuso**. Porto: Edições 70 (distribuído no Brasil por Livraria Martins Fontes), 1977.

BENVENISTE, Émile. A frase nominal. In: **Problemas de Lingüística Geral**. [1966] Tradução Maria da Glória Novak; Luiza Neri. São Paulo: Companhia Editora Nacional / Editora da Universidade de São Paulo, 1976. p. 163-182.

CONENNA, Mirella. Structure syntaxique des proverbes français et italiens. In: **La parole proverbiale**. Paris: Langages n. 139, setembro/2000. p. 27-37.

CONSCIÊNCIA BLACK – volume 1. São Paulo: Zimbabwe Records, 1988. (LP)

COUDRY, Maria Irma Hadler. **Diário de Narciso** – discurso e afasia. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do Discurso Político** – derivas da fala pública. São Carlos: Claraluz, 2006.

_____. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. Paris: **Langages** n. 62, 1981.

DELHAY, Corinne. La synecdoque: entre méronymie et hyperonymie? Paris: **Verbum** XIX, 3, 1997. p. 293-308.

ÉLUARD, Paul; PÉRET, Benjamin. **152 Proverbes mis au goût du jour**. Paris: Revolution, 1925

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber** [1969]. São Paulo, Forense Universitária (6ª edição), 2002.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1933.

GARCIA, Walter. Ouvindo Racionais MCs. In: **Teresa** – revista de literatura brasileira 4/5 Literatura e Canção. São Paulo: FFLCH-USP/Editora 34, 2003.

GATTI, Márcio Antônio. “Gato escaldado morre” - provérbios alterados, ethos e humor. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 254-264.

_____. **Humor em Provérbios Alterados**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestes**: la littérature au second degré. Paris: Seuil, 1982.

GREIMAS, Algirdas Julien. Os provérbios e os ditados. Tradução Katia Harim Chalita. In: **Sobre o sentido**: ensaios semióticos. [1970] Petrópolis: Vozes, 1975. p. 288-295.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

GRÉSILLON, Almuth; MAINGUENEAU, Dominique. Polyphonie, proverbe et détournement. Paris: **Langages** n. 73, março/1984. p. 112-125.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Depois da democracia racial. In: **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. São Paulo: Departamento de Sociologia da Faculdade de

Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, n. 18, 2006. p. 269-290.

JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. Tradução Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. In: **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969. p. 34-62.

JOCENIR. **Diário de um detento** – o livro. São Paulo: Labortexto, 2001.

KLEIBER, Georges. Sur le sens des proverbes. In: **La parole proverbiale**. Paris: Langages n. 139, setembro/2000. p. 39-58.

_____. Sur la définition du proverbe. In: **Recherches Germaniques** n. 2, 1989. p. 233-252.

LYSARDO-DIAS, Dylia. **Provérbios que são notícia**: uma análise discursiva. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. Tradução Luciana Salgado. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.

_____. L'enonciation aphorisante. In: CHRISTÓFARO SILVA, T.; MELLO, H. R. **Conferências do V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística**. Belo Horizonte, Editora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

_____. **Discurso Literário**. Tradução Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006a.

_____. Citação e destacabilidade. Tradução Roberto Leiser Baronas. In: **Cenas da Enunciação**. Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. Curitiba: Criar, 2006b, pp. 72-90.

_____. Problemas de ethos. Tradução Sírio Possenti. In: **Cenas da Enunciação**. Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. Curitiba: Criar, 2006c, pp. 52-71.

_____. Arqueologia e Análise do Discurso. Tradução Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. In: **Cenas da Enunciação**. Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. Curitiba: Criar, 2006d, pp. 25-32.

_____. **Gênese dos Discursos**[1984]. Tradução Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

_____. **O contexto da obra literária**. Tradução Marina Appenzeller, revisão da tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MESCHONIC, Henri. Les proverbes, actes de discours. In: **Revue de Sciences Humaines** n. 163, 1976. p. 419-430.

MEYER, Bernard. **Synedokes**: etude d'une figure de rhétorique. Paris: L'Harmattan, 1995.

MICHAUX, Christine. **Le proverbe. Vers une théorie de la parole évocative**. Tese (Doutorado). Université Libre de Bruxelles, 1998.

_____. Proverbes et structures stéréotypées. In: **Langue française** n. 123, 1999. p. 85-104.

MILNER, Georges B. Quadripartite Structures. In: **Proverbium** n.14, 1969. p. 393-398.

MILNER, Jean-Claude. **De la syntaxe à l'interprétation**. Paris: Seuil, 1978.

MOTTA, Ana Raquel. As vozes nas vozes do rádio. In: **Estudos Linguísticos** v. 38, n. 3. São Paulo, 2009a, pp. 33-43. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_03.pdf>

_____. A cena do crime nos Racionais MCs. **Anais da XXIX Annual ILASSA Student Conference**. Austin: University of Texas at Austin, 2009b. Disponível em : <http://lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/ilassa/2009/motta.pdf>

_____. Entre o artístico e o político. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008a. p. 97-106.

_____. Ethos, cenografia e incorporação: o estatuto do “eu” no rap nacional. In: EMEDIATO, W.; MACHADO, I. L.; MELLO, R. **Anais do III Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso** – emoções, ethos e argumentação. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008b.

_____. Heterogeneidade Enunciativa nos Racionais MCs. **Anais do XII Seminário de Teses em Andamento (SETA)**, volume 1. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2007. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/seer/seta/ojs/viewissue.php?id=1>

_____. **“A favela de influência”**: uma análise das práticas discursivas dos Racionais MCs. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

MOTTA, Ana Raquel; POSSENTI, Sírio. Direita e esquerda: volver!. In: **Anais da I Jornada Internacional de Estudos do Discurso (JIED)**. Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, 2008. (CD-ROM)

MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

OBELKEVICH, James. Provérbios e história social. In BURKE, P.; PORTER, R. **História Social da Linguagem** [1987]. São Paulo: Editora da Unesp / Cambridge University Press, 1996. p. 43-82.

OLLIER, Marie-Louise. Proverbe et Sentence: le discours d'autorité chez Chrétien de Troyes. In: **Revue de Sciences Humaines** n. 163, 1976. p. 329-357.

ORLANDI, Eni. **Metáforas da Letra: Escrita, Grafismo**. Conferência apresentada no ENEL, Universidade Federal de São Carlos, agosto 2003.

_____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PALMEIRA, Maria Rita Sigaud Soares. **Cada história, uma sentença: narrativas contemporâneas do cárcere brasileiro**. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio** [1975]. Tradução Eni Orlandi. Campinas : Editora da Unicamp, 1997, 3ª. Edição.

PERRIN, Laurent. Remarques sur la dimension générique et sur la dimension dénomminative des proverbes. In: **La parole proverbiale**. Paris: Langages n. 139, setembro/2000. p. 69-80.

PINTO, Joana Plaza. **O corpo de uma teoria: estudos contemporâneos sobre atos de fala**. Conferência apresentada no III Encontro Nacional do GELCO (Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste), em 10 de outubro/2006.

POSSENTI, Sírio. O dado *dado* e o dado **dado**. In: **Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito**. Curitiba: Criar, 2002a. p. 27-36.

_____. Sobre o sentido da expressão “sentido literal”. In: **Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito**. Curitiba: Criar, 2002b. p. 227-234.

_____. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: ALB/ Mercado de Letras, 1996.

PROGRAMA ENSAIO com Racionais MCs. TV Cultura, 28/01/2003.

RACIONAIS MCs. **Holocausto Urbano**. São Paulo: Zimbabwe Records, 1990. (LP)

_____. **Escolha seu caminho**. São Paulo: Zimbabwe Records, 1992. (LP)

_____. **Raio X do Brasil**. São Paulo: Zimbabwe Records, 1993. (LP)

- _____. **Sobrevivendo no Inferno**. São Paulo: Cosa Nostra, 1997. (CD)
- _____. **Nada como um dia após o outro dia**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. (CD duplo)
- _____. **1000 Trutas, 1000 Tretas**. São Paulo: Cosa Nostra, 2006. (CD e DVD)
- RIFFATERRE, Michael. La trace de l'intertexte. Paris, **La pensée** n. 215, 1980.
- ROCHA, Janaína; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. **Hip Hop a periferia grita**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- ROCHA, Regina. **A enunciação dos provérbios**. São Paulo: Annablume, 1995.
- SALGADO, Luciana Salazar. **Ritos genéticos no mercado editorial**: autoria e práticas de textualização. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.
- SANTOS, Monica Oliveira. **O provérbio é um comprimido que anda de boca em boca** - os sujeitos e os sentidos no espaço da enunciação proverbial. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.
- SCADELAI, Érica . Ethos e comentário de fala na notícia impressa. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 185-194.
- SCHAPIRA, Charlotte. Proverbe, proverbialisation et déproverbialisation. In: **La parole proverbiale**. Paris: Langages n. 139, setembro/2000. p. 81-97.
- TAMBA, Irène. Formules et dire proverbial. In: **La parole proverbiale**. Paris: Langages n. 139, setembro/2000. p. 110-118.
- TATIT, Luiz. **O século da canção**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- _____. **Semiótica da canção**: melodia e letra. São Paulo: Escuta, 1994.
- TUNA, Gustavo Henrique. Reavaliando Gilberto Freyre. In: **Com ciência** – revista eletrônica de jornalismo científico n. 49 – O Brasil Negro. Nov/ 2003. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/negros/01.shtml>

ANEXOS - Transcrições das letras dos raps dos Racionais MCs

Anexo 1: *Holocausto Urbano*, 1990

Anexo 2: *Escolha seu caminho*, 1992

Anexo 3: *Raio X do Brasil*, 1993

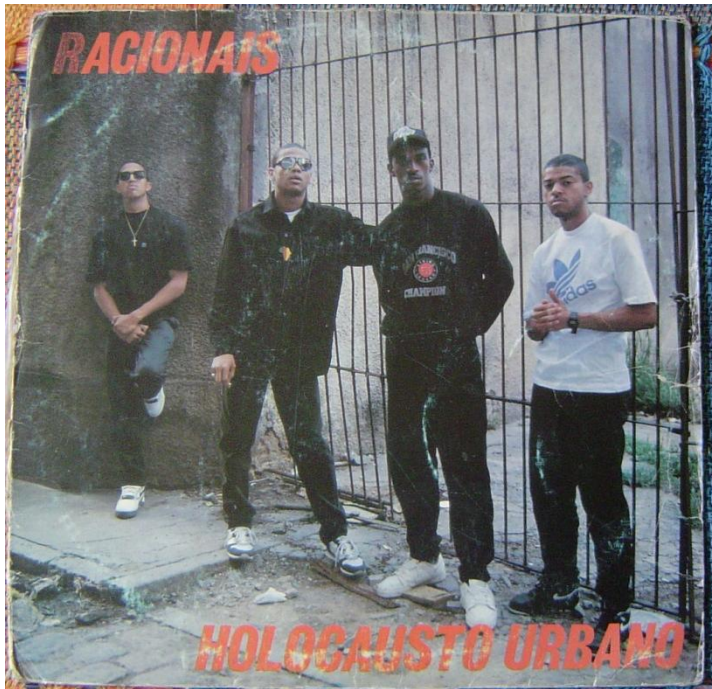
Anexo 4: *Sobrevivendo no Inferno*, 1997

Anexo 5a: *Nada como um dia após o outro dia – Chora Agora*, 2002

Anexo 5b: *Nada como um dia após o outro dia – Ri depois*, 2002

Anexo 6: *1000 Trutas 1000 Tretas*, 2006

Anexo 1: Holocausto Urbano, 1990



1. Pânico na Zona Sul
2. Beco sem saída
3. Hey, Boy
4. Mulheres Vulgares
5. Racistas Otários
6. Tempos Difíceis

Pânico na Zona Sul
(Mano Brown)

Rock- Aqui é Racionais MCs: Ice Blue, Mano Brown, KL Jay e eu Edi Rock. E aí Mano Brown, certo?

Brown- Certo não está, né mano, e os inocentes quem os trará de volta?

Blue- É...a nossa vida continua, e aí quem se importa?

Brown- A sociedade sempre fecha as portas mesmo, cara... E aí Ice Blue...

Blue- PÂNICO...

Brown- Então quando o dia escurece
Só quem é de lá sabe o que acontece
Ao que me parece, prevalece a ignorância e nós
Estamos sós, ninguém quer ouvir a nossa voz
Cheios de razões, calibres em punho
Difícilmente um testemunho vai aparecer
E pode crer a verdade se omite

Blue- Pois quem garante meu dia seguinte?

Brown- Justiceiros são chamados por eles mesmos
Matam, humilham e dão tiros a esmo
E a polícia não demonstra sequer vontade
De resolver ou apurar a verdade
Pois simplesmente é conveniente
E por que ajudariam se nos julgam delinquentes?
E as ocorrências prosseguem sem problema nenhum
Continua-se o pânico na Zona Sul

Refrão- Pânico na Zona Sul

Pânico na Zona Sul

Pânico na Zona Sul

Pânico na Zona Sul

Brown- Eu não sei se eles estão ou não autorizados
De decidir quem é certo ou errado
Inocente ou culpado retrato falado

Blue- Não existe mais justiça ou estou enganado?

Brown- Se eu fosse citar o nome de todos que se foram
O meu tempo não daria pra falar
Mas eu vou lembrar que ficou por isso mesmo e então
Que segurança se tem em tal situação?
Quanto terão que sofrer pra se tomar providência?
Ou vão dar mais algum tempo e assistir a sequência
E com certeza ignorar a procedência?
O sensacionalismo pra eles é o máximo
Acabar com delinquentes eles acham ótimo

Desde que nenhum parente ou então, é lógico,
Seus próprios filhos sejam os próximos
E é por isso que nós estamos aqui
E aí mano Ice Blue...

Blue- Pânico na Zona Sul

Refrão- Pânico na Zona Sul

Pânico na Zona Sul

Pânico na Zona Sul

Pânico na Zona Sul

Brown- Racionais vão contar a realidade das ruas
Que em nome de outras vidas, a minha e a sua
Viemos falar que pra mudar temos que parar
De se acomodar e acatar o que nos prejudica

Blue- O medo:

Brown- Sentimento em comum num lugar
Que parece sempre estar esquecido
Desconfiança, insegurança, mano

Blue- Pois já se tem a consciência do perigo
E aí?

Brown- Mal te conhecem e consideram inimigo
E se você der o azar de apenas ser parecido
Eu te garanto que não vai ser divertido
Se julgam homens da lei,

Blue- Mas a respeito eu não sei

Brown- Muito cuidado eu terei

Brown e Blue- Scratch KLJay

Eu não serei mais um porque estou esperto

Do que acontece. Ice Blue:

Blue- Pânico na Zona Sul

Refrão- Pânico na Zona Sul

Pânico na Zona Sul

Pânico na Zona Sul

Pânico na Zona Sul

Brown- E aí, cara, você acha que o problema acabou?

Blue- Pelo contrário, ele apenas começou

Brown- Não perceberam que agora se tornaram iguais
Se inverteram e também são marginais, mas...

Terão que ser perseguidos e esclarecidos

Tudo e todos até o último indivíduo

Porém se nós queremos que as coisas mudem

Blue- Ei Brown, qual será a nossa atitude?

Brown- A mudança estará em nossa consciência
Praticando nossos atos com coerência
E a consequência será o fim do próprio medo
Pois quem gosta de nós somos nós mesmos
Te cuide, porque ninguém cuidará de você
Não entre nessa à toa, não dê motivo pra morrer
Honestidade nunca será demais
Sua moral não se ganha, se faz
Não somos donos da verdade, porém não mentimos
Sentimos a necessidade de uma melhoria
A nossa filosofia é sempre transmitir
A realidade em si: Racionais MCs

Refrão- Pânico na Zona Sul
Pânico na Zona Sul
Pânico na Zona Sul
Pânico na Zona Sul

Brown- Certo, certo...Então irmão, volte a atenção pra você mesmo e pense como você tem vivido até hoje, certo? Quem gosta de você é você mesmo, morou? Nós somos Racionais MCs: DJ KLLJay, Ice Blue, Edi Rocky e eu...Brown.
PAZ...
Pânico

Beco Sem Saída

(Edi Rock)

Rock- Racionais!

Às vezes eu paro e reparo, fico a pensar
Qual seria meu destino senão cantar?
Um rejeitado, perdido no mundo, é um bom exemplo
Irei fundo no assunto, fique atento
A sarjeta é um lar não muito confortável
O cheiro é ruim, insuportável
O viaduto é o reduto nas noites de frio
Onde muitos dormem, e outros morrem, ouviu?
São chamados de indigentes pela sociedade
A maioria negros, já não é segredo, nem novidade
Vivem como ratos jogados: homens, mulheres, crianças
Vítimas de uma ingrata herança
A esperança é a primeira que morre
E sobrevive a cada dia a certeza da eterna miséria
O que se espera de um país decadente
Onde o sistema é duro, cruel, intransigente?

Refrão- Beco sem saída!

Beco sem saída!

Beco sem saída!

Beco sem saída!

Rock- Mas muitos não progridem na verdade porque assim querem

Ficam inertes, não se movem, não se mexem
Sabem por que se sujeitaram a essa situação?
Não pergunte pra mim, tire você a conclusão
Talvez a base disso tudo esteja em vocês mesmos
E a consequência é o descrédito de nós negros
Por culpa de você, que não se valoriza
Eu digo a verdade, você me ironiza
A conclusão da sociedade é a mesma
Que, com frieza, não analisa, generaliza
E só critica, o quadro não se altera e você
Ainda espera que o dia de amanhã será bem melhor
Você é manipulado, se finge de cego
Agir desse modo, acha que é o mais certo
Fica perdida a pergunta, de quem é a culpa:
Do poder, da mídia, minha ou sua?
As ruas refletem a face oculta
De um poema falso, que sobrevive às nossas custas

A burguesia, conhecida como classe nobre
Tem nojo e odeia a todos nós, negros pobres
Por outro lado, adoram nossa pobreza
Pois é dela que é feita sua maldita riqueza

Refrão- Beco sem saída!
Beco sem saída!
Beco sem saída!
Beco sem saída!

Rock- É, meu mano KL Jay. O poder mente, ilude, e domina a maioria da população, carente da educação e cultura. E é dessa forma que eles querem que se proceda. Não é verdade?

KLJay- É, pode crer!

Sample- Nascem, crescem, morrem, passam despercebidos
E a saída é esta vida bandida que levam roubando
Matando, morrendo, entre si se acabando¹⁵⁷

(Breque)

Rock- Ei mano, dê-nos ouvidos!

Os poderosos ignoram os direitos iguais
Desprezam e dizem que vivam como mendigos a mais
Não sou um mártir que um dia irá te salvar
No momento certo, você pode se condenar

KLJay- Não jogamos a culpa em quem não tem culpa
Só falamos a verdade e a nossa parte você sabe de cor

Rock- Atravesse essa muralha imaginária
em sua cabeça, sem ter medo de falhas
Se conseguiram derrubar uma muralha real:

KL Jay- De pedra

Rock- Você pode conseguir derrubar esta
Leia, ouça, escute, ache certo ou errado
Mas meu amigo, não fique parado

KL Jay- Se não

Rock- Isso tudo vai ser apenas um grito solitário
Em um porão fechado, tome cuidado
Esqueça o grande ditado:

Cada um por si!

Siga concordando com tudo que eu digo

KL Jay- Normal

¹⁵⁷ Verso sampleado de “Tempos Difíceis”. *Holocausto Urbano*, 1990 (anexo 1).

Rock- Pois pra você parece mais um artigo

KL Jay- Jornal

Rock- Esse é o meu ponto de vista, não sou um moralista

Deixe de ser egoísta, meu camarada, persista

É só uma questão: será que você é capaz de lutar?

É difícil, mas não custa nada tentar

Ei cara, o sentido disto tudo está em você mesmo. Pare, pense, e acorde, antes que seja tarde demais. O dia de amanhã te espera, morou? Edi Rock, KL Jay, Racionais!

Refrão- Beco sem saída! (pode crer, né não?)

Beco sem saída! (aí mano)

Beco sem saída! (certo!)

Beco sem saída!

Beco sem saída!

Beco sem saída!

Beco...beco...beco sem saída, beco sem saída, beco sem saída!

Brown- Certo, certo...Então irmão, volte a atenção pra você mesmo e pense como você tem vivido até hoje, certo? Quem gosta de você é você mesmo. Nós somos Racionais MCs: DJ KL Jay, Ice Blue, Edi Rocky e eu...Brown.

PAZ...

Hey Boy

(Mano Brown)

(som de carro)

Blue-Hey boy! hey boy! Dá um tempo aí, cola aí! Pera aí!

Brown- Quem é, mano? Que esse otário tá fazendo aqui? Aí dá um tempo aí, chega aí...

Boy- Que foi, bicho!?

Brown- Lembra de mim, mano?

Boy- Não...

Brown- Então vamos trocar uma idéia nós dois agora, morou?

Brown- Hey boy, o que você está fazendo aqui?

Meu bairro não é seu lugar e você vai se ferir

Você não sabe onde está, caiu num ninho de cobra

E eu acho que vai ter que se explicar: pra sair não vai ser fácil

A vida aqui é dura

Blue- Dura é a lei do mais forte

Brown- Onde a miséria não tem cura

Blue- E o remédio mais provável é a morte

Brown- Continuar vivo

Blue- É uma batalha

Brown- Isso é

Blue- Se eu não cometer falha

Brown- E se eu não fosse esperto tiravam tudo de mim

Arrancavam minha pele, minha vida enfim

Tenho que me desdobrar pra não puxarem meu tapete

E estar sempre quente

Blue- Pra não ser surpreendido de repente

Brown- Se eu vacilo, trancam minha vaga

O que você fizer, aqui mesmo você paga

A pouca grana que eu tenho não dá pro próprio consumo

Enquanto nós conversamos

Blue- A polícia apreende fumo

Brown- A marginalidade cresce sem precedência

Conforme o tempo passa, aumentar é a tendência

E muitas vezes não tem jeito: a solução é roubar

E seus pais acham que a cadeia é

Blue- Nosso lugar

O sistema é a causa e nós somos a consequência

Brown- Maior

Blue- Da chamada violência

Brown- Por que, na real,

Blue- Com nossa vida ninguém se importa

E ainda querem que sejamos patriotas

Refrão- Hey...Boy...

Brown- Isso tudo é verdade, mas não tenha dó de mim
Porque esse é meu lugar, mas eu o quero mesmo assim
Blue- Mesmo sendo o lado esquecido da cidade
Brown- E bode expiatório de toda e qualquer mediocridade
A sociedade já não sabe o que fazer
Blue- Se vão interferir ou deixar acontecer
Brown- Mas por sermos todos pobres os tachados somos nós
Só por ser conveniente, hey boy...
Pense bem se não faz sentido
Se hoje em dia eu fosse um cara tão bem sucedido?
Blue- Como você é chamado de superior
E tem todos na mão e tudo a seu favor
Brown- Sempre teve tudo e não fez nada por ninguém
Blue- Se as coisas andam mal, é sua culpa também
Brown- Seus pais dão as costas para o mundo que os cerca
Ficam com o maior, melhor; e pra nós nada resta?
Você gasta fortunas se vestindo em etiqueta
E na sarjeta as crianças
Blue- Futuros homens
Quase não comem morrem de fome
Com frio e com medo já não é segredo e as drogas consomem
Brown- Sinta o contraste e só me dê razão
Não fale mais nada, porque vai ser em vão

Refrão- Hey Boy...

Blue- E aí, Brown?
Brown- Você faz parte daqueles que colaboram para que
Blue- A vida de muitas pessoas seja tão ruim
Acha que sozinho não vai resolver
Brown- Mas é por muitos pensarem assim como você
Blue- Que a situação
Brown- Vai de mal a pior
E como sempre você pensa em si só
Seu egoísmo, ambição e desprezo
Serão os argumentos pra matar você mesmo
Então eu digo, hey boy, não fique surpreso
Se o ridículo e odioso círculo vicioso
Sistema que você faz parte o transformar num criminoso
E doloroso será ser rejeitado
Blue- Humilhado
Brown- Considerado um marginal
Blue- Discriminado
Brown- Você vai saber, sentir na pele como dói
Então aprenda a lição, hey Boy...

Brown- Aí boy sai andando aí, certo... Eu tenho todos os motivos, mas nem por isso eu vou te roubar, morou? Sai andando.

Blue- Vai, caminha, mano! Não tem nada pra você aqui não, seu otário! Vai embora, sai fora.

(som de carro partindo)

Brown- E não pisa mais aqui, hein!

Mulheres Vulgares
(Edy Rock/KL Jay)

(Som de telefone)

Rock- Alô?

Brown- E aí, Edi Rocky, certo?

Rock- Ô Brown, e aí, certo mano? Tava esperando você me ligar, mesmo.

Brown- Qual é a nova?

Rock- É sobre mulher, e tal.

Brown- Mulher? Que tipo de mulher?

Rock- Se liga aí, mano:

Derivada de uma sociedade feminista
Que consideram e dizem que somos todos machistas
Não quer ser considerada símbolo sexual
Lutam pra chegar ao poder, provar a sua moral
Numa relação na qual
Não admite ser subjugada, passa a dar pra trás
Exigem direitos iguais

Brown- E do outro lado da moeda, como é que é?

Rock- Pode crer! Pra ela, o dinheiro é o mais importante
Seu jeito vulgar, suas idéias são repugnantes
É uma cretina que se mostra nua como objeto
É uma inútil que ganha dinheiro fazendo sexo

Brown- Mano!

Rock- No quarto, motel, ou telas de cinema
Ela é mais uma figura viva obscena
Luta por um lugar ao sol
Fama, dinheiro com rei de futebol!

Brown- Ah, ah!

Rock- No qual quer se encostar em um magnata
Que comande seus passos de terno e gravata

Brown- Otário

Rock- Quer ser a peça central em qualquer local
Que a julguem total, quer ser manchete de jornal
Somos Racionais: diferentes, senão iguais
Mulheres Vulgares: uma noite e nada mais!

Refrão- Mulheres vulgares
Mulheres vulgares: uma noite e nada mais
Mulheres vulgares
Mulheres vulgares: uma noite e nada mais

Rock- E aí, Brown? Cola aí, e tal. Fala aí tua parte, e tal

Brown- Ô, falo sim, mano! Espera aí, espera aí.

Rock- Certo, aí, agora.

Brown- É bonita, gostosa e sensual
Seu batom e a maquiagem a tornam banal
Ser a mau, fatal, legal, ruim
Ela não se importa! Só quer dinheiro, enfim

Rock- Envolve qualquer um com seu ar de ingenuidade
Na verdade, por trás, mora a mais pura mediocridade

Brown- Pode crer

Rock- Te domina com seu jeito promíscuo de ser
Como se troca de roupa, ela te troca por outro

Brown- Não é não?

Rock- Muitos a querem para sempre
Mas eu a quero só por uma noite, você me entende?

Brown- Nem por uma noite

Rock- Gosta de homens da alta sociedade
Até os grandes traficantes entram em rotatividade
Mestiça, negra ou branca
Uma de suas únicas qualidades: a ganância
A impressão que se ganha é de decência
Quando se trata de dinheiro e sexo, se torna indolência
Fica perdida no ar a pergunta:
Qual a pior atitude de uma prostituta?

Brown- E eu sei, mano?

Rock- Se vender por necessidade ou por ambição?
Tire você a conclusão

Refrão- Mulheres vulgares

Brown- Concordo

Mulheres vulgares: uma noite e nada mais

Mulheres vulgares

Brown- E aí, Edí Rock?

Mulheres vulgares

Brown- Só uma noite

Rock- Então, irmão, é de coração
Abra os olhos e veja a razão
Querer, poder, ter, não é pra você se proteger
Prever antes de acontecer
E hoje ela diz: "Que cara vou dormir?"
Com seu rosto bonito é fácil atrair, e daí
Pra sair não precisa insistir
É só ser alguém e estalar os dedos assim (plec!)
Francamente ela se julga capaz
De dominar a qualquer idiota que tenha conforto pra dar

Brown- Não eu

Rock- Não importa a sua cor, não importa a sua idéia

Apenas dinheiro esnobando, jogando pela janela

Não entre nessa cilada:

Fique esperto com o mundo e atento com tudo e com nada

Mulheres só querem/preferem o que as favorecem

Dinheiro e ibope, te esquecem se não os tiverem

Somos Racionais: diferentes, senão iguais

Mulheres vulgares: uma noite e nada mais!

Refrão- Mulheres vulgares

Mulheres vulgares: uma noite e nada mais.

Mulheres vulgares

Mulheres vulgares: uma noite e nada mais.

Brown- Só uma noite

Brown- Gostei, gostei. É mano, tem uns caras que ficam iludidos com essas mina aí. Capa de revista, pôster, viagem pra Europa, isso e aquilo outro, mas por baixo mano, maior sujeira! Vai nessa, morou?

Rock- E isso aí, mano. Certo, mano, até a próxima, Brown.

Brown- Certo Edi Rock, valeu. Falou, tá valendo.

Rock- Tá valendo.

Racistas Otários

(Mano Brown)

Brown- Racistas otários, nos deixem em paz
Pois as famílias pobres não agüentam mais
Pois todos sabem e elas temem
A indiferença por gente carente que se tem

Blue- E eles vêm

Brown- Com toda autoridade, o preconceito eterno
E de repente o nosso espaço se transforma
Num verdadeiro inferno e reclamar direitos de que forma?
Se somos meros cidadãos e eles o sistema
E a nossa desinformação é o maior problema
Mas mesmo assim, enfim, queremos ser iguais
Racistas otários, nos deixem em paz

Refrão- Racistas otários, nos deixem em paz
Racistas otários, nos deixem em paz
Racistas otários, nos deixem em paz
Racistas otários, nos deixem em paz

Brown- Justiça: em nome disso eles são pagos
Mas a noção que se tem é limitada e eu sei
Que a lei é implacável com os oprimidos
Tornam bandidos os que eram pessoas de bem
Pois já é tão claro que é mais fácil dizer
Que eles são os certos e o culpado é você
Se existe ou não a culpa

Blue- Ninguém se preocupa

Brown- Pois em todo caso haverá sempre uma desculpa
O abuso é demais, pra eles tanto faz
Não passará de simples foto nos jornais
Pois gente negra e carente, não muito influente
E pouco freqüente nas colunas sociais

Blue- Então eu digo: meu rapaz,

Brown- Esteja constante
Ou abrirão o seu bolso e jogarão um flagrante
Num presídio qualquer, será um irmão a mais
Racistas otários, nos deixem em paz

Refrão- Racistas otários, nos deixem em paz
Racistas otários, nos deixem em paz
Racistas otários, nos deixem em paz

Sample- Pois a lei é surda, cega e mal interpretada¹⁵⁸

Brown- Então a velha história outra vez se repete
Por um sistema falido, como marionetes
Nós somos movidos, e há muito tempo tem sido assim,
Nos empurram à incerteza e ao crime enfim
Porque aí sim certamente estão se preparando
Com carros e armas nos esperando
E os poderosos bem seguros observando
O rotineiro holocausto urbano
O sistema é racista, cruel:
Levam cada vez mais irmãos aos bancos dos réus
Os sociólogos preferem ser imparciais
E dizem ser financeiro o nosso dilema
Mas se analisarmos bem mais você descobre
Que negro e branco pobre se parecem, mas não são iguais
Crianças vão nascendo em condições bem precárias
Se desenvolvendo sem a paz necessária
São filhos de pais sofridos e por esse mesmo motivo
O nível de informação é um tanto reduzido

Blue- Não! É um absurdo!

Brown- São pessoas assim que se fodem por tudo
E que no dia a dia vive tensa e insegura
E sofre as covardias, humilhações, torturas
A conclusão é sua, KL Jay:
“Se julgam homens da lei, mas a respeito eu não sei”¹⁵⁹
Porém direi para vocês, irmãos
Nossos motivos pra lutar ainda são os mesmos
O preconceito e o desprezo ainda são iguais
Nós somos negros: também temos nossos ideais
Racistas otários, nos deixem em paz

Refrão- Racistas otários nos deixem em paz
Racistas otários, nos deixem em paz
Racistas otários, nos deixem em paz
Racistas otários, nos deixem em paz

Brown- Os poderosos são covardes desleais
Espancam negros nas ruas por motivos banais
E nossos ancestrais por igualdade lutaram
Se rebelaram, morreram

¹⁵⁸ Sample do rapper GOG.

¹⁵⁹ Sample do rap “Pânico na Zona Sul”. Holocausto Urbano, 1990 (anexo 1). O verso anterior anuncia: “a conclusão é sua, KL Jay” porque o DJ é quem coloca o sample.

Blue- E hoje o que fazemos?

Brown- Assistimos a tudo de braços cruzados
Até parece que nem somos nós os prejudicados
Enquanto você sossegado foge da questão
Eles circulam na rua com uma descrição
Que é parecida com a sua: cabelo, cor, feição
Será que eles veem em nós um marginal padrão?
Cinquenta anos agora se completam
Da lei anti-racismo na Constituição
Infalível na teoria

Blue- Inútil no dia a dia

Brown- Então que fodam-se eles com sua demagogia
No meu país o preconceito é eficaz:
Te cumprimentam na frente, te dão um tiro por trás

Sociólogo- O Brasil é um país de clima tropical onde as raças se misturam naturalmente e não há preconceito racial.

Sample- Ah, ah, ah, ah¹⁶⁰

Brown- Nossos motivos pra lutar ainda são os mesmos
O preconceito e o desprezo ainda são iguais
Nós somos negros: também temos nossos ideais
Racistas otários, nos deixem em paz

¹⁶⁰ Risada da música Thriller de Michael Jackson

Tempos Difíceis

(Edy Rock/KL Jay)

Rock- Eu vou dizer por que o mundo é assim
Poderia ser melhor, mas ele é tão ruim
Tempos difíceis, está difícil viver
Procuramos um motivo vivo, mas ninguém sabe dizer
Milhões de pessoas boas morrem de fome
E o culpado, condenado disto, é o próprio homem
O domínio está em mão de poderosos, mentirosos
Que não querem saber, porcos, mas querem todos mortos
Pessoas trabalham o mês inteiro
Se cansam, se esgotam, por pouco dinheiro
Enquanto tantos outros nada trabalham
Só atrapalham e ainda falam que as coisas melhoraram
Ao invés de fazerem algo necessário
Ao contrário, iludem, enganam otários
Prometem cem por cento, prometem mentindo, fingindo, traindo
E na verdade, de nós estão rindo

Refrão- Tempos... Tempos difíceis!
Tempos... Tempos difíceis!
Tempos... Tempos difíceis!
Tempos... Tempos difíceis!

Rock- Tanto dinheiro jogado fora
Sendo gasto por eles em poucas horas
Tanto dinheiro desperdiçado
E não pensam no sofrimento de um menor abandonado
O mundo está cheio, cheio de miséria
Isto prova que está próximo o fim de mais uma era
O homem construiu, criou, armas nucleares
E no aperto de um botão, o mundo irá pelos ares
Extra, publicam, publicam extra os jornais
Corrupção e violência aumentam mais e mais
Com quais, sexo e droga se tornaram algo vulgar
E com isso, veio a AIDS para a todos liquidar
Mortes e destruição causam terrorismo
E cada vez mais o mundo afunda num abismo

Refrão- Tempos... Tempos difíceis!
Tempos... Tempos difíceis!
Tempos... Tempos difíceis!
Tempos... Tempos difíceis!

Rock- Menores carentes se tornam delinqüentes
E ninguém nada faz pelo futuro dessa gente
A saída é essa vida bandida que levam roubando
Matando, morrendo, entre si se acabando
Enquanto homens de poder fingem não ver
Não querem saber, faz o que bem entender
E assim aumenta a violência
Não somos nós os culpados dessa conseqüência?
Destruíram a natureza e com certeza
O que fizeram em seu lugar jamais terá igual beleza
Poluíram o ar e o tornaram impuro
E o futuro eu pergunto, confuso: como será?
Agora em quatro segundos irei dizer um ditado:
Tudo que se faz de errado aqui mesmo será pago
O meu nome é Edí Rock, um rapper e não um otário
Se algo não fizermos, estaremos acabados
KL Jay

Tempos difíceis
Tempos difíceis

Anexo 2: Escolha seu caminho, 1992



1. Voz Ativa (versão rádio)
2. Voz Ativa (versão baile)
3. Voz Ativa (capela)
4. Negro Limitado

Voz Ativa (versão rádio)

(Racionais)

Blue- 1992. A juventude negra agora tem voz ativa. Viemos mostrar que a sabedoria de rua vale muito e não se aprende nas escolas e tal. Das ruas de São Paulo pro mundo: Racionais.

Brown- Eu tenho algo a dizer e explicar pra você
Mas não garanto, porém, que engraçado eu serei dessa vez
Para os manos daqui, para os manos de lá
Se você se considera um negro pra negro será
MANO!!! Sei que problemas você tem demais
E nem na rua não te deixam na sua
Entre madames metidas e os racistas fardados
De cérebro atrofiado não te deixam em paz
Todos eles com medo generalizam demais
Dizem que os negros são todos iguais
Você concorda?
Se acomoda então, não se incomoda em ver
Mesmo sabendo que é foda, prefere não se envolver
Finge não ser você e eu pergunto por que
Você prefere que o outro vá se ofender?
Não quero ser o Mandela, apenas dar um exemplo
Não sei se você me entende, mas eu lamento
Que irmãos convivam com isso naturalmente
Não proponho ódio, porém acho incrível
Que o nosso conformismo já esteja nesse nível
Mas Racionais, resistentes nunca iguais
Afrodynamicamente manter nossa honra viva
Sabedoria de rua, o rap, mais expressiva:

Rock- E aí?

Brown- A juventude negra agora tem a voz ativa

Rock- Pode crer!

Precisamos de um líder de crédito popular
Como Martin Luther King em outros tempos foi na América
Que seja negro até os ossos, um dos nossos
E reconstrua nosso orgulho que foi feito em destroços
Nossos irmãos estão desnorteados
Entre o prazer e o dinheiro desorientados
Brigando por quase nada: migalhas, coisas banais
Prestigiando a mentira, as falhas, desinformados demais

Brown- Chega de festejar a desvantagem
E permitir que desgastem a nossa imagem
Descendente negro atual: meu nome é Brown
Não sou complexado e tal, apenas racional

É a verdade mais pura, postura definitiva:
A juventude negra agora tem voz ativa

Rock- Mais da metade do país é negra e se esquece
Que tem acesso apenas ao resto que ele oferece
Tão pouco para tanta gente, tanta gente
Tanta gente na mão de tão pouco, pode crer
Geração iludida, uma massa falida
De informações distorcidas e distraídas na televisão

Brown- Perdidos estão sem nenhum propósito
Diariamente assinando o seu atestado de óbito

Brown- Então, Mano Blue, você não acha que os negros deveriam se espelhar em outros negros e tal? Se espelhar em personalidades negras ao invés de ficar pagando um pau pra playboyzada que aparece na televisão?

Blue- Pode crer!

Brown- Pagando um pau pra um pessoal que não tem nada a ver com a gente, não tem nada a ver com os negros e tal, e aí?

Blue- Mas onde estão? Meus semelhantes na TV, nossos irmãos?

Artistas negros de atitude e expressão

Você se põe a perguntar por quê?

Eu não sou racista, mas meu ponto de vista é que

Esse é o Brasil que eles querem que exista

Evoluído e bonito, mas sem negro no destaque

Eles demonstram um país que não existe

Escondem nossa raiz, milhões de negros assistem

Engraçado que de nós eles precisam

Nosso dinheiro eles nunca discriminam

Minha pergunta aqui fica

Desses artistas tão famosos qual você se identifica?

Sample- Consequência: a má informação que se tem¹⁶¹

Brown- Nossos irmãos estão desnorteados

Entre o prazer e o dinheiro desorientados

Mulheres assumem a sua exploração

Usando o termo mulata como profissão

É mal...

Carnavalesca- Chegou o carnaval! Chegou o carnaval!

Brown- Modelos brancas no destaque, as negras onde estão?

Desfilam no chão em segundo plano

Pouco original, mais comercial a cada ano

O carnaval era a festa do povo

Era...mas alguns negros se venderam de novo

¹⁶¹ Sample “Isso não se faz”. DMN, Consciência Black – volume II, 1992.

Branco em cima negro embaixo
Ainda é normal, natural, 400 anos depois
Mil novecentos e noventa e dois, tudo igual
Bem-vindos ao Brasil colonial e tal
Precisamos de nós mesmos, essa é a questão
DMN, meus irmãos, descrevem com perfeição então
Gostamos de nós brigamos por nós
Acreditamos mais em nós, independente de que os outros façam
Tenho orgulho de mim, um rapper em ação
Nós somos negros sim de sangue e coração
Mano Ice Blue me diz
Blue- Justiça é que nos motiva:
A minha e a sua, a nossa voz ativa

Brown- É isso aí. 1992, a juventude negra agora tem voz ativa através do nosso rap nacional, o maior veículo de comunicação entre nossos irmãos e tal. Pode crer, sempre em frente. Vamos que vamos!

Voz Ativa (versão baile)
(Racionais)

Brown- Eu tenho algo a dizer e explicar pra você
Mas não garanto, porém, que engraçado eu serei dessa vez
Para os manos daqui, para os manos de lá
Se você se considera um negro pra negro será
MANO!!! Sei que problemas você tem demais
E nem na rua não te deixam na sua
Entre madames fodidas e os racistas fardados
De cérebro atrofiado não te deixam em paz
Todos eles com medo generalizam demais
Dizem que os negros são todos iguais
Você concorda?
Se acomoda então, não se incomoda em ver
Mesmo sabendo que é foda, prefere não se envolver
Finge não ser você e eu pergunto por que
Você prefere que o outro vá se foder?
Não quero ser o Mandela, apenas dar um exemplo
Não sei se você me entende, mas eu lamento
Que irmãos convivam com isso naturalmente
Não proponho ódio, porém acho incrível
Que o nosso conformismo já esteja nesse nível
Mas Racionais, resistentes nunca iguais
Afrodynamicamente manter nossa honra viva
Sabedoria de rua, o rap mais expressiva:

Rock- E aí?

Brown- A juventude negra agora tem a voz ativa

Rock- Pode crer!

Refrão- Só quem gosta de nós somos nós mesmos¹⁶²

Rock- Precisamos de um líder de crédito popular
Como Malcon X em outros tempos foi na América
Que seja negro até os ossos, um dos nossos
E reconstrua nosso orgulho que foi feito em destroços
Nossos irmãos estão desnorteados
Entre o prazer e o dinheiro desorientados
Brigando por quase nada: migalhas, coisas banais
Prestigiando a mentira, as falhas, desinformados demais
Brown- Chega de festejar a desvantagem
E permitir que desgastem a nossa imagem

¹⁶² Sample de “Pânico na zona sul”. Holocausto Urbano, 1990 (anexo1).

Descendente negro atual: meu nome é Brown
Não sou complexado e tal, apenas racional
É a verdade mais pura, postura definitiva:
A juventude negra agora tem voz ativa

Refrão- Só quem gosta de nós somos nós mesmos

Rock- Mais da metade do país é negra e se esquece
Que tem acesso apenas ao resto que ele oferece
Tão pouco para tanta gente

Brown- Tanta gente

Rock- Tanta gente na mão de tão pouco

Brown- Pode crer

Rock- Geração iludida, uma massa falida
De informações distorcidas e distraídas na televisão

Brown- Fodidos estão sem nenhum propósito
Diariamente assinando o seu atestado de óbito

Brown- Pô, estou cansado de toda essa merda que eles mostram na televisão todo o dia,
mano, não agüento mais, é foda, mano!

Blue- Mas onde estão? Meus semelhantes na TV, nossos irmãos

Artistas negros de atitude e expressão

Você se põe a perguntar por quê?

Eu não sou racista, mas meu ponto de vista é que

Esse é o Brasil que eles querem que exista

Evoluído e bonito, mas sem negro no destaque

Eles demonstram um país que não existe

Escondem nossa raiz, milhões de negros assistem

Engraçado que de nós eles precisam

Nosso dinheiro eles nunca discriminam

Minha pergunta aqui fica:

Desses artistas tão famosos qual você se identifica?

Brown- Então, Leci Brandão, Moisés da Rocha, Thaíde e Dj Hum, Ivo Meireles, Moleques
de Rua e tal

E da Zona Leste de São Paulo Grupo DMN. Pode crer, é isso aí.

Nossos irmãos estão desnorteados

Entre o prazer e o dinheiro desorientados

Mulheres assumem a sua exploração

Usando o termo mulata como profissão

É mal...

Modelos brancas no destaque, as negras onde estão?

Desfilam no chão, em segundo plano

Pouco original, mais comercial a cada ano

O carnaval era a festa do povo

Era, mas alguns negros se venderam de novo

Branco em cima, negros embaixo

Ainda é normal, natural, quatrocentos anos depois
Mil novecentos e noventa e dois, tudo igual
Bem-vindos ao Brasil colonial e tal
Precisamos de nós mesmos essa é a questão
DMN, meus irmãos, descrevem com perfeição então
Gostarmos de nós, brigarmos por nós
Acreditarmos mais em nós independente de que os outros façam
Tenho orgulho de mim, um rapper em ação
Nós somos negros sim, de sangue e coração
Mano Ice Blue me diz:
Blue- Justiça é o que nos motiva:
A minha e a sua
Todos- A nossa voz ativa

Racionais!

Voz Ativa (capela)

(Racionais)

Brown- Eu tenho algo a dizer e explicar pra você
Mas não garanto, porém, que engraçado eu serei dessa vez
Para os manos daqui, para os manos de lá
Se você se considera um negro pra negro será
MANO!!! Sei que problemas você tem demais
E nem na rua não te deixam na sua
Entre madames fodidas e os racistas fardados
De cérebro atrofiado não te deixam em paz
Todos eles com medo generalizam demais
Dizem que os negros são todos iguais
Você concorda?
Se acomoda então, não se incomoda em ver
Mesmo sabendo que é foda, prefere não se envolver
Finge não ser você e eu pergunto por que
Você prefere que o outro vá se foder?
Não quero ser o Mandela, apenas dar um exemplo
Não sei se você me entende, mas eu lamento
Que irmãos convivam com isso naturalmente
Não proponho ódio, porém acho incrível
Que o nosso conformismo já esteja nesse nível
Mas Racionais, resistentes nunca iguais
Afrodinamicamente manter nossa honra viva
Sabedoria de rua, o rap mais expressiva:

Rock- E aí?

Brown- A juventude negra agora tem a voz ativa

Rock- Pode crer!

Refrão- Só quem gosta de nós somos nós mesmos

Rock- Precisamos de um líder de crédito popular
Como Malcon X em outros tempos foi na América
Que seja negro até os ossos, um dos nossos
E reconstrua nosso orgulho que foi feito em destroços
Nossos irmãos estão desnorteados
Entre o prazer e o dinheiro desorientados
Brigando por quase nada: migalhas, coisas banais
Prestigiando a mentira, as falhas, desinformados demais

Brown- Chega de festejar a desvantagem
E permitir que desgastem a nossa imagem
Descendente negro atual: meu nome é Brown
Não sou complexado e tal, apenas racional
É a verdade mais pura, postura definitiva:

A juventude negra agora tem voz ativa

Refrão- Só quem gosta de nós somos nós mesmos

Rock- Mais da metade do país é negra e se esquece
Que tem acesso apenas ao resto que ele oferece
Tão pouco para tanta gente

Brown- Tanta gente

Rock- Tanta gente na mão de tão pouco

Brown- Pode crer

Rock- Geração iludida, uma massa falida
De informações distorcidas e distraídas na televisão

Brown- Fodidos estão sem nenhum propósito
Diariamente assinando o seu atestado de óbito

Brown- Pô, estou cansado de toda essa merda que eles mostram na televisão todo o dia,
mano, não agüento mais, é foda, mano!

Blue- Mas onde estão? Meus semelhantes na TV, nossos irmãos

Artistas negros de atitude e expressão

Você se põe a perguntar por quê?

Eu não sou racista, mas meu ponto de vista é que

Esse é o Brasil que eles querem que exista

Evoluído e bonito, mas sem negro no destaque

Eles demonstram um país que não existe

Escondem nossa raiz, milhões de negros assistem

Engraçado que de nós eles precisam

Nosso dinheiro eles nunca discriminam

Minha pergunta aqui fica:

Desses artistas tão famosos qual você se identifica?

Brown- Então, Leci Brandão, Moisés da Rocha, Thaíde e Dj Hum, Ivo Meireles, Moleques
de Rua e tal

E da Zona Leste de São Paulo Grupo DMN. Pode crer, é isso aí.

Nossos irmãos estão desnorteados

Entre o prazer e o dinheiro desorientados

Mulheres assumem a sua exploração

Usando o termo mulata como profissão

É mal...

Modelos brancas no destaque, as negras onde estão?

Desfilam no chão, em segundo plano

Pouco original, mais comercial a cada ano

O carnaval era a festa do povo

Era, mas alguns negros se venderam de novo

Branco em cima, negro embaixo
Ainda é normal, natural, quatrocentos anos depois
Mil novecentos e noventa e dois, tudo igual
Bem-vindos ao Brasil colonial e tal
Precisamos de nós mesmos essa é a questão
DMN, meus irmãos, descrevem com perfeição então
Gostamos de nós, brigamos por nós
Acreditamos mais em nós independente de que os outros façam
Tenho orgulho de mim, um rapper em ação
Nós somos negros sim, de sangue e coração
Mano Ice Blue me diz:
Blue- Justiça é o que nos motiva:
A minha e a sua
Todos- A nossa voz ativa

Racionais!

Negro Limitado

(Racionais)

Rock- Aí mano, você está dando fé? Você tem que ter consciência.

Limitado- Que é, mano?

Rock- Você tem que ter consciência.

Limitado- Que negócio de consciência que nada, negócio de negro, consciência não tá com nada, o negócio é tirar um barato, morou, mano!

Rock- Pô mano, vamos pensar um pouco.

Limitado- Que pensar que nada, o negócio é dinheiro. E tirar uma onda!

Rock- Você não me escuta ou não entende o que eu falo

Procuró te dar um toque e sou chamado de preto otário

Atrasado, revoltado

Pode crer, estamos jogando com um baralho marcado

Não quero ser o mais certo e sim o mano esperto

Não sei se você me entende, mas eu distingo o errado do certo

Limitado- Hei mano, você vai continuar com essas idéias aí, você tá me tirando? Dá licença.

Rock- A verdade é que enquanto eu reparo os meus erros

Você sequer admite os seus

Limitado é seu pensamento, você mesmo quer

Falar sobre mulher, seu principal passatempo

O Don Juan das vagabundas, eu lamento

Vive contando vantagem, se dizendo o tal, mas simplesmente

Falta postura, QI suficiente

Me diga alguma coisa que ainda não sei

Malandros como você muitos finados contei

Não sabe sequer dizer, veja só você

O número de cor do seu próprio RG

Então, príncipe dos burros, limitado

Nesse exato momento foi coroado

Diga qual a sua origem, quem é você?

Você não sabe responder

Refrão- Negro Limitado

Dê-nos ouvidos, escolha seu caminho

Limitado- Então, vocês que fazem o rap aí e tal, são cheios de ser professor, falar de drogas, polícia e tal, e aí, mostra uma saída, mostra um caminho. E então, e aí?

Brown- Cultura e educação, livros e escolas

Crocodilagens demais, vagabundas e drogas

A segunda opção é o caminho mais rápido e fácil
A morte percorre a mesma estrada: é inevitável
Planejam nossa extinção, esse é o título
Da nossa revolução, segundo versículo
Leia, se informe, se atualize, decore
Antes que os racistas otários fardados de cérebro atrofiado
Os seus miolos estourem e estará tudo acabado
Cuidado...!

(som de batida policial)

O Boletim de Ocorrência com seu nome em algum livro
Em qualquer Distrito, em qualquer Arquivo
Caso encerrado, nada mais que isso
Um negro a menos contarão com satisfação
Porque é a nossa destruição que eles querem
Física e mentalmente, o mais que puderem
Você sabe do que estou falando:
Não são um dia nem dois, são mais de quatrocentos anos
Filho é fácil qualquer um faz
Mas criá-los, não, você não é capaz
Ele nasce, cresce e o que acontece?
Sem referência a seguir, sem ter a quem ouvir
Um mau aluno na escola certamente ele será
Mais um menino confuso no quarto escuro da ignorância
Se o futuro é das crianças...
Talvez um dia de você ele se orgulhará
Você tem duas saídas: ter consciência
Ou se afogar na sua própria indiferença
Escolha o seu caminho

Sample- Dê-nos ouvidos

Brown- Ser um verdadeiro preto, culto e informado
Ou ser apenas mais um negro limitado

Refrão- Negro Limitado

Dê-nos ouvidos, escolha seu caminho

Limitado- É, consciência, consciência, e os outros manos; então, você é consciente sozinho, mano?

Rock- Faça por você mesmo e não por mim
Mantenha distância de dinheiro fácil
De bebidas demais, policiais e coisas assim
Enfim, de modo eficaz
Racionais declaram guerra
Contra aqueles que querem ver os pretos na merda
E os manos que nos ouvem irão entender

Que a informação é uma grande arma
Mais poderosa que qualquer PT carregada
Roupas caras de etiquetas não valem nada
Se comparada a uma mente articulada
Contra um racista otário é química perfeita
Inteligência e um cruzado de direita
Será temido, e também respeitado
Um preto digno, e não um negro limitado

Refrão- Negro Limitado
Dê-nos ouvidos, escolha seu caminho

Limitado- Hei, DJ, pode crer, tem tudo a ver, não é não! Aí, Racionais, fio da navalha,
pode contar comigo. É isso aí, valeu.

Rock- Falou, pela ordem!

Anexo 3: Raio X do Brasil, 1993



1. Introdução
2. Fim de Semana no Parque
3. Parte II
4. Mano na porta do bar
5. Homem na estrada
6. Júri racional
7. Fio da Navalha
8. Agradecimentos

Introdução

(Racionais)

Rock- 1993, fodidamente voltando: Racionais, usando e abusando da nossa liberdade de expressão, um dos poucos direitos que o jovem negro ainda tem nesse país. Você está entrando no mundo da informação, auto-conhecimento, denúncia e diversão: esse é o Raio X do Brasil. Seja bem-vindo.

Fim de Semana no Parque

(Mano Brown) – participação Negritude Jr: Cavaquinho- Vaguininho; Repique- Netinho;
Saxofone- Lino

Brown- A toda comunidade pobre da Zona Sul

Chegou fim de semana todos querem diversão
Só alegria, nós estamos no verão
Mês de Janeiro, São Paulo, Zona Sul
Todo mundo à vontade, calor, céu azul
Eu quero aproveitar o sol
Encontrar os camaradas prum basquetebol
Não pega nada

Tô a uma hora da minha quebrada, logo mais

Quero ver todos em paz

Um, dois, três carros na calçada

Feliz e agitada, toda playboyzada

As garagens abertas, eles lavam os carros

Desperdiçam a água, eles fazem a festa

Vários estilos, vagabundas, motocicletas

Coroa rico boca aberta: isca predileta

Blue- De verde fluorescente, queimada sorridente

Brown- A mesma vaca louca circulando como sempre

Roda a banca dos playboys do Guarujá

Muitos manos se esquecem, na minha não se cresce

Sou assim e tô legal, até me leve a mal

Malicioso e realista sou eu: Mano Brown

Me dê quatro bons motivos pra não ser

Olha meu povo nas favelas e vai perceber

Daqui eu vejo uma caranga do ano

Toda equipada e o tiozinho guiando

Com seus filhos ao lado, estão indo ao parque

Eufóricos, brinquedos eletrônicos

Automaticamente eu imagino

A molecada lá da área como é que tá

Provavelmente correndo pra lá e pra cá

Jogando bola descalços nas ruas de terra

É, brincam do jeito que dá

Gritando palavrão, é o jeito deles

Eles não têm videogame, às vezes nem televisão

Mas todos eles têm dom: um São Cosme São Damião

A única proteção

No último Natal Papai Noel escondeu um brinquedo

Prateado, brilhava no meio do mato

Um menininho de dez anos achou o presente

Era de ferro com doze balas no pente
E o fim de ano foi melhor pra muita gente
Eles também gostariam de ter bicicletas
De ver seu pai fazendo cooper tipo atleta
Gostam de ir ao parque e se divertir
E que alguém os ensinasse a dirigir
Mas ele só querem paz e mesmo assim é um sonho
Fim de semana do Parque Santo Antônio

Refrão- Vamos passear no Parque
Deixa o menino brincar
Fim de Semana no parque
Vamos passear no Parque
Vou rezar pra esse domingo não chover¹⁶³

Rock- Olha só aquele clube que da hora
Olha aquela quadra, olha aquele campo, olha
Olha quanta gente
Tem sorveteria, cinema, piscina quente
Olha quanto boy, olha quanta mina
Afoga essa vaca dentro da piscina
Tem corrida de kart dá pra ver
É igualzinho o que eu vi ontem na TV
Olha só aquele clube que da hora
Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora
Nem se lembra do dinheiro que tem que levar
Do seu pai bem louco gritando dentro do bar
Nem se lembra de ontem, de hoje, o futuro
Ele apenas sonha através do muro
(assobio da música usada no programa infantil “Domingo no Parque” de Sílvio Santos)

Brown- Milhares de casas amontoadas
Ruas de terra: esse é o morro, a minha área me espera
Gritaria na frente

Blue- Vamos chegando!

Brown- Pode crer, eu gosto disso, mais calor humano
Na periferia a alegria é igual
É quase meio dia a euforia é geral
É lá que moram meus irmãos, meus amigos
E a maioria por aqui se parece comigo
E eu também sou bam-bam-bam e o que manda
O pessoal desde as 10 da manhã está no samba

¹⁶³ Refrão sampleado das músicas “Dumingaz”, disco “Solta o Pavão”, 1975 e “Deixa o menino brincar”, disco “Big Ben”, 1965, ambas de Jorge Ben Jor.

Preste atenção no repique, atenção no acorde
Netinho- Como é que é, Mano Brown?
Brown- Pode crer, pela ordem
A número número um em baixa renda da cidade
Comunidade Zona Sul é dignidade
Tem um corpo no escadão a tiazinha desce o morro
Polícia: a morte, polícia: socorro
Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
Pra molecada freqüentar, nenhum incentivo
O investimento no lazer é muito escasso
O centro comunitário é um fracasso
Mas aí, se quiser se destruir, está no lugar certo:
Tem bebida e cocaína sempre por perto
A cada esquina, cem, duzentos metro
Nem sempre é bom ser esperto
Smith, Taurus Rossi, Dreyer ou Campari
Pronúncia agradável, estrago inevitável
Nomes estrangeiros que estão no nosso meio pra matar
M. E. R. D. A.
Como se fosse ontem, ainda me lembro
Sete horas, Sábado, quatro de dezembro
Uma bala, uma moto com dois imbecis
Mataram nosso mano que fazia o morro mais feliz
E indiretamente ainda faz
Mano Rogério, esteja em paz
Vigiando lá de cima
A molecada do Parque Regina

Refrão- Vamos passear no Parque
Deixa o menino brincar
Fim de Semana no parque
Vamos passear no Parque
Vou rezar pra esse domingo não chover

Brown- Estou cansado dessa porra, de toda essa bobagem
Alcoolismo, vingança, treta, malandragem
Mãe angustiada, filho problemático
Famílias destruídas, fins-de-semana trágicos
O sistema quer isso, a molecada tem que aprender
Fim de semana no Parque Ipê

Refrão- Vamos passear no parque
Deixa o menino brincar
Fim de Semana no parque
Vamos passear no Parque

Vou rezar pra esse domingo não chover

Netinho- Pode crer, Racionais Mcs e Negritude Júnior juntos, vamos investir em nós mesmos, mantendo distância das drogas e do álcool. Aí rapaziada do Parque Ipê, Jardim São Luiz, Jardim Ingá, Parque Arariva, Vaz de Lima, Morro do Piolho, Vale das Virtudes e Pirajussara. É isso aí, Mano Brown.

Brown- É isso aí, Netinho, paz a todos.

Parte II¹⁶⁴

(Edy Rock) – participação Gislene e Nenê

(música romântica)

Mulher- E aí, Edi?

Rock- Eu já falei pra você, meu, é embaçado. Eu conheço o cara há mil anos, não tem condições.

Mulher- Deixa ele fora disso.

Rock- Não fica meio...

Mulher- É entre eu e você.

Rock- Não, não tem condições.

Mulher- Por que, você tem medo dele?

Rock- Não é bem medo, você sabe que não é bem medo, morou? Mas é que eu conheço o cara há mil anos.

Mulher- Mas ninguém precisa saber, é só entre eu e você.

Rock- Como ninguém precisa saber, meu? Só basta eu saber da parada, entendeu?

Mulher- Ah, não.

Rock- Cara, eu conheço o cara. É foda, viu, meu.

Mulher- Mas eu esperei tanto tempo por isso.

Rock- É.

Mulher- Agora que eu tenho a oportunidade, você me despreza?

Rock- Não, não, não estou desprezando, não estou desprezando. Só estou falando que eu conheço ele. Antes dele namorar com você eu já conhecia ele, há muito tempo, entendeu?

Mulher- Olha Edi, eu não aceito “não” como resposta, eu quero e pronto!

Rock- Pô, assim eu não agüento, é foda essas mina.

Rock- Mulher de aliado meu eu considero homem

Não admito dando em cima de mim ou de outros camaradas

São sem-vergonha, não prestam, mesmo sendo compromissadas

Não criam vergonha na cara, então, escória de safada

Quero pedir para ele se ligar, se tocar

Só que nas minhas palavras ele não vai acreditar

Vai achar que é inveja ou surto parecido

Do outro lado da moeda ela que é o inquérito

Quer tudo na palma da sua mão

A faca, o queijo, o pão e muito mais então

Vive dizendo: “pra que sair fora do vacilão?”

Se ela o tem e a quem mais quiser

Melou demais para querer iludir e foi iludido

Será que Deus deu o seu castigo merecido?

Está com a mente totalmente atrofiada

Que vacilada! Pode crer

¹⁶⁴ Parte II da música “Mulheres Vulgares” do disco Holocausto Urbano, 1990 (anexo 1).

Lá vai ele com a cabeça enfeitada
Blue- Deu entrada
Rock- Está sendo passado pra trás
Na lista dos cara de boi está em primeiro lugar
Ajoelhou
Blue- Agora tem que rezar!

Refrão- Ela te troca, troca, troca por outro
Eu lamento
O Don Juan das vagabunda¹⁶⁵
Eu lamento!
Sample- Ela é mais uma figura viva obscena¹⁶⁶...
Eu lamento!

Rock- No rebanho de fêmea, ela é a fêmea pior
Também a pedra branca no jogo de dominó
Ás do baralho, papagaio sem língua, árvore sem galho
Blue- Repentista sem rima
Rock- Pode crer
Ela bate o pé, ele abaixa a cabeça
Ela grita na frente dos outros, ele respeita: que treta!
Acredita em meias palavras
Lágrimas, juras ensaiadas
Eu tenho dó de fulano, beltrano e sicrano
Que fica iludido com esse tipo de molambo
Masturbação mental, pra ela é normal
Agindo discretamente, dando em cima dos conhecidos que não
Estão interessados em carne mastigada
Mas às vezes saem por pensar
Blue- “Não pega nada”
Rock- Nem estão nem um pouco ligando tratando de mulher
É, se esquece de quem é mano
Consideração ficou pra trás, já não existe mais
Mil vezes peço meus pêames
Em poucos amigos se pode confiar
Mulher, então, menos se pode contar
Não gosto, não vivo, não penso não meço palavras pra falar
Blue- O quê?
Rock- Mestiça, negra ou branca, sempre sai uma vagabunda
Não se esqueça, se você ajoelhar:
Blue- Você vai ter que rezar!

¹⁶⁵ O epíteto “Don Juan das vagabunda” apareceu qualificando o “Negro Limitado” da música homônima do disco *Escolha seu Caminho*, 1992 (anexo2).

¹⁶⁶ Sample de “Mulheres Vulgares”. *Holocausto Urbano*, 1990 (anexo 1).

Refrão- Ela te troca, troca, troca por outro
Eu lamento!
O Don Juan das vagabundas
Eu lamento!

Rock- Fique de olho na sua mulher, fique atento
Mesmo sendo de mil anos, confie apenas 50 por cento
Tire da cabeça que mulher é incapaz
Capaz ela é e mentirosa o quanto quiser
Nunca se sabe o que se passa na cabeça dela
Muda a cada instante de cão pra cadela
Mulher de mano meu é mesma coisa que homem
Não gosto de me envolver nem me imagino
Isso é mancada de canalha, cuzão, que sempre deu falha
Merece tomar salva de bala na cara
Existe sete mulheres pra cada homem ou mais
Então pra que cismar, passar seu aliado para trás?
E vice-versa mulher também entra nessa
Mais da metade eu te garanto que não presta
Deus não costuma dar asa pra cobra criada
Mas foi dada a essa cascavel
Na minha história não perdôo quem pratica traição
Nem com o fogo do inferno ela ganhará o perdão

Blue- Não!

Rock- Come e cospe no mesmo prato que usa
Ela tem duas, três caras, chega até uma dúzia e suga
Até finalizar o que você tem e o que você tiver
Sabe como arrancar, pois é
Patrício meu sei que não se morde
Edy Rock em pessoa, por isso te dou um toque: acorde!
A bomba pode e vai explodir
No meio da sua cara se você não ouvir o que
O descendente negro tem pra falar:
inocente ou culpado

Blue- Você vai ter que rezar!

Refrão- Ela te troca, troca, troca por outro
Eu lamento!
O Don Juan das vagabundas
Eu lamento!

(música romântica)

Mulher- Mas e aí, Blue?

Blue- Mas e aí, você namora com meu mano, e tal, xavecou meu outro mano, agora quer sair comigo.

Mulher- Mas deixa os dois fora disso.

Blue- Como deixar fora disso?

Mulher- É entre eu e você, deixa os dois pra lá.

Blue- Eu e você! Eu conheço o cara, você deu entrada pro outro cara, e eu conheço os dois cara, você vem me...

Mano na Porta do Bar

(Mano Brown) – participação Arthur e Kiko

Brown- Você viu aquele mano na porta do bar?

Jogando um bilhar descontraído e pá

Cercado de uma pá de camarada

Da área, uma das pessoas mais consideradas

Ele não deixa brecha, não fode ninguém:

Adianta vários lados sem olhar a quem

Tem poucos bens, mais que nada:

Um fusca 73 e uma mina apaixonada

Ele é feliz e tem o que sempre quis:

Uma vida humilde, porém sossegada

Um bom filho, um bom irmão

Um cidadão comum com um pouco de ambição

Tem seus defeitos, mas sabe relacionar

Você viu aquele mano na porta do bar?

Refrão- Aquele mano

Aquele mano

Aquele mano

Aquele mano

Blue- Você viu aquele mano na porta do bar?

Ultimamente andei ouvindo ele reclamar

Que a sua falta de dinheiro era problema

Que a sua vida pacata já não vale a pena

Queria ter um carro confortável

Queria ser um cara mais notável

Tudo bem, até aí nada posso dizer:

Um cara de destaque também quero ser

Ele disse que a amizade é pouco

Disse mais, que seu amigo é dinheiro no bolso

Particularmente para mim não tem problema nenhum

Por mim: cada um, cada um

Brown- A lei da selva: consumir é necessário

Compre mais, compre mais, supere o seu adversário

O seu status depende da tragédia de alguém

É isso: capitalismo selvagem

Ele quer ter mais dinheiro, o quanto puder

Blue- Qual que é desse mano?

Brown- Sei lá qual que é

Sou Mano Brown, a testemunha ocular

Você viu aquele mano na porta do bar?

Refrão- Aquele mano

Aquele mano

Aquele mano

Aquele mano

Amigo- Quem é aqueles mano que estava andando com você ontem à noite?

“Aquele Mano”- É uns mano diferente aí que está colando de outra quebrada aí, mas é o seguinte, eu estou agarrando os mano de qualquer jeito, certo?

Amigo- Nós somo aqui da área, mano!? Não tem nada a ver com você!!!

“Aquele Mano”- Já era, meu irmão ! Já era !!!

Amigo- Qual que é? Num estou te entendendo, explica isso aí direito...

“Aquele Mano”- Movimento é dinheiro, meu irmão...Você nunca me deu nada!!!

Blue- Você viu aquele mano na porta do bar?

Ele mudou demais de uns tempos para cá

Cercado de uma pá de tipo estranho

Que promete pra ele o mundo dos sonhos

Ele está diferente, não é mais como antes

Agora anda armado a todo instante

Não precisa mais dos aliado

Negociantes influentes estão a seu lado

Sua mina apaixonada, amiga e solidária

Perdeu a posição: agora ele tem várias

Brown- Várias mulheres, vários clientes, vários artigos

Vários dólares e vários inimigos

No mercado da droga o mais falado, o mais foda

Em menos de um ano subiu de cotação

Ascensão meteórica, contagem numérica

Farinha impura, o ponto que mais fatura

Um traficante de estilo bem peculiar:

Você viu aquele mano na porta do bar?

Refrão- Aquele mano

Blue- Ele matou um feinho a sangue frio

Às sete horas da noite, uma pá de gente viu e ouviu

À distância, dia de cobrança

A casa estava cheia: mãe, mulher e criança

Quando gritaram o seu nome no portão

Não tinha grana pra pagar, perdão é coisa rara

Tomou dois tiros no meio da cara

Brown- A lei da selva é assim, predatória

Sample- Clique, cleque, bum: preserve a sua glória!

Brown- Transformação radical, estilo de vida

Ontem sossegado e tal, hoje um homicida

Ele diz que se garante e não está nem aí
Usou e viciou a molecada daqui
Eles estão na dependência doentia
Não dormem à noite, roubam à noite

Blue- Pra cheirar de dia

Brown- Total domínio dos negócios, muita perícia
Ele dá baixa, ele ameaça, truta da polícia
Não tem pra ninguém

Blue- No momento é o que há

Brown- Pode crer!

“Aquele mano”- E aí, mano, vai um piteco de “duc” e pá?

Brown- Você viu aquele mano na porta do bar?

Refrão- Aquele mano

Aquele mano

Aquele mano

Aquele mano

Homem- E aí, mano, e aquela fita de ontem à noite?

“Aquele Mano”- Era um mano e tal que me devia, maior pilantra safado, queria me dar perdido. Negócio é negócio, dever pra mim é a mesma coisa que dever pro capeta, dei dois tiro na cara dele, já era, virou os olhos.

Homem- Mas e agora, como é que fica?

(som de moto se aproximando)

“Aquele Mano”- Ih...Sai fora !!! Sai, Sai !!!

(som de tiros)

Brown- Você está vendo o movimento na porta do bar?

Tem muita gente indo pra lá, o que será?

Daqui apenas posso ver uma fita amarela

Luzes vermelhas e azuis piscando em volta dela

Informações desencontradas, gente indo e vindo

Não estou entendendo nada, vários voltam sorrindo

Ouçó um moleque dizer: “mais um cuzão da lista”

Dois fulanos numa moto: única pista

Eu vejo manchas no chão, eu vejo um homem ali

É natural pra mim, infelizmente

A lei da selva é traiçoeira: surpresa

Hoje você é o predador, amanhã é a presa

Já posso imaginar, vou confirmar

Me aproximei da multidão e obtive a resposta

Você viu aquele mano na porta do bar?

Ontem a casa caiu com uma rajada nas costas

Homem na Estrada

(Mano Brown)

Brown- O homem na estrada recomeça sua vida
Sua finalidade, a sua liberdade
Que foi perdida, subtraída
E quer provar a si mesmo que realmente mudou
Que se recuperou e quer viver em paz
Não olhar para trás, dizer ao crime nunca mais
Pois sua infância não foi um mar de rosas não
Na FEBEM lembranças dolorosas então
Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim
Muitos morreram sim sonhando alto assim
Me digam quem é feliz, quem não se desespera
Vendo nascer seu filho no berço da miséria
Um lugar onde só tinham como atração
O bar e o candomblé pra se tomar a benção
Esse é o palco da história que por mim será contada:
Refrão- O homem na estrada

Equilibrado num barranco incômodo, mal acabado e sujo
Porém seu único lar, seu bem e seu refúgio
Cheiro horrível de esgoto no quintal
Por cima ou por baixo: se chover será fatal
Um pedaço do inferno: aqui é onde eu estou
Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou
Numerou os barraco, fez uma pá de perguntas
Logo depois esqueceram, filha da puta
Acharam uma mina morta e estuprada
Deviam estar com muita raiva

Rock- Mano, quanta paulada!

Brown- Estava irreconhecível, o rosto desfigurado
Deu meia noite e o corpo ainda estava lá
Coberto com lençol, ressecado pelo sol, jogado
O IML estava só dez horas atrasado
Sim, ganhar dinheiro ficar rico enfim
Quero que meu filho nem se lembre daqui
Tenha uma vida segura não quero que ele cresça
Com um oitão na cintura e uma PT na cabeça
E o resto da madrugada sem dormir ele pensa
O que fazer para sair dessa situação?
Desempregado então, com má reputação
Viveu na detenção, ninguém confia, não
E a vida desse homem para sempre foi danificada:
Refrão- O homem na estrada

Brown- Amanhece mais um dia e tudo é exatamente igual
Calor insuportável: vinte e oito graus
Faltou água, já é rotina, monotonia
Não tem prazo pra voltar, já fazem cinco dias
São dez horas, a rua está agitada
Uma ambulância foi chamada com extrema urgência
Loucura, violência exagerada
Estourou a própria mãe: estava embriagado
Mas bem antes da ressaca ele foi julgado
Arrastado pela rua o pobre do elemento
Inevitável linchamento, imaginem só
Ele ficou bem feio, não tiveram dó
Os ricos fazem campanha contra as drogas
E falam sobre o poder destrutivo dela
Por outro lado promovem e ganham muito dinheiro
Com o álcool que é vendido na favela
Empapuçado ele sai, vai dar um rolê
Não acredita no que vê, não daquela maneira
Crianças, gatos, cachorros disputam palmo a palmo
Seu café da manhã na lateral da feira
Molecada sem futuro, eu já consigo ver
Só vão na escola pra comer apenas, nada mais
Como é que vão aprender sem incentivo de alguém
Sem orgulho e sem respeito, sem saúde e sem paz?
Um mano meu estava ganhando um dinheiro
Tinha comprado um carro, até rolex tinha
Foi fuzilado à queima-roupa no colégio
Abastecendo a playboyzada de farinha
Ficou famoso, virou notícia
Rendeu dinheiro aos jornais, cartaz à polícia
Vinte anos de idade alcançou os primeiros lugares:
Superstar do Notícias Populares
Uma semana depois chegou o crack
Gente rica por trás, diretoria
Aqui periferia, miséria de sobra:
Um salário por dia garante a mão-de-obra
A clientela tem grana e compra bem
Tudo em casa, costa quente de sócio
A playboyzada muito louca até os ossos
Vender droga por aqui: grande negócio
Sim, ganhar dinheiro, ficar rico enfim
Quero um futuro melhor, não quero morrer assim
Num necrotério qualquer, um indigente sem nome e sem nada:
Refrão- O homem na estrada

Assaltos na redondeza levantaram suspeitas
Logo acusaram a favela para variar
E o boato que corre é que esse homem está
Com o seu nome lá na lista dos suspeitos
Pregada na parede do bar
A noite chega e o clima estranho no ar
E ele, sem desconfiar de nada, vai dormir tranqüilamente
Mas na calada cagüetaram os seus antecedentes
Como se fosse uma doença incurável:
No seu braço, a tatuagem, DVC uma passagem
Um cinco sete na lei, no seu lado não tem mais ninguém:
A justiça criminal é implacável
Tiram sua liberdade, família e moral
Mesmo longe do sistema carcerário
Te chamarão pra sempre de ex-presidiário
Não confio na polícia: raça do caralho
Se eles me acham baleado na calçada
Chutam minha cara e cospem em mim
É, eu sangraria até a morte, já era, um abraço
Por isso a minha segurança eu mesmo faço
É madrugada, parece estar tudo normal
Mas esse homem desperta pressentindo o mal
Muito cachorro latindo, ele acorda ouvindo
Barulho de carro e passos no quintal
A vizinhança está calada e insegura
Premeditando um final que já conhecem bem
Na madrugada da favela não existem leis
Talvez a lei do silêncio, a lei do cão talvez
Vão invadir o seu barraco, é a polícia
Vieram pra arregaçar, cheios de ódio e malícia
Filhos da puta, comedores de carniça
Já deram minha sentença e eu nem estava na treta
Não são poucos e já vieram muito loucos
Matar na crocodilagem, não vão perder viagem
Quinze caras lá fora, diversos calibres
E eu apenas com uma treze tiros automática
Só eu mesmo e eu, meu Deus e meu Orixá
No primeiro barulho, eu vou atirar
Se eles me pegam, meu filho fica sem ninguém
O que eles querem, mais um pretinho na FEBEM?
Sim, ganhar dinheiro, ficar rico enfim
A gente sonha a vida inteira e só acorda no fim

Minha verdade foi outra, não dá mais tempo pra nada¹⁶⁷

(som de tiros)

Repórter- Homem mulato aparentando entre vinte e cinco e trinta anos é encontrado morto na estrada do M'Boi Mirim sem número, tudo indica ter sido acerto de contas entre quadrilhas rivais. Segundo a polícia, a vítima tinha vasta ficha criminal..."

¹⁶⁷ Os tiros interrompem a rima esperada do refrão: "O homem na estrada", afinal, "não dá mais tempo pra nada".

Juri Racional

(Mano Brown)

Rock- Você não tem amor próprio, Fulano, nos envergonha
Pensa que é o maior, não passa de um sem vergonha, se ousar!
Ouse só definir sua personalidade
Mas é inferioridade que você sente no fundo
Dá aos racistas imundos razões o bastante
Pra prosseguirem nos fodendo como antes
Ovelha branca da raça, traidor!
Vendeu a alma ao inimigo, renegou sua cor!

Refrão- Mas nosso júri é racional, não falha!
Por quê? Não somos fãs de canalha!

Rock- Existe um velho ditado do cativo que diz:
Que o negro sem orgulho é fraco e infeliz
Como uma grande árvore que não tem raiz
Mas se assim você quis, então terá que pagar!
Porém agora os playboys querem mais é que se foda!
Você e a sua raça toda! Eles nem pensam em te ajudar!
Blue- Então! Olhe pra você e lembre dos irmãos
Com o sangue espalhado fizeram muitas notícias
Mortos na mão da polícia, fuzilados de bruços no chão
Me causa raiva e indignação
A sua indiferença quanto à nossa destruição

Refrão- Mas, o nosso júri é racional, não falha!
Não somos fãs de canalha!

Rock- As vagabundas que você a vida toda elogiara
Se divertem hoje e riem da sua cara
Aqueles vacas usufruíram, usaram do pouco
Que você tinha até a última gota
No entanto, não há outra

Blue- E agora?
Você foi desprezado, jogado fora
Você não precisa delas! Se existem negras tão belas
Se pode ter as melhores, por que ficar com as piores?

Rock- Burguesas cadelas!

Blue- Estou falando sobre nossa auto-estima
Você despreza o seu irmão, não dá a mínima

Refrão- Mas nosso júri é racional, não falha!
Não somos fãs de canalha!

Brown- Aqui é o Mano Brown, descendente negro atual. Você está no júri racional e será julgado, otário, por ter jogado no time contrário. O nosso júri é racional, não falha. Não somos fãs de canalha. Prossiga mano Edi Rock e tal.

Rock- Gosto de Nelson Mandela, admiro Spike Lee
Zumbi, um grande herói, o maior daqui
São importantes pra mim, mas você ri e dá as costas
Então acho que sei da porra que você gosta:
Se vestir como playboy, freqüentar danceterias
Agradar as vagabundas, ver novela todo dia
Que merda!
Se esse é seu ideal, é lamentável!
É bem provável que você se foda muito
Você se auto-destrói e também quer nos incluir
Porém, não quero, não gosto, sou negro, não posso, não vou admitir!

Blue- De que valem roupas caras, se não tem atitude?
E o que vale a negritude, se não pô-la em prática?
A principal tática, herança de nossa mãe África
A única coisa que não puderam roubar
Se soubessem o valor que a nossa raça tem
Tingiam a palma da mão pra ser escura também

Refrão- Mas nosso júri é racional, não falha!
Não somos fãs de canalha!

Rock- Eu quero é nos devolver o valor que a outra raça tirou
Esse é meu ponto de vista, não sou racista, morou?
Escravizaram sua mente e muitos da nossa gente
Mas você, infelizmente, sequer demonstra interesse
Em se libertar: essa é a questão
Autovalorização: esse é o título
Da nossa revolução, capítulo um
O verdadeiro negro tem que ser capaz
De remar contra a maré, contra qualquer sacrifício
Mas no seu caso é difícil: você só pensa no seu benefício
Desde o início, me mostram indícios
Que seus artifícios são vícios pouco originais
Anormais, artificiais, embranquiçados demais
Ovelha branca da raça, traidor!
Vendeu a alma ao inimigo, renegou sua cor

Refrão- Mas nosso júri é racional, não falha!
Por quê? Não somos fãs de canalha!

Juiz- Por unanimidade, o júri deste tribunal declara a ação procedente e considera o réu culpado por ignorar a luta dos antepassados negros, por menosprezar a cultura negra milenar, por humilhar e ridicularizar os demais irmãos, sendo instrumento voluntário do inimigo racista. Caso encerrado.

Fio da Navalha

participação Arthur da Gaita

Rock- A música negra é como uma grande árvore, com vários galhos e tal. O rap é um, o reggae é outro, o samba também. Agora vamos mostrar mais um deles e tal: Racionais MCs, “Fio da Navalha”.

Blue- Pode crer, a rapaziada toda reunida, vamos tirar a onda. Quero ver todos os manos à vontade, sem treta. Edi Rock, KLJay, Ice Blue e Mano Brown.

Brown- E, pra que esse som se realizasse, contamos com a presença de um mano direto da zona norte. E aí, mano Arthur da Gaita, chega mais. Quebra tudo, meu compadre!

(segue blues instrumental)

Agradecimentos

Rock- A vocês que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste projeto. Aos amigos do Racionais, muito obrigado.

Rock- Primeiramente muito obrigado a Deus, minha grande mãe e meu grande pai, meus parentes, tios, primos e primas, sem eles seria difícil encarar essa batalha e tal. Aos chegados, Val, Bel, Sérgio e família. Ao Vado, grande Vado. Aos manos da área, território Jaçanã e Companhia Jova, pode crer. Alberto, filho da Dona Léo, obrigado pela atenção. À velha Mazen, grande Mazen. Aí Jó, aquele abraço, pode crer. Panão Capoeira, Nei, Luiz, Zé Hamilton, Richard, aí, Vila Sapa, aquele grande abraço. Dona Maria, irmãos do Kleber, organização Keto. Alô BB e Fátima Black Center, um grande abraço, muito obrigado por tudo. Manos daqui, Reginaldo, Cebola, Eduardo, Cláudio, um grande abraço. E a todos da 24 de maio, que Deus os abençoe.

Brown- A Dona Ana, minha mãe, Eliane, minha namorada, muito obrigado. Todo pessoal do Jardim Ebana, estou de olho em vocês, hein. Kiko, Carlinho, estejam em paz. Coisa Nossa da Rádio Transa Black, Rogério, esteja em paz, muito obrigado. Pessoal da área, Dinho, Fubá, muito obrigado, é isso aí. Rapaziada do basquete que frequenta o Levi nos fins-de-semana, é isso aí, como é que é?. Fabinho, grupo Sabe Sambar. E aí, Neto, toda rapaziada do Negritude Júnior, muito obrigado. Ivan, Grupo Realidade, o samba não pode parar, pode crer. À toda comunidade da rima: Marcão, Rick, Ivo, Marcelo, FNR, Face Negra, DMN, Projeto Rappers, muito obrigado. Cherrie Line e DJ Cat, Personalidade Negra, Negros para o Futuro, Concerto de Rua. E aí Capão Redondo, como é que é? MC Dilcide e Mau, Vítima Fatal, Lei de Rap, é isso aí, muito obrigado. Congratulações finais aos atletas Cafu do São Paulo, Almir do Santos, Viola do Corinthians e Dener da Portuguesa, é isso aí.

Blue- Agradeço à minha família, aos meus manos de fé: Chico, Ricardo, Adaílton, Nô, Dão, Ivan Pessoa, muito obrigado. A outros que se foram: Bola e Macumba, Deus que os tenha. Aí área: Nildo, Paulinho, Lambari, Santos, Florisvaldo, Josuel, Tuca, Júlio, Mamute, Jura, Toni, Jurandir, Claudeir, muito obrigado. Aos meus primos Di, Bira, Marcão, Joca, Marivaldo, Cavalo, Sargento, Ronaldo, Gordinho. Ao meu pai e minha mãe espiritual: Olorum Modupé. Aos rappers: muito obrigado, Thaíde, Pepeu, Júlio, Comando de MC, MT Bronx, Sampa Trio, ao Duda, Cacá, Barata, Betoven, Walfa, Luiz Inácio, Tubarão, Silvinho, Luizinho. Ao pessoal da Zimbabwe: Willian, Zé Luís, Serafim, Tadeu, Pica-pau, Vira-lata, muito obrigado. Agradecimentos especiais: Nenê, Artur, Kiko, que participaram deste disco. Ao Paulo Cabelo, Milton Sales. Ao DJ Cri, ao Nilton e ao Vande. Ao Silvão do Jardim Lídia, muito obrigado. Crédito a Tim Maia pela música “Ela Partiu”. Agradeço a Deus, Alá, Oxalá e a todos os Orixás. Olorum Modupé. Axé.

Anexo 4: Sobrevivendo no Inferno, 1997



1. Jorge da Capadócia
2. Gênesis (intro)
3. Capítulo 4, Versículo 3
4. Tô ouvindo alguém me chamar
5. Rapaz Comum
6. ...
7. Diário de um detento
8. Periferia é periferia (em qualquer lugar)
9. Qual mentira vou acreditar
10. Mágico de Oz
11. Fórmula Mágica da Paz
12. Salve

Jorge da Capadócia

(Jorge Ben Jor)

Ogun iê!

Jorge sentou praça na cavalaria

E eu estou feliz porque eu também sou da sua companhia

Eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge

Para que meus inimigos tenham pés e não me alcancem

Para que meus inimigos tenham mãos e não me toquem

Para que meus inimigos tenham olhos e não me vejam

E nem mesmo em pensamento eles possam ter

Para me fazerem mal

Armas de fogo meu corpo não alcançarão

Facas e espadas se quebrem sem o meu corpo tocar

Cordas e correntes arrebentem sem o meu corpo amarrar

Pois eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge

Jorge é de Capadócia

Salve Jorge!

Salve Jorge!

Gênesis (Intro)

(Mano Brown)

Brown- Deus fez o mar, as árvore, as criança, o amor. O homem me deu a favela, o crack, a traiagem, as arma, as bebida, as puta. Eu? Eu tenho uma Bíblia velha, uma pistola automática e um sentimento de revolta e tô tentando sobreviver no inferno.

Capítulo 4, Versículo 3

(Mano Brown) - participação de Primo Preto

Primo Preto- 60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial.

A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras.

Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros.

A cada 4 horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo.

Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente.

Brown- Minha intenção é ruim, esvazia o lugar

Eu tô em cima, eu tô a fim: um dois pra atirar

Eu sou bem pior do que você tá vendo

Preto aqui não tem dó, é 100% veneno

A primeira faz bum, a segunda faz tá

Eu tenho uma missão e não vou parar

Meu estilo é pesado e faz tremer o chão

Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição

Me aquietam na sessão, minha atitude vai além

E tem disposição pro mal e pro bem

Talvez eu seja um sádico, um anjo, um mágico

Ou juiz ou réu, um bandido do céu

Malandro ou otário, quase sanguinário

Franco atirador, se for necessário

Revolucionário, insano ou marginal

Antigo e moderno: imortal

Fronteira do céu ou inferno astral

Imprevisível, como um ataque cardíaco do verso

Violentamente pacífico, verídico

Vim pra sabotar seu raciocínio

Vim pra abalar o seu sistema nervoso e sanguíneo

Pra mim ainda é pouco, dá cachorro louco

Número 1, guia, terrorista da periferia

Uni, duni, tê, eu tenho pra você:

Um rap venenoso ou uma rajada de PT?

E a profecia se fez como previsto

Primo Preto- 1997

Brown- Depois de Cristo

A fúria negra ressuscita outra vez:

Racionais Capítulo 4, Versículo 3

Refrão- Aleluia, Aleluia

Racionais, no ar, filhas da puta. Pá, pá, pá

Blue- Faz frio em São Paulo, pra mim tá sempre bom
 Eu tô na rua de bombeta e moletom
 Dindindon, rap é o som
 Que emana no Opala marrom
 E aí? Chama o Guilherme, chama o Vânio, chama o Dinho
 E o Di, Marquinho, chama o Éder vamo aí
 Se os outros manos vem, pela ordem, tudo bem, melhor
 Quem é quem no bilhar, no dominó

Brown- Colou dois mano, um acenou pra mim
 De jaco de cetim, de tênis calça jeans

Blue- Ei Brown, sai fora, nem vai, nem cola
 Não vale a pena dar ideia nesses tipo aí
 Ontem à noite eu vi na beira do asfalto
 Tragando a morte, soprando a vida pro alto
 Ó os cara só o pó, pele e osso
 No fundo do poço, mais flagrante no bolso

Brown- Veja bem, ninguém é mais que ninguém
 Veja bem, veja bem, eles são nossos irmãos também

Blue- Mas de cocaína e crack, uísque e conhaque
 Os mano morre rapidinho sem um lugar de destaque

Brown- Mas quem sou eu pra falar de quem cheira ou quem fuma?
 Nem dá! Nunca te dei porra nenhuma
 Você fuma o que vem, entope o nariz
 Bebe tudo que vê, faça o diabo feliz
 Você vai teminar tipo o outro mano lá
 Que era um preto tipo A, ninguém entrava numa
 Maior estilo: de calça Calvin Klein, tênis Puma
 Um jeito humilde de ser, no trampo e no rolê
 Curtia um funk, jogava uma bola
 Buscava a preta dele no portão da escola
 Exemplo pra nós, mó moral, mó ibope
 Mas começou colar com uns branquinho do shopping

Rock- Aí já era

Brown- Ih, mano! Outra vida, outro pique
 Só mina de elite, balada, vários drink
 Puta de boutique, toda aquela porra
 Sexo sem limite, Sodoma e Gomorra
 Faz uns nove anos
 Tem uns 15 dias atrás eu vi o mano
 Cê tem que ver, pedindo cigarro pros tiozinho no ponto
 Dente tudo zoadado, o bolso sem nem um conto
 O cara cheira mal, as tia sente medo!
 Muito louco de sei lá o que logo cedo
 Agora não oferece mais perigo:
 Viciado, doente, fodido: inofensivo

Um dia um PM negro veio embaçar
E disse pra eu me pôr no meu lugar
Eu vejo um mano nessas condições, não dá!
Será assim que eu deveria estar?
Irmão, o demônio fode tudo ao seu redor
Pelo rádio, jornal, revista e outdoor
Te oferece dinheiro, conversa com calma
Contamina seu caráter, rouba sua alma
Depois te joga na merda sozinho
Transforma um preto tipo A num neguinho
Minha palavra alivia sua dor
Ilumina minha alma, louvado seja o meu Senhor
Que não deixa o mano aqui desandar
Ah, e nem sentar o dedo em nenhum pilantra
Mas que nenhum filho da puta ignore a minha lei:
Racionais capítulo 4, versículo 3

Refrão- Aleluia, Aleluia
Racionais, no ar, filhas da puta. Pá, pá, pá

Rock- Quatro minutos se passaram e ninguém viu
O monstro que nasceu em algum lugar do Brasil
Talvez o mano que trampa debaixo do carro sujo de óleo
Que enquadra o carro forte na febre com sangue nos olhos
O mano que entrega envelope o dia inteiro no sol
Ou o que vende chocolate de farol em farol
Talvez o cara que defende o pobre no tribunal
Ou que procura vida nova na condicional
Alguém no quarto de madeira, lendo à luz de velas
Ouvindo rádio velho no fundo de uma cela
Ou um da família real de negros como eu sou
Um príncipe guerreiro que defende o gol

Brown- E eu não mudo, mas eu não me iludo
Os mano cu-de-burro tem, eu sei de tudo
Em troca de dinheiro e um cargo bom
Tem mano que rebola e usa até batom
Vários patrícios falam merda pra todo mundo rir
Ah ah, pra ver branquinho aplaudir
É, na sua área tem fulano até pior
Cada um, cada um: você se sente só
Tem mano que te aponta uma pistola e fala sério
Explode sua cara por um toca-fita velho
Clic! plau! plau! plau! e acabou
Sem dó e sem dor, foda-se sua cor
Limpa o sangue com a camisa e manda se foder!

Você sabe por que, pra onde vai, pra quê
Vai de bar em bar, de esquina em esquina
Pegar 50 contos, trocar por cocaína
Enfim, o filme acabou pra você:
A bala não é de festim, aqui não tem dublê
Para os manos da Baixada Fluminense à Ceilândia
Eu sei, as ruas não são como a Disneylândia
De Guaianazes ao extremo sul de Santo Amaro:
Ser um preto tipo A custa caro
É foda! Foda é assistir a propaganda e ver
Não dá pra ter aquilo pra você
Playboy, folgado, de brinco, um trouxa
Roubado dentro do carro na avenida Rebouças
Correntinha das moças, madame de bolsa, dinheiro
Não tive pai, não sou herdeiro
Se eu fosse aquele cara que se humilha no sinal
Por menos de um real, minha chance era pouca
Mas se eu fosse aquele moleque de touca
Que engatilha e enfia o cano dentro da sua boca
De quebrada, sem roupa, você e sua mina
Um, dois, nem me viu! Já sumi na neblina
Mas não! Permaneço vivo, prossigo a mística,
27 anos contrariando a estatística
Seu comercial de TV não me engana,
Eu não preciso de status, nem fama
Seu carro e sua grana já não me seduz
E nem a sua puta de olhos azuis
Eu sou apenas um rapaz latino americano
Apoiado por mais de 50 mil manos
Efeito colateral que o seu sistema fez:
Racionais capítulo 4, versículo 3

Tô Ouvindo Alguém me Chamar

(Mano Brown) – participação de Giovani, Quindim, Dinho

Homem- Aí mano, o Guina mandou isso aqui pra você!

Brown- Tô ouvindo alguém gritar meu nome
Parece um mano meu, é voz de homem
Eu não consigo ver quem me chama
É tipo a voz do Guina, não, não, não, o Guina tá em cana
Será? Ouvi dizer que morreu
Sei lá, última vez que eu o vi
Eu lembro até que eu não quis ir, ele foi
Parceria forte aqui era nós dois
Louco, louco, louco e como era
Cheirava pra caralho, vixe! Sem miséria!
Doido ponta firme, meu professor no crime
Também, mó sangue frio, não dava boi pra ninguém
Putá, aquele mano era foda!
Só moto nervosa, só mina da hora, só roupa da moda
Deu uma pá de blusa pra mim
Naquela fita na butique do Itaim
Mas sem essa de sermão, mano, eu também quero ser assim
Vida de ladrão não é tão ruim
Pensei e entrei, no outro assalto eu coleí e pronto
Aí o Guina deu mó ponto:

Guina- Aí é um assalto, todo mundo pro chão, pro chão!

Homem 2- Aí filho da puta, aqui ninguém tá de brincadeira não!

Homem 3- Falta só mais um cofre mano, o cofre, o cofre...

Brown- Pela primeira vez vi o sistema aos meus pés
Apavorei, desempenho nota dez
Dinheiro na mão, o cofre já tava aberto
O segurança tentou ser mais esperto

Rock- Então

Brown- Foi defender o patrimônio do playboy

Rock- Cuzão

(som de tiros)

Brown- Não vai dar mais pra ser super-herói

Se o seguro vai cobrir

Foda-se, e daí?

O Guina não tinha dó

Se reagir, bum! vira pó

Sinto a garganta ressecada

E a minha vida escorrer pela escada

Mas se eu sair daqui eu vou mudar

Eu tô ouvindo alguém me chamar

Eu tô ouvindo alguém me chamar

(som de risadas, sirene e respiração ofegante)

Tinha um maluco lá na rua de trás
Que tava com moral até demais
Ladrão, ladrão, e dos bons
Especialista em invadir mansão
Comprava brinquedo à revelia
Chamava a molecada e distribuía
Sempre que eu via, ele tava só
O cara é gente fina, mas eu sou melhor
Eu aqui na pior e ele tem o que eu quero
Jóia escondida e uma três oito zero
Num desbaratino ele até se crescia
Se pão, ignorava até que eu existia
Tem um brilho na janela, é então
A bola da vez, tá vendo televisão
Guina- Psiu... Vamos... Vai entrando...

Brown- O Guina no portão, eu e mais um mano

Homem 4- Como é que é, Neguinho?

Brown- Se dirigia a mim, e ria
Ria, como se eu não fosse nada
Ria, como fosse ter virada
Estava em jogo, meu nome e atitude
(tiros)

Era uma vez Robin Hood
Fulano sangue ruim, caiu de olho aberto
Tipo me olhando, é, me jurando
Eu tava bem de perto e acertei os seis
O Guina foi e deu mais três
Lembro que um dia o Guina me falou
Que não sabia bem o que era amor
Falava quando era criança
Uma mistura de ódio, frustração e dor
De como era humilhante ir pra escola
Usando a roupa dada de esmola
E ter um pai inútil, digno de dó
Mais um bêbado, filho da puta e só
Sempre a mesma merda, todo dia igual
Sem Feliz Aniversário, Páscoa ou Natal
Longe dos cadernos, bem depois
A primeira mulher e um vinte e dois
Prestou vestibular no assalto do busão

Numa agência bancária se formou ladrão
Não, não se sente mais inferior
“Aí, Neguinho, agora eu tenho o meu valor.”
Guina, eu tinha mó admiração, ó
Considerava mais do que meu próprio irmão, ó
Ele tinha um certo dom pra comandar
Tipo, linha de frente em qualquer lugar
Tipo, condição de ocupar um cargo bom e tal
Talvez em uma multinacional
É foda! Pensando bem, que desperdício
Aqui na área acontece muito disso
Inteligência e personalidade
Mofando atrás da porra de uma grade
Eu só queria ter moral e mais nada
Mostrar pro meu irmão, pros cara da quebrada
Uma caranga e uma mina de esquema
Algum dinheiro resolvia o meu problema
Que que eu tô fazendo aqui?
Meu tênis sujo de sangue, aquele cara no chão
Uma criança chorando e eu com um revólver na mão
Era um quadro do terror, e eu que fui o autor
Agora é tarde, eu já não podia mais
Parar com tudo, nem tentar voltar atrás
Mas no fundo, mano, eu sabia
Que essa porra ia zoar a minha vida um dia
Me olhei no espelho e não reconheci
Estava enlouquecendo, não podia mais dormir
Preciso ir até o fim
Será que Deus ainda olha pra mim?
Eu sonho toda madrugada
Com criança chorando e alguém dando risada
Não confiava nem na minha própria sombra
Mas segurava a minha onda
Sonhei que uma mulher me falou, eu não sei o lugar
Que um conhecido meu, quem?, ia me matar
Precisava acalmar a adrenalina
Precisava parar com a cocaína
Não tô sentindo meu braço
Nem me mexer da cintura pra baixo
Ninguém na multidão vem me ajudar
Que sede da porra, eu preciso respirar
Cadê meu irmão?
Eu tô ouvindo alguém me chamar

(som de sirene, risadas, respiração ofegante, criança chorando)

Nunca mais vi meu irmão
Diz que ele pergunta de mim, não sei não
A gente nunca teve muito a ver
Outra idéia, outro rolê
Os malucos lá do bairro
Já falava de revólver, droga, carro
Pela janela da classe eu olhava lá fora
A rua me atraía mais do que a escola
Fiz dezessete, tinha que sobreviver
Agora eu era um homem, tinha que correr
No mundão você vale o que tem
Eu não podia contar com ninguém
“Cuzão, fica você com seu sonho de doutor
Quando acordar, cê me avisa, morou?”
Eu e meu irmão era como óleo e água
Quando eu saí de casa trouxe muita mágoa
Isso há mais ou menos seis anos atrás
Porra, mó saudade do meu pai
Me chamaram pra roubar um posto
Eu tava duro, era mês de agosto
Mais ou menos três e meia, luz do dia
Tudo fácil demais, só tinha um vigia
Não sei, não deu tempo, eu não vi, ninguém viu
Atiraram na gente, um moleque caiu
Prometi pra mim mesmo, era a última vez
Porra, ele só tinha dezesseis
Não, não, não, tô a fim de parar
Mudar de vida, ir pra outro lugar
Um emprego decente, sei lá
Talvez eu volte a estudar
Dormir à noite era difícil pra mim
Medo, pensamento ruim
Ainda ouço gargalhada, choro, vozes
A noite era longa, mó neurose
Tem uns maluco atrás de mim, qual que é? Eu nem sei
Diz que o Guina tá em cana e eu que caguei
Logo quem, logo eu, olha só! ó!
Que sempre segurei os B.O.
Não, eu não sou bobo, eu sei qual é que é!
Mas eu não tô com esse dinheiro que os cara quer
Maior que o medo, o que eu tinha era a decepção
A traiçagem, a pilantragem, a traição
Meus aliado, meus mano, meus parceiro
Querendo me matar por dinheiro

Vivi sete anos em vão
 Tudo que eu acreditava não tem mais razão, não
 Meu sobrinho nasceu
 Diz que o rosto dele é parecido com o meu
 Diz, um pivete eu sempre quis
 Meu irmão merece ser feliz
 Deve estar a essa altura
 Bem perto de fazer a formatura
 Acho que é Direito, Advocacia
 Acho que era isso que ele queria
 Sinceramente eu me sinto feliz
 Graças a Deus, não fez o que eu fiz
 Minha finada mãe, proteja o seu menino
 O diabo agora guia o meu destino
 Se o júri for generoso comigo
 Quinze anos pra cada latrocínio
 Sem dinheiro pra me defender
 Homem morto, cagueta, sem ser
 Que se foda, deixa acontecer
 Não há mais nada a fazer
 Essa noite eu resolvi sair
 Tava calor demais, não dava pra dormir
 Ia levar meu canhão, sei lá, decidi que não
 É rapidinho, não tem precisão
 Muita criança, pouco carro, vou tomar um ar
 Acabou meu cigarro, vou até o bar
Homem 5- E aí, como é que é, e aquela lá?
Brown- Tô devagar, tô devagar
 Tem uns baratos que não dá pra perceber
 Que tem mó valor e você não vê
 Uma pá de árvore na praça, as criança na rua
 O vento fresco na cara, as estrela, a lua
 Dez minuto atrás, foi como uma premonição
 Dois moleques caminharam em minha direção
 Não vou correr, eu sei do que se trata
 Se é isso que eles querem, então vem, me mata
 Disse algum barato pra mim que eu não escutei
 Eu conhecia aquela arma, é do Guina, eu sei
 Uma três oito zero prateada
 Que eu mesmo dei
 Um moleque novato com a cara assustada
Moleque- Aí mano, o Guina mandou isso aqui pra você!
Brown- Mas depois do quarto tiro, eu não vi mais nada
 Sinto a roupa grudada no corpo
 Eu quero viver, não posso estar morto

Mas se eu sair daqui eu vou mudar
Eu tô ouvindo alguém me chamar
(o som de monitor cardíaco, que ficara ao fundo desde o início, agora fica contínuo, como
quando alguém morre)

Rapaz Comum

(Edy Rock)

(Narração de jogo de futebol do Santos. Som de campainha, tiros e moto saindo em arrancada)

Rock- Parece que alguém está me carregando perto do chão

Parece um sonho, parece uma ilusão

A agonia, o desespero toma conta de mim

Algo no ar me diz que é muito ruim

Meu sangue quente, não sinto dor

A mão dormente não sente o próprio suor

Meu raciocínio fica meio devagar

Quem me fodeu? Eu tô tentando me lembrar

Cresceu o movimento ao meu redor

Meu Deus! Eu não sei mais o que é pior

Mentir a vida toda pra si mesmo

Ou continuar e insistir no mesmo erro

Me lembro de um fulano:

Homem- Mata esse mano!

Rock- Será que errar dessa forma é humano?

Errar a vida inteira é muito fácil

Pra sobreviver aqui tem que ser mágico

Me lembro de várias coisas ao mesmo tempo

Como se eu estivesse perdendo tempo

Blue- A ironia da vida é foda!

Rock- Que valor tem? Quanto valor tem?

Uma vida vale muito, vim saber só agora

Deitado aqui e os manos na paz, tudo lá fora

Puxando ferro ou talvez batendo uma bola

KL Jay- Pode crer. Deve tá maior lua da hora

Rock- Tem alguém me chamando, quem é?

Apertando minha mão, tem voz de mulher

O choro a faz engolir as palavras

O lenço que enxuga meu suor enxuga sua própria lágrima

No rosto de uma mãe que reza baixinho

Que nunca me deixou faltar, ficar sozinho

Me ensinou o caminho desde criança

Minha infância, mais uma eu guardo na lembrança

Na esperança da periferia eu sou mais um

Refrão- Clique, claque, bum!

Rapaz comum

Clique, claque, bum!

A lei da selva é assim

Clique, claque, bum!
Predatória
Rapaz comum
Clique, claque, bum
A lei da selva é assim
Clique, claque, bum!
Rapaz comum
Preserve a sua glória!¹⁶⁸

Rock- Queria atrasar o meu relógio
Pra mim vale muito um minuto a mais de ódio
Mas me sinto fraco, indefeso, desprotegido
Eu vou, mas volto, cuzão! Pra te levar comigo!
Vou ser um encosto na sua vida
Você criou um monstro sem cura, sem alternativa!
Me enganar pra quê, se o fim é virar pó?!
Fiquei muito pior, segura o seu B.O.
O preto aqui não tem dó!
Mais uma vida desperdiçada e é só
Uma bala vale por uma vida do meu povo
Num pente tem quinze, sempre há menos no morro, e então?
Quantos manos iguais a mim se foram?
Preto, preto, pobre, cuidado, socorro!
Que que pega aqui? Que que acontece ali?
Vejo isso frequentemente, desde moleque
Quinze de idade já era o bastante, então
Treta no baile, então, tiros de monte
Morte nem se fala, eu vejo um cara agonizando
Blue- Chame a ambulância! Alguém chame a ambulância!
Rock- Depois ficava sabendo na semana
Que dois já era, os preto sempre teve fama
No jornal, revista, TV se vê
Morte aqui é natural, é comum de se ver
Caralho! Não quero ter que achar normal
Ver um mano meu coberto com jornal
É mal! Cotidiano suicida
Quem entra tem passagem só pra ida
Me diga: que adianto isso faz?
Me diga: que vantagem isso traz?
Então, a fronteira entre o Céu e o Inferno
Tá na sua mão: nove milímetros de ferro
Cuzão! Otário! Que porra é você?

¹⁶⁸ Os versos “Clique, claque bum/ a lei da selva é assim, predatória/ preserve a sua glória” são inseridos nesse refrão sampleados da música “Fim de Semana no Parque”. *Raio X do Brasil*, 1993 (anexo 3).

Olha no espelho e tenta entender
A arma é uma isca pra fisgar
Você não é polícia pra matar!
É como uma bola de neve
Morre um, dois, três, quatro, morre mais um em breve
Sinto na pele, me vejo entrando em cena
Tomando tiro igual filme de cinema

Refrão- Clique, claque, bum!

Rapaz comum
Clique, claque, bum!
A lei da selva é assim
Clique, claque, bum!
Predatória
Rapaz comum
Clique, claque, bum
A lei da selva é assim
Clique, claque, bum!
Rapaz comum
Preserve a sua glória!

Rock- Minha idéia tá clareando

Eu fico atacado, mó neurose, o tempo tá esgotando
Não quero admitir, meus olhos vão abrir
Vou chorar, vou sorrir, vou me despedir
Não quero admitir que sou mais um
Infelizmente é assim, aqui é comum
Um corpo a mais no necrotério, é sério
Um preto a mais no cemitério, é sério
Eu tô me vendo agora e é difícil
Minha família, meus mano, no centro um crucifixo
Meus filhos olhando sem entender o porquê
Se eu pudesse falar, talvez iriam saber
Não acredito que esse mano veio até aqui
Me matou, quer certeza e quer conferir
Me acompanham até a sepultura
Vejo um tumulto no caixão e alguém segura
Mais uma mãe que não se conforma
Perder um filho dessa forma é foda, quem se conforma?
Como eu podia imaginar
No velório de outras pessoas, hoje estou no lugar
No buraco desce o meu caixão
Jogam terra, flores, se despedem na última oração
Tão me chamando, meu tempo acabou
Não sei pra onde ir, não sei pra onde vou

Qual que é? Qual que é? O que que eu vou ser?
Talvez um anjo de guarda pra te proteger
Não sou o último nem muito menos o primeiro
A lei da selva é uma merda e você é o herdeiro!

...
(Edy Rock)

Diário de um Detento

(Mano Brown/Jocenir)

Brown- São Paulo, dia primeiro de outubro de 1992, oito horas da manhã.

Brown- Aqui estou, mais um dia
Sob olhar sanguinário do vigia
Você não sabe como é caminhar
Com a cabeça na mira de uma HK
Metralhadora alemã ou de Israel
Estraçalha ladrão que nem papel
Na muralha em pé
Mais um cidadão José
Servindo o Estado, um PM bom
Passa fome, metido a Charles Bronson
Ele sabe o que eu desejo, sabe o que eu penso
O dia tá chuvoso, o clima tá tenso
Vários tentaram fugir, eu também quero
Mas de um a cem, a minha chance é zero
Será que Deus ouviu minha oração?
Será que o juiz aceitou a apelação?
Manda um recado lá pro meu irmão:
Se estiver usando droga, tá ruim na minha mão
Ele ainda tá com aquela mina?
Pode crer, o moleque é gente fina
Tirei um dia a menos ou um dia a mais
Sei lá, tanto faz, os dias são iguais
Acendo um cigarro e vejo o dia passar
Mato o tempo pra ele não me matar
Homem é homem, mulher é mulher
Estuprador é diferente, né?
Toma soco toda hora, ajoelha e beija os pés
E sangra até morrer na rua 10
Cada detento uma mãe, uma crença
Cada crime uma sentença
Cada sentença um motivo, uma história
De lágrima, sangue, vidas inglórias
Abandono, miséria, ódio, sofrimento
Desprezo, desilusão, ação do tempo
Misture bem essa química, pronto:
Fez um novo detento
Lamentos no corredor, na cela, no pátio
Ao redor do campo, em todos os cantos
Mas eu conheço o sistema, meu irmão
Aqui não tem santo

Ratatatá, preciso evitar
Que um safado faça minha mãe chorar
Minha palavra de honra me protege
Pra viver no país das calças bege
Tic-tac, ainda é nove e quarenta
O relógio na cadeia anda em câmera lenta

Ratatatá, mais um metrô vai passar
Com gente de bem, apressada, católica
Lendo jornal, satisfeita, hipócrita
Com raiva por dentro, a caminho do centro
Olhando pra cá, curiosos é lógico
Não, não é não. Não é o zoológico
Minha vida não tanto valor
Quanto seu celular, seu computador
Hoje, tá difícil, não saiu o sol
Hoje não tem visita, não tem futebol
Alguns companheiros tem a mente mais fraca
Não suporta o tédio, arruma quiaca
Graça a Deus e a Virgem Maria
Faltam só um ano, três meses e uns dias
Tem uma cela lá em cima fechada
Desde terça-feira ninguém abre pra nada
Só o cheiro de morte e pinho sol
Um preso se enforcou com o lençol
Qual que foi? Quem sabe não conta
Ia tirar mais uns seis de ponta a ponta
Nada deixa um homem mais doente
Que o abandono dos parentes
Aí moleque, me diz, então, cê quer o quê?
A vaga tá lá esperando você
Pega todos os seus artigo importado
Seu currículo no crime e limpa o rabo
A vida bandida é sem futuro
Sua cara fica branca desse lado do muro
Já ouviu falar de Lúcifer?
Que veio do inferno com moral um dia?
No Carandiru, não, ele é só mais um
Comendo rango azedo com pneumonia
Aqui tem mano de Osasco, do Jardim d'Abril
Parelheiros, Mogi, Jardim Brasil
Bela Vista, Jardim Ângela, Heliópolis
Itapevi, Paraisópolis
Ladrão sangue bom, tem moral na quebrada

Mas pro Estado, é só mais um número, mais nada
Nove Pavilhões, sete mil homens
Que custam trezentos reais por mês cada
Na última visita, o Neguinho veio aí
Trouxe umas fruta, Marlboro, Free
Ligou que um pilantra lá da área voltou
Com Kadett vermelho, placa de Salvador
Pagando de gatão, ele xinga, ele abusa
Com uma 9 milímetros debaixo da blusa
Aí, Neguinho vem cá, e os manos onde é que tá?
Lembra desse cururu que tentou me matar?
Blue- Aquele puto é ganso, pilantra corno manso
Ficava muito doido e deixava a mina só
A mina era virgem, e ainda era menor
Agora faz chupeta em troca de pó
Brown- Esses papo me incomoda, se eu tô na rua é foda
Blue- É, o mundo roda, ele pode vir pra cá
Brown- Não, já, já, meu processo tá aí
Eu quero mudar, eu quero sair
Se eu trombo esse fulano não tem pá, não tem pum
Vou ter que assinar o cento e vinte um

Amanheceu com sol, dois de outubro
Tudo funcionando, limpeza jumbo
De madrugada eu senti um calafrio
Não era do vento, não era do frio
Acerto de conta tem quase todo dia
Ia ter outro logo mais, eu sabia
Lealdade é o que todo preso tenta
Conseguir a paz de forma violenta
Se um salafrário sacanear alguém
Leva ponto na cara igual Frankstein
Fumaça na janela, tem fogo na cela
Fodeu, foi além, se pão, tem refém
A maioria se deixou envolver
Por uns cinco ou seis que não têm nada a perder
Dois ladrões considerados passaram a discutir
Mas não imaginavam o que estaria por vir
Traficantes, homicidas, estelionatários
Uma maioria de moleque primário
Era a brecha que o sistema queria
Avise o IML, chegou o grande dia
Depende do sim ou não de um só homem
Que prefere ser neutro pelo telefone
Ratatatá caviar e champanhe

Fleury foi almoçar, que se foda minha mãe
Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo
Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio
O ser humano é descartável no Brasil
Como modess usado ou bombril
Cadeia? Guarda o que o sistema não quis
Esconde o que a novela não diz
Ratatatá, sangue jorra como água
Do ouvido, da boca e nariz
O Senhor é meu pastor, perdoe o que seu filho fez
Morreu de bruços no Salmo 23
Sem padre, sem repórter, sem arma, sem socorro
Vai pegar HIV na boca do cachorro
Cadáveres no poço, no pátio interno
Adolph Hitler sorri no inferno
O Robocop do governo é frio, não sente pena
Só ódio e ri como a hiena
Ratatatá, Fleury e sua gangue
Vão nadar numa piscina de sangue
Mas quem vai acreditar no meu depoimento?
Dia três de outubro, diário de um detento

Periferia é Periferia (em qualquer lugar)

(Edy Rock) – participação Rinaldo BV

Rock- Este lugar é um pesadelo periférico
Fica no pico numérico de população
De dia a pivetada a caminho da escola
À noite vão dormir enquanto os mano decola
Na farinha... hã! Na pedra... hã!
Usando droga de monte, que merda! hã!
Eu sinto pena da família desses cara
Eu sinto pena, ele quer, mas ele não pára
Um exemplo muito ruim pros moleque
Pra começar é rapidinho e não tem breque
Herdeiro de mais alguma Dona Maria

Rinaldo BV- Cuidado, senhora, tome as rédeas da sua cria!

Rock- Porque o chefe da casa trabalha e nunca está
Ninguém vê sair, ninguém escuta chegar
O trabalho ocupa todo o seu tempo
Hora extra é necessário pro alimento
Uns reais a mais no salário
Esmola de patrão, cuzão milionário
Ser escravo do dinheiro é isso, fulano
360 dias por ano sem plano
Se a escravidão acabar pra você
Vai viver de quem? Vai viver de quê?
O sistema manipula sem ninguém saber
A lavagem cerebral te fez esquecer
Que andar com as próprias pernas não é difícil
Mais fácil se entregar, se omitir
Nas ruas áridas da selva
Eu já vi lágrimas demais, o bastante pra um filme de guerra!
Refrão- Aqui a visão já não é tão bela¹⁶⁹
Se existe outro lugar
Periferia é periferia

Rock- Um mano me disse que quando chegou aqui
Tudo era mato e só se lembra de tiro aí
Outro maluco disse que ainda é embaçado
Quem não morreu, tá preso ou sossegado
Quem se casou quer criar o seu pivete ou não
Cachimbar e ficar doido igual moleque, então
A covardia dobra a esquina e mora ali

¹⁶⁹ Sample do rapper GOG.

Lei do Cão, Lei da Selva, hã, hora de subir

Rinaldo BV- Mano, que treta, mano! Maior treta, você viu?
Roubaram o dinheiro daquele tio!

Rock- Que se esforça sol a sol, sem descansar
Nossa Senhora o ilumine, nada vai faltar
É uma pena, um mês inteiro de trabalho
Jogado tudo dentro de um cachimbo, caralho!
O ódio toma conta de um trabalhador
Escravo urbano, um simples nordestino
Comprou uma arma pra se auto-defender
Quer encontrar o vagabundo, que esta vez não vai ter boi

Homem- Qual que foi?

Rock- Não vai ter boi
A revolta deixa um homem de paz imprevisível
Com sangue no olho, impiedoso e muito mais
Com sede de vingança e prevenido
Com ferro na cinta, acorda na madrugada de quinta
Um pilantra andando no quintal
Tentando, roubando as roupas do varal
Olha só como é o destino, inevitável
O fim de vagabundo, é lamentável!
Aquele puto que roubou ele outro dia
Amanheceu cheio de tiro, ele pedia!
Dezenove anos jogado fora
É foda! Essa noite chove muito porque Deus chora

Refrão- Muita pobreza, estoura violência!¹⁷⁰

Nossa raça está morrendo
Não me diga que está tudo bem!
Verdade seja dita

Rock- Vim só há alguns anos pra cá, pode acreditar
Já foi bastante pra me preocupar
Com meus filhos, periferia é tudo igual
Todo mundo sente medo de sair de madrugada e tal
Ultimamente, andam os doidos pela rua
Louco na fissura, te estranham na loucura
Pedir dinheiro é mais fácil que roubar, mano
Roubar é mais fácil que tramar, mano
É complicado, o vício tem dois lados
Depende disso ou daquilo, ou não, tá tudo errado
Eu não vou ficar do lado de ninguém, porque

¹⁷⁰ Sample de GOG.

Quem vende a droga pra quem? hã
Vem pra cá de avião ou pelo porto ou cais
Não conheço pobre dono de aeroporto e mais
Fico triste por saber e ver
Que quem morre no dia-a-dia é igual a eu e a você

Refrão¹⁷¹ - Periferia é periferia
Que horas são? Não sei responder
Periferia é periferia
Milhares de casas amontoadas
Periferia é periferia
Vacilou, ficou pequeno. Pode acreditar
Periferia é periferia
Em qualquer lugar. Gente pobre
Periferia é periferia
Vários botecos abertos, várias escolas vazias¹⁷²
Periferia é periferia
E a maioria por aqui se parece comigo¹⁷³
Periferia é periferia.
Mães chorando, irmãos se matando. Até quando?
Periferia é periferia
Em qualquer lugar. É gente pobre
Periferia é periferia
Aqui, meu irmão, é cada um por si
Periferia é periferia
Molecada sem futuro eu já consigo ver¹⁷⁴
Periferia é periferia
Aliados, drogados, então
Periferia é periferia
Em qualquer lugar. É gente pobre
Periferia é periferia
Deixe o crack de lado, escute o meu recado.

¹⁷¹ Neste último refrão, alternando com o verso “periferia é periferia”, sampleado do rapper Gog, há vários samples de raps diferentes.

¹⁷² Sample com a voz do rapper GOG.

¹⁷³ Verso do rap “Fim de semana no parque”. *Raio X do Brasil*, 1993 (anexo 3).

¹⁷⁴ Verso do rap “Homem na Estrada”. *Raio X do Brasil*, 1993 (anexo 3).

Qual Mentira Vou Acreditar ?

(Mano Brown/ Edy Rock)

(Som de rádio sendo sintonizado, passa por uma lambada, por “Pode vir quente que eu estou fervendo” na voz de Frejat e pára em uma levada funk)

Rock- São apenas dez e meia, tem a noite inteira

Dormir é embaçado numa sexta-feira

TV é uma merda, prefiro ver a lua

Preto Edy Rock está à caminho da rua

Hã... sei lá, vou pruma festa, se pã

Se os cara não colar, volto às três da manhã

Tô devagar, tô a cinquenta por hora

Ouvindo funk do bom, minha trilha sonora

A polícia cresce o olho, eu quero que se foda!

Zona Norte é bandidagem, curte a noite toda

Eu me formei suspeito profissional

Bacharel pós-graduado em tomar geral

Eu tenho um manual com os lugares, horários

De como dar perdido. Ai, caralho...

(Som de sirene)

Policial- Prefixo da placa é MY

Sentido Jaçanã, Jardim Hebron

Rock- Quem é preto como eu já tá ligado qual é,

Nota Fiscal, RG, polícia no pé

Policial- Escuta aqui: o primo do cunhado do meu genro é mestiço

Racismo não existe, comigo não tem disso

É pra sua segurança

Rock- Falou, falou, deixa pra lá

Vou escolher em qual mentira vou acreditar

Refrão- Tem que saber curtir, tem que saber lidar

Em qual mentira vou acreditar?

A noite é assim mesmo, então, deixa rolar

Qual mentira vou acreditar?

Rock- Ô, ques cara chato, ó! Quinze pras Onze

Eu nem fui muito longe e os homi embaçou

Revirou os banco, amassou meu boné branco

Sujou minha camisa do Santos

Eu nem me lembro mais pra onde eu vou

(som de bip)

E agora quem será que ligou?

Blue- Me espere na estação, eu tô na Zona Sul

Eu chego rapidinho, assinado: Blue

Rock- Pode crer, naquele lado de Santana
Conheço uns lugar, conheço umas fulana

Juliana? Não. Mariana? Não.

Alessandra? Não. Adriana?

O nome é só um detalhe, o nome é só um nome
953... hum, esqueci o telefone

Blue- Ôrra, demorou!

Rock- E aí, Blue, como é?

Blue- Isso aqui é um inferno, tem uma pá de mulher

Trombei uma pá de gente, uma pá de mano

Tô há quase uma hora te esperando

Passou uma figura aqui e deu a idéia

Disse que te conhece, se pá, chama Lea

Cabelo solto, vestido vermelho

Estrategicamente a um palmo do joelho

Os caras comentavam o visual

“Ó os bico e tal, pagando o mó pau”

Ninguém falou um “a”, mas eu ouvia

Meio mundo xingando por telepatia

Sussurro- Filha da puta!

Blue- Economizava o meu vocabulário

Não tinha o que falar, falava o necessário

Meio assim, é claro, sei lá qual é que é, truta

É o que não falta mina filha da puta

Tudo comigo, confio no meu taco

Versão africana Don Juan de Marco

Tudo muito bom, tudo muito bem

Sei lá o que é que tem, ideia vai, ideia vem

Ela era princesa, eu era o plebeu

Quem é mais foda que eu, espelho, espelho meu?

Rock- Tipo Taís de Araújo ou Camila Pitanga?

Blue- Uma mistura, confesso, fiquei de perna bamba

Será que ela aceita ir comigo pro baile?

Ou ir pra Zona Sul ter um grand finale?

Amor com gosto de fruta até às seis da manhã

Me chamar de "meu preto" e me cantar Djavan?

Sample- Só eu sei...¹⁷⁵

Blue- Ninguém ouviu, mas puta que pariu!

Em fração de segundos meu castelo caiu!

A mais bonita da escola, rainha passista

Se transformou numa vaca nazista

¹⁷⁵ Sample da música “Esquinas” de Djavan.

Eu ouvindo James Brown, pá, cheio de pose
Ela pergunta se eu tenho o quê? Guns and Roses?
Lógico que não! A mina quase histérica
Meteu a mão no rádio e pôs na Transamérica

Rock- Como é que ela falou?

Blue- Só se liga nessa

Que mina cabulosa, olha só que conversa:
Que tinha bronca de neguinho de salão

Rock- Não

Blue- Que a maioria é maloqueiro e ladrão

Rock- Aí não

Blue- Aí não, mano! Foi por pouco

Eu já tava pensando em capotar no soco
Disse pra mim não falar gíria com ela

Rock- Pode crer

Blue- Pra me lembrar que eu não tô na favela
Bate-boca, maior guela, será que é meia-noite, já?
A Cinderela virou bruxa do mar
Me humilhar não vai, vai tirar o carai
Levanta o seu rabo racista e sai!

Rock- Eu conheço essa perversa há maior cara
Correu a banca toda de uns pleiba que cola lá na área

Blue- Pra mim ela já disse que era solitária
Que a família era rígida e autoritária
Tem vergonha de tudo, cheia de complexo
Que ainda era cedo pra pensar em sexo

Refrão- A noite é assim mesmo então... deixa rolar!

Vou escolher em qual mentira vou acreditar
Tem que saber curtir, tem que saber lidar
Em qual mentira vou acreditar?
A noite é assim mesmo, então... deixa rolar.
Em qual mentira vou acreditar?

Blue- Ih! Caralho! Olha só quem tá ali?

O que que esse mano tá fazendo aqui?

Rock- Aí, esse maluco veio agora comigo

Ligou que era até seu amigo
Que morava lá na sul, irmão da Cristiane
Dei um cavalo pra ele no Lauzane
Ia levar um recado pra uns parente local
Da Igreja Evangélica Pentecostal
Desceu do carro acenando a mão:

Homem- A paz do Senhor!

Rock- Ninguém dava atenção

Bem diferente o estilo dos crente
Bombo- jaco, touca, mas a noite tá quente
Que barato estranho, só aqui tá escuro
Justo nesse poste não tem luz de mercúrio
Passaram vinte fiéis até agora
Dá cinco reais, cumprimenta e sai fora
Um irmão muito sério, em frente à garagem
Outro com a mão na cintura em cima da laje
De vez em quando a porta abre e um diz:

Homem- Tem do preto e do branco?

Rock- E coça o nariz

Isso sim, isso é que é união!

O irmão saiu feliz, sem discriminação!

De lá pra cá veio gritando, rezando:

Homem- Aleluia, as coisas tá melhorando!

Rock- Esse cara é dentista, sei lá...

Diz que a firma dele chama Boca S.A.

Será material de construção?

Vendedor de pedras? Lá na zona sul era patrão

Blue- Ih! patrão o caralho! Ele é safado

Fugiu do Valo Velho com os dias contados

A paranóia de fumar era fatal

Arrombava os barracos e saqueava os varal

Rock- Demorou

Blue- Bateu na cara do pai de um vagabundo

Rock- Hum... tá fazendo hora extra no mundo

Blue- A noite tá boa, a noite tá de barato

Mas puta, gambé, pilantra, é mato

Refrão- Tem que saber curtir, tem que saber lidar

Em qual mentira vou acreditar?

A noite é assim mesmo, então... deixa rolar

Vou escolher em qual mentira vou acreditar?

Rock- Eu não confio nem em minha própria sombra quando eu saio. Eu vou sair, mas tem que saber curtir, tem que saber lidar...

Mágico de Oz

(Edy Rock) – participação de Daniel Quirino, Priscila Maciel, Pulga, Guilherme

Pulguinha-Eu comecei usar pra esquecer dos problemas. Fugi de casa, meu pai chegava bêbado e me batia muito. Eu queria sair dessa vida. Meu sonho? É estudar, ter uma casa, uma família. Se eu fosse mágico? Não existia droga, nem fome e nem polícia.

Rock- Eu tenho fé, eu tenho fé
Aquele moleque sobrevive como manda o dia a dia
Tá na correria, como vive a maioria
Preto desde nascença, escuro de sol
Eu tô pra ver ali igual, no futebol
Sair um dia das ruas é a meta final
Viver decente sem ter na mente o mal
Tem o instinto, que a liberdade deu
Tem a malícia que cada esquina deu
Conhece puta, traficante e ladrão
Toda a raça, uma pá de alucinado e nunca embaçou
Confia neles mais do que na polícia
Quem confia em polícia? Eu não sou louco
A noite chega e o frio também sem demora
E a pedra, o consumo aumenta a cada hora
Pra aquecer ou pra esquecer? Viciar
Deve ser pra se adormecer, pra sonhar
Viajar na paranóia na escuridão,
Um poço fundo de lama, mais um irmão
Não quer crescer, ser fugitivo do passado
Envergonhar-se, aos vinte e cinco ter chegado,
Queria que Deus ouvisse a minha voz
E transformasse aqui no mundo mágico de Oz.

Refrão- Queria que Deus ouvisse a minha voz
Que Deus ouvisse a minha voz
No mundo mágico de Oz
No mundo mágico de Oz

Rock- Um dia ele viu a malandragem com o bolso cheio
Pagando a rodada, risada e vagabunda no meio
A impressão que dá é que ninguém pode parar
Um carro importado, som no talo
"Homem Na Estrada" eles gostam

Sample- Não confio na polícia, raça do caralho¹⁷⁶

Rock- Só bagaceira só, o dia inteiro só

¹⁷⁶ Sample de "O homem na estrada". *Raio X do Brasil*, 1993 (anexo 3).

Como ganham dinheiro vendendo pedra e pó
Rolex ouro no pescoço à custa de alguém
Uma gostosa do lado pagando pau pra quem
A polícia passou e fez o seu papel
Dinheiro na mão, corrupção à luz do céu
Que vida agitada, hein, gente pobre tem
Periferia tem, você conhece alguém?
Moleque novo que não passa dos doze
Já viu, viveu, mais que muito homem de hoje
Vira a esquina e pára em frente a uma vitrine
Se vê, se imagina na vida do crime
Dizem que quem quer segue o caminho certo
Ele se espelha em quem tá mais perto
Pelo reflexo do vidro ele vê
Seu sonho no chão se retorcer
Ninguém liga pro moleque tendo um ataque
Foda-se quem morrer dessa porra de crack
Relaciona os fatos com seu sonho
Poderia ser eu no seu lugar
Das duas uma, eu não quero desandar
Foram aqueles mano que trouxeram essa porra pra cá
Matando os outros em troca de dinheiro
E fama, grana suja como vem, vai, não me engana
Queria que Deus ouvisse a minha voz
E transformasse aqui no mundo Mágico de Oz

Refrão- Queria que Deus ouvisse a minha voz
Que Deus ouvisse a minha voz
No mundo mágico de Oz
No mundo mágico de Oz

Rock- Ei, mano! Será que ele terá uma chance?
Quem vive nessa porra merece uma revanche
É um dom que você tem de viver
É um dom que você recebe pra sobreviver
História chata, mas cê tá ligado
Que é bom lembrar quem entrar: é um em cem pra voltar
Quer dinheiro pra vender? Tem um monte aí
Tem dinheiro, quer usar? Tem um monte aí
Tudo dentro de casa virar fumaça
É foda, será que Deus deve estar provando a minha raça?
Só desgraça gira em torno daqui
Falei do JB ao Piqueri e Mazzei
Rezei pra um moleque que pediu
Qualquer trocado, qualquer moeda, me ajuda tio

Pra mim não faz falta, uma moeda não neguei
Não quero saber, o que que pega se eu errei?
Independente, a minha parte eu fiz
Tirei um sorriso ingênuo, fiquei um tenso feliz
Se diz que moleque de rua rouba
O governo, a polícia, no Brasil quem não rouba?
Ele só não tem diploma pra roubar
Ele não se esconde atrás de uma farda suja
É tudo uma questão de reflexão, irmão
É uma questão de pensar
A polícia sempre dá o mau exemplo
Lava minha rua de sangue, leva o ódio pra dentro
Pra dentro de cada canto da cidade
Pra cima dos quatro extremos da simplicidade
A minha liberdade foi roubada
Minha dignidade, violentada
Que nada, os mano se ligar, parar de se matar
Amaldiçoar, levar pra longe daqui essa porra
Não quero que um filho meu um dia, Deus me livre, morra
Ou um parente meu acabe com um tiro na boca
É preciso eu morrer pra Deus ouvir a minha voz
E transformar aqui no mundo mágico de Oz?

Refrão- Queria que Deus ouvisse a minha voz
Que Deus ouvisse a minha voz
No mundo mágico de Oz
No mundo mágico de Oz

Rock- Jardim Filhos da Terra e tal
Jardim Hebron, Jaçanã e Jabá Rural
Piqueri, Mazzei, Nova Galvão
Jardim Corisco, Fontalos e então
Campo Limpo, Guarulhos, Jardim Peri
JB, Edu Chaves e Tucuruvi
Alô Doze, Mimosa, São Rafael
Zaki Narchi tem um lugar no céu

Rock- Às vezes eu fico pensando se Deus existe mesmo, morou? Porque meu povo já sofreu demais e continua sofrendo até hoje. Só que aí eu vejo os moleques nos farol, na rua, muito louco de cola, de pedra, e eu penso que poderia ser um filho meu, morou? Mas aí, eu tenho fé. Eu tenho fé, eu tenho fé, eu tenho fé em Deus.

Fórmula Mágica da Paz

(Mano Brown) – participação Dagô Miranda

Brown- Essa porra é um campo minado
Quantas vezes eu pensei em me jogar daqui
Mas aí, minha área é tudo que eu tenho
A minha vida é aqui e eu não consigo sair
É muito fácil fugir, mas eu não vou
Não vou trair quem eu fui quem eu sou
Gosto de onde eu tô e de onde eu vim
Ensino da favela foi muito bom pra mim
Cada lugar um lugar, cada lugar uma lei
Cada lei uma razão e eu sempre respeitei
Qualquer jurisdição, qualquer área
Jardim Santo Eduardo, Grajaú, Missionária
Funchal, Pedreira e tal, Joaniza
Eu tento adivinhar o que você mais precisa
Levantar sua goma ou comprar uns panos
Um advogado pra tirar seu mano
No dia da visita você diz
Que eu vou mandar cigarro pros maluco lá no X
Então como eu estava dizendo, sangue bom
Isso não é sermão, ouve aí, tem o dom?
Eu sei como é que é, é foda parceiro
É, a maldade na cabeça o dia inteiro
Nada de roupa, nada de carro, sem emprego
Não tem ibope, não tem rolê, sem dinheiro
Sendo assim, sem chance, sem mulher
Você sabe muito bem o que ela quer
Encontre uma de caráter se você puder
É embaçado ou não é?
Ninguém é mais que ninguém, absolutamente
Aqui quem fala é mais um sobrevivente
Eu era só um moleque, só pensava em dançar
Cabelo black e tênis All Star
Na roda da função mó zoeira
Tomando vinho seco em volta da fogueira
A noite inteira só contando história
Sobre o crime, sobre as treta na escola
Não tava nem aí, nem levava nada a sério
Admirava os ladrão e os malandro mais velho
Mas se liga, olhe ao seu redor e me diga
O que melhorou? da função quem sobrou? sei lá
Muito velório rolou de lá pra cá

Qual a próxima mãe que vai chorar?
Demorou, mas hoje eu posso compreender
Que malandragem de verdade é viver
Agradeço a Deus e aos Orixás
Parei no meio do caminho e olhei pra trás
Meus outros manos todos foram longe demais
Cemitério São Luiz aqui jaz
Mas que merda meu oitão tá até a boca
Que vida louca? Por que é que tem que ser assim?
Ontem eu sonhei que um fulano aproximou de mim:
“Agora eu quero ver ladrão, pá pá pá pá”
Fim! Sonho é sonho, deixa quieto
Sexto sentido é um dom, eu tô esperto
Morrer é um fator, mas conforme for
Tem no bolso, na agulha e mais 5 no tambor
Joga o jogo, vamos lá
Caiu a oito, eu mato a par
Eu não preciso de muito pra sentir-me capaz
De encontrar a Fórmula Mágica da Paz

Refrão- Eu vou procurar sei que vou encontrar
Eu vou procurar, eu vou procurar
Você não bota uma fé, mas eu vou atrás
Da minha Fórmula Mágica da Paz
Brown- Procure a sua, eu vou atrás da minha

Caralho, que calor, que horas são agora?
Dá pra ouvir a pivetada gritando lá fora
Hoje acordei cedo pra ver
Sentir a brisa de manhã e o Sol nascer
É época de pipa o céu tá cheio
Quinze anos atrás eu tava ali no meio
Lembrei de quando eu era pequeno
Eu e os cara

Blue- Faz tempo

Brown- Faz tempo, e o tempo não pára
Hoje tá da hora, esquema pra sair
Vamos, não demora, mano, chega aí

Blue- Cê viu ontem os tiro? eu vi um monte, então
Diz que tem uma pá de sangue no campão

Brown- Mas, ih, mano, toda mão é sempre a mesma idéia junto
Treta, tiro, sangue, aí, muda de assunto
Traz a fita pra ouvir porque eu tô sem
Principalmente aquela lá do Jorge Ben
Uma pá de mano preso chora a solidão

Uma pá de mano solto sem disposição
Empenhorando por aí rádio, tênis, calça
Acende num cachimbo, virou fumaça
Não é por nada não, mas aí, nem me liga, ó
A minha liberdade eu curto bem melhor
Eu não tô nem aí pra o que os outro fala
Quatro, cinco, seis preto num Opala
Pode vir gambé, paga pau, tô na minha na moral
Na maior, sem goró, sem pacau, sem pó
Eu tô ligeiro, eu tenho a minha regra
Não sou pedreiro, não fumo pedra
Um rolê com os aliados já me faz feliz
Respeito mútuo é a chave, é o que eu sempre quis

Blue- Me diz

Brown- Procure a sua, a minha eu vou atrás
Até mais, da Fórmula Mágica da Paz

Refrão- Eu vou procurar sei que vou encontrar
Eu vou procurar, eu vou procurar
Você não bota uma fé, mas eu vou atrás
Da minha Fórmula Mágica da Paz

Brown- Choro e correria num saguão dum hospital
Dia das crianças, feriado indo pro final
Sangue e agonia entra pelo corredor
Ele está vivo? Pelo amor de Deus, doutor
Quatro tiros do pescoço pra cima
Putaquepariu, a chance é mínima
Aqui fora revolta e dor
Lá dentro, estado desesperador
Eu percebi quem eu sou realmente
Quando eu ouvi o meu subconsciente
“E aí, mano Brown, cuzão, cadê você?
Seu mano tá morrendo, o que você vai fazer?”
Pode crer, eu me senti inútil, eu me senti pequeno
Mais um cuzão vingativo

Rock- Vai vendo

Brown- Puta desespero, não dá pra acreditar
Que pesadelo, eu quero acordar
Não dá, não deu, não daria de jeito nenhum
O Derlei era só mais um rapaz comum
Dali a poucos minutos
Mais uma Dona Maria de luto
Na parede, o sinal da cruz
Que porra é essa? que mundo é esse? onde tá Jesus?

Mais uma vez o emissário
Não incluiu Capão Redondo em seu itinerário
Porra, eu tô confuso, preciso pensar
Me dá um tempo pra eu raciocinar
Eu já não sei distinguir quem tá errado, sei lá
Minha ideologia enfraqueceu
Preto, branco, polícia, ladrão ou eu
Quem é mais filha da puta, eu não sei, aí fodeu
Fodeu, decepção essas horas,
A depressão quer me pegar, vou sair fora
Dois de Novembro, era finados
Eu parei em frente ao São Luiz do outro lado
E durante uma meia hora olhei um por um
E o que todas as senhoras tinham em comum?
A roupa humilde, a pele escura
O rosto abatido pela vida dura
Colocando flores sobre a sepultura
Podia ser a minha mãe

Blue- Que loucura

Brown- Cada lugar uma lei, eu tô ligado
No extremo Sul da Zona Sul tá tudo errado
Aqui vale muito pouco a sua vida
Nossa lei é falha, violenta e suicida
Se diz que me diz que não se revela
Parágrafo primeiro na lei da favela
Legal, assustador é quando se descobre
Que tudo deu em nada e que só morre o pobre
A gente vive se matando irmão, por quê?
Não me olhe assim, eu sou igual a você
Descanse o seu gatilho, descanse o seu gatilho
Entre no trem da malandragem, meu rap é o trilho

Brown- Vou dizer. Procure a sua paz. Pra todas as famílias aí que perderam pessoas importantes, morou, mano, procure a sua paz. Não se acostumem com esse cotidiano violento, que essa não é a sua vida, essa não é a minha vida, morou? Aí Derlei, descanse em paz. Aí Carlinhos, procure a sua paz. Aí Kiko, você deixou saudade, morou, mano. Eu tenho muito a agradecer, cheguei aos vinte e sete, eu sou um vencedor, tá ligado, mano. Aí, procure a sua, eu vou atrás da minha fórmula mágica da paz. Aí, vou dar um toque na quebrada lá, Cohab adventista e pá, rapaziada. Procure a sua paz. Aqui quem fala é Mano Brown, mais um sobrevivente. Vinte e sete anos contrariando a estatística, morou? Procure a sua, você pode encontrar a sua paz, o seu paraíso, você pode encontrar o seu inferno. Eu prefiro a paz.

Salve¹⁷⁷

(Mano Brown – Ice Blue)

Brown- Eu vou mandar um salve pra comunidade do outro lado dos muro, as grades nunca vão prender nosso pensamento, mano. Se liga aí Jardim Evana, Parque do Engenho, Jerivá, Jardim Rosana, Pirajussara, Santa Teresa.

Blue- Vaz de Lima, Parque Santo Antônio, Capelinha, Promorar, Vila Calu, Branca Flor, Paranapanema e Aracati.

Brown- Novo Oriente, Parque Arariba, Jardim Ingá, Parque Ipê, Pessoal da Sabin, Jardim Marcelo, Cidade Ademar, Jardim São Carlos, Jardim Primavera, Santa Amélia, Jardim Santa Teresinha, Jardim Mirian, Vila Santa Catarina, aí, Vietnã.

Blue- Cocaia, Cipó, Colônia, Campanário em Diadema, Calux em São Bernardo, Vila Industrial em Santo André.

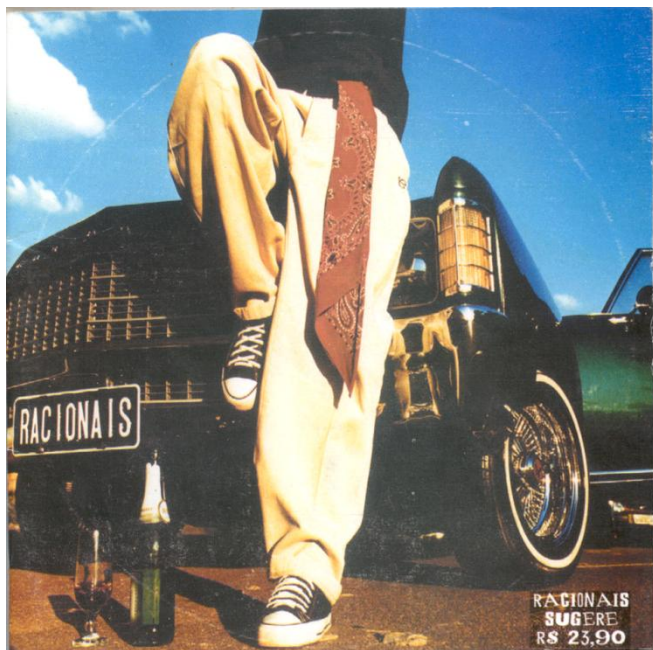
Brown- Bairro das Pimentas, Brasilândia, Jardim Japão, Jardim Hebron, Cohab 1, Cohab 2, São Mateus, Itaim, Cidade Tiradentes, Barueri, Cohab de Taipas.

Blue- Mangueira, Borel, Cidade de Deus, e aí DF, expansão, B-Norte, B-Sul, e aí pessoal do Sul, Restinga, e aí, quebrada, zona noroeste, Santos, Rádio Favela, BH. E para todos os aliados espalhados pelas favelas do Brasil: Firma!

Brown- Todos os DJs, todos os MCs que fazem do rap a trilha sonora do gueto. E pros filha da puta que quer jogar minha cabeça pros porco: Aí, tenta a sorte, mano! Eu acredito na palavra de um homem de pele escura, de cabelo crespo, que andava entre mendigos e leprosos pregando a igualdade. Um homem chamado Jesus. Só ele sabe a minha hora. Aí ladrão, tô saindo fora
Paz!

¹⁷⁷ A música de base é a mesma usada para a faixa 1, “Jorge da Capadócia”, dando coesão ao CD.

Anexo 5a : Nada como um dia após o outro dia – Chora Agora, 2002



1. Sou + você
2. Vivão e vivendo
3. V.L. (intro)
4. V.L. (parte I)
5. Negro Drama
6. A vítima
7. Na fé firmão
8. 12 de outubro
9. Eu sou 157
10. A vida é desafio
11. 1 por amor 2 por dinheiro

Sou + você
(Racionais MCs)

(Som de carro parando, som de tiros, som de carro saindo em arrancada. Som de galo cantando, som de despertador)

Brown- Bênção, mãe. Estamos iniciando nossas transmissões. Esta é a sua rádio Êxodos, rei, rei. Vamo acordar, vamo acordar, porque o Sol não espera. Demorou, vamo acordar, o tempo não cansa. Ontem à noite você pediu, você pediu uma oportunidade, mais uma chance. Como Deus é bom, né não, nego, olha aí, mais um dia todo seu. Que céu azul louco, hein?! Vamo acordar, vamo acordar. Agora vem com a sua cara, sou mais você nessa guerra. A preguiça é inimiga da vitória. O fraco não tem espaço e o covarde morre sem tentar. Não vou te enganar, o bagulho tá doido, ninguém confia em ninguém, nem você e os inimigo vem de graça. É a selva de pedra, ela esmaga os humilde de paz. Você é do tamanho do seu sonho. Faz o certo, faz a sua. Vamos acordar, vamos acordar, cabeça erguida, olhar sincero. Está com medo de quê? Nunca foi fácil, junta os seus pedaços e desce pra arena. Mas lembre-se: aconteça o que aconteça, nada como um dia após o outro dia.

Vivão e Vivendo

Homem- É nós mesmo, vagabundo

Homem2- Demorou

Brown- (com efeito cômico na voz)- Firmão! Você está nas ruas de São Paulo, onde vagabundo guarda o sentimento na sola do pé. Não é pessimismo não, é assim que é. Vivão e Vivendo, guerreiro tira-chinfrá, meu doce veneno. Viajei, voltei pra você, voltei pelos louco, voltei pelos preto e pelas verde, conseqüentemente. Meu Deus, é quente, é desse jeito. Ei, você, sonhador, que ainda acredita, liga nós. Eu tenho fé, amor e a fé no século 21, onde as conquistas científicas, espaciais, medicinais e a confraternização dos homens e a humildade de um rei serão as armas da vitória para a paz universal. Ei, pé-de-breque, vai pensando que tá bom. Todo mundo vai ouvir, todo mundo vai saber. Tem que ser, vagabundo, tem que ser, vagabundo, tem que ser. Se eu me perco na noite, eu não me acho de dia. Ei, tentação, dá mais, tia. Não faz assim com meu coração. Minha mente é um labirinto e meu coração chora. Chora agora, ri depois. Vem comigo, nego, vem comigo, nego. Tá tudo aí pra nós, é só saber chegar. Vem comigo, nego, vem comigo, nego. Com Deus no coração, o resto nós resolve. Ligaram nós, demorou, se vamo, se vamo.

Vida Loka (intro)

Homem 1- Então demorou, meu.

Tá em cima?

Homem 2- Tá em cima.

Então, é no 21 b.

Homem 1- Se roncar, nós pega. (Som de campainha) Demorou, demorou, acho que é aqui.

Homem 2- Aí, o Brown tá aí, meu?

Vida Loka (Parte 1)

(Som de fundo de Marvin Gaye)

Brown- Vagabunda queria atacar a do malucão, usou meu nome. O pipoca abraçou, foi na porta da minha casa lá, botou pânico em todo mundo 3 horas da tarde e eu não tava lá.

KL Jay- É, mas aí, Brown, tem uns tipo de mulher que não dá nem pra comentar, meu, não dá nem pra comentar...

Brown- E eu nem sei quem é os maluco, isso é que é foda!

Rock- Vamos atrás desses pipoca aí e já era.

Brown- Atrás de quem? Ir aonde? Não sei nem quem é, mano. Mano, não devo, não temo, e... dá meu copo que já era.

(Conversa ao telefone)

Abrão- E aí, bandido mau? Como é que é, meu parceiro?

Brown- E aí, Abrão, firmão, truta?

Abrão- Firmeza total, Brown. E a quebrada aí, irmão?

Brown- Tá às pampa. Aí, fiquei sabendo do seu pai aí, lamentável, hein, truta, meu sentimento mesmo, hein, mano.

Abrão- Vai vendo, Brown, meu pai morreu e nem deixaram eu ir no enterro do meu coroa, hein irmão.

Brown- Isso é louco. Cê tava onde?

Abrão- Tava batendo uma bola, meu. Fiquei na maior neurose, irmão.

Brown- Aí foram te avisar.

Abrão- Aí vieram me avisar, mas tá firmão, Brown, tô firmão, logo mais tô aí na quebrada com vocês aí.

Brown- É quente. Na rua também não tá fácil não, morou, truta. Uns juntando inimigo, outros juntando dinheiro, sempre tem um pra testar sua fé, nós tá ligado, sempre tem um corre a mais pra fazer. Aí mano, liga nós aí qualquer coisa, cê tá ligado, mano, lado a lado nós até o fim, morou, irmão.

Abrão- Tô ligado.

Brown- Fé em Deus que ele é justo, ei, irmão, nunca se esqueça:

Na guarda, guerreiro, levanta a cabeça, truta

Onde estiver, seja lá como for

Tenha fé, porque até no lixão nasce flor

Ore por nós, pastor, lembra da gente

No culto dessa noite, firmão, segue quente

Admiro os crente, dá licença aqui

Mó função, mó tabela, oh, desculpa aí

Eu me sinto às vezes meio, pá, inseguro

Que nem um vira-lata sem fé no futuro

Vem alguém lá, quem é quem?, quem será?, meu bom

Dá meu brinquedo de furar moletom

Porque os bico que me vê com os truta na balada

Tenta ver, quer saber de mim, não vê nada
Porque a confiança é uma mulher ingrata
Que te beija e te abraça, te rouba e te mata
Desacreditar, nem pensar, só naquela
Se uma mosca ameaçar me catar, piso nela
O bico deu mó güela, hã, pique bandidão
Foi em casa na missão, me trombar na Cohab
De camisa larga - vai saber? Deus que sabe - qual é
A maldade comigo inimigo no migué
Tocou a campanha plim, pra tramar meu fim
Dois maluco armado sim, um isqueiro e um estopim
Pronto pra chamar minha preta pra falar
Que eu comi a mina dele, ah!, se ela tava lá
Vadia, mentirosa, nunca vi, dão maior faia
Espírito do mal, cão de buceta e saia
Talarico nunca fui, é o seguinte
Ando certo pelo certo, como dez e dez é vinte
Já pensou, doido, e se eu tô com o meu filho
No sofá, de vacilo, desarmado, era aquilo
Sem culpa e sem chance, nem pra abrir a boca
Ia nessa sem saber

Abrão- Procê ver

Brown- Vida Loka...

(conversa no telefone)

Abrão- E aí Brown, nós tá aqui dentro, mas demorou, truta, liga nós, irmão.

Brown- Não, truta, aí, jamais vou levar problema pra você, nós resolve na rua e rapidinho, também.

Abrão- Que é isso...

Brown- Mas aí, nem esquentar. Aí e aquele jogo lá do final do ano que você falou.

Abrão- Então, truta, demorou. No final do ano, nós vai marcar aquele jogo lá. Vem você, o Blue, os cara dos Racionais tudo aí, morou, meu? Visita aqui é sagrado, safado não atravessa não, morou?

Brown- Mas na rua não é não

Até Jack tem quem passe um pano

Impostor, pé de breque, passa pro malandro

A inveja existe, e a cada dez, cinco é na maldade

A mãe dos pecado capital é a vaidade

Mas se é para resolver, se envolver, vai meu nome

Eu vou. Fazer o quê?, se cadeia é pra homem...

Malandrão eu?, não, ninguém é bobo

Se quer guerra, terá; se quer paz, quero em dobro

Mas verme é verme, é o que é

Rastejando no chão, sempre embaixo do pé

E fala uma, duas vez, se marcar até três
Na quarta, xeque-mate, que nem no xadrez
Eu sou guerreiro no rap, e sempre em alta voltagem
Um por um, Deus por nós, tô aqui de passagem
Vida loka, eu não tenho dom pra vítima
Justiça e liberdade, a causa é legítima
Meu rap faz o cântico dos louco e dos romântico
Vou pôr o sorriso de criança onde for
Pros parceiros tenho a oferecer minha presença
Talvez até confusa, mas leal e intensa
Meu melhor Marvin Gaye, sabadão na Marginal
O que será, será, é nós, vamos até o final
Liga eu, liga nós, onde preciso for
No paraíso ou no dia do Juízo, pastor
E liga eu e os irmão, é o ponto que eu peço
Favela, fundão, imortal nos meus verso
Vida loka

(conversa ao telefone)

Abrão- E aí, Brown, e os pião, irmão?

Brown- Tô com uns mano aí, eu vou, tô indo aí na Zona Leste ali, tipo umas onze horas já tô voltando já, morou, meu.

Abrão- Ei, Brown, você faz a contagem, eu vou desligar, mas manda um salve pros mano da quebrada aí, morou, pro Gil, pro Batatão, pro Pacheco, pro Porquinho, pro Xande, pro Dé. Aí, no dia do jogo os mano do ExaltaSamba vai vim, manda um salve pro Binha, morou Brown, aí, fica com Deus aí, irmão.

Negro Drama

Rock- Negro drama: entre o sucesso e a lama
Dinheiro, problemas, invejas, luxo, fama
Negro drama: cabelo crespo e a pele escura
A ferida, a chaga, a procura da cura
Negro drama: tenta ver e não vê nada
A não ser uma estrela, longe, meio ofuscada
Sente o drama, o preço, a cobrança
No amor, no ódio, a insana vingança
Negro drama: eu sei quem trama e quem tá comigo
O trauma que eu carrego pra não ser mais um preto fodido
O drama da cadeia e favela
Túmulos, sangue, sirene, choros e velas
Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia
Que sobrevivo em meio às honras e covardias
Periferias, vielas, cortiços
Você deve estar pensando o que você tem a ver com isso
Desde o início, por ouro e prata
Olha quem morre, então veja você quem mata
Recebe o mérito a farda que pratica o mal
Me ver pobre, preso ou morto já é cultural
Histórias, registros e escritos
Não é conto, nem fábula, lenda ou mito
Não foi sempre dito que preto não tem vez? Então
Olha o castelo e não foi você quem fez, cuzão
Eu sou irmão dos meus truta de batalha
Eu era a carne, agora sou a própria navalha
Tim-tim, um brinde pra mim
Sou exemplo de vitórias, trajetos e glórias
O dinheiro tira um homem da miséria
Mas não pode arrancar de dentro dele a favela
São poucos que entram em campo pra vencer
A alma guarda o que a mente tenta esquecer
Olho pra trás, vejo a estrada que eu trilhei, mó cota
Quem esteve lado a lado e quem só ficou na bota
Entre as frases, fases e várias etapas
Do quem é quem, dos mano e das mina fraca
Negro drama de estilo
Pra ser, se for, tem que ser, se temer é milho
Entre o gatilho e a tempestade
Sempre a provar que sou homem e não um covarde
Que Deus me guarde, pois eu sei que ele não é neutro
Vigia os ricos, mas ama os que vêm do gueto
Eu visto preto por dentro e por fora

Guerreiro, poeta entre o tempo e a memória
Ora, nessa história, vejo o dólar e vários quilates
Falo pro mano que não morra e também não mate
O tic-tac não espera, veja o ponteiro
Essa estrada é venenosa e cheia de morteiro
Pesadelo? é um elogio
Pra quem vive na guerra, a paz nunca existiu
No clima quente, a minha gente sua frio
Vi um pretinho, seu caderno era um fuzil

Refrão- Negro drama

Brown- Crime, futebol, música. Caraio, eu também não consigo fugir disso aí, eu sou mais um. Forest Gump é mato, eu prefiro contar uma história real. Vou contar a minha.

Daria um filme: uma negra e uma criança nos braços
Solitária na floresta de concreto e aço
Veja, olha outra vez um rosto na multidão
A multidão é um monstro sem rosto e coração
Em São Paulo, terra de arranha-céu
A garoa rasga a carne, é a Torre de Babel
Família Brasileira, dois contra o mundo
Mãe solteira de um promissor vagabundo
Luz, câmera e ação, gravando a cena vai
O bastardo, mais um filho pardo, sem pai
Hey, senhor de engenho, eu sei bem quem você é
Sozinho cê não güenta, sozinho, cê não entra a pé
Cê disse que era bom e as favela ouviu
Whisky e Red Bull, tênis Nike e fuzil
Admito, seu carro é bonito, é, e eu não sei fazer
Internet, vídeo-cassete, os carro louco
Atrasado eu tô um pouco sim, tô, eu acho
Só que tem que seu jogo é sujo e eu não me encaixo
Eu sou problema de montão, de carnaval a carnaval
Eu vim da selva, sou leão, sou demais pro seu quintal
Problema com escola eu tenho mil, mil fita
Inacreditável, mas seu filho me imita
No meio de vocês ele é o mais esperto
Ginga e fala gíria, gíria não, dialeto
Esse não é mais seu, oh, subiu
Entrei pelo seu rádio, tomei, cê nem viu
Nós é isso, aquilo, quê? cê não dizia?
Seu filho quer ser preto, ah, que ironia
Cola o pôster do Tupac aí, que tal, que cê diz?
Sente o negro drama, vai, tenta ser feliz

Hey bacana, quem te fez tão bom assim?
O que você deu, o que você faz? o que você fez por mim?
Eu recebi seu ticket, quer dizer, kit
De esgoto a céu aberto e parede madeirite
De vergonha eu não morri, tô firmão, eis-me aqui
Você não, cê não passa quando o Mar Vermelho abrir
Eu sou o Mano, homem duro do gueto, Brown Obá
Aquele louco que não pode errar
Aquele que você odeia amar, nesse instante
Pele parda e ouço funk, vim de onde vem os diamante:
Da lama
Valeu mãe, Negro Drama.

Brown- Aí, na época dos barraco de pau, lá na pedreira, onde cês tava? Que que cês deram por mim? Que que cês fizeram por mim? Agora tá de olho no dinheiro que eu ganho? Agora tá de olho no carro que eu dirijo? Demorou! Eu quero é mais, eu quero é ter sua alma. Aí, o rap fez ser o que eu sou. Ice Blue, Edi Rock, KL Jay e toda a família e toda a geração que faz o rap. A geração que revolucionou, a geração que vai revolucionar. Anos 90, século XXI, é desse jeito. Aí, você sai do gueto, mas o gueto nunca sai de você, morou, irmão? Você tá dirigindo o carro, o mundo todo tá de olho em você, morou, sabe por quê? Pela sua origem, morou, irmão. É desse jeito que você vive. É o negro drama. Eu não li, eu não assisti, eu vivo o negro drama, eu sou negro drama, eu sou fruto do negro drama. Aí, dona Ana, sem palavra, a senhora é uma rainha. Mas aí, se tiver que voltar pra favela, eu vou voltar de cabeça erguida, porque assim que é, renascendo da cinza, firme e forte, guerreiro de fé. Vagabundo nato.

A vítima

Smurf- Então, Cocão, aí, não leva a mal não, mas, aí, vai fazer um tempo que eu estou querendo fazer esta pergunta pra você, aí...

Rock- Fala aí.

Smurf- Tem como você falar daquele acidente lá? Sei que é meio chato, embaçado.

Rock- Não, é nada, quer saber, a gente fala, né meu, vamos lá. Foi dia, lembro que nem hoje, vixe, até arrepia, dia 14 de outubro de 94. Eu tava morando no Hebron, tá ligado? Aí, eu tinha um opala, pá. O opala tava na oficina do Di lá. A gente ia fazer um barato à noite, tá ligado? A gente ia se trombar em Pinheiros, não sei se você se lembra disso aí. Porque você, você ia com o Kleber direto pra Pinheiros. E nós, tava eu, ia eu o Brown, o Du, da zona sul pra Pinheiros...

Rock- Naquela noite eu acordei e não sabia onde estava

Pensei que era sonho, o pesadelo apenas começava

Aquela gente vestida de branco

Parecia com o céu, mas o céu é lugar de santo

Os cara me perguntando

Blue- E aí, mano, você tá legal?

Rock- Cheiro de éter no ar nunca é bom sinal

Dor de cabeça, tontura

Aquela sala rodava estilo brisa de droga, loucura

Sangue na roupa rasgada

Fio de sutura me costura, porra, a gente não vale nada

Do que adianta você ter o que quer

Sucesso, dinheiro, mulher beijando seu pé?

E num piscar de olhos, é foda

Você é furado igual peneira ou sem valor numa cadeira de rodas

Sample- Que que eu tô fazendo aqui, não quero admitir, agora é tarde¹⁷⁸

Meus parceiros me contaram

Cena após cena, passo a passo o que presenciaram

Blue- Mano, foi um arregaço, na marginal

Você capotou, teve até uma vítima fatal

Da zona sul e tal, sentido ao centro

Uma da manhã

Rock- Lembrei daquele momento

Vários opala, maior carreata

E eu logo atrás da primeira barca diplomata

Tô dirigindo ali no volante

Opala cinza escuro, Tupac no alto falante

Por um instante tive um mal pressentimento

Mas não liguei, não dei conta, não tava atento

¹⁷⁸ Parte do sample vem do rap “Tô ouvindo alguém me chamar”. *Sobrevivendo no Inferno*, 1997 (anexo 4). (“Que que eu tô fazendo aqui?” e “Não quero admitir”).

Vozes- Cadê o corpo? Mano, pega o celular que embaçou. Foi louco... Chama a ambulância, caralho, chama a ambulância.

Rock- Que merda, um cara novo morreu
Fatalidade ou imprudência: divergência, fodeu
Ele deixou uma mulher que esperava um filho
Um evangélico que nem conheceu o filho
Um suspiro, perdi a calma
Vi uma faca atravessando a minha alma
Olhei no espelho e vi um homem chorar
A mídia, a justiça querendo me fuzilar
Virei notícia, primeira página
Um papparazzi focalizou a minha lágrima
Um repórter da Globo me surtou
Me chamava de assassino, aquilo inflamou
Tumultuou, nunca vi tanto carnicheiro
Me crucificaram, me julgaram no país inteiro
Pena de morte, se tiver sorte
Cadeira elétrica se fosse América do Norte
Opinião pública influenciada
Era o réu sem direito a mais nada
Meu mundo tinha desabado
Na lei de Deus fui julgado, na lei do homem condenado

Rock- Então, Kleber, o cara morreu, meu.

KLJay- É, então, agora é daqui pra frente, Cocão. Não tem mais jeito, tá ligado? Não se abala, não, tem que ficar firme, nós tá junto aí.

Rock- Dois anos e poucos de audiência
Pra mim já era o início da minha penitência
Aquele prédio no Fórum é maior tortura
Ali na frente sempre pára várias viatura
O movimento é intenso o tempo inteiro
Parece o trânsito, tráfego, formigueiro
Advogado pra cima, pra baixo
Ganhando dinheiro com mais um réu, eu acho
Registrei um cara algemado num canto
De cabeça baixa, me parecia um cara branco
Esperando a vez de ser solicitado
Julgado, talvez até, se pá, até libertado
Escoltado, vários gambé
Esse aí não deve ser um preso qualquer
Com a mão pra trás olhando pra parede
Fui beber água, me deu maior sede

(som de telefone tocando)
Uma ligação com urgência
Meu advogado com o resultado da sentença
Meu celular tava falhando
(voz no telefone)
Ahn? Alô? Não dá pra escutar, mas eu tô indo praí, falou? Tô chegando
É, irmão, fui de metrô
Aquele frio na espinha que eu tinha, então, voltou
A cada estação ele aumentava
Eu não sabia se descia ou se eu continuava
À procura de uma distração
Olhava o vagão lotado, a movimentação
Aquele povo indo pra algum lugar
Trabalhar, estudar, passear, roubar, sei lá
Vi uma mina bonita, discreta
Pinta de modelo, corpo de atleta
Eu vi um cara lendo concentrado
Naípe de estudante, daqueles filho dedicado
Vi uma tia crente em pé, cansada
De cor escura, com a pele enrugada
Ela me fez lembrar, parece a mãe da vítima
Como será que ela deve estar?

(Pausa na música base, som de metrô andando e parando na estação)

Cheguei no prédio da Ipiranga com a São João
Respirei fundo, subi a manga do meu camisã
Decisão, eu tô trêmulo
Maior responsa; não, não entendo
Muita calma sempre é preciso
Proibido fumar, li o aviso
O porteiro tiozinho lembra meu pai
Porteiro- Que andar? Qual andar que você vai?
Rock- No décimo, me sinto péssimo
A balança fez questão de mais um acréscimo
Elevador quebrado
Tem dia que é melhor não acordar, que dá tudo errado
Fui pela escada contando cada degrau
Cada passada chegava o juízo final
Tive a sensação de alguém me olhando
Parecia me seguir, tava ali me gorando
Senti um calafrio
Recordei daquela cena que você não viu
Do capote, de um grito forte, dos holofote

Um vacilo seu

KLJay- Já era

Rock- Resulta em morte

Daquela Kombi velha partida ao meio

Daquela hora que eu tentei pisar no freio

Andar por andar, onde eu tô não importa

Lembrar da vítima, cheguei na porta

(som de batidas na porta)

Então, Smurf, é isso aí, mano, deu pra você entender?

Smurf- É embaçado, hein, Cocão, que fita, hein.

Rock- Passou aí uns três anos, três quatro anos de corre pra lá e pra cá, tentando se ajus... se acertar com a justiça, tá ligado? Pagando o que eu devia, graças a Deus aí, ó, hoje eu to firmão, não devo mais nada pra ninguém. Me acertei com Deus, principalmente com a família lá, tá ligado? Com a justiça também. E é o seguinte, né, meu, a vida tem que continuar, tá ligado? Não pode parar...

Na fé firmão

Scratch- Meu modo

Meu ponto de vista

Rock- Século XXI, eu sei muito bem o que eu quero

Começa o plano dois zero zero dois

É um mistério, trago na manga um suspense

Tenho um revólver engatilhado dentro da mente

Pense, vá, raciocine já

A profecia diz que o mundo tá pra acabar

Eu quero resgatar tudo aquilo que eu perdi

Cronometrei o tempo, só que ainda, truta, não venci

O que eu falo é ilícito sangue

Demarco meu espaço sem aço, sem gangue

Aonde eu ande, trago o anjo do bem

Que ilumina meu caminho, me mostra quem é quem

Comprei um colete à prova de bala

Tenho a guerrilha na mente, falange de senzala

Zunque a bala, a parede estremece

Playboy sua frio e mauricinho não se mete

Sou lado norte, eu venho pra rimar

Eu sei do meu direito, ninguém vai me intimidar

Pra bala eu só vou se um pilantra me matar

Quem não deve não teme, vem Tobias de Aguiar

No corredor da morte, apelo da sentença

O Sol da liberdade, a verdadeira recompensa

Meu delito: um rap que atira consciência

É crime hediondo, a favela de influência

Na rua, eu conheço a lei e os mandamentos

Minha dívida sagrada eu carrego juramento

Corra sempre atrás do que é seu

Quero dinheiro igual coreano e judeu

Fodeu então, venho com a minha cara, o rap é que não pára

Racionais de volta igual à febre da malária

Ra-ta-ta-tá

Mãos ao alto, é um assalto: E-D-I-R-O-C-K

Scratch- Firmão, na fé, firmão

Refrão- Escuta aqui, escuta aqui E-D-I

Inspirado na selva de Robin Hood

A fita foi tomada, se joga, tô envolvido

Pilantra aqui não cabe, é só guerreiro no abrigo

Eu digo, escuta aqui, escuta aqui E-D-I

Inspirado na selva de Robin Hood

A cena foi tomada, se joga, tô envolvido
Pilantra aqui não cabe, é só guerreiro no meu abrigo

Rock- Pros mano e pras mina: a cura, a vacina
Protótipo, antídoto, uma nova adrenalina
Puxa, prende, solta fumaça
Viaja no meu som, que essa erva é de graça¹⁷⁹
Levante a taça e tome um trago
Não é cigarro, nem vinho tinto amargo
Não é skank, mesclado ou haxixe
É bem pior que tomar ácido ou heroína shhhh
Chega mais que tem pra todos
Não sou racista, nem um tolo preconceituoso
Sei meu valor, quem quiser vai aprender
Não me comparo a Cristo: não dou a cara pra bater
Quem vai querer, ainda tenho meia dúzia
Está moqueado como o esquema do crime acusa
Uso uma blusa preta de couro puro
Se eu vazar, ninguém vai me encontrar no escuro
Eu estou trepado, armado, um pente estufado
Inteligência e Q.I. pós-graduado
Cocão, uma violação do código penal
Eu sou parceiro de Ice Blue e Mano Brown
KL Jay, Vila Mazzei, é puro veneno
Cachorro louco lá do Norte, pra quem tá vendo
No nosso exército tem vários trutas
De prontidão para enquadrar filhas da puta
Traidor aqui mostra a sua cara
Desertor no caminho não agüenta e pára
É mais difícil do que ele pensou
Tem que ser malandro pra ficar de pé e fazer gol¹⁸⁰
Vou que vou, morou?
Liga os loucos do trago que Pablo ressuscitou
Sou franco atirador, meu homicídio é diferente
Eu sou o bem, mato o mal pela frente

Refrão- Escuta aqui, escuta aqui E-D-I
Inspirado na selva de Robin Hood
A fita foi tomada, se joga, tô envolvido
Pilantra aqui não cabe, é só guerreiro no abrigo

¹⁷⁹ Referência jocosa ao rap “Cachimbo da paz”, de Gabriel, o Pensador (in disco “Quebra Cabeça”, 1997). O trecho de Gabriel é: “Acende, puxa, prende, passa/ Índio quer cachimbo, índio quer fazer fumaça”.

¹⁸⁰ O “gol” é inserido do rap “Capítulo 4, Versículo 3”. *Sobrevivendo no Inferno*, 1997 (anexo 4).

Eu digo, escuta aqui, escuta aqui E-D-I
Inspirado na selva de Robin Hood
A cena foi tomada, se joga, tô envolvido
Pilantra aqui não cabe, é só guerreiro no meu abrigo

Rock- Voltei, tô firmão, então, daquele jeito
Eu não sou santo, eu tenho meus defeito
Meu homicídio é diferente
Eu sou o bem, já citei, mato o mal pela frente
Pois o mal te oferece entregar o céu numa bandeja
Depois te escracha na capa da revista Veja
Ou seja, anuncia o fim da guerra fria
Na política ou na Globo, em quem você confia?
Não sou o crime, e nem o creme
Mas o meu time não hesita a quem não treme
Pra mim, o rap é o caminho de uma vida
A vida é o jogo onde vencer é a única saída
Cheguei até aqui, não posso perder, vacilar
Vou prosseguir, aprendi, sei jogar
Trinta anos se passaram, não é nenhum brinquedo
Eu estou na fé, parceiro, prossigo sem medo
Armadilha tem um monte à minha espera
Final feliz só em novela
Nos deram a pobreza, a favela, a bola
Tráfico, tiro, morte, cadeia e um saco de cola
Droga, toca, rola, a bola está em jogo
Cinco a zero, os cartola ganharam de novo
Caviar e champanhe pra quem não conhece
Liga a tevê e assista ao programa Flash
Socialite, piscina, dólares, mansão
Isca forte, brilha olho de qualquer ladrão
Pra quem não tem mais nada a perder
Enquadra uma Cherokee na mira de uma PT

Refrão- Escuta aqui, escuta aqui E-D-I
Inspirado na selva de Robin Hood
A fita foi tomada, se joga, tô envolvido
Pilantra aqui não cabe, é só guerreiro no abrigo

Eu digo, escuta aqui, escuta aqui E-D-I
Inspirado na selva de Robin Hood
A cena foi tomada, se joga, tô envolvido
Pilantra aqui não cabe, é só guerreiro no meu abrigo

Scratch- Tô ligeiro

12 de outubro

participação Silveira (violão)

Brown- 12 de outubro de 2001, Dia das Crianças, várias festa espalhada na periferia. No Parque Santo Antônio hoje teve uma festa, foi bancada pela irmandade, uma organização, estão confeccionando roupa lá no Parque Santo Antônio lá, lutando, remando contra a maré. Mas está lá, está firme. Tinha umas trezentas pessoas na festa das crianças, comida, música. Tinha um grupo de rap de uma menininha de dez anos, cantando muito. Aí saímos de lá voado, fomos numa outra quermesse de rua também na Vila Santa Catarina, lá do outro lado da zona sul, quase no centro. Chegamos lá e a festa não tinha começado ainda. Aí no caminho nós passamos dentro duma favela assim e trombamos uns molequinho jogando bola e tal, começamos a provocar: “E aí, moleque, você é santista, tal?”. “Não, sou corintiano.”. Eu falei: “Ei, o Marcelinho vai arrebentar vocês.”. E os moleque veio naquela idéia de jogo e eu comecei a pesar na dos moleque: “E aí mano, e aí, tá estudando, e tal?”. Aí um moleque falou assim: “Ih, esse aqui hoje xingou a mãe dele.”. Aí eu falei assim: “Por que você xingou sua mãe?”. “Ah, porque...” não, nem foi isso. Ele falou assim, eu falei: “Vocês ganharam presente?” eu perguntei, não foi não, Neto? “Vocês ganharam presente?”, ele falou: “Eu ganhei foi tapa na cara hoje.” Falei: “por que você tomou tapa na cara?”. “Ah, minha mãe deu um tapa na minha cara. Foi isso que eu ganhei, não ganhei presente, não.”. Falou assim, bem convicto mesmo. Aí eu falei assim: “Por que você tomou tapa na cara?” “Porque eu xinguei ela.”, “Mas por que você xingou?”, “Lógico, todo mundo ganhou presente e eu não ganhei por quê?”. Aí eu fiquei pensando, né mano, como uma coisa gira outra. Isso gira um ódio: o moleque com dez ano tomar um tapa na cara no dia das criança. Eu fico pensando quantas mortes, quantas tragédias em família o governo já não causou com a incompetência, com a falta de humanidade, quantas pessoas não morreram, de frustração, de desgosto, longe do pai, longe da mãe, dentro de cadeia por culpa da incompetência desses aí. Entendeu? Que fala na televisão, fala bonito, come bem, forte, gordo, viaja bastante. Tenta chamar os gringo aqui pra dentro enquanto os próprios brasileiro estão aí, jogado no mundão, do jeito que o mundão vier. Sem nenhum plano traçado, sem trajetória nenhuma, vivendo a vida, só. E o moleque era o maior revolta, vai vendo, moleque revolta. E ele estava friozão, jogando bola lá, como se nada tivesse acontecido, ali marcou pra ele. Talvez ele tenha se transformado numa outra pessoa aquele dia. Vai vendo o barato, dia das criança.

Eu sou 157

Participação: Programação MPC: Zé Gonzáles; baixo: Jackson

Refrão- Hoje eu sou ladrão, artigo 157,
As cachorra me ama, os playboy se derrete
Hoje eu sou ladrão, artigo 157,
A polícia bola um plano, sou herói dos pivete

Brown- Uma par de bico cresce os zóio quando eu chego,
Zé povinho é foda, né não, nego?
Eu tô de mal com o mundo, terça-feira à tarde
Já fumei um ligeiro com os covarde
Eu só confio em mim, mais ninguém, cê me entende?
Falar gíria bem até papagaio aprende
Vagabundo assalta banco usando Gucci e Versace
Civil dá o bote usando caminhão da Light
Presente de Grego, né?, cavalo de Tróia
Nem tudo que brilha é relíquia nem jóia
Não lembra aquela fita lá: “oh, fala aí, Jão”
O bico veio aí, mó cara de ladrão

Bico- Como é que é, rapa, calor do caráio
Licença aí, deixa eu fumar, passa a bola, Romário

Brown- Hum, meio confiado, né? É, eu percebi,
Pensei, olha só, que era truta seu

Rock- Ó o milho

Brown- E diz que tinha um canal, e vende isso e aquilo,
Quem é? Quem tem m. pra vender? Quero um quilo

Bico- Um quilo de quê, joe, cê conhece quem?
Sei lá, sei não, hein, eu sou novo também

Brown- Irmão, quando ele falou um quilo,
É o deixo, é o milho, a micha caiu
Mas onde é que já se viu, cê tá de pioiagem
Não vai daqui a ali, mó chavão, nesse trajes
De óculos escuros, bermuda e chinelo,
O negão era polícia, irmão, mó castelo

Refrão- Hoje eu sou ladrão, artigo 157,
As cachorra me ama, os playboy se derrete
Hoje eu sou ladrão, artigo 157,
A polícia bola um plano, sou herói dos pivete

Brown- Nego, São Paulo é selva e eu conheço a fauna
Muita calma, ladrão, muita calma
Eu vejo os ganso descer, e as cachorra subir
Os dois peidar pra ver quem guia o GTI

Blue- Mas também, né, Jão, sem fingir, sem dar pano
É Boca de Favela, vamos e convenhamos
Tiazinha trabalha 30 ano e anda a pé,
Às vez cagüeta de revolta, né?

Brown- Quê? Né nada disso não, cê tá nessa?
Revolta com o governo, não comigo, ó as conversa!
Traidor, Cobra-Cega, pensou se a moda pega?
Nego, eles te entrega pro Denarc, aí sujou
De bolinho, complô, pode até ser que tem, sei lá,
Qualquer lugar, vários tem celular
Não dá pra acreditar que aconteça
Na hora do choque, que um de nós troque uma cabeça
Por incrível que pareça, pode ser, ó meu,
Do dia de amanhã quem sabe é Deus
Eu não sei, não vi, não sou, morro cadeado
Firmão, deixa eu ir, quem não é visto não é lembrado

Refrão- Hoje eu sou ladrão, artigo 157,
As cachorra me ama, os playboy se derrete
Hoje eu sou ladrão, artigo 157,
A polícia bola um plano, sou herói dos pivete

Brown- Família em primeiro lugar é o que há
Juro pra senhora, mãe, que eu vou parar
Meu amor é só seu, brilhante num cofre
Enquanto eu viver, a senhora nunca mais sofre
Tá daquele jeito, se é, é agora
É calça de veludo ou é bunda de fora
Me perdoe, me perdoe, mãe, se eu não tenho mais
O olhar que um dia foi te agradar com cartaz
Escrito assim: 12 de maio em marrom
Um coração azul e branco em papel crepom
Seu mundo era bom, pena que hoje em dia
Só encontro no seu álbum de fotografia
Juro que vou te provar que não foi em vão
Mas cumprir ordem de bacana não dá mais não

Blue- Xi, Jão, falando sozinho,
Essa era da boa, hein, põe dessa pra mim
O barato tá doido e os mano te ligou ali
Mas tem que ser já, sem pensar, cê quer ir?
A ponta é daqui a pouco, oito hora, oito e pouco
Tá tudo no papel, dá pra arrumar uns troco
O time tava montado, mas tem um que não pode
Os mano é do outro lado, mas é pela ordem
Vamos, tá mó mamão, só catar, demorou

Olha só: te pus na fita porque cê é merecedor
Não vou te pôr em fita podre, aliado,
A cena é essa ó, fica ligado:

Brown- Um mão branca fica só de migué
No bar em frente, o dia inteiro, tomando café
É nosso. O outro é japonês, o Kazu
Que fica ali vendendo um dog e talão zona azul

Blue- Você compra o dog dele e fica ali no bolinho
Ele tem só um canela seca no carrinho

Brown- Você liga a loira, né, então, vai estar lá dentro,
De onda com os guardinha, pam, é nessa aí que eu entro

Blue- É dois tem mais um, foi quem deu, tá ligeiro
Na hora ele vai estar de h no banheiro

Brown- Tem uma XT na porta e uma Saara
Pega a contra-mão, vira à esquerda e não pára
Cara, é direto e reto, na mesma, até a praça
Que tá tudo em obra e os carro não passa

Blue- Do outro lado tá a Rose, de Golf na espera,
Dá as arma e os malote pra ela e já era

Brown- Depois só praia e maconha,
Comer todas burguesa em Fernão de Noronha

Brown- Nossa mano, vou colar aqueles gadinho lá, que mora no condomínio, vixi!

Blue- Hi aquelas mina lá...

Brown- Só gata, fio.

Blue- Elas até gosta de fumar um baseado.

Brown- Vou levar elas tudo...

Brown- O dia D chegou
Se esse é o lugar, então aqui estou
Quanto mais frio, mais em prol
Pra um amante do dinheiro, pontual como o Sol
Igual eu, de roupão e capacete
No frio já é quente, ainda usando colete
Já era, tô aqui, e aonde cê tá, Jão?
Não tô vendo ninguém e o japonês tá aqui não
(som de voz em rádio)

Neguinho- O carrinho não tá aí, né, daqui eu ganhei
O outro mão nem comeu também desde que eu cheguei

Brown- Mas por que logo hoje? Por que que mudaram?

É difícil, erraram, os que deu a fita erraram
Sei não, tá esquisito, Jão, tá sinistro
Não é melhor nós se jogar?, vê direito
Qualquer coisa a loira vai ligar, não tem pressa
Você é que nem meu irmão, caralho, porra, não dá essa

Neguinho- Só tem o zé povinho e os motoboy

Tá gelado, vamos entrar, vagabundo, é nós

Brown- Nossa Senhora, o Neguinho passou a mil

Eu falei, nem ouviu, nem olhou, nem me viu

Minha cara é esperar, eu não tiro os olho

Lá dentro eu não sei, meu estômago dói

Lá vem o truta, "Vamos!", é agora

Blue- Tudo errado, vamos embora, caiu a fita, sujou,

Brown- Cadê o neguinho? Demorou, caralho, bem que eu falei

Blue- Todos funça mudou, só tinha dois, mas tem três

Brown- O neguinho vinha vindo, do que vinha rindo?

O pesadelo do sistema é não ter medo da morte

Dobrou o joelho e caiu como um homem

Na giratória, abraçado com o malote

Homem 2- Eu falei, pô, eu não te falei, não ia dar?

Pra mãe dele, quem que vai falar quando nós chegar?

Um filho pra criar, imagina a notícia!

Brown- Lamentável, vamos aí, vai chover de policia

(Pausa, mulher chorando em desespero, música lenta)

A vida é sofrida, mas não vou chorar,

Viver de quê?, eu vou me humilhar?

É tudo uma questão de conhecer o lugar,

Quanto tem, quanto vem e minha parte o quanto dá

Porque

Refrão- Hoje eu sou ladrão, artigo 157,

As cachorra me ama, os playboy se derrete

Hoje eu sou ladrão, artigo 157,

A policia bola um plano, sou herói dos pivete

Brown- Aí, loko, muita fé naquele que está lá em cima, que ele olha pra todos e todos têm o mesmo valor. Vem fácil, vai fácil; essa é a lei da natureza. Não pode se desesperar. E aí, molecadinha, tô de olho em vocês, hein?! Não vai pra grupo não, a cena é triste. Vamos estudar, respeitar o pai e a mãe e viver. Viver: essa é a cena.

Muito amor.

A vida é desafio

participação de Afro X e Daniel Quirino

(Som de cela de cadeia se fechando)

Afro X- Sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo. Quando pivete, meu sonho era ser jogador de futebol, vai vendo. Mas o sistema limita nossa vida de tal forma, que tive que fazer minha escolha: sonhar ou sobreviver. Os anos se passaram e eu fui me esquivando do ciclo vicioso. Porém o capitalismo me obrigou a ser bem sucedido. Acredito que o sonho de todo pobre é ser rico. Em busca do meu sonho de consumo, procurei dar uma solução rápida e fácil dos meus problemas: o crime. Mas é um dinheiro amaldiçoado, quanto mais eu ganhava, mais eu gastava. Logo fui cobrado pela lei da natureza: vixi, catorze anos de reclusão. O barato é louco.

Rock- É necessário sempre acreditar que um sonho é possível

Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível
Que o tempo ruim vai passar, é só uma fase
Que o sofrimento alimenta mais a sua coragem
Que a sua família precisa de você
Lado a lado se ganhar, pra te apoiar se perder
Falo do amor entre homem, filho e mulher
A única verdade universal que mantém a fé
Olho as criança, que é o futuro e esperança
Que ainda não conhece, não sente, o que é ódio e ganância
Eu vejo o rico que teme perder a fortuna
Enquanto o mano desempregado viciado se afunda
Falo do enfermo, falo do são
Falo da rua aqui pra esse louco mundão
Que o caminho da cura pode ser a doença
Que o caminho do perdão às vezes é a sentença
Desavença, treta e falsa união
A ambição é como um véu que cega os irmão
Que nem um carro guiado na estrada da vida
Sem farol, no deserto das trevas perdida
Eu fui orgia, ébrio, louco, mas hoje ando sóbrio
Guardo o revólver enquanto você me fala em ódio
Eu vejo o corpo, a mente, a alma, o espírito
Ouço repente, o que diz lá no canto lírico
Falo do cérebro e do coração
Vejo egoísmo, preconceito, de irmão para irmão
A vida não é problema, é batalha, desafio
Cada obstáculo é uma lição, eu anuncio

Refrão- É isso aí, você não pode parar

Esperar o tempo ruim vir te abraçar.

Acreditar que sonhar sempre é preciso
É o que mantém os irmãos vivos

Rock- Várias famílias, vários barracos
Uma mina grávida e o mano tá lá trancafiado
Ele sonha na direta com a liberdade
Ele sonha em um dia voltar pra rua longe da maldade
Na cidade grande é assim
Você espera tempo bom e o que vem é só tempo ruim
No esporte, no boxe ou no futebol
Alguém sonhando com a medalha, o seu lugar ao Sol
Porém, fazer o quê se o maluco não estudou?
Quinhentos anos de Brasil e o Brasil aqui nada mudou

Afro X- Desesperou, aí, cena do louco,
Invadiu um mercado farinhado, armado e mais um pouco

Rock- Isso é reflexo da nossa atualidade
Esse é o espelho derradeiro da realidade
Não é areia, conversa, xaveco
Porque o sonho de vários na quebrada é abrir um boteco
Ser empresário não dá, estudar nem pensar
Tem que tramar ou ripar pros irmãos sustentar
Ser criminoso aqui é bem mais prático
Rápido, sádico ou simplesmente esquema tático
Será instinto ou consciência:
Viver entre o sonho e a merda da sobrevivência

Afro X- O aprendizado foi duro, e, mesmo diante desse revés, não parei de sonhar, fui persistente, porque o fraco não alcança a meta. Através do rap, corri atrás do prejuízo e pude realizar meu sonho. Por isso que eu, Afro X, nunca deixo de sonhar.
(som de cello se fechando)

Rock- Conheci o paraíso e eu conheço o inferno
Vi Jesus de calça bege e o diabo vestido de terno
No mundo moderno, as pessoas não se falam
Ao contrário, se calam, se pisam, se traem, se matam, embaralham
As cartas da inveja e da traição
Copa, ouro e uma espada na mão
O que é bom é pra si e o que sobra é do outro
Que nem o Sol que aquece, mas também apodrece o esgoto
É muito louco olhar as pessoas
A atitude do mal influencia a minoria boa
Morrer à toa, que mais?, matar à toa, que mais?
Ir preso à toa, sonhando com uma fita boa
A vida voa e o futuro pega
O que se firmou, falou, quem não ganhou o jogo entrega

Mais uma queda em quinze milhões
Na mais rica metrópole em suas várias contradições
É incontável, inaceitável, implacável
Inevitável ver o lado miserável
Se sujeitando com migalhas, favores
Se esquivando entre noite de medo e horrores
Qual é a fita, a treta, a cena?
A gente reza, foge e continua sempre os mesmos problema
Mulher e dinheiro tá sempre envolvido
Vaidade e ambição: munição pra criar inimigo
Desde o povo antigo foi sempre assim:
Quem não se lembra que Abel foi morto por Caim?
Enfim, quero vencer sem pilantrar com ninguém
Quero dinheiro sem pisar na cabeça de alguém
O certo é certo na guerra ou na paz
Se for um sonho, não me acorde nunca mais
Roleta russa quanto custa engatilhar?
Eu pago o dobro pra você em mim acreditar

Refrão- É isso aí, você não pode parar
Esperar o tempo ruim vir te abraçar.
Acreditar que sonhar sempre é preciso
É o que mantém os irmãos vivos

Rock- É o seguinte, aí, geralmente, quando os problema aparece, a gente está desprevenido, não é não? Errado. É você que perdeu o controle da situação, sangue bom, perdeu a capacidade de controlar os desafio. Principalmente quando a gente foge das lição que a vida coloca na nossa frente assim, está ligado. Você se acha, você se acha sempre incapaz de resolver, se acovarda, morou? O pensamento é força criadora, irmão. O amanhã é ilusório, porque ainda não existe. O hoje é real, é a realidade que você pode interferir. As oportunidade de mudança está no presente. Não espere o futuro mudar sua vida, porque o futuro será consequência do presente: parasita hoje, um coitado amanhã; corrida hoje, vitória amanhã. Nunca esqueça disso, irmão.

1 por amor 2 por dinheiro

participação de Ganja Man (moog), Silveira (teclados), Nelsão “DJ Nel”, Vanessa Jackson (coro)

participação do grupo de rap Rosana Bronx¹⁸¹

(som de caixa registradora)

Vanessa- Na zona sul...

Brown- Essa é dedicada pra todos os MC do Brasil que veio do sofrimento, rimando e exercendo a profissão perigo. É tudo nosso, tudo nosso, tudo nosso.

Quem é você que fala o que quer

E se esconde igual mulher por trás da caneta

Homem 1- Vai

Brown- Zé Buceta

Homem 1- Sai

Brown- da Sombra

Homem 1- Cai

Brown- Então toma

Blue- Seu mundo é o chão

Homem 1- Quem tem cu tem medo e treme

Mostra a cara, Mister M

Brown- E vem pra ver como é bom

Blue- Poder chegar lá

Brown- Alta cúpula, e entrar sem pagar, simpatia

Brown- Promessas vazia, caô, caô

Nem vem, nem vem, sofedor, aqui tem censor

Homem 1- Não tem rei, não tem réu, pai do mel, bam-bam-bam

Blue- Quem age certo é que fala, é que pam

Brown- Andarilho ou idoso ou bom criminoso:

Blue- Igual: depois da pólvora, não tem cabuloso

Brown- Eu nunca quis, nem vou, agradar todo mundo

E rir pra tudo quanto é que se diz vagabundo

Homem 1- O rei dos reis foi traído na Terra

Morrer como um homem é o prêmio da guerra

Blue- Sem menção honrosa e sem massagem

Brown- A vida é louca, nego, né, louco, de passagem

Todos- Zum-zum-zum-zum-zum

Brown- Meu cérebro balançou, século vinte e um

¹⁸¹ Por não identificar as vozes de cada rapper do Rosana Bronx, não consegui designar corretamente cada fala. A participação desse grupo nesse rap não está indicada no encarte do CD, foi deduzida por mim a partir da letra, das vozes e da execução desse rap em um show dos Racionais a que assisti, que teve a participação do Rosana Bronx.

Blue- Revolução

Brown- Não é pra qualquer um

Só quem é camicase leal, o guerreiro de fé

Blue- Se o rap é o jogo, eu sou o jogador nato

Homem 1- Errou. Rap é uma guerra

Brown- E eu sou gladiador

Blue- Pra jogar, pra lutar, pra matar, pra morrer sorrindo

Homem 1- Esmagando os verme, quebrando e falindo os cassino

Brown- Eu vou sair pra descolar um qualquer

Meu pivete já conta pra amanhã no café

Se o crime é uma doença, eu conheço a infecção

Nem por isso eu sou pó no pano de ninguém, Jão

Brown- Um por amor,

Blue- Dois por dinheiro,

Homem 1- Três pela África,

Brown- Quatro pros parceiro

Blue- Que estão na guerra sem medo de errar

Homem 1- Quem quiser falar, só Deus pode julgar

Brown- Dez cadeiras numa mesa de mármore

Dez nego em volta falando assim:

Homem 2- Mil pra você

Homem1- Mil pra mim

Homem 2- Mil pra você

Homem 1- Mill pra mim

Homem 2- Mil pra você

Homem 1- Mil pra mim

Homem 2- Mil pra você

Homem 1- Mill pra mim

Brown- Doidão, tá firmão? Tá feliz?

No sapatinho?

Blue e Homem 1- Aí sim.

Brown- Não vai deixar o seu pivete ao léu

Na mão de um cara pálida de topete e gel

Sensacional

DJ Nel- Hei, hei, nego, aqui quem fala é o vaxx do momento, DJ Nel, via satélite mantendo o clima quente até nas quartas-feiras cinzas da vida. Ei, quebrada, eu vejo seus olhos tristes tentando ver a luz. Esse som é funk e a frase do dia é: as palavras nunca voltam vazias.

Coro: Um por amor, dois pelo dinheiro

Vida loka, Capão de fé, sou guerreiro

Homem 3- E esses mano aí de bombeta branca e vinho?

Agitando a festa e chega no bolinho

Homem 4- Respeita, doidão, aí, não fala assim

Bolinho pra você é família pra mim
 Veja bem, escute a natu
 O espírito soul, o louco da zona sul
 Eu vivo a reali, vou superar
 A missão do sofredor é se adiantar
Homem 2- É quente, é quente, quente
 Vale das virtudes é nós no pente
 Já era, boyzão, você sabe como é
 O bagulho está doido, você tem um qualquer?
 Mãe e irmã, irmã e sobrinho
 Se o dinheiro constar, eu não gasto sozinho
 Ei, camarada, a cara é correr
 A quebrada é sofrida, eu também, fazer o quê?
 Dinheiro no bolso e Deus no coração
 Família unida, champanhe pros irmão
Homem 3- Amor pela mãe ocupa os meus termos
 Um coração puro contra um mundo enfermo
 Não há nada na vida que o amor não supere
 O mundão desandou, ei, você, não se entregue
 Olhe a seu redor a expansão do terror
 Apocalipse já, que o profeta pregou
 O ser trai por amor ao lucro
 Dinheiro agora sem dor nem escrúpulo
 Ei, ouve o que a rima fala
 Entre a compra e a venda, o pecado se instala
Homem 4- Certo, tio, é, o negrinho tá nascendo
 A vida loka família, Jardim Rosana é a arena
 Fi, Dudu e Pedro vem o robocop
 De Golf é facinho subir no INOCOOP
 Zé povinho, resista, tem coxinha na bota
 Pode me acionar que tem TSJ
 Rosana Bronx, lealdade primeiro
 Um por amor, dois por dinheiro
Homem 2- De um lado as de cem, do outro as de cinquenta
 Fusão leste e sul, que tal? Representa
 Em plena Mateu Gade, novecentas era
 Sentido zona sul, a rapa me espera
Homem 1- Aqui ninguém quer fama e diz-que-diz
 Quatro mil dólar já me faz feliz
 Dinheiro City, capital da Gozolândia
 Malandro bom não humilha nem desanda
 Liga o outro mano, um da 1100
Homem 3- Pagando, no Capão o que mais tem
 De Audi ou Citroën, já disse o Brown
 Um rolê pela fundão é fundamental

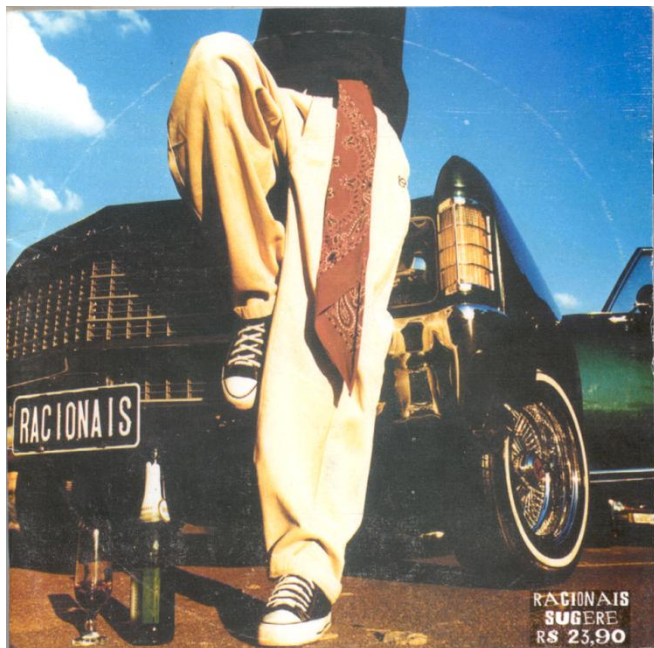
Quem é quem, diz-que-diz
Bochicho não me faz feliz
Vida alheia, ora bola
Minha cota eu quero em dólar
Homem 1- Na periferia tem uma pá com disposição
Atrás do cifrão só vai quem tem o dom
Jogue a moeda pra ver no que vai dar
Coroa é negativo, a cara é comigo
Com ele lá em cima eu não estou sozinho
Deus está trilhando, pode crer, o meu caminho
Vou que vou, vou pra decidir
Estou de pé, não vou cair
Mas que nada, eu vou fazer minha caminhada
Encontrar com os irmão na quebrada
Satisfeito, sou sujeito
Com respeito, bato no peito
171 furado aqui não compra ninguém
Corromper a minha mente, aí, nem vem
Sai fora, nem cola
Ih, demora

Vanessa- Um por amor, dois por dinheiro
Na selva é assim
E você vale o que tem, vale o que tem
Na mão

Vanessa e Brown- Vida loka é só quem é
Bom guerreiro de fé
Muito amor pros parceiros
Liberdade e dinheiro
Quem é quem, diz que diz
Bochicho não me faz feliz
Vida alheia, ora bola
Minha cota eu quero em dólar

Você vale o que tem

Anexo 5b: Nada como um dia após o outro dia – Ri depois, 2002



1. De volta a cena
2. Otus 500
3. Crime vai e vem
4. Jesus chorou
5. Fone
6. Estilo cachorro
7. V.L. (parte II)
8. Expresso da meia-noite
9. Trutas e quebradas
10. Da ponte pra cá

De volta a cena

Homem- É, tru, os Racionais tá aí de novo, morou? E os cara há miliano na parada. Pode crer, os cara representa a favela do começo ao fim. Mas aí, é muita treta, hein, é idéia de mil grau no bagulho.

Rock- Racionais, urbana cena

Realidade é a palavra, atitude é o meu lema

Esquema feito: a justiça está com nós

Lei da periferia, irmão, ouça a minha voz

Meu rap é a linha de frente dessa guerrilha

Faça o que puder, vier, siga a minha estreita trilha

KL Jay- Na picadilha, matilha, está à solta

Rock- Idéia de mil grau e o veneno escorrendo da boca

Brown- Nego, a vida é loka

Rock- Cruel e sangrenta

Só, muito pior, sem dó, marginal e violenta

O sangue esquenta, ei Éder, quero ver

Éder- Ei, Dinho, liga o Marquinhos pra fazer o chão tremer

Rock- Pode crer. Não sou aquele que via satélite te seduz

KL Jay- Porque...

Rock- Bala de PT não faz sinal da cruz

Nem muito menos estou aqui pra fazer média

Não sou aquele que pega carona na tragédia

Vejo de perto a viúva da dor

Pisando em caco de vidro, filha do rancor

Convivendo com o divino e o diabólico

Entre os crentes, espíritas, o crime e os católicos

Tristes e eufóricos, tranqüilos e melancólicos

O engatilhado sofrimento é metabólico

Soldado da paz, mas treinado pra guerra

Meu arsenal é seu calvário nas ruas da serra

Otus 500

Sample- Quinhentos anos

Tudo igual

Na América

Justiça!

O ódio

Jesus está por vir, mas o diabo já está aqui¹⁸²

Rock- Quinhentos anos, o Brasil é uma vergonha

Polícia fuma pedra, moleque fuma maconha

Dona Cegonha entrega mais uma princesa

Mais uma boca, com certeza, que vem à mesa

Onde cabe um, dois, cabe três

A dificuldade entra em cena outra vez

Enquanto isso, playboy folgado anda assustado

Deve estar pagando algum erro do passado

Assalto, seqüestro, é só o começo

A senzala avisou, mauricinho hoje paga o preço

Sem adereço, desconto ou perdão

Quem tem vida decente não precisa usar oitão

(Pausa, som de assalto:

Boy- Pelo amor de Deus, pelo amor de Deus...)

Rock- É, doutor, seu titanic afundou

Quem ontem era caça hoje, pá, é o predador

Que cansou de ser o ingênuo, humilde e pacato

Empapuçou, virou bandido e não deixa barato

Se atacou e foi pra rua buscar

Confere se não está abrindo o seu frigobar

Na sala de estar, assistindo um DVD

Com a sua esposa de refém, esperando você

Quer sair do compensado e ir pra uma mansão

Com piscina, digna de um patrão

Com vários cão de guarda rotweiller

E dama socialite de favela estilo Cáli

Quer jantar com cristal e talheres de prata

Comprar vinte pares de sapato e gravata

Possuir igual você tem o Fokker 100

Ter também na garagem dois Mercedes Benz

Voar de helicóptero à beira-mar

¹⁸² Verso do rapper carioca Escadinha.

Armani e Hugo Boss no guarda-roupa, pra variar
Presentear a mulher com brilhantes
Dar gargantilha 18 pra amante
Como agravante, a ostentação
O que ele sonha até então está na sua mão
De desempregado a homem de negócio
Pulou o muro e já era, agora é o novo sócio

Crime vai e vem

Homem 1- O, mano, você viu o tanto de polícia que tem na área aí, mano?

Homem 2- É, então, tá embaçado o morro, certo, mano. Então, e final de ano, ir pra cadeia não vira. Olha quem tá chegando aí, mano!

Homem 3- E aí, Cláudio, firmeza?

Cláudio- E aí, firmeza, família, como é que tá o morro?

Homem 2- Então o morro tá daquele jeito, certo, mano, então tem que ficar ligeiro porque tá cheio de polícia, cheio de ganso...

Cláudio- Então, aí, tô descabelado, mano, vim pra me levantar de novo

Homem 1- Então, vamos correr vento, mano...

Rock- Tá vendo aquele truta parado ali bolando idéia com os mano na esquina?

É envolvido com crack, maconha e cocaína

Tirou cadeia, cumpriu a sua cota

Pagou o que devia, mas agora ele tá de volta

Saudades da quebrada, família

Coração amargurado pelo tempo perdido na ilha

Se levantar agora é só, nada mais importa

Louco é mato, tá cheio, no morro não falta

Esses anos aguardou, paciente

O limite é uma fronteira criada só pela mente

Conta com o que ficou e não o que perdeu

Quem vive do passado é memória, museu

Dinheiro, segredo: palavra chave

Manipula o mundo e articula a verdade

Compra o silêncio, monta a milícia

Paga o sossego, compra a política

Aos olhos da sociedade é mais um bandido

E a bandidagem paga o preço pela vida

Vida entre o ódio, traição e o respeito

Entre a bala na agulha e uma faca cravada no peito

Daquele jeito, ninguém ali brinca com fogo

Perdedor não entra nesse jogo

É como num tabuleiro de xadrez

Xeque-mate, vida ou morte, um, dois, três

Vê direito, pára e pensa, nada a perder

O réu acusado já foi programado pra morrer

Quem se habilita a debater?

Quem cai na rede é peixe, não tem pra onde correr

Refrão- O crime vai, o crime vem

A quebrada tá normal e eu tô também

O movimento dá dinheiro, sem problema

E o consumo tá em alta como manda o sistema

O crime vai, o crime vem
A quebrada tá normal e eu tô também
Onde há fogo, há fumaça
Onde chega a droga é inevitável: embaça

(como fundo do refrão, uma conversa entre traficantes)

Blue- Eu tô aqui com a nove na mão
Cercado de droga e muita disposição, ladrão
Fui rotulado pela sua sociedade
Um passo a mais pra ficar na criminalidade
O meu cotidiano é um teste de sobrevivência
Já tô na vida, então, paciência
Pra cadeia não quero, não volto nunca mais
Aí, truta, se for pra ser, eu quero é mais
Aqui maior covil, ninho de serpente
Tem que ser louco pra vir bater de frente
Minha coroa não pode passar veneno
Já é velha e meu moleque ainda é pequeno
Um irmão morreu, outro se casou
Saiu dessa porra, firmeza, se jogou
Só eu fiquei fazendo um tempo por aqui
Tentei evitar, mas não consegui
Aí, se meu futuro estiver traçado
Eu vou até o fim só pra ver o resultado
Quero dinheiro e uma vida melhor
Antes que meu castelo se transforme em pó

Rock- Só. O vício da morte está à venda
Em cada rua uma alma, em cada alma uma encomenda
O consumo pra alguns é uma ameaça
Vários desanda, vacila e vira caça

Blue- Tem mano que dá várias narigada aqui
Cheira até umas hora

Rock- Deixa cair
É intensidade o tempo inteiro
Cartel latino: São Paulo ao Rio de Janeiro
Dá mó dinheiro, dólares, rato de sócio
Nesse ramo são que nem abutre nos negócio
A noite chega, a febre aumenta
Pode ser da paz ou curviana violenta

Homem 2- Então, vamos terminar de bolar o bagulho pra nós fazer o rolê, meu.

Homem 3- Firmeza, firmeza, mano.

Policial- Vai, vai, vai, todo mundo, mão pra cabeça, mão pra cabeça, cadê o bagulho? Tá caguetado, quem que é o Cláudio aí, quem que é o Cláudio aí no bagulho?

Tráfico não tranca mais segredo
São três horas da manhã e pra alguns maluco ainda é cedo
Na esquina, na entrada da favela
Uma mula de campana, fumando na viela

Homem 4- E aí, cadê o Cláudio?

Blue- Aí, o Cláudio tá pedido
Foragido da quebrada, e deixou tudo comigo
Os ganso tá na febre, mas flagrante é dinheiro
Eu tô ligeiro a todo instante, parceiro

Rock- Mês de agosto atravessa o inverno
Os anjos do céu guia meus passo andando no inferno
Será eterno ou a estrada do fim?
Aí que tá: é vulnerável, provável pra mim
Que seja assim, um ganha e outro perde
Enquanto um louco cheira, o demônio se diverte

Homem3- (som de pessoa cheirando cocaína) Nossa, o bagulho é do doido mesmo. (segue, ao fundo do refrão, conversa sobre Cláudio e sua fuga da polícia)

Rock- Assim que é, assim que tá

Refrão- O crime vai, o crime vem
A quebrada tá normal e eu tô também
O movimento dá dinheiro, sem problema
E o consumo tá em alta como manda o sistema
O crime vai, o crime vem
A quebrada tá normal e eu tô também
Onde há fogo, há fumaça
Onde chega a droga é inevitável: embaça

Rock- O pobre, o preto, no gueto, é sempre assim
O tempo não pára, a guerra não tem fim
O crime e a favela é lado a lado
É que nem dois aliado: o isqueiro e o cigarro
Na viela, no beco, na rua sem saída
Na esquina da quebrada continua assim: na mesma vida
Rotina aqui é assim: vai, prossegue
Vitorioso é aquele que, se pá, consegue
Sobreviver, e não deitar crivado de bala
Igual na rua D, ensanguentado no meio da vala
Muita cautela ainda é pouco
Mano armado, traíra, andando que nem louco
Mano passando uns barato roubado
Jogo arriscado, mas quem tá preocupado?
Sujeito ou cuzão, herói ou vilão?

Cada ponto, quarenta na mente, diferente reação
Cada estrada uma lição da própria vida
Cada caminho um atalho, uma tentativa
A qualidade aqui são das piores
Vários malucos dando sangue por dias melhores
Foi dado um golpe de estado cavernoso
A máquina do desemprego fabrica criminoso
De bombeta, tatuado, sem camisa
De bermudão, no pião, na mesma brisa
Formação de quadrilha conduz o crime
Fora da lei, eu sei, eu vejo o filme
Las Vegas, o patrão gira a roleta
Controla tudo na ponta da caneta
Sentindo na garganta o amargo do ferro
Com o crime organizado na torre de Babel
Inteligente é o que vai pra cama mais cedo
Com uma quadrada na cintura, não é mais segredo
Não tenha medo, então por que você veio aqui?
É guerra fria e você tá bem no meio, e aí?
Fogo cruzado lado norte
Só vagabundo, bandidagem e a morte

Boa sorte

Policial- Todas as pessoas que estão sendo, aí, revistas são pessoas que estariam em locais aonde existe o comércio de drogas. É área em que a cada dois ou três quarteirão tem um tráfico de drogas e é um absurdo, porque é um lugar onde mora pessoas de bem e nós estamos acabando com essas bocas de droga.

Repórter- Agora, o que a gente pode perceber é que a maior parte dessas pessoas são bastante jovens.

Policial- E informações que nós temos que a maior parte deles estão envolvidos com tráfico de drogas.

Repórter- Ele está sem documento e está sendo conduzido pra delegacia.

Policial- Para averiguação. São pessoas já velhos conhecidos nossos, nós estamos aqui na área fazendo um levantamento total de todas as pessoas às quais pode ser atribuído o tráfico de drogas ou pequenos delitos.

Repórter- Tem um rapaz que está sendo averiguado, os policiais já acabaram encontrando com ele, quer dizer, um flagrante acaba de acontecer, maconha.

Policial- Maconha. O cheiro já tinha percebido, maconha, já tinha encontrado um papel que é pra fazer um cigarro, ele está sendo preso, está sendo dado voz de prisão.

Repórter- Os policiais acabaram percebendo alguma movimentação. O que que houve aqui? O que que houve?

Policial- O ladrão saiu correndo por aqui, deve ser fugitivo lá do, de algum DP e saiu correndo por aqui. Porque aqui há vários fugitivos aqui, inclusive fugitivos da Detenção e olha como é ingrime aqui, pra você sair daqui até chegar na rua de baixo lá dá mais de dez

minutos e eles são ágeis, saem aqui pelo mato, mas já tem uma viatura cercando lá por baixo.

(como fundo da conversa entre policial e repórter, o refrão abaixo)

Refrão- O crime vai, o crime vem

O crime vai, o crime vem
A quebrada tá normal e eu tô também
Se o movimento vai em cana, sem problema
Liga outro no lugar

O crime vai, o crime vem
A quebrada tá normal e eu tô também
O movimento dá dinheiro, sem problema
E o consumo tá em alta

O crime vai, o crime vem
A quebrada tá normal e eu tô também
Sem documento morre cedo, é sem problema
Outro nasce e cresce

O crime vai, o crime vem
A quebrada tá normal e eu tô também

Jesus chorou

participação: coro: Marcão, baixo: Ganja Man

Brown- O que é e o que é? Clara e salgada
Cabe em um olho e pesa uma tonelada
Tem sabor de mar, pode ser discreta
Inquilina da dor, morada predileta
Na calada ela vem, refém da vingança
Irmã do desespero, rival da esperança
Pode ser causada por vermes e mundanas
E o espinho da flor cruel que você ama
Amante do drama vem pra minha cama por querer
Sem me perguntar, me fez sofrer
E eu que me julguei forte e eu que me senti
Serei um fraco quando outras delas vir?
Se o barato é louco e o processo é lento
No momento, deixa eu caminhar contra o vento
Que adianta eu ser durão e o coração ser vulnerável?
O vento não: ele é suave, mas é frio e implacável
É quente! Borrou a letra triste do poeta
Só! Correu no rosto pardo do profeta
Verme, sai da reta, a lágrima de um homem vai cair
Esse é o seu B.O. pra eternidade
Diz que homem não chora. Tá bom, falou!
Não vai pra grupo, irmão, aí: Jesus chorou.

Brown- Porra vagabundo, ó, vou te falar
Tô chapando, êta mundo bom de acabar
O que fazer quando a fortaleza tremeu
E quase tudo ao seu redor melhor se corrompeu?

Homem- Êpa, pera lá, muita calma, ladrão
Cadê o espírito imortal do Capão?

Lave o rosto nas águas sagradas da pia
Nada como um dia após o outro dia
Seu Deus, seu lado direito

Tá abalado porque vem, nego, é desse jeito

Brown- Durmo mal, sonho quase a noite inteira
Acordo tenso, tonto e com olheira
Na mente, sensação de mágoa e rancor
Uma fita me abalou na noite anterior
(som de telefone)

Brown- Alô

Homem- Aí, dorme, hein, doidão
Mil fita acontecendo e cê aí

Brown- Que horas são?

Homem- Meio dia e vinte, a fita é o seguinte
Não é isqueirando não, fita de um mil grau
Ontem eu tava ali de CB no pião
Com um truta firmeção, cê tem que conhecer
Se você ligar ele vai saber de repente
Ele fazia até um rap num passado recente

Brown- Ahã.

Homem- Vai vendo a fita, cê não acredita
Quando tem que ser é, jão, presta atenção
Vai vendo, parei pra fumar um de remédio
Com os moleque lá, que pá, trafica nos prédio
Um que chegou depois pediu pra dar uns dois
Logo um patrício, novão e os caralho
Fumaça vai, fumaça vem, hein, chapou o coco
Se abriu que nem uma flor, ficou louco
Tava eu mais dois truta e uma mina
Num Tempra prata show, filmado, ouvindo o Guina
O bico se atacou, falou uma pá ducê

Brown- Tipo o quê?

Homem- “Esse Brown aí é cheio de querer ser”

Brown- Oh!

Homem- “Deixe ele moscar, vir cantar na quebrada
Vamos ver se é isso tudo quando ver as quadrada
Periferia nada, só pensa nele mesmo
Montado no dinheiro e cês aí no veneno
Ë a cara dele, truta, cada um e seu corre
Tudo pelas verde, uns mata e outros morre
Eu mesmo se eu catar a boa numa hora dessa
Vou me destacar pro outro lado depressa
Vou comprar uma house de boy, depois alugo
Vão me chamar de senhor, não burrofugo
Mas pra ele só a Zona Sul que é a pá
Diz que ele tira nós, nossa cara é cobrar
O que ele quiser, nós quer, vem que tem
Porque eu não pago pau pra ninguém”
Eu só registrei, né, não era de lá
Os mano tudo só ouviu, ninguém falou um “a”

Brown- Quem tem boca fala o que quer pra ter nome
Pra ganhar a atenção das mulher e outros homem
Amo minha raça, luto pela cor
O que quer que eu faça é por nós, por amor
Não entende o que eu sou, não entende o que eu faço
Não entende a dor e as lágrima do palhaço
Mundo em decomposição, por um triz

Transforma um irmão meu num verme infeliz
E a minha mãe diz: “Paulo, acorda
Pensa no futuro, que isso é ilusão
Os próprio preto não tá nem aí com isso não
Olha o tanto que eu sofri, o que eu sou, o que eu fui
A inveja mata um, tem muita gente ruim”
O, mãe, não fala assim que eu nem durmo
Meu amor pela senhora já não cabe em Saturno
Dinheiro é bom, quero sim, se essa é a pergunta
Mas Dona Ana fez de mim um homem e não uma puta
Ei, você, seja lá quem for
Pra semente eu não vim, então, sem terror
Inimigo invisível, Judas incolor
Perseguido eu já nasci, demorou. Apenas por
Trinta moedas um irmão corrompeu
Atire a primeira pedra quem tem rastro meu
Cadê meu sorriso, onde tá, quem roubou?
A humanidade é má e até Jesus chorou

Lágrimas
Lágrimas Jesus chorou

Vermelho e azul, hotel
Pisca só no cinza escuro do céu
Chuva cai lá fora e aumenta o ritmo
Sozinho eu sou agora, o meu inimigo íntimo
Lembranças más vem, pensamentos bons vai
Me ajude, sozinho penso merda pra carai
Gente que acredito, gosto e admiro
Brigava por justiça e paz: levou tiro
Malcon X, Gandhi, Lenon, Marvin Gaye
Che Guevara, Tupac, Bob Marley
E o evangélico Martin Luther King
Lembrei de um truta meu falar assim:
“Não joga pérola aos porco, irmão, joga lavagem
Eles prefere assim, cê tem de usar piolhagem”
Cristo que morreu por milhões, mas só andou
Com apenas doze, um fraquejou
Periferia: corpos vazio e sem ética
Lota os pagode rumo à cadeira elétrica
Eu sei, você sabe, o que é frustração:
Máquina de fazer vilão
Eu penso mil fita, vou enlouquecer
E um piolho diz assim quando me vê:
Homem 2- Famoso pra caralho, durão, ih, truta

Faz seu mundo não, jão, a vida é curta
Só modelo por aí dando boi
Põe elas pra chupar e manda andar depois
Rasgar as madrugada só de 1100
Se sou eu truta, hã, não tem pra ninguém
Zé povinho é o cão, tem esses defeito
Quê? Você tendo ou não, cresce os óio de qualquer jeito
Cruzar, cê rebenta de repente
Vai de ponto quarenta, só querer, tá no pente
Brown- Se só de pensar em matar, já matou
Prefiro ouvir o pastor:
Pastor- Filho meu, não inveje o homem violento e nem siga nenhum dos seus caminhos.
Brown- Lágrimas molha a medalha de um vencedor
Chora agora, ri depois, aí: Jesus chorou
Lágrimas

Fone (intro)

Homem 1- E aí, Paulo, marquei um jogo pra domingo.

Paulo- Ah, mano, demorou, hein, tem uns dia que eu não joga uma bola. E aí, Rafa, vamos jogar uma bola aí, mano?

Rafa- Ah, mano, tô a fim de fazer um rolê, ó, mano.

Homem 1- Ih, mano, eu e o Paulo fomos num rolê louco segunda-feira, ó, mano.

Homem2- Aí, Rafa, deixaram nós.

Rafa- Pode crer.

Homem 2- Não foi dessa vez, hein, Rafa.

Paulo- Tinha várias mulher lá, hein, mano, nem te falo.

Homem 1- Só as de elite.

(toque 1 de telefone)

Paulo- Alô.

Mônica- E aí, colega, tudo bem?

Paulo- E aí? Quem tá falando?

Mônica- Você tem um tempo pra mim?

Paulo- Ahn... Mas quem tá falando?

Mônica- Eu sou aquela morena de segunda.

Paulo- Ah, pode crer, e aí, Mônica? Como é que é?

Mônica- São tantas, né.

Paulo- Ah, também não tô com essa bola toda não, hein.

Mônica- Você não me ligou mais por quê?

Paulo- Não te liguei porque, puta, várias fita, meu.

Mônica- Queria saber quando a gente vai se ver.

(toque 2 de telefone)

Paulo- Pode ser sexta-feira?

Mônica- Tô com saudade.

Paulo- Eu também tô com saudade.

Mônica- Vê se me liga, tá.

Paulo- Eu te ligo, vou ligar aí pra nós marcar.

Homem 1- Alô, quem fala? Só um minutinho. Aí, Rafa, liga o Paulo aí.

Rafa- Aí, Paulo, aquela morena lá, ó.

Homem 1- Que nada, mano, se pá é aquela loira, hein.

Paulo- Quem atendeu o telefone? Quem será agora, espera aí. Alô.

Amante- Oi, amor, tô te esperando.

Paulo- Oi, tudo bem?

Amante- Você não ia passar aqui?

Paulo- Eu vou passar aí já, meu, daqui a pouco.

Amante- Você prometeu que ia ser hoje, lembra?

Paulo- Não, vai ser hoje, eu tardo, mas não falho.

Amante- Tô daquele jeito pra você.

(toque 3 de telefone)

Paulo- Ah, demorou.

Amante- Beijo, tchau.

Paulo- Tchau.

Homem1- Aí, Rafa, o barato ficou louco, olha só quem tá ligando.

Rafa- Ih, mano, é hoje, hein, embaçou. Aí, Paulo, sua mulher.

Paulo- Ih, mano, esqueci ela lá no centro, ó. Alô.

Esposa- O que que tá acontecendo?

Paulo- Aconteceu o quê?

Esposa- Eu sou trouxa agora?

Paulo- Por quê?

Esposa- Tá me achando com cara de palhaça?

Paulo- Você só ligou agora pra xingar.

Esposa- Você não falou que ia passar no centro pra me pegar? Fiquei plantada duas horas te esperando, pô.

Paulo- Por que você não ligou pra me lembrar? Acabei de sair da reunião, meu.

Esposa- Nem aparece aqui mais, hein.

Paulo- Por que você não ligou pra avisar? Aí ligou pra xingar, pra ficar ...

Esposa- Seu safado, no mínimo tá com outra, pilantra, sem-vergonha, irresponsável, cachorro.

Paulo- Ah, tá pegando eu pra louco? Ah, dá licença, dá licença.

(som de ocupado)

Paulo- Ó que mina cabulosa, desligou na minha cara, ó!

Estilo cachorro

participação- moog: Ganja Man

Rock- Conheço um cara que é da noite, da madrugada
Que curte várias fita (som de cheirar cocaína), várias balada
Ele gosta de viver (som de fumar maconha) e viajar
Sem medo de morrer, sem medo de arriscar
Não atira no escuro, cara ligeiro
Faz um corre aqui e ali, sempre atrás de um dinheiro

KL Jay- Ah, jogar pra perder, parceiro, não é comigo.

Homem 1- Esse cara é bandido, ó

Rock- Objetivo

Um bom malandro, conquistador
Tem naipe de artista, pique de jogador
Impressiona no estilo de patife
Roupa de shopping, artigo de grife
Sempre na estica, cabelo escovinha
Montado numa 900 azul novinha
Anel de ouro combinando com as corrente
Relógio caro, é claro, de marca quente
Anda só no sossego, sem muita pressa
Relaxa a mente, senão estressa
No momento, o que interessa ele já tem

Mulher- uma Kawasaki?

Rock- E liberdade, meu bem

Homem1- O que esse cara tem, sangue bom?

Rock- Os invejoso eu escuto

Homem 2- Moto, dinheiro

Rock- Vagabundo fica puto

Homem 1- Ah, isso não é justo, ó, e os irmão?

Rock- Uma fatia do bolo? Se orienta, doidão
Conhece várias gatas tipos diferente
As preta, as branca, as fria, as quente
Loira tingida, preta sensual
Índia do Amazonas até flor oriental
Tem boa fama no meio das vadia
Daquelas modelo que descansa durante o dia, tá ligado?
Tem seus critérios, tem sua lei
Montou naquela garupa já foi que eu sei
No motel ou em casa

Mulher- Ah, vamos na sua

Rock- De caranga, no drive-in, no H.O. ou à luz da lua
Segundas intenções: elementar

As camisinha tão no bolso e a maldade no olhar
Sabe chegar, sabe sair

Sabe ser notado e cogitado aonde ir
Pra conseguir aquilo o que sempre quer
Utiliza a mesma arma que você, mulher

Refrão- Mulher e dinheiro, dinheiro e mulher
Quanto mais você tem, muito mais você quer
Mesmo que isso um dia traga problema
Viver na solidão não vale a pena
Mulher e dinheiro, dinheiro e mulher
Sem os dois eu não vivo, qual dos dois você quer?
Mesmo que isso um dia traga problema
Ir pra cama sozinho não vira esquema

Rock- Segunda

Blue- A Patrícia

Rock- Terça

Blue- A Marcela

Rock- Quarta

Blue- A Raíssa

Rock- Quinta

Blue- A Daniela

Rock- Sexta

Blue- A Elisângela

Rock- Sábado

Blue- A Rosângela

Rock- E domingo?

Blue- É matinê, dezesseis, o nome é Ângela

Blue- Tenho uma agenda com dezenas de telefone

Uma lista de características e os nome

Rock- Qual é a fonte, parceiro?

Blue- Ah, isso não é segredo

Colo de moto, tá ligado?, tenho dinheiro

(som de mulheres conversando num burburinho)

As cachorra fica tudo ouriçada quando eu chego

Eu ponho pânico, peço champanhe no gelo

Aquele balde prateado em cima da mesa

Dá o clima da noite, uma caixa de surpresa

Fico ali olhando, sentado, filmando

Só maldade pra lá e pra cá desfilando

Elas fazem de tudo pra chamar sua atenção

Pára, taca na cara na pretensão

Cola de calça apertada, boca de sino

De blusa decotada, perfumada e sorrindo

Me pede um isqueiro e oferece um cigarro

Viviane- Oi, você tem fogo?

Blue- Oh, mas é claro

Blue- Qual é seu nome?

Viviane- Meu nome é Viviane

Mas pra você sou Vi, tá aqui meu telefone

Blue- Cinco oito nove dois, esse prefixo é lá da Sul

Prazer, meu nome é Paulo, aí, vulgo, Ice Blue

De que lugar que você é?

Viviane- Moro no Vaz de Lima

Conhece o Maracá? Então, ali pra cima

Blue- Isso até rima coincidência na pista

Vai montar na minha garupa e hasta la vista

Refrão- Mulher e dinheiro, dinheiro e mulher

Quanto mais você tem, muito mais você quer

Mesmo que isso um dia traga problema

Viver sem ninguém não tem esquema

Mulher e dinheiro, dinheiro e mulher

Sem os dois eu não vivo, qual dos dois você quer?

Mesmo que isso um dia traga problema

Viver na solidão não vale a pena

Brown- Au, au

Estilo cachorro

Au, au, au, au

Não é machismo

Fale o que quiser, o que é, é

Verme ou sangue bom, tanto faz pra mulher

Não importa de onde vem, nem pra quê

Se o que ela quer mesmo é sensação de poder

Com ladrão fez rolê, se envolveu, sei lá, saiu

Mais ou menos abril, curtiu, quem viu, viu

Em maio foi vista de RR a mil

Na BR no frio com boyzão da Civil

Uns e outros aí, bom rapaz

Abre o coração e sofre demais

Conversa com os pais no sofá da sala

Olvida a razão enquanto ela fala e fala

Cai no canto da sereia

Vê que ele é firmão igual um prego na areia

Prego, jogou o ego dentro do buraco

O bon vivant jamais mostra o ponto fraco

Pergunte a Sansão quem foi Dalila

Ouça o sangue bom Martinho da Vila

De vários amores, de todas as cores

De vários tamanhos, de vários sabores¹⁸³
Quanto mais tem, mais vem; se tem, maravilha
P, M, G, morango e baunilha
Não é por nada, sem debate, sem intriga
Minha cara, é um chocolate, é o que liga
Mas acabou, acabou, sem tchau, nem bilhete
Você quase se mata por amor ao sorvete
E ele tava em punha
Pra levar ela no trampo lá na Barra Funda
Dez graus, cinco da manhã, sem problema
Se ela não morasse em Diadema
Pontual como o Big-Ben, quatro ano assim
Nem Shakespeare imaginaria o fim
Te trocou por um vadio sem vergonha
Que güenta até a mãe quando acaba a maconha
E ela diz que é feliz, que ele é cabuloso
Você pisa pra caralho, moscão pegajoso
Mulher finge bem, casar é negócio
Você vê quem é quem só depois do divórcio
Hein
Vem neném, de amor eu não morro
Vocês consagraram o estilo cachorro

¹⁸³ Citação da música “Mulheres” de Martinho da Vila.

Vida Loka (parte II)

KL Jay- Firmeza total, mais um ano se passando aí, graças a Deus a gente tá com saúde aí, morou. Muita coletividade na quebrada, dinheiro no bolso, sem miséria e é nós.

(som de copos brindando)

Rock- Vamos brindar o dia de hoje, que o amanhã só pertence a Deus e a vida é loka.

Brown- Deixa eu falar pra você
Tudo, tudo, tudo vai, tudo é fase, irmão
Logo mais vamos arrebentar no mundão
De cordão de elite 18 quilate
Põe no pulso logo um bright, que tal, tá bom?
De lupa Bausch & Lomb, bombeta branca e vinho
Champanhe pro ar que é pra abrir nossos caminho
Pobre é o diabo, eu odeio a ostentação
Pode rir, ri, mas não desacredita não
É só questão de tempo o fim do sofrimento
Um brinde pros guerreiro; zé-povinho, eu lamento
Vermes que só faz peso na terra
Tira os óio, tira os óio, vê se me erra
Eu durmo pronto pra guerra e eu não era assim
Eu tenho ódio e sei o que é mau pra mim
Fazer o que se é assim, vida loka cabulosa
O cheiro é de pólvora, eu prefiro rosas
E eu que, eu que sempre quis um lugar
Gramado e limpo assim, verde como o mar
Cercas branca, uma seringueira com balança
Desbicando pipa, cercado de criança
“Oh, oh, Brown, acorda, sangue bom
Aqui é Capão Redondo, tru, não o Pokemon
Zona Sul é invés, é stress concentrado
Um coração ferido por metro quadrado”
Quanto mais tempo eu vou resistir?
Pior que eu já vi meu lado bom na UTI
Meu anjo do perdão foi bom, mas está fraco
Culpa dos imundo do espírito opaco
Eu queria ter, pra testar e ver, um malote
Com glória, fama, embrulhado em pacote
Se é isso que cês quer, vem pegar
Jogar no rio de merda e ver vários pular
Dinheiro é foda, na mão de favelado é mó güela
Na crise vários pedra noventa esfarela
Vou jogar pra ganhar o meu, money vai e vem
Porém quem tem, tem, não cresço os olho em ninguém
O que tiver que ser será meu

Está escrito nas estrela, vai reclamar com Deus
Imagina nós de Audi ou de Citroën
Indo aqui, indo ali, só pã, de vai-e-vem
No Capão, no Apurá, vou colar na Pedreira
Do São Bento, na Fundão, de pião, sexta-feira
De teto solar, o luar representa
Ouvindo Cassiano, os gambé não guenta
É, mas se não der, nego, o que é que tem?
O importante é nós aqui junto ano que vem
E o caminho da felicidade ainda existe
É uma trilha estreita em meio à selva triste
Quanto você paga pra ver sua mãe agora
E nunca mais ver seu pivete ir embora?
Dá a casa, dá o carro, uma Glock e uma FAL
Sobe cego de joelho mil e cem degrau
Quente, é mil grau o que o guerreiro diz
O promotor é só um homem, Deus é o juiz
Enquanto o zé-povinho apedrejava a cruz
E o canalha fardado cuspiu em Jesus
Aos quarenta e cinco do segundo arrependido
Salvo e perdoado é Dimas, o bandido
É louco o bagulho, arre pia na hora, ó:
Dimas: primeiro vida loka da história
Eu digo glória, glória, sei que Deus está aqui
E só quem é, só quem é vai sentir
Meus guerreiro de fé, quero ouvir, quero ouvir
Meus guerreiro de fé, quero ouvir
Coro- Firmão! Programado pra morrer nós é
Brown- Ao lado direito do pai, é quente
Coro- Certo é, certo é, dê no que der

Brown- Firmeza, não é questão de luxo, não é questão de cor
É questão que fartura alegra o sofredor
Não é questão de preza, nego, a idéia é essa:
Miséria traz tristeza e vice-versa
Inconscientemente vem na minha mente
Inteiro: na loja de tênis, o olhar do parceiro
Feliz de poder comprar o azul, o vermelho
O balcão, o esquerdo, o estoque, a modelo
Não importa: dinheiro é puta e abre as porta
Dos castelo de areia que quiser
Preto e dinheiro são palavras rivais?
É? Então mostra pra esses cu como é que faz
Seu enterro foi dramático como blues antigo
Mas de estilo, me perdoe, de bandido

Tempo pra pensar: quer parar? o que cê quer?
Viver pouco como um rei ou muito como um zé?
Às vezes eu acho que todo preto como eu
Só quer um terreno no mato só seu
Sem luxo, descalço, nadar no riacho
Sem fome, pegando as fruta no cacho
Aí, truta, é o que eu acho, quero também
Mas em São Paulo, Deus é uma nota de cem
Vida loka

Brown- Porque o guerreiro de fé nunca gela, não agrada o injusto e não amarela. O rei dos reis foi traído e sangrou nesta terra. Mas morrer como um homem é o prêmio da guerra. Mas ó, conforme for, se precisar, afogar no próprio sangue, assim será. Nosso espírito é imortal, sangue do meu sangue. Entre o corte da espada e o perfume da rosa, sem menção honrosa, sem massagem: a vida é louca, nego, né, louco, de passagem.
A Dimas: o primeiro
(som de brinde com copos)
Saúde, guerreiro.
Dimas.

Expresso da meia-noite

Sample (refrão)- Só quem é de lá sabe o que acontece¹⁸⁴
(som de carro saindo)

Rock- Tô de rolê na quebrada de Parati filmada
São vinte e três horas e a noite tá iluminada
Acendo um cigarro [som de pessoa fumando cigarro], tô inspirado
Ando sozinho, não, não: Deus está do lado
É sábado, a rua tá cheia, uma pá de gente
Delegacia 73, rebelião no pente
No São Luís alguém sangrando na fila de espera
Enquanto em alguma encruzilhada se acende vela
Na igreja, os crente faz vigília pra se salvar
Ansiedade à espera de Jesus quando voltar
Em frente um bar tá lotado
Fim de carreira, vários tio embriagado
Talvez seja frustrado com a família
Ou tenha espancado até a sua própria filha
Que brilha naquela maldade com o próprio corpo
Quinze anos de idade, já fez aborto
O que não falta é louco e louca tem de sobra
Periferia, legião: mãos à obra
Álcool e droga tá ali: corre junto
A morte já foi-se, atrás de mais um assunto
É dois minuto pra arrumar
Quem tá de luto aqui nem chega a respirar
Tem que pensar mais rápido e puxar o gatilho
Se não for ligeiro, parceiro, toma tiro
Tá no limite, à flor da pele
Quem é ferido, com o mesmo ferro sempre fere
A arma de fogo impõe respeito
No submundo da metrópole é desse jeito
Não pense, não pisque, não dê um passo
Quem se habilita é um abraço
A paz é dechavada e fumada na seda
Tranquilidade enquanto a brasa tá acesa
A cortina de fumaça sob o holofote
Onde a aliada maior é a sorte
Em cada lote, uma viela
Nas rua da Nova Galvão, uma favela
Que testemunha toda hora algum coitado

¹⁸⁴ Sample de “Pânico na zona Sul”. *Holocausto Urbano*, 1990 (anexo 1).

Igual aquele que no meio foi rasgado
Metralhado, vários tiros de automática
Pros covarde é a forma que é mais prática
Eliminar e deixar pra trás
Uma mancha de sangue que não apaga nunca mais
Famílias destroçadas pela maldade
Crianças sem pai vai ser o quê mais tarde?
A vida não é um conto de fada
Principalmente na calada

KLJay- Na quebrada

Rock- Onde a gente vê, registra várias fita
O que ser humano é capaz você não acredita

Refrão- Só quem é de lá sabe o que acontece

Rock- Eu vejo terra, eu vejo asfalto
Eu vejo guerra, morte, assalto
Sangue no chão, a esperança que agoniza
Reflete a vida que a novela satiriza
Blue- Aí, fica ligeiro que na esquina tá embaçado
A área tá sinistra e o clima tá pesado

Rock- A Zona Norte é grande e extensa
Cada quebrada uma situação, uma sentença
Sem diferença, conheço os quatro canto: eu vi
A violência se iguala por enquanto aqui
Chacina, estupro, tráfico
A noite é foda, irmão, só dá lunático
Vida de louco, de inferno e sufoco
Dinheiro vai e vem, mas ainda é muito pouco
Se tem coragem, até uns doido corre atrás
Se dois é bom, trutão, três nunca é demais
Mas uma pá de prego espera acontecer
Agora a mina grávida, o que se vai fazer?
Vender um barato na esquina ou vai roubar?
O pivete logo vai nascer, quem vai bancar?
Famílias vem, famílias vão
Fugindo da morte, fugindo da prisão
A vida do Fundão é desequilibrada
Hebron, Piqueri, Jova, Serra Pelada

Refrão- Só quem é de lá sabe o que acontece

Rock- Ninguém confia em ninguém, é melhor assim
Eu nem na minha sombra e nem ela em mim
Hoje qualquer moleque está andando armado

Puxa o cão sem pensar pra ser respeitado

Eu tô ligado, eu sei quem é quem
O super homem de bombeta vai matar alguém
Sendo refém de espíritos malignos
Mal intencionado, cínico, leviano, indigno
Fui obrigado a conviver com isso
Com uma quadrada e um velho crucifixo
É sempre bom andar ligeiro na calada
A vida não é um conto de fada

Refrão- Só quem é de lá sabe o que acontece
(som de carro partindo)

Trutas e quebradas

Brown- Essa é para os manos daqui.

KLJay- Muito amor e saúde.

Blue- Fé em Deus.

Rock- Esperança.

Brown- Essa é para os manos de lá.

KLJay- Que estão com Deus.

Blue- Num bom lugar.

Brown- Com certeza. A hora é essa, nego, demorou. Viva (palmas).

KLJay- Astros convidados:

Brown- Só o Sol, um futebol e doce pra molecada. Muito respeito pra trutas e quebradas.

Todos- É quente.

Blue- Jardim Vaz de Lima, Três Estrelas, Imbé, Paranapanema, Parque, Jardim Lúcia, Bela Vista, e aí Nô, Dão, Silvão, Luís, Jacaré, Edson, Jura. Ivan, Kiko, Rodrigo: família Pessoa, maior respeito. Família Jesus, família Andrade. Joãozinho, Rogério, Rodnei, Kiko, Edi, Seo Vileci, brilha no céu, Cássio, Vola, Perninha, Jarrão, Celso Athayde, e aí, bandido! Chácara, Casa Verde, São Bento, Independência, Grajaú, Vila São José, Morro São Bento de Santos, e aí toda rapa? Juninho, Dinho, Rafa, Mala, Vítor, Alberto, Marquinho, Davi, Meire: essas são as pessoas que trincou nas horas difíceis, certo. Valdir, Sandra, Bebê e Fátima, time trambicagem. Diego, Pachá, La Roi, Wilian, Cora, Paulinho, Bicudo e Tico e Catraca, Fernando, Lobão, Paulinho e Mateus: só os fortes sobrevivem. Tia Vilma, tia Maria e tio Celso.

Rock- Não sei de nada. No salve, eu amo quem me ama, desprezo o zé-povinho e amo a minha quebrada. Obrigado Deus por eu poder caminhar de cabeça erguida. Aí Jaçanã, Serra Pelada, Jardim Hebron de fé. Firmeza, Valcinho? Aí, 9 de Julho, é nós. Wellinton, Pulguento, tá valendo. Calibre do Gueto, Raciocínio das Ruas, Relatos da Invasão, a caminhada certa. Serrano resistente, firmão. Ei, Valdiza, sem palavras, hein? Jairão, tá no coração, irmãozão. Garotos de Periferia, sacode a rede que vocês são o amanhã, certo? Vila Mazzei, forte abraço, Jó. Marcelo Boy, Jardim Tremembé te espera. Cachoeira. Ei, Dedo, muita fé, hein. Voz Ativa, Pasto, Nova Galvão, Resgate Negro, Jova, última chance. Vila Zilda, Piqueri, Richard, Nino, Madá, daquele jeito. Pontales, Lackers, Zé Hamilton, Luiz Barba, Vila Sapo, valeu. Claudinei, Sidinei, Mário, Jardim Peri, Franco da Rocha, Anderson de Itu, Jackson, o esqueleto de Porto Alegre, muita treta. Cristiano santista, bairro do Limão. Dona Dora e Seo Eurides, cuidando da molecada, Itaquera, Cidade Tiradentes, São Miguel, São Mateus, Mauá, Santo André, e aí Edison? Canão, Zona Sul, e aí, Zona Sul? Zona Oeste, firmão, Cumbica, Arujá, Cocaia, Natanael Movimento de Rua, Miltão Costa Norte, Edmilson, Albertão de Guarulhos, Cidão de São Miguel, 509E e todos aqueles que fortalecem o hip-hop. Aí, firmeza, é nós.

KL Jay- Alô, alô, um dois, um dois, (faz som de bateria com a boca). Aí, Diadema, Gildão, Alexandre, toda a rapa do Clube do Rap, valeu mesmo, hein. Alô, alô, Zona Leste, Itaquera, Codorna, Xis, 13, Duda, Eltão, Fabinho Tupac da Cohab, pô, esqueci dos demais, mas, aí,

desculpa aí, tá no coração, hein. E aí, Tucuruvi, Zona Norte. João, Adi, Baiano, Dodô, mil-e-ano, hein? Claudinei, Sidnei, Zé, Cebola, Panão, e aí, Fubá, achou que eu não ia lembrar, truta? Você tá ligado, né? E aí Lauzane, saudade dos que se foram e dos que ficaram, muito respeito, hein. A toda Zona Oeste, pá. Alô, alô, Nani, firmeza total. Zona Sul, sem palavra, muito obrigado pelo respeito, hein. Mas aí, bolinha então? Firmão. Alô, alô Coiote, Décio, Jéferson, Ébano, Núbio, James, Rappin Hood, Jonny MC, Kamal, Max B.O., J.L., Paulo Brown, Meire, Micheli, Levi, Fátima, Tatiane, Cebola, Sabotage, Sombra, viva aí.

Brown- A Jesus Cristo que não me abandona. Vila Fundão: Caio, Japonês, Korró, Binho, Keu, Carlito, Du, Ronaldo, Vagner, Chibimba, Kaká Palmeirense, Gatula, Paraibinha, Jardel, F.F., Davi, Sóssa, Fubá, Valtinho, Vandão, Paulo Magrão, rua Glécio em peso, Cebola, Gordo, aí rapa, aí Negredo, Natal, Nelsinho, Lecão, toda rapa da Sabin, Charles, Richard, Neno, Gordinho, Alan, os Irmão Cara-de-pau, toda rapa que cola na barraca do Saldanha. A rapa do Rosana, Valquíria, paz pro Jardim Irene, Rosas, Macedônia, Maria Sampaio. Aí, primo Edson, Cesinha, Ratinho, a rapa do Engenho, Jerivá, Aurélio, Sora, Cone, firmão Cohab. Aí, Parque Fernanda, Comercial, Benê, Jota, Araponga, Willian, firmão, Pirajussara? Família Santa Rita, Di, Ivan, Selé, Alex, Boi, Jó, Márcio, Marcílio, Mimi, Gegê, Daniel, Miltinho, Paulinho. Aí Santo Eduardo, firmão Tuá? Firmão, Ricardo? E Rom, estejam em paz. Campinho, Beira Rio, Vietnã, rua Alba, Souza Dantas, aí, Jardim Evana, Santa Efigênia, Ipê, Novo Oriente, Regina, Jardim Ingá, Maria Virginia, Morro da Puma, Favela da Coca-cola, Morro Dunga, Morro da Macumba, São Vítor, Pedreira, eterna morada, Jardim Santa Teresinha, Jardim Apurá, lugar lindo, hein? Família Camorra, Charuto, Dinho, Lê, família Sem Querer, família da Joaniza. Testa, Fábio Gordo, Sete-vidas, aí Josias, aí, Scoobi-doo, Serginho, firmão Edinho, Zé Roberto, Tito, Roque, Marquinho, Neto, Leci, Guineto, Deus abençoe a todos. Obrigado pela companhia.

Brown¹⁸⁵ - Estamos encerrando nossas transmissões lembrando que a dama mais glamourosa da noite é a própria noite. Tenham um bom dia.

¹⁸⁵ Com a mesma voz de locutor da faixa “Sou + você”, que abre o CD 1, dando coesão aos dois CDs.

Da ponte pra cá

participação Nelsão “DJNel”

(base com a música Onda, de Cassiano¹⁸⁶)

DJ Nel- Hei, hei, hei, nego, você está na sintonia da sua rádio Êxodos. Eu, DJ Nel, comandando o melhor da black music. São vinte e três minutos de um novo dia. O Japonês, do Jardim Rosana, manda um salve para o Zezé, o Chiquinho, o Cau, o Ribeiro, Tirso, Zulu e o Serginho. O Valdinho da Sabin manda um salve aí pro Vandão da Vila do Sapo e a Chiara do Embu manda um abraço pra Viviana do Sardi. É. O Papau do Parque manda um salve aí pros manos da Cinquenta e a Adriana do Tamoio manda um salve aí pra rapa do Sujeitos Suspeitos do Paranapanema. E pra você que está pensando em fazer um pião, pegue o seu bombojaco e sua touca, porque faz dez graus em São Paulo.

Brown- A lua cheia clareia as ruas do Capão
Acima de nós só Deus, humilde, né não
Saúde, plim, mulher e muito som
Vinho branco pra todos um advogado bom
[tosse] Esse frio tá de foder
Terça-feira é ruim de rolê, vou fazer o quê?
Nunca mudou nem nunca mudará
O cheiro de fogueira vai perfumando o ar
Mesmo céu, mesmo cep, no lado sul do mapa
Sempre ouvindo um rap pra alegrar a rapa
Nas ruas da sul eles me chamam Brown
Maldito vagabundo, mente criminal
O que toma uma taça de champanhe e também curte
Desbaratinado tubaína tuti-fruti
Fanático, melodramático, bon vivant
Depósito de mágoa, quem tá certo é o Saddam
Playboy bom é chinês, australiano
Fala feio e mora longe, não me chama de mano
Boy- E aí, brother, iurul!

Blue- Pau no seu cu três vez
Sou sofredor, odeio todos vocês
Vem de artes marciais que eu vou de Sig Sauer
Quero sua irmã, seu relógio Tag Heuer
Um conto, se pá, dá pra catar
Ir pra quebrada e gastar antes do galo cantar
Brown- Um triplex pra coroa é o que o malandro quer
Não só desfilar de Nike no pé
Blue- Vem com a minha cara e o din-din do seu pai
Mas no rolê com nós cê não vai

¹⁸⁶ Cassiano, disco “Cuban soul-18 kilates”, 1976.

Nós aqui, vocês lá, cada um no seu lugar, entendeu?
Se a vida é assim, tem culpa eu?
Se é o crime ou o crime, se não deves não teme
As perversa se ouriça e os inimigo treme
Brown- E a neblina cobre a estrada de Itapecerica
(som de sirene)
Sai, Deus é mais, vai morrer pra lá, zica

Refrão- Não adianta querer, tem que ser, tem que pá
O mundo é diferente da ponte pra cá
Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar
O mundo é diferente da ponte pra cá

Brown- Outra vez nós aqui, vai vendo
Lavando o ódio embaixo do sereno
Cada um no seu castelo, cada um na sua função
Tudo junto, cada qual na sua solidão
Hei, mulher é mato, a marijane impera
Dilui a raiva e solta na atmosfera
Faz na quebrada o equilíbrio ecológico
Quem distingue o Judas só no psicológico
Filosofia de fumaça, analise
Cada favelado é um universo em crise
E quem não quer brilhar, quem não, mostra quem
Ninguém quer ser coadjuvante de ninguém
Quanto caras bom no auge se afundaram
Por fama e está tirando dez de havaiana?
E quem não quer chegar de Honda preto em banco de couro?
E ter a caminhada escrita em letras de ouro?
A mulher mais linda, sensual e atraente
Da pele cor da noite, lisa e reluzente
Andar com quem é mais leal, verdadeiro
Na vida ou na morte, o mais nobre guerreiro
O riso da criança mais triste e carente
Ouro e diamante, relógio e corrente
Ver minha coroa onde eu sempre quis pôr
De turbante e chofer: uma madame nagô
Sofrer pra que mais, se o mundo jaz no maligno
Morrer como homem e ter um velório digno
Eu nunca tive bicicleta ou vídeo-game
Agora eu quero o mundo igual cidadão Kane
Da ponte pra cá, antes de tudo é uma escola
Minha meta é dez, nove e meio nem rola
Meio ponto às vezes, hum e morre um
Meio certo não existe, tru, o ditado é comum

Ser humano perfeito não tem mesmo não
Procurada viva ou morta a perfeição
“Errare humanum est” grego ou troiano?
Latim, tanto faz pra mim, “fi” de baiano
Mas se estiver calor, quentão no verão
Você quer dar um rolê no Capão daquele jeito
Mas perde a linha fácil, veste a carapuça
Esquece esses defeito no seu jaco de camurça
Jardim Rosana, Três Estrelas e Imbé
Santa Teresa, Valo Velho, Dom José
Parque, Chácara, Lídia, Vaz
Fundão, muita treta pra Vinícius de Moraes

Refrão- Não adianta querer, tem que ser, tem que pá
O mundo é diferente da ponte pra cá
Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar
O mundo é diferente da ponte pra cá
Firmeza total

Brown- Mas não leva a mal, tru, cê não me entendeu
Cada um na sua função: crime é crime, eu sou eu
Antes de tudo eu quero dizer, pra ser sincero
Que eu não pago de quebrada, mula ou banca forte
Eu represento a Sul, conheço louco na Norte
No 15, olhe o que fala, Perus, chicote estrala
Ridículo é ver os malandrão vândalo
Batendo no peito feio, fazendo escândalo
Deixa ele engordar, deixa se criar bem
Pá e pum e é com nós, super star, super man, vai

Blue- Palmas para ele, digam hei, digam hô
Novo personagem pro Chico Anísio Show

Brown- Mas firmão, né, se Deus quer, sem problema
Vermes e leões no mesmo ecossistema

Blue- Cê é cego, doidão? Então baixa o farol

Brown- Hei, hô, cê quer o que com quem, Joe?

Blue- Tá marcando? Não dá pra ver quem é contra a luz

Brown- Um pé de porco ou inimigo que vem de capuz

Blue- Ei, truta, eu tô louco, eu tô vendo miragem

Um Bradesco bem em frente da favela é viagem

Brown- De classe A da Tam, tomando um J&B

Vou viajar de Blazer pro 92 DP

Blue- Viajar de GTI quebra a banca

Só não pode viajar com os mão-branca

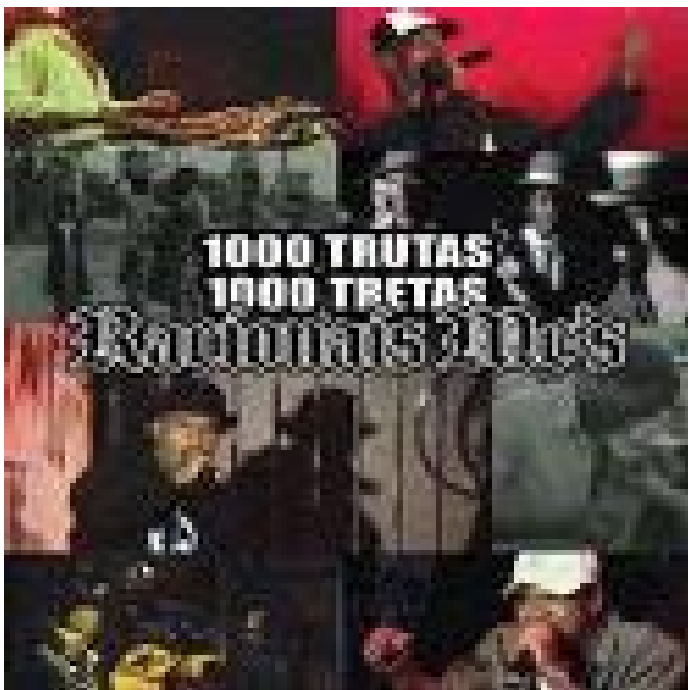
Brown- Senhor, guarda os meus irmão nesse horizonte cinzento
Nesse Capão Redondo frio, sem sentimento

Os mano é sofrido e fuma um sem dar güela
É o estilo favela, eu respeito por ela
Os moleque tem instinto e ninguém amarela
Os coxinha cresce os olho na função e gela

Refrão- Não adianta querer, tem que ser, tem que pá
O mundo é diferente da ponte pra cá
Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar
O mundo é diferente da ponte pra cá

Brown- Três da manhã, eu vejo tudo e ninguém me vê. Subindo o campo de fora, eu, meu parceiro Dinho, ouvindo Tupac, tomando um vinho, vivão e consciente. Aí Batatão, Pablo, Neguinho Emerson, Marquinho, Cascão, Jonny MC, Sora, Marcão, Pantaleão, Nelito, Celião, Ivan, Di, sem palavra, irmão. Aí, os irmão do Pantanal, a rapa do morro e aos que estão com Deus: Dedá, Tchai, Edi, Dezesseis, Edi, um dia nos encontraremos. A selva é como ela é: vaidosa e ambiciosa, irada e luxuriosa. Pros moleque da quebrada, um futuro mais ameno, essa é a meta. Vila Fundão, sem palavras, muito amor.

Anexo 6: 1000 trutas, 1000 tretas, 2006



1. Colagem de raps – abertura do DVD
2. Eu sou função (Dexter)
3. Inimigo é de graça (U Time)
4. A benção mamãe, a benção papai (Jorge Ben Jor)
5. Fórmula Mágica da Paz
6. Negro Drama
7. Tô ouvindo alguém me chamar
8. Crime vai e vem
9. Da ponte pra cá
10. Expresso da meia noite
11. Eu sou 157
12. Diário de um detento
13. A vida é desafio
14. 1 por amor 2 por dinheiro
15. Vida Loka (Parte 1)
16. A vítima
17. Jesus Chorou
18. Vida Loka (parte II)

Colagem de raps – abertura do DVD

Em algum lugar de São Paulo
São Paulo
É a lei
Do cão
Putá que o pariu
Luz, câmera e ação
O sangue frio de São Paulo não nega
São Paulo
O bicho pega
Faz frio em São Paulo
Correria é adianto
São Paulo
É muita treta
Em todos os cantos
Vem pra ver como é bom
Horizonte cinzento
Você vale o que tem
Frio e sem sentimento
São, São Paulo, São Paulo
Nego, São Paulo é selva, selva, selva
Pegue seu bombo-jaco e sua toca
Faz frio em São Paulo
Faz, faz, faz

Ao selecionar “Configurações” do DVD, a trilha de fundo é o rap seguinte, lançado no CD de Dexter *Exilado sim, preso não* (2006):

Eu sou função

Sample - E da função, quem sobrou?¹⁸⁷

Lelé Função - Sou função, pra quem não tá ligado, eu me apresento

E as ruas represento

Dá licença aqui de eu chegar nesse balanço

É quente, negrão, a idéia que eu te lanço

Estilo original, de bombeta branca e vinho

Vai, só não vai pra grupo com neguinho

Ando gingando com os braços pra trás

Só falo na gíria e pros bico é demais

Forgado, afronto os gambé, sou polêmico

Na favela é meu diploma acadêmico

De tênis All Star, de cabelo black

Meu beck, a caixa, o bumbo e o clap

Cresci ali, envolvidão com a função

Na sola do pé bate o meu coração

Esse som é do bom, dá uns dois e viaja

Nós somos negros, não importa o que haja

O ritmo é nosso, trazidos de lá

Das ruas de terra sem luzes e pá

O fascínio não morre, ele só começou

Das festa de preto que os boy não colou

Sou o que sou, vivo aquilo que falo

Meu rap é do gueto e não é pros embalo

Vagabundo, se for pra somar, chega aí

Paguei pra entrar e nunca mais vou sair

Então venha que venha, dinheiro eu quero

Uma linda mulher e um belo castelo

Eu sou raiz, mas cadê você?

A função e o funk jamais vão morrer...

Dexter - Muito amor, muito amor, pelo som pela cor

A herança tá no sangue, louvado seja meu Senhor

Que me quis descendente de raiz

Preto função sou sim e sou feliz

Favelado legítimo, escravo do ritmo

Dos becos e vielas eu sou amigo íntimo

Dexter, o filho da música negra

¹⁸⁷ Sample de “Fórmula Mágica da Paz”. *Sobrevivendo no Inferno*, 1997 (anexo 4).

Exilado sim, preso não, com certeza
O rap me ensinou a ser quem eu sou
E honrar minha raça pelo preço que for
Dos vida loka da história eu sou um a mais
Que te faz ver a paz como soro eficaz
No gueto jaz, o inofensivo morreu
Pela magia do funk, renasceu o plebeu
Aí fodeu, o monstro cresceu, se criou, ô
Agora já era, é lamentável, doutor
A guerra já não é tão mais fria assim
Sou pelos função e a função é por mim
Até o fim, "plim", nossa luz contagia
Assim como o Sol, que clareia o dia
E aquece o pivete que dorme na rua
Que passou a madrugada em claro à luz da Lua
Se situa: o que te ofereço é muito bom
Força e poder, dom, através do som
Nego, vem com nós, mas vem de coração
Por paixão, por amor, não pela emoção, firmão?
Pra ser função, tem que ser original
Apresentando e tal mais um irmão leal

Mano Brown – Se um vida loka aqui está, então, pode saber
Deixa as dama aproximar, Jão, opa, tamo aê
Na arena. Mil juras de amor ao criador que nos guia
Antes de nada mais para nós muito bom dia
Salve! Só chegar, meu irmão Lelê
Por que não, monstro? Viva negro Dexter
De vinte em vinte eu paguei duzentas flexão
Caçando um jeito de burlar a lei e a minha depressão
Menino bomba: pobre, feio, fraco, infeliz, só
Se sentindo o pior vários monstro ao meu redor
Com tambor de gás fiz mais cinqueta em jejum
Ódio do mundo eu via em tudo filme do Platoon
No café açúcar, com limão no abacate
Pô, tá aqui a melhor blusa suja de colgate
Se ser preto é assim, ir pra escola pra quê?
Se o meu instinto é ruim e eu não consigo aprender
Esfregando calças velhas, eu fiz as listra do tanque
Era um barraco sim, mas meu castelo era funk
Folha seca num vendaval, um inútil
É morrer aos pouco, eu me sentia assim, tio
Eis que um belo dia alguém mostrou pra mim
Uma reunião tribal, James Brown e All Green , uau
“Sex Machine”, o orgulho brotou

Poder para o povo preto e que estrale os tambor
Veio as camisas de ciclistas, calça Lee, fivelão
Tênis farol white uou uou uou, ladrão
Há seis mil ano até pra plantar
Os pretos dança todo mundo igual sem errar
Agradecendo aos céus pelas chuvas que cai
Santo Deus me fez funk, obrigado meu Pai
Nem por isso eu não vou jogar filé mignon pras piranha
O pierrô contra os playboy fuma maconha
Não vejo nada, não vejo fita dominada
Eu vejo os pretos sempre triste nos canto do mundão
Então, morou, Jão? Um dois, um dois, drão
Aham aham, alma, mente sã, corpo são
Dexter, tem que estar com fé no Senhor
Tem que orar, tem que brigar, tem que lutar, nego
Ah, meu bom juiz, abra o seu coração
Ouve o que esse rap diz e aceite o perdão
Meu argumento é pobre, mas a missão nobre
Mestrão irá saber reconhecer o homem bão
Deixo aqui desde já, promessa de voltar
Só querer, é só chamar, que eu estarei lá
Eis o doce veneno vivendo e vivão
Um dia por vez, sem pressa, fui nessa, negão
Sou função

Ao selecionar “Músicas” do DVD, a trilha de fundo é o rap seguinte, lançado no CD *Trutas e Quebradas* (2007) de U Time:

Inimigo é de graça

(U Time – participação de Ice Blue)

Refrão - Se tem amor

A favela chora também

Sem amor

Não tem chance pra viver bem

Pelo amor

O inimigo é de graça

Dom Pixote – Você constrói de rolê, assim tem que ser

Dividir o pior que se no futuro ver

Tudo que é de bom ter no que for

Chegar sempre com o amor de exercer

Validar nos conforme só do melhor

No amanhã o Sol, como vier, tá bom pra nós

Bela vida, sabe viver, assim que é

Alguém lamenta: sem o amor, nem água benta

Se renda, já te falei, do desfalque

Na vila tô na noite; na Lua tamo à vonts

Com U Time, vários irmãos, pressentimento não em vão

De moto e três oitão, vacilão, em ação, vai

Eu saí dali fui no pião

Veio pegar um levou o Cidão

Sorriu a vinte com pretexto, preconceito

Relembrou vários momentos, desespero

Vi maldade sim, bala perdida, o fim

Cantagalo curva abaixo, no hospital sofri

Lado a lado com o diabo, com o cobertor cobri

Quem pegou não vai à frente, não vou mentir

Vai ganhar de ganha-pão decepção

No final implorou, só sobrou quem tem amor, Jão

Sou da pobreza aqui tem a certeza quem é

Na conquista ficou os da direita

Passado bom, malandro bom

Quem comprou, ligou, até ganhou, nego

O paraíso vai saber quem chegou

O caminho me indique: por toda luz da vida pecou

Não se ilude: a primeira foi no truque

Negão, fiz o que pude, quem é tá na virtude

Tem que ser de fé no Jaraguá

É como se dizia: representar

Refrão - Se tem amor
A favela chora também
Sem amor
Não tem chance pra viver bem
Pelo amor
O inimigo é de graça

[Som de moto e tiros. Grito de mulher.]

Blue- O braço gordo é mato, tio, vários de chapéu
Escarnecedores claustros em suas sílabas de fel
Os moleque bão tão expostos aos cruéis
Passarinhos são acuado entre cascavéis
Se “o que se vê, o que se tem”, viu?
Eu tenho o quê, Joe? eu vejo o quê, tio?
Tanque cheio, coração vazio, hienas perto
Cimento quente, olhares frio: morte no deserto
Putas nem sempre são mulheres, depende
E mata quando querem, cê me entende?
Moleque bom, arrimo de família, assassinado igual um cão
Por causa de buceta, muita treta, Jão
Pedras vão rolar
Frias calculistas vão voltar
Mil lutas, mil letras, mil trutas, mil tretas
Mil corpos na gaveta, Bin Ladens de bombeta
Franzino em roupas larga, você sabe que anemia é um veneno
Inimigo do sistema é isso mesmo
Cada um, cada um: tudo e nada nosso
Por baixo dos provérbios é só destroço
E é no beco das droga onde os triste se junta
E o silêncio que esmaga um milhão de perguntas
Sofredor tenta esconder sua dor
Por favor, pelo amor, alguém salve essa flor!
Responde alguém que pode ver além
Sofro menos quando finjo pá não tar nem
Princípios são valores, valores servem para
Compar tênis Nike, camisas Che Guevara
Armas e motos, celular que bate foto: é fantástico
Favela digital

Dom Pixote - Viva as flores de plástico

Blue - Sim, eis: o futuro chegou. E agora?
Mas sem amor, favela chora

Refrão - Se tem amor

A favela chora também
Sem amor
Não tem chance pra viver bem
Pelo amor
O inimigo é de graça

Se a favela chora também
É que não tem
O amor, o amor, o amor

Show de 26 de abril de 2004 – Sesc Itaquera – lançado no CD e DVD *1000 Trutas, 1000 Tretas*¹⁸⁸:

A bênção mamãe, a bênção papai

(Jorge Ben Jor)

Participação de Silveira e Vanessa Jackson

A bênção mamãe, a bênção papai
Mas eu não quero ser o primeiro
E nem ser melhor do que ninguém
Eu só quero viver em paz
E ser tratado de igual para igual
Pois em troca do meu carinho e meu amor
Eu quero ser compreendido e considerado
Se for possível também amado
Pois não interessa o que eu tenho
E sim o que eu possa fazer com o que eu tenho
Pois eu já não sou o que foram os meus irmãos
Pois eu nasci de um ventre livre
Eu tenho fé, amor e a fé no século XXI
Onde as conquistas científicas, espaciais, medicinais
E a humildade de um rei
Serão as armas da vitória para paz universal
O mundo inteiro vai saber
O mundo inteiro vai ouvir
Que eu me chamo Charles Júnior
Eu também sou um anjo
Eu me chamo Charles Júnior
Eu também sou um anjo
A bênção mamãe, a bênção papai
Quero ver o coral, quero ver o coral, quero ver
A bênção mamãe, a bênção papai
A bênção mamãe, a bênção papai

¹⁸⁸ Os demais raps de *1000 Trutas, 1000 Tretas* já estão transcritos nos anexos anteriores.